

LUCAS LÖFF MACHADO

**STANDARD E SUBSTANDARD DO ALEMÃO EM CONTATO COM
O PORTUGUÊS: VARIAÇÃO NA COMPETÊNCIA DE FALA EM
HOCHDEUTSCH DE FALANTES DE *HUNSRÜCKISCH***

Porto Alegre
2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS – IL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: SOCIOLINGUÍSTICA**

**STANDARD E SUBSTANDARD DO ALEMÃO EM CONTATO COM O
PORTUGUÊS: VARIAÇÃO NA COMPETÊNCIA DE FALA EM *HOCHDEUTSCH*
DE FALANTES DE *HUNSRÜCKISCH***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de Estudos da Linguagem.

LUCAS LÖFF MACHADO

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Orientador

Porto Alegre
2016

CIP - Catalogação na Publicação

MACHADO, Lucas Löff

Standard e substandard do alemão em contato com o português: variação na competência de fala em Hochdeutsch de falantes de Hunsrückisch / Lucas Löff MACHADO. -- 2016.

166 f.

Orientador: Cléo Vilson ALTENHOFEN.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Hunsrückisch. 2. standard. 3. contato. 4. variação. 5. imigração. I. ALTENHOFEN, Cléo Vilson, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Meus agradecimentos ...

A Deus, pelo dom da vida.

Ao Projeto ALMA-H, sob a coordenação dos professores Harald Thun e Cléo V. Altenhofen, a oportunidade de utilizar o banco de dados do Hunsrückisch para elaboração dos mapas e análise dos dados.

Ao professor e orientador Cléo que, além de tudo, me ensinou o significado da palavra *contribuição* e me fez recordar nas vezes em que eu o esqueci.

À Lis, minha esposa, pelo amor, com o qual me ensina e acompanha.

Aos meus pais, Lucia e Valdemar, pelo testemunho de família e fé.

À família Lucas, pelo importante exemplo de humanida e de zelo.

Aos amigos e colegas do grupo ALMA-H e da UFRGS que contribuíram para este trabalho com discussões, em especial, Fernando, Willian, Ana Paula, Larissa, Jussara, Iona, Luana, Henry, Gabriel, Stine e Danny.

À família Champion, pelo apoio e parceria.

Aos amigos Sabrina, Henrique, Carla, Débora, Larissa, Rafael e João.

Aos meus professores da UFRGS, pelo exemplo de engajamento profissional.

Ao PPG-Letras da UFRGS, que proporcionou as condições necessárias de aprendizagem.

À UFRGS, pelos suportes básicos, desde recursos financeiros até a biblioteca e o restaurante universitário (RU).

A todos que compartilharam esta etapa da vida comigo

RESUMO

A presente dissertação de mestrado tem como tema a presença do *Hochdeutsch* (Hdt.) na competência linguística oral de comunidades falantes de Hunsrückisch (Hrs.) como língua brasileira de imigração em contato com o Português e o Espanhol no Brasil e em parte da Argentina e do Paraguai, os quais constituem a rede de pontos do projeto *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata* (ALMA-H). Pesquisas linguísticas focadas anteriormente no dialeto-base da língua acabaram favorecendo a ideia de unicidade do dialeto. O interesse pelo eixo standard em contato com as variedades dialetais vem crescendo, conforme demonstram estudos mais recentes (cf. ALTENHOFEN, 2016, no prelo). Com as políticas de nacionalização do português, sobretudo a partir do Estado-Novo (1937-1945), e o desuso forçado da variedade standard do alemão no Brasil após as duas guerras mundiais ampliou-se a crença e o estereótipo, entre falantes externos e da própria comunidade, de que sua fala estaria limitada apenas ao dialeto, o qual seria agramatical e errôneo em relação ao Hdt. Observa-se, contudo, uma retomada de práticas amparadas na língua alemã standard (ex. ensino de alemão nas escolas e acesso a meios de comunicação como a TV e a Internet, entre outros) - sem contar a preservação daquelas ligadas ao uso da variedade standard, como no âmbito da religião. Em vista desses e dos demais indícios históricos, nossa pesquisa ocupou-se da pergunta em que medida a variedade Hdt. está presente na competência linguística dos falantes dessas comunidades? Constituí, portanto, o objetivo central desta contribuição analisar em que medida o Hdt. está presente na competência oral de fala dos falantes de Hrs. dessas comunidades, considerando os parâmetros espaço, faixa etária e nível de escolaridade. A fundamentação teórica da pesquisa segue os princípios da dialetologia pluridimensional (RATDKE & THUN, 1998) e os dados utilizados integram a base de dados do projeto ALMA-H. O recorte do estudo considerou as dimensões diatópica (41 pontos de análise), diageracional (geração entre 18 e 36 anos [GI] e geração acima de 55 [GII]) e diastrática (nível de escolaridade maior [Ca] e menor [Cb]). De modo complementar, foram analisados fatores da religião (dimensão diarreligiosa [católicos vs. luteranos]) e metalinguísticos explicitados em comentários dos próprios falantes (dimensão diarreferencial). Os resultados sugerem maior competência oral no nível fonético em (1) subáreas de imigração posteriores a 1850 (colônias velhas ao oeste); (2) falantes do grupo GII, o que indica uma mudança em curso com perda da competência em Hdt. e (3) grupo Ca, em pontos com aparente reinserção do ensino de alemão e possivelmente aumento do intercâmbio e do turismo nos últimos anos. Entre falantes luteranos parece haver uma presença maior de marcas em Hdt. Outro fator que precisa ser mais bem aprofundado é o conhecimento de marcas específicas (ex. arredondamento de vogais) ou saliência de determinados traços do Hdt. (elevação de /a/ em *Hahn* 'galo') por parte dos falantes. Sob a influência de variados fatores sociais e linguísticos, percebe-se a presença considerável e o contato entre variedades standard e substandard do alemão na competência linguística dos falantes, o que, entre outras coisas contraria a crença de cunho monolinguista de que só é falado o alemão mais dialetal e “errado” nas comunidades pesquisadas.

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Masterarbeit betrifft das Thema der Präsenz des Hochdeutschen (Hdt.) in der linguistischen oralen Kompetenz von Gemeinschaften des Hunsrückischen (Hrs.) als brasilianische Einwanderersprache neben dem Portugiesischen und Spanischen in Brasilien und teils von Argentinien und Paraguay. Diese Gemeinschaften gehören zum Netz des *Sprachkontaktatlas der deutschen Minderheiten im Rio de la Plata-Becken* (ALMA-H). Dieses Thema geht davon aus, dass Studien in der letzten Zeit ihren Blick auf die Standard Achse im Kontakt mit dem Hrs. gerückt haben (cf. ALTENHOFEN, 2016, no prelo). Durch die Nationalisierung des Portugiesischen, v. a. in der Diktatur (cf. Estado-Novo, 1937-1945) und durch den Mangel am Gebrauch des Hdt. nach dem zweiten Weltkrieg, hat sich der Glaube und der Stereotyp verbreitet, dass die Kompetenz der Sprecher auf den Dialekt als abweichende Varietät beschränkt sei. Es scheint in neuerer Zeit einen Aufruf zum Gebrauch der Standardsprache zu geben (z. B. Deutschunterricht in der Schule und die Nutzung von Internet und Fernsehen). Außerdem ist weiter festzustellen, dass das Hdt. in dem Bereich der Religion genutzt wird. Mit Rücksicht auf diese und andere historische Aspekte haben wir die folgende Frage in den Mittelpunkt der Forschung gestellt: Inwiefern ist das Hdt. als linguistische Kompetenz in diesen Gemeinschaften existent? Ziel dieses Beitrags ist dabei zu analysieren, inwieweit das Hdt. in der Sprachkompetenz hunsrückischer Sprecher präsent ist, wobei die Parameter Raum, Alter und Schulniveau berücksichtigt werden. Die verwendeten Daten integrieren die Datenbank des ALMA-H Projektes. Als grundlegende Theorie werden die Prinzipien der Pluridimensionalen Dialektologie (RATDKE & THUN, 1998), deren Dimension die diatopische (41 Punkte), diagenerationale (ab 55 Jahren [GII] vs. zwischen 18 und 36 Jahren [GI]) und diastratische (Obere [Ca] und niedrige Schulniveau [Cb]) ausgewählt wurden. Über die drei Dimensionen hinaus werden auch die diarreligiöse (Katholiken vs. Evangelischen) und die diarreferentielle Dimension (metasprachliche Kommentare) beobachtet. Die bisherigen Ergebnisse weisen darauf hin, dass (1) die Einwanderer westlich der Alten Kolonien (nach 1850), (2) die Gruppe GII (in der trotz allem ein Kompetenzverlust im Hdt. festzustellen ist) und (3) die Gruppe Ca mit höherem Sprachniveau, in denen der Unterricht auf Deutsch bereits wieder aufgenommen wurde, die größten Kenntnisse im Hdt. haben. Unter den Evangeliken lassen sich mehr Merkmale der Standardvarietät im Vergleich zu den Katholiken festzustellen. Andere Faktoren, die besser erforscht werden müssen, sind die Wahrnehmung, sowie die Salienz von spezifischen Marken (z. B. Umlaute; /a/ Verdampfung bei *Hahn* [pt. 'galo']). Darüber hinaus lässt sich festhalten, dass der Kontakt zwischen Standard und Substandard bzw. Varietät unter dem Einfluss von vielfältigen soziologischen und linguistischen Faktoren steht. Dies widerspricht unter anderem dem monolinguischen Glauben, dass nur der falsche Dialekt in diesem Raum gesprochen wird.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Hdt.	Alemão-padrão local (<i>Hochdeutsch</i>)
StDt.	Alemão standard (<i>Standarddeutsch</i>)
Hd.	<i>Hochdeutsch</i> regional (Alemanha)
Hrs.	<i>Riograndenser Hunsrückisch</i>
Hsc.	<i>Ost-Catarinenser Hunsrückisch</i>
Região Deitsch	Região de colonização antiga ou colônias velhas do tipo “Deitsch”
Região Deutsch	Região de colonização média ou colônias velhas do tipo “Deutsch”
ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALMA-H	Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: <i>Hunsrückisch</i>
REDE	<i>Regionalsprache.De</i>
IHLBrI	Inventário do <i>Hunsrückisch</i> como Língua Brasileira de Imigração
DiWA	Digitaler Wenker-Atlas
MRhSA	<i>Mittelrheinischer Sprachatlas</i> (Atlas Linguístico da Renânia Central)
Pt.	Português
Mhd.	<i>Mittelhochdeutsch</i> (Alto-alemão médio)
Wgerm.	<i>Westgermanisches Deutsch</i> (germânico ocidental)

LISTA DE FIGURAS

Fig. 01: Mapa de diferenças fonéticas entre localidades da região Neckar por volta de 1900.....	27
Fig. 02: Situação linguística no contínuo dialeto-base e norma escrita, por volta de 1700.....	28
Fig. 03: Ocorrências da forma analítica “ <i>am + verbo infinitivo</i> ”, no séc XIX.....	29
Fig. 04: Mudança no contínuo standard-substandard do alemão, de 1700 a 1930.....	31
Fig. 05 Níveis de analfabetismo na região da Prússia, em 1871.....	36
Fig. 06: Mapa mental desenhado por informante de Bocholt.....	44
Fig. 07: Variedades do contínuo Hunsrückisch-Hochdeutsch.....	47
Fig. 08: Mapa da variação fonética de /a/ em <i>Hahn</i>	54
Fig. 09: Mapa da variável <i>Hahn</i> ‘galo’, na matriz de origem do Hunsrückisch.....	55
Fig. 10: Confissão religiosa dos informantes do ALMA-H, nas 128 entrevistas realizadas.....	66
Fig. 11: Mapa da população brasileira autodeclarada “evangélica de missão”.....	68
Fig. 12: População autodeclarada católica em pontos das colônias novas.....	69
Fig. 13: Rede de pontos do ALMA-H.....	73
Fig. 14: Escala de símbolos utilizados na cartografia.....	79
Fig. 15: Oposição /a/:/ɔ/ em <i>war</i> , na competência de fala em Hdt.....	87
Fig. 16: Variação de mhd. /a/ em (<i>Fenster</i>) <i>laden</i> no Hrs.	88
Fig. 17: Oposição /ɔʏ/:/aʏ/ em <i>Bäume</i> , na competência de fala em Hdt. nas colônias velhas.....	89
Fig. 18: Variação de mhd. /aʏ/ em <i>Bäume</i> no Hrs.	90
Fig. 19: Oposição /aʏ/:/ɪʏ/ em <i>eingeladen</i> , na competência de fala em Hdt. nas colônias velhas.....	91
Fig. 20: Oposição /b/:/b̥/ em <i>Bierchen</i> , na competência de fala em Hdt. nas colônias velhas.....	94
Fig. 21: Oposição /ø/:/e/ em <i>schöner</i> , na competência de fala em Hdt. nas colônias velhas.....	96
Fig. 22: Oposição /st/:/ʃt/ em <i>hast</i> , na competência de fala em Hdt. nas colônias novas.....	97
Fig. 23: Variação de /st/ em sílaba pós-tônica, no Hrs. <i>Fenster</i>	98
Fig. 24: Pontos com maior incidência de marcas [+ Hdt.] por falantes de Hrs. na região <i>Deitsch</i>	100

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 01: Dimensões de análise consideradas pelo ALMA-H.....	24
Quadro 02: Quadro comparativo das variedades altas em contato na imigração.....	26
Quadro 03: Cruz com perfil de falantes entrevistados.....	75
Quadro 04: Resumo das dimensões analisadas.....	75
Tab. 01: Distribuição do percentual da população autodeclarada de origem alemã.....	40
Tab. 02: Número de escolas nas colônias alemãs, no Rio Grande do Sul, por volta de 1922.....	62
Tab. 03: Subáreas na rede de pontos do Projeto ALMA-H.....	74
Tab. 04: Variáveis fonéticas analisadas com questionário.....	77
Tab. 05: Tabela de variáveis fonéticas com gradação + StDt. /- StDt.	84
Tab. 06: Variáveis selecionadas na elaboração de mapa sintético.....	99
Tab. 07: Variação da competência em Hdt. segundo o mapa sintético.....	106

SUMÁRIO

RESUMO.....	V
ZUSAMMENFASSUNG.....	VI
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	VII
LISTA DE FIGURAS.....	VIII
LISTA DE QUADROS E TABELAS.....	IX
SUMÁRIO	X
INTRODUÇÃO: DA BASE DIALETAL À LÍNGUA-TETO	12

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Variação e contatos linguísticos na perspectiva da dialetologia pluridimensional e “contatual”.....	19
1.1.1 O princípio da pluridimensionalidade e a relação entre tempo e espaço.....	20
1.1.2 Dimensões de análise no ALMA-H	23
1.2 Contínuo standard-substandard	25
1.2.1 Língua e dialeto	32
1.2.2 Standardização e perda de marcas dialetais (<i>Dialektabbau</i>)	34
1.3 Língua standard e sociedade: percepções e valorações	38
1.3.1 Identidade nacional e étnica	38
1.3.2 Percepção linguística	42
1.3.3 Relação uso vs. competência	46

CAPÍTULO 2 – VARIAÇÃO E CONTATOS LINGUÍSTICOS NO CONTEXTO DA PESQUISA

2.1 Alemão standard (StDt.) e Hochdeutsch local (Hdt.): qual a norma em questão?.....	47
2.2 Contatos linguísticos e coineização: entra em cena o Hunsrückisch (Hrs.).....	50
2.2.1 Difusão do Hunsrückisch: entre as colônias velhas e novas	52
2.2.2 Tipos ‘Deutsch’ e ‘Deitsch’	53
2.3 Diglossia ou substituição da língua-teto (<i>Dachsprache</i>)	56
2.4 Territorialidades do Hunsrückisch e do Hochdeutsch	60
2.5 O Hunsrückisch na família e o alemão standard da escola	70

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS

3.1	Base de dados e metodologia do ALMA-H	72
3.1.1	Rede de pontos do ALMA-H: dimensão diatópica	72
3.1.2	Entrevistas: dimensões diageracional e diastrática	74
3.1.3	Instrumentos de coleta dos dados	76
3.2	CgramIII: dados analisados	77
3.3	Cartografia pluridimensional dos dados	78
3.4	Procedimentos de análise	81
3.5	Notação dos dados	82

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS

4.1	Questões preliminares.....	83
4.2	Análise de competência na dimensão diatópica	86
4.2.1	Análise pormenorizada da ocorrência de marcas [+ ou – standard].....	86
4.2.2	Sínteses no eixo diatópico: macrotendências da competência em Hdt.....	99
4.3	Mudanças em tempo aparente: dimensão diageracional.....	103
4.4	Efeitos da escolaridade no grau de competência de fala em Hdt.....	105

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
---------------------------	-----

Referências Bibliográficas.....	112
---------------------------------	-----

ANEXOS.....	124
-------------	-----

Mapas fonéticos (CgramIII).....	125
---------------------------------	-----

Mapas sintéticos.....	161
-----------------------	-----

Mapas da variação do Hunsrückisch para controle.....	163
--	-----

Questionário CgramIII.....	166
----------------------------	-----

INTRODUÇÃO: DA BASE DIALETAL À LÍNGUA-TETO

A presente pesquisa tem como tema a competência de fala em *Hochdeutsch* (Hdt./StDt.) por falantes hunsriqueanos entrevistados no âmbito do *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*¹ (doravante ALMA-H). Como se pode observar, por exemplo, na paisagem linguística de lápides de cemitérios e mesmo em cartas antigas, a variedade da língua-teto² *Hochdeutsch* (doravante Hdt.) sempre teve uma parcela de presença nos usos linguísticos dessas comunidades. Ou seja, onde estava o Hunsrückisch (Hrs.), em grau maior ou menor também estava o Hdt. O que esses conceitos significam exatamente, neste contexto de imigração, será mais bem explicitado ao longo do trabalho. O ponto de partida que assumimos, portanto, é que, quando se escrevia em manuscritos, boa parcela dos falantes procurava fazê-lo na norma escrita do Hdt., como sugerem dados de alfabetização entre os imigrantes alemães (KREUTZ, 2000, p. 160).

Hoje, contudo, não há consenso entre os falantes quando se reportam a sua competência em Hdt., pois, seja falado ou escrito, ele sempre foi associado pelos membros dessas comunidades à língua usada na escrita em alemão. Antes da proibição da língua pelo Estado Novo (1937-1945), esses usos refletiam-se também na oralidade, nos espaços da igreja e da escola, onde o pastor/padre e o professor – às vezes a mesma pessoa – utilizavam a norma de prestígio. Após esse intervalo de tempo, não se constata o mesmo grau de uso de Hdt.

Em nível de trabalho de conclusão de curso (MACHADO, 2013), procurei observar a relação entre os meios escrito e oral com o uso de Hdt. O eixo da escrituralidade se sobressai em relação à oralidade – mais ligada ao Hrs. – e está relacionado a usos mais formais na fala e na escrita – interação com o professor ou leitura de textos impressos. O suporte institucional, por outro lado, cresceu com a chegada de novas levas de imigrantes, sobretudo a partir de 1850 até o seu apogeu no início do séc. XX.

¹ Coord. pelos Professores C. Altenhofen (UFRGS) e H. Thun (CAU-Kiel). O objetivo do macroprojeto é constituir um banco de dados linguísticos e etnográficos (já concluído) acerca do Hrs. em contato com o português em 41 pontos e elaborar um amplo mapeamento da variação, contatos linguísticos e uso do Hrs. no espaço pluridimensional da área em estudo (v. site <http://www.ufrgs.br/projalma/index.html>).

² Esse conceito é tradução do termo em alemão *Dachsprache*, cunhado por Kloss (1966), e equivale à norma culta que serve de “teto” comum a todas as variedades dialetais como subsistemas da língua-teto. Ver também Altenhofen (2016, texto encaminhado para publicação).

Contrariamente a essas constatações (cf. STEFFEN & ALTENHOFEN, 2014 para o tema das *cartas*), difundiu-se o mito de que, nessas comunidades, existia apenas o “dialeto”, entendido como “desvio da norma standard”. São recorrentes nos dados do ALMA-H, comentários como “não falamos o alemão gramatical”, além de outras denominações (“alemão-quebrado, *Heckesproch*, no sentido literal de ‘língua do mato’ [ALTENHOFEN, 2004c]). Há, ainda, denominações criadas *in vitro* como *Brasildeutsch* (HEYE, 1978b, p. 295 *apud* ALTENHOFEN, 1996, p. 28) que, por seu caráter excessivamente generalizante, acabam encobrindo, a complexidade do conjunto de variedades linguísticas do alemão presentes no Brasil, incluindo a respectiva variedade standard de imigração (ALTENHOFEN, 2013b, p. 107). Nossa tese central é de que o mito não se confirma nem no uso, nem na competência linguística das comunidades pesquisadas. Nossas hipóteses de pesquisa supõe uma maior competência oral em localidades com presença de ensino por falantes da geração mais velha (GII) e classe sociocultural mais elevada (Ca).

A macroanálise das dimensões estudadas no presente trabalho partiu das seguintes perguntas para orientar este trabalho e validar as hipóteses de pesquisa:

- 1) Observa-se uma mudança em curso, na comparação da fala de GII para GI (dimensão *diageracional*) de perda ou ganho da competência de fala em alemão standard? Em que medida se registra essa perda ou aumento da competência³?
- 2) O grau de competência em alemão standard é socialmente condicionado (dimensão *diatrática*)? O nível de escolaridade interfere diretamente nessa competência?
- 3) Há uma área histórico-geográfica em que a competência de fala em Hdt. se sobressai (dimensão *diatópica*)?

Desse modo, constitui o **objetivo** de nossa pesquisa analisar em que medida o Hdt. está presente na competência oral de fala dos falantes de Hunsrückisch dessas comunidades, considerando os seguintes parâmetros:

- a) *Faixa etária* (dimensão *diageracional*): perda ou manutenção/ampliação da competência de fala em Hdt. entre falantes das gerações mais

³ No Paraguai, Argentina e leste-catarinense, ao contrário da região do rio-grandense, encontraram-se mais grupos da classe menos escolarizada (Cb) que está presente em maior número, sobretudo no grupo GII. Essa relação foi considerada na análise quantitativa.

velha (GII, acima de 55 anos) ou mais jovem (GI, 18 a 36 anos). Hipótese: maior competência em Hdt. na GII e, conseqüentemente, perda da competência entre falantes da GI.

b) *Grau de escolaridade* (dimensão *diatrática*): correlação entre a competência de fala em Hdt. e o grau de escolaridade de falantes com até 2º Grau incompleto (Cb) e escolaridade superior (Ca). Hipótese: Ca possui uma competência de uso oral ativo em Hdt. maior do que Cb.

c) *Localização geográfica* (dimensão *diatópica*): relação entre as 41 localidades que constituem a rede de pontos do projeto ALMA-H e concentração de territorialidades com maior grau de competência em Hdt. Hipótese: o grau de competência de fala em Hdt. entre GII e GI, Ca e Cb varia conforme as diferentes áreas de difusão do Hrs., considerando diferentes fatores, como a presença ou ausência de suporte institucional (ensino e imprensa em língua alemã), a religião, a idade da localidade, bem como seu grau de isolamento, entre outros fatores.

A presente dissertação ocupa-se, portanto, com o grau de competência de fala em Hdt. e as condições que o determinam, considerando a geração (dimensão diageracional), escolaridade (dimensão diatrática) e espaço sócio-geográfico (dimensão diatópica e parâmetros de análise a ela associados, como religião e migrações) dos falantes de Hrs. pesquisados. Haveria outras dimensões a analisar, mas o escopo de uma dissertação de mestrado nos permite concentrar-nos apenas nessas. Apesar da relevância de pesquisar os usos linguísticos e sua relação com escrituralidade e oralidade, esses dois aspectos não serão incluídos em nossa pesquisa. Nosso trabalho, vale ressaltar, limita-se à tentativa de contribuir para o tema da variação da competência de fala (uso oral ativo) dessas comunidades.

No capítulo 1, buscamos explicitar o modelo teórico da dialetologia pluridimensional, cujas contribuições na linguística da variação são fundamentais para o presente estudo. Sua perspectiva do espaço observa não apenas os dialetos “puros”, mas a complexidade da variação, incluindo a competência em StDt./Hdt. presente no espaço pluridimensional pesquisado (THUN, 1998, p. 706). Na seqüência, considerando a relevância da distinção entre a norma standard na matriz de origem e a norma usada

localmente, procuramos definir o que entendemos por *Hochdeutsch* local (ALTENHOFEN, 1996; 2014). “*Hochdeutsch* local”⁴ não será usado no mesmo sentido que “alemão standard” (StDt.), o qual designa para nós a variedade escrita ensinada como língua estrangeira (*Deutsch als Fremdsprache*) e tampouco à norma culta do alemão falado na Alemanha, designada como *Hochdeutsch* regional (Hd.). No âmbito do ensino de StDt em contextos multilíngues, todavia, as pesquisas aplicadas atuais questionam o termo língua estrangeira. Considerando fatores históricos e linguísticos (v. capítulo 2), vêm sendo sugerido antes, os conceitos de segunda língua e de língua adicional (SPINASSE, 2006, p. 6-7; BORGES, 2013, p. 6). Essa adequação teórica parece estar justamente relacionada à distinção de StDt. e Hdt. que está sendo feita. Neste sentido, pode-se considerar o Hdt., como faz Altenhofen (2013, p. 106), uma língua brasileira de imigração como outras 12 variedades alemãs identificadas no Brasil. Ele está mais próximo do que Schmidt & Herrgen (2011) chamam de “*landschaftliches Hochdeutsch*”, uma variedade standard apoiada na escrita e localmente marcada na oralidade.

A despeito de a língua-teto permanecer por um longo período a mesma, o StDt., os processos de territorialização das variedades alemãs na imigração tomaram caminhos bem distintos de sua matriz de origem⁵. A diversidade étnica no território meridional do Brasil possibilitou o contato entre grupos identitários que falavam diferentes variedades autóctones (línguas indígenas) e alóctones (línguas de imigração). Visto que a etnia pode estar associada ao imaginário coletivo e às práticas linguísticas (WEBER, 1980), buscamos incluir o significado de fatores sociológicos e ideológicos na interpretação do Hdt. quanto aos falantes hunsriqueanos. Contribuíram, para tanto, os conceitos de aproximação (*alteridade*) e distanciamento (*aliadade*) que permeiam a percepção e, conseqüentemente, a competência linguística de hunsriqueanos (THUN, 2012).

Seguindo o primeiro capítulo, buscamos situar nosso objeto em relação ao campo de pesquisa ao qual se dedica. Nas últimas décadas, vem ocorrendo uma mudança na perspectiva da pesquisa linguística (LENZ, 2003), motivada pela dinâmica das línguas (SCHMIDT & HERRGEN, 2011). Modificações demográficas no território europeu, como industrialização, urbanização e difusão da escolarização na Europa durante o séc. XIX,

⁴ Segundo Altenhofen (1996, p. 45), “*Hochdeutsch* local é um termo provisório para designar a variedade real (original) ou potencial que, sob determinadas condições, torna-se a variedade *standard* da comunidade”.

⁵ Sob a hipótese de direção da mudança, pode se dizer que as variedades locais faladas na Alemanha convergem em direção a variedades regionais mais próximas da variedade *standard* (LENZ, 2003 *apud* SCHMIDT, 2010, p. 218).

favoreceram a ampliação da competência de falantes que anteriormente restringiam seu conhecimento ao dialeto local. Desse modo, o objeto da área de variação deixa de ser somente o eixo dialetal, como priorizavam os primeiros atlas linguísticos (*Deutscher Sprachatlas*, 1888-1923, idealizado por Georg Wenker)⁶ e passa a ter interesse no espectro variacional como um todo. O projeto REDE (www.regionalsprache.de), por exemplo, pesquisa a variação regional da língua alemã considerada standard (Dt. *Regiolekt*), a qual está substituindo variedades classicamente chamadas de *dialetos* (*Dialektabbau*).

Nesse contexto histórico, emigraram para a América os primeiros contingentes oriundos de diversas regiões da confederação alemã. Parte desses imigrantes deve ter chegado já alfabetizada, uma vez que havia escolas à disposição na matriz de origem. Cabe lembrar, contudo, que dificuldades econômicas na região do Hunsrück, origem de parcela significativa dos imigrantes, implicaram no fechamento de escolas por volta de 1817 no próprio Hunsrück (GERTZ, 1991).

No capítulo 2, voltamos o olhar para aspectos do contato linguístico standard-substandard, mais diretamente no contexto local. O contato entre variedades de imigração e a competência relativamente ampla dos falantes favoreceram o processo de *coineização*, na medida em que o Hrs. tornou-se a língua de interação entre falantes de variedades distintas. Até recentemente, enfatizou-se ora o aspecto dialetal (KOCH, 1974), ora a mistura linguística e a influência do português no alemão (p. ex.: empréstimos do português [WILLEMS, 1980]). Apesar da profundidade da variação intervareietal, o Hrs. integra ao menos duas variedades identificadas por Altenhofen (STEFFEN & ALTENHOFEN, 2014, p. 37; ALTENHOFEN, [2015, encaminhado para publicação]) como tipo Deutsch e tipo Deitsch, constituídas nas colônias velhas por imigrantes vindos respectivamente após e antes de 1850. Falantes do tipo Deutsch podem apresentar, aparentemente, uma competência maior em Hdt. que, na verdade, é o conhecimento da sua variedade de uso coloquial (*normal*, no sentido ressaltado por Faraco [2008]). Nesse capítulo 2, tentamos descrever brevemente o processo de territorialização do Hdt. tomando como parâmetro a difusão do próprio Hunsrückisch da matriz até o Brasil e, então, pelas colônias velhas e novas e posteriormente sua marcha em direção ao oeste, uma vez que os falantes não levam apenas o Hrs., mas todo complexo consigo (*migram os homens, migram as línguas* [cf. ALTENHOFEN, 2004a]).

⁶ Idealizado por Georg Wenker (1852-1911), o Atlas foi financiado pelo império Prussiano e abarcou um total de 50 mil pontos de coleta, de modo a descrever os dialetos do território alemão em sua totalidade. Mais informações em <http://www.diwa.info/Geschichte/Uebersicht.aspx>

No capítulo 3, referente à metodologia de análise dos dados, definimos quais partes do corpus do ALMA-H serão utilizadas para analisar as competências em Hdt. dos falantes. O questionário do projeto possui, além das perguntas para o Hrs., pelo menos quatro fontes de dados adicionais ligadas às demais línguas em contato, português e Hdt: a) a parte das frases de Wenker (CgramI), em que as 43 frases são apresentadas em alemão standard (StDt.) e se solicita a tradução para o Hunsrückisch. Essas frases servem basicamente para medir a competência de compreensão oral do Hdt. b) Em outra parte (CgramIII), apresentam-se 11 frases em português e se solicita a tradução para o Hdt. Essa parte é a que serve de base para o presente estudo, porque se direciona especificamente à fala em Hdt. Por fim, c) haveria ainda as leituras de textos em Hdt. e em português (Dleit-Pt. e Dleit-dt). A leitura fornece subsídios para a análise do domínio de leitura em Hdt; envolve, portanto, questões de letramento e escrita que, em função do espaço, precisam ser analisadas em estudos futuros. Para as leituras em português, já se tem um estudo prévio, de Gewehr-Borella (2014), que analisou as transferências de sonoridade do padrão fonotático do Hunsrückisch na pronúncia das oclusivas do português. É importante salientar que se trata de um estudo macroanalítico.

Nesse sentido, priorizou-se nesta dissertação a cartografia dos dados do CgramIII, previstos no ALMA-Cartografias, como procedimento básico de análise, visando também já contribuir com o futuro Atlas linguístico. Esses dados englobam 128 entrevistas realizadas em Hrs. em 41 localidades do ALMA-H que são cartografadas e analisadas segundo os princípios da dialetologia pluridimensional. A metodologia pluridimensional e contatual investiga a língua em sua realidade, procurando não negligenciar o contato standard-substandard (THUN, 2009, p. 549; COSERIU, 1980, 115). Em algumas das saídas de campo com meu Orientador Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen, tive a oportunidade de participar das entrevistas e auxiliar na geração de dados sociológicos (em RS01, RS07, RS20, RS22, RS23). Dados secundários de ordem histórica acerca do uso da variedade standard, como no âmbito da religião, escola e imprensa, são empregados com função complementar na interpretação dos dados centrais.

Com base na análise cartográfica dos dados, constataram-se tendências macrolinguísticas da presença da variedade standard no espaço analisado. Não é possível, segundo os resultados, afirmar que a mudança de língua-teto do StDt. para o português ocorreu por completo, senão que os falantes, na produção oral, têm conhecimentos

variados de Hdt., condicionados diatopicamente em subáreas colonizadas em períodos distintos (+ competência na região “Deutsch”, região a oeste das colônias velhas). Sua competência, como indica também a percepção do que é [+ Hdt.], parece estar ligada a fatores sociológicos, como o fomento da variedade StDt. pela escola (presença da rede sinodal em localidades como RS02, RS09, RS10, RS19 e RS23) e pela igreja (incidência de maior conhecimento em pontos com saliência da religião luterana).

Fatores linguísticos, contudo, não podem ser descartados. Isso significa considerar a variação do Hrs. com marcas [+ Hdt.] na fala do dia a dia de determinados falantes das comunidades de imigração. Visualizamos, assim, indícios de uma mudança em curso com perda do conhecimento em Hdt., uma vez que a geração mais velha destaca-se em relação à mais nova. Por outro lado, a reinserção do ensino e participação da mídia em pontos localizados (p. ex. RS06) também exerce papel decisivo para a elevação do conhecimento de marcas do alemão standard.

Apesar do espaço que vem sendo conquistado pelas pesquisas das línguas de imigração, carece de maior visibilidade nas áreas de pesquisa acadêmica e da mobilização das próprias comunidades de falantes⁷. Por fim, esta dissertação configura, acima de tudo, uma contribuição para a descrição da variedade de imigração alemã em contato tanto com línguas oficiais - português e espanhol e o guarani no Paraguai – quanto com línguas minoritárias – ex. talian – presentes no território abrangido pelo ALMA-H, fornecendo um recorte para a base de descrição e conhecimento da área estudo mais geral de línguas minoritárias.

⁷ O *Seminário Ibero-Americano da Diversidade Linguística*, realizado em 2014, em Foz do Iguaçu, conjugou esses esforços para conceder as certificações de Referência Cultural Brasileira a três línguas: Assurini do Tocantins, Guarani-Mbyá e Talian.

- CAPÍTULO 1 -
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Variação e contatos linguísticos na perspectiva da dialetologia pluridimensional e “contatual”

O escopo de análise do presente estudo não é o psicolinguístico, como o termo competência poderia sugerir; o foco de análise reside no comportamento social, ou psicossocial, na medida em que se mede a variação de competência de uso oral ativo de uma variedade a qual nem todos os informantes tiveram acesso, ou o têm de forma pontual ou parcial, no contexto social em que vivem. Segundo Schmidt (2010, p. 203), a competência linguística, tanto no dialeto quanto na variedade standard

*está baseada por regras combinatórias (morfossintaxe) e de geração de signos (fonética e prosodia) que são adquiridas ao longo das gerações através do aprendizado ativo, p. ex., na escola. (SCHMIDT, *ibid.*).*

Por essa razão, mede-se a competência subjetiva como se mede a variação linguística, para, a partir daí, identificar, na correlação com fatores sociais (contextuais e históricos, feito a escola), o que determina o <grau de competência de fala em Hdt>. Essa é, portanto, a variável central deste estudo.

Para tanto, esta Dissertação segue os pressupostos da dialetologia pluridimensional e relacional (THUN, 1998), ou dialetologia pluridimensional e contatual, como sugere Altenhofen (2013a), para destacar o parâmetro contatual presente, de modo especial, no escopo de análise do ALMA-H. O princípio que serve de base ao modelo, explicitado a seguir, é a noção de que se pode – e deve – organizar o “aparente caos” da variação linguística em “dimensões de análise” que englobam dimensões sociais (velhos e jovens, homens e mulheres, católicos e luteranos, mais ou menos escolarizados, em situações de uso distintas), vistas comparativamente em uma rede de pontos de pesquisa (dimensão diatópica), onde atuam condições e fatores distintos de uso das línguas ou variedades em contato. A essa concepção associam-se diferentes procedimentos metodológicos, já testados – no caso de estudos de línguas minoritárias no Brasil – em dissertações e teses surgidas no âmbito do ALMA-H, como as de Dück (2012), para o alemão menonita; Horst (2013), para o vestfaliano; Figueiredo (2014), para contatos intervaretais do português

sulista e nortista; Gewehr-Borella (2014), para o português dos hunsriqueanos; Souza (2015), para comunidades de afro-descendentes; entre outros.

Vejamos o que engloba concretamente o princípio da pluridimensionalidade na relação entre mudança linguística no tempo e variação linguística no espaço e como isso se materializa nas dimensões de análise utilizadas pelo ALMA-H.

1.1.1 O princípio da pluridimensionalidade e a relação entre tempo e espaço

Esta seção centra-se em dois pontos centrais para a metodologia de análise: discutir a relevância das relações entre tempo e espaço para o presente tema de pesquisa e introduzir o princípio da pluridimensionalidade. O fato de o movimento no espaço ser também um movimento no tempo (HÄGERSTRAND, 1975) enseja uma condição básica da difusão das línguas de imigração alemãs na América Latina. As variedades Hrs. e Hdt. afirmam-se como variedades *locais*, na medida em que constituem suas territorialidades no sul do Brasil e ali se regionalizam (GIDDENS, 1984), desenvolvendo cenários de interação próprios. Esses cenários de interação correspondem aos usos linguísticos de ambas as variedades. Inicialmente, o modelo de ocupação do espaço – pequenas propriedades localizadas em picadas – promove o insulamento dessas comunidades. A regionalização ou práticas que constituem o dia a dia desses falantes são limitadas e caracterizadas pela ausência de padres, pastores, professores e, inevitavelmente, pela precariedade dos primeiros anos de imigração. É a chegada de novos contingentes de imigrantes e a ampliação do suporte institucional (imprensa [1854], escola e igrejas) que atua na dinâmica da relação tempo-espaço. A rede de comunicação se amplia e promove a circulação de cartas em alemão (portanto, a veiculação de textos escritos), num primeiro momento, contribuindo para que as novas colônias mantenham uma relação de proximidade. Steffen e Altenhofen (2014) defendem que esse conjunto de localidades interligadas por uma rede de comunicação configura um arquipélago. Como exemplo dessa interligação, ou intercomunicação, no arquipélago do Hrs., apresentam um mapa da variação para o neologismo *Kessboom* ‘Käsebaum, lit. árvore de queijo’ (pt. *umbu*), presente na competência ativa em praticamente toda a rede de pontos do ALMA-H. Dessa forma, mecanismos de comunicação – p. ex., circulação de *Kalender* ‘almanaques’ até áreas

distantes da Argentina e Paraguai – auxiliaram na **territorialização** da língua, i. e., na ocupação de bases territoriais por conjuntos de variantes linguísticas.

Como já foi assinalado, os meios de comunicação desempenham papel central na relação que os falantes estabelecem com o eixo tempo-espaço. Formas de aumento da mobilidade social dos falantes, como o uso do telefone ou da internet, são explicados por Janelle (1969 *apud* GIDDENS, 1984) como processos de retração do tempo. Essa retração pode resultar, nesse caso, na reaproximação com a variedade standard na Alemanha (v. AMMON, 2015) em uma espécie de retomada do “elo” entre variedades subordinadas a uma mesma língua histórica. De modo contrário, a indiferença alienante e ações monolingualizadoras por parte do Estado aumentaram a distância temporal na perspectiva do falante, contribuindo para mitos e valorações depreciativas acerca do Hrs. (ALTENHOFEN, 2004c, p. 83, 91). Entre elas, *verlorene Sproch* (língua perdida), *verbrochene Deitsch* (alemão quebrado), *Heckedeitsch* (alemão do mato), “alemão errado e sem gramática” (*ibid.*).

Por esses motivos, não cabe reduzir a relação tempo-espaço a meros ambientes de ação cronometráveis, como pondera Giddens (1984). Um período de tempo no Brasil é diferente do que o mesmo período na Alemanha. Em nosso estudo, guiados pela dialetologia pluridimensional, consideramos a **pluridimensionalidade do espaço**. Esse princípio busca descrever a variação linguística sem extrair da dimensão espacial o contato standard-substandard, nem do tempo as diferentes situações de uso “regionalizadas” na competência do falante.

A variedade do Hdt., trazida pelos imigrantes, reproduziu, de certo modo, a **diglossia** da matriz de origem no novo território, entre o uso informal diário da variedade dialetal e o uso formal institucionalizado e/ou escrito da variedade standard. A língua da religião, da bíblia, era o Hdt. Até a chegada de padres jesuítas por volta de 1850, que viriam a fundar as paróquias de Dois Irmãos e São José do Hortêncio e auxiliar na difusão da variedade hunsriqueana, os próprios imigrantes puxavam os ritos, e não havia o sermão em Hdt. (RAMBO, 2013), salvo na fala de imigrantes mais letrados. Essa diglossia anterior à imigração entrou em contato com o novo meio e com as relações de poder que se mantiveram distintas da Alemanha. Enquanto, na Alemanha o contato standard-substandard convergiu nos dois eixos na direção de uma variedade coloquial intermediária (Hd. ou *Umgangssprache*, cf. EICHHOFF, 1977-1978), no Brasil ele manteve mais

marcada a oposição entre standard e substandard, por um período mais longo. Até a República, a construção de escolas, por exemplo, ficou a cargo dos próprios teuto-brasileiros. Hoje, contudo, o Hdt. está presente mais na competência de falantes – teuto ou brasileiros – do que no uso. Durante o Estado Novo, implementaram-se políticas disciplinares que modificaram as relações de falantes de línguas de imigração com o tempo e com o espaço. A substituição da língua-teto pelo português até então era gradual mediante seu prestígio (v. WILLEMS, 1980). No Estado Novo, as políticas opressivas obrigaram os falantes de línguas de imigração, em especial do alemão, a se “refugiarem no dialeto” (cf. ALTENHOFEN, 1996, p. 70), uma vez que não possuíam ainda a proficiência e o hábito de uso no português e que o Estado autoritário negava o acesso à escolarização em alemão (StDt.). Não surpreende que essas medidas tenham introduzido novas relações de tempo-espaço no contexto multilíngue das comunidades de imigração. Em comentários de falantes que já viajaram até a região do *Hunsrück*, é comum observar uma percepção mais geral das variantes no tempo: “quando conversei com pessoas do Hunsrück (localizada em *Rheinland-Pfalz* na Alemanha) em dialeto, me diziam que falava igual aos seus avós”. Essa percepção do tempo sinaliza que a língua local no Brasil manteve uma configuração mais antiga e conservadora em relação à variedade histórica da matriz na Alemanha. A percepção do Hdt. local aparece em outros tipos de comentários diarreferenciais relativos a práticas linguísticas, como p. ex. “meu avô lia em alemão”.

As categorias de tempo e espaço, como procuramos descrever, são subsídios para entendermos a realidade linguística localizada no espaço pluridimensional. A variação já pesquisada pela *dialetologia pluridimensional*, por meio do princípio da pluridimensionalidade, amplia as relações entre as variantes no tempo e no espaço. Thun (2009) identifica, nesse sentido, quatro recortes de mudança linguística no tempo, a saber, os níveis da *nanocronologia*, *microcronologia*, *mesocronologia* e *macrocronologia*. Autocorreções durante um estilo contínuo da fala (*Leit* vs. *Leut*, para ‘Leute’ pt. pessoa) correspondem ao tempo *nanocronológico*. Já comparações entre cartas escritas no século XIX e no séc. XX equivalem à mudança no plano *macrocronológico*. Os planos *micro-* e *mesocronológico*, já utilizados em fases anteriores da dialetologia e recentes, quando se buscou comparar a mesma pessoa em situações de fala distintas (dimensão diafásica, p.ex., como faz o próprio *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* [THUN &

ELIZAINCÍN, 2000]⁸ que compara leitura, respostas às perguntas do questionário e conversa-livre) ou separadas por gerações (dimensão diageracional), enfocando uma mudança em curso, em tempo aparente (p. ex. *Linguistic Atlas of New England* [KURATH, et al., 1939-1943 *apud* CHAMBERS & TRUDGILL, 1980]⁹), respectivamente¹⁰. A memória da língua passada ainda presente de modo passivo, como por exemplo, quando se afirma que “o avô lia em Hdt.”, revela uma relação *mesocronológica* com a língua.

Aprender os fatos da língua em sua comunicação sincrônica representa, por fim, um terceiro passo para a dialetologia (THUN, 1998). Nessa perspectiva, o princípio da pluridimensionalidade desempenha papel central para identificar macrotendências do comportamento linguístico dos falantes de segmentos sociais distintos, no tempo e no espaço. Vejamos as dimensões utilizadas pelo ALMA-H.

1.1.2 Dimensões de análise no ALMA-H

A dialetologia pluridimensional, conforme já se assinalou, propõe uma ampliação do campo tradicional da dialetologia (THUN, 2010a, p. 507), na medida em que incorpora ao eixo horizontal de análise da variação diatópica, as dimensões verticais, de cunho social, tradicionalmente pesquisadas pela sociolinguística. O quadro a seguir, apresentado por Altenhofen & Thun (2016, no prelo), de dimensões de análise do ALMA-H reflete, dada a sua amplitude, a complexidade do objeto de estudo do Atlas. Vale lembrar que, segundo Thun (2005), uma dimensão se constitui de mais de um parâmetro, p.ex. a dimensão diageracional engloba os parâmetros geração velha (GII) e geração jovem (GI).

⁸ *Atlas Lingüístico Diatópico e Diastrático do Uruguai* (THUN & ELIZAINCÍN, 2000).

⁹ *Atlas Lingüístico da Inglaterra* (KURATH et al., 1939-1943).

¹⁰ Diferentemente da dialetologia tradicional que se concentrou em um perfil de informante: homem estático, mais velho e rural (nonmobile, older, rural males, CHAMBERS & TRUDGILL, 1998, p. 29).

Quadro 1 – Dimensões de análise consideradas pelo ALMA-H

Dimensão	Parâmetro	Critério
diatópica	topostático (informantes em um domicílio fixo)	41 pontos de inquérito
diatópica-cinética	topodinâmico (mudança de domicílio – mobilidade espacial)	Em grande parte, relação entre colônias velhas (matriz de partida) e colônias novas (matriz de chegada)
diastrática	Ca = classe (socioculturalmente) alta Cb = classe (socioculturalmente) baixa	Ca (com formação universitária parcial ou completa) Cb (até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita)
diageracional	GII. (geração velha) GI. (geração jovem)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos
diassexual	Ho. = homens Mu. = mulheres	
dialingual	Hrs. = hunsriqueano (Hunsrückisch) StDt. = alemão-padrão (Hochdeutsch) Pt. = português Sp. = espanhol Gr. = guarani	Esta dimensão é complementada com dados dos atlas linguísticos do português (ALERS e ALiB), para o português
diafásica	Resp. = respostas ao questionário Leit. = leitura Tx. = conversa livre (etnotextos)	Três estilos de uso da língua.
diarreferencial	Lg. = fala “objetiva“ MLg. = fala metalinguística	Esta dimensão é estimulada pela <i>técnica de entrevista em três tempos</i> : perguntar – insistir (ambas as respostas espontâneas – sugerir
diarreligiosa	Cat. = católico Lut. = evangélico-luterano	Tipo de localidade conforme as confissões religiosas presentes
diamésica	Escr. = língua em meio escrito vs. Fal. = meio falado	coleta de dados em áudio e vídeo (oralidade) e em meio escrito (p.ex. impressos, cartas de imigrantes, inscrições [p.ex. em estabelecimentos comerciais, placas, topônimos, sepulturas])

Fonte: Altenhofen & Thun (2016, no prelo).

Não se trata, neste momento, de aprofundar à exaustão os aspectos centrais de cada uma dessas dimensões em particular. Conforme já se ressaltou, o foco desta Dissertação concentra-se em três dimensões em particular, a saber: as dimensões diastrática (níveis de escolaridade), diageracional (diferença de idade) e diatópica (diferentes pontos de inquérito). São as dimensões diretamente observáveis na cartografia dos dados, haja vista

que dizem respeito às quatro entrevistas realizadas em cada ponto. Coseriu (1982) já destaca o papel destas dimensões na constituição da arquitetura da língua¹¹.

1.2 Contínuo standard-substandard

A dialetologia, ciência empírica da variação - como sua designação já sugere - voltou-se historicamente ao estudo de “dialetos”, ou a “língua do povo”, efetivamente falada (tome-se como exemplo AMARAL, 1976. [1920]). Com as mudanças sociais observadas no mundo moderno que incluem especialmente a mobilidade espacial e os contatos linguísticos (cf. RADTKE & THUN, 1996), a fluidez com que os falantes transitavam entre uma e outra variedade (alta e baixa) tornou necessário considerar a noção de contínuo linguístico nas pesquisas de variação. Cabe, nesse particular, caracterizar o que entendemos por contínuo standard-substandard e que implicações tem para nosso objeto de estudo, dada a situação de partida na Alemanha e seus desdobramentos no contexto contatual local do novo meio. O quadro abaixo situa os conceitos referentes às variedades altas em relação ao dialeto-base: *Standarddeutsch* (StDt.), *Hochdeutsch* (Hd.) e *Hochdeutsch* local (Hdt):

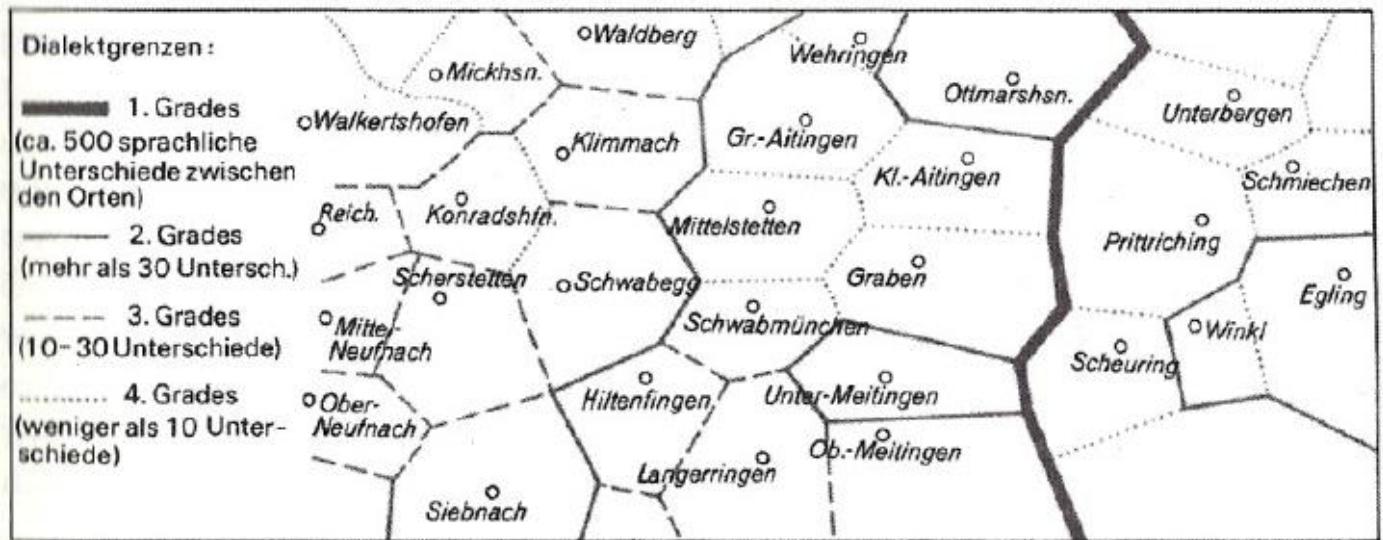
¹¹ As três dimensões juntas [*diatópica*, *diastrática* e *diafásica*] com sua relação recíproca constituem, segundo Coseriu, a *arquitetura* da língua (cf. BERRUTO, 2010, p. 227).

Quadro 02: Quadro comparativo das variedades “altas” em contato na imigração

<p><i>Standarddeutsch / alemão standard</i></p> <p>StDt.</p>	<p>Norma abstrata suprarregional, normalmente escrita, e associada à ausência de variação tanto na matriz de origem quanto no contexto de imigração. Na Alemanha, possui variação mínima na fala e pouca abrangência no uso (ex. jornalistas de televisão, cf. LAMELI, 2006). No contexto brasileiro de imigração pesquisado neste trabalho é ensinada como segunda língua ou língua adicional (SPINASSE, 2006, p. 6-7; BORGES, 2013, p. 6).</p>
<p><i>Hochdeutsch ou Standardsprechsprache / alto alemão ou standard falado</i></p> <p>Hd.</p>	<p>Norma oral utilizada coloquialmente na Alemanha com marcas regionais menos salientes no norte (LAMELI, 2006; LENZ, 2005), intencionalmente ou não, mais próxima do StDt. (ex. conversa entre amigos alemães).</p>
<p><i>Hochdeutsch local / alto alemão local</i></p> <p>Hdt.</p>	<p>Norma escrita ou falada utilizada como língua de imigração em determinadas territorialidades, na medida em que os falantes intencionam falar StDt (ex. manuscritos como cartas) ou mesmo sem intenção em variedades coloquiais que apresentam marcas [+ StDt] no dia a dia (cp. região <i>Deutsch</i>, ALTENHOFEN, 2016, no prelo).</p>

Na presente seção, procurou-se observar a formação das variedades StDt. e Hd. e sua sobreposição ao dialeto-base desde sua origem na confederação alemã. A variedade Hd. e sua relação com o StDt. no contexto local será discutida no capítulo seguinte. O dialeto-base, por sua vez, integra justamente a base do contínuo linguístico em um nível abaixo das variedades altas. Com exceção de uma pequena elite, a competência da massa populacional no território de língua alemã até o século XVII era basicamente monoglóssica, restrita à variedade dialetal oral da própria região (LAMELI, 2006). As variedades, então, estiveram organizadas sob a forma de dialetos-base alicerçados em fatores extralinguísticos como a pequena comunidade rural e a pouca mobilidade social. Essa diversidade de arealidades (*Arealitäten*) pode ser exemplificada no mapa abaixo da região do rio Neckar na Alemanha:

Fig. 1 – Mapa de diferenças fonéticas entre localidades da região Neckar por volta de 1900



Karte 1.2: Kombinationskarte /Wabenkarte (aus: König 2004b, 140)

Fonte: König (2004b *apud* Besch & Wolf [2009, p. 21]).

Na medida em que surgem as primeiras formas escritas de dialetos (*Schreibdialekten*) através de traduções do latim por monges e copistas guiados pela oralidade – dada a falta de uma tradição escrita – e com ampliação do repertório de textos escritos, inicia-se o fenômeno de verticalização do contínuo (BESCH & WOLF, 2009). Nesse ínterim da Idade Média, surgem variantes de orações como o pai-nosso e o credo com colorações regionais. A Reforma Protestante e a impressão em massa de livros¹² são determinantes para a difusão da variedade standard (BESCH & WOLF, 2009, p. 47). Esses dois fatores concedem à variedade escrita (*Schriftsprache*) o aspecto de norma suprarregional. A variedade escrita difundiu-se entre a população, pois o domínio na escrita até essa época restringe-se a uma pequena elite. A obrigatoriedade do ensino em 1717 (*preussische Schulpflicht*) exerce o papel de real difusor da norma escrita na oralidade. Georg Wenker, com base em suas coletas de dados para o Atlas da Alemanha (*Deutscher Sprachatlas*), realizadas entre 1889 e 1923, já previa as consequências dessa mudança quando afirma:

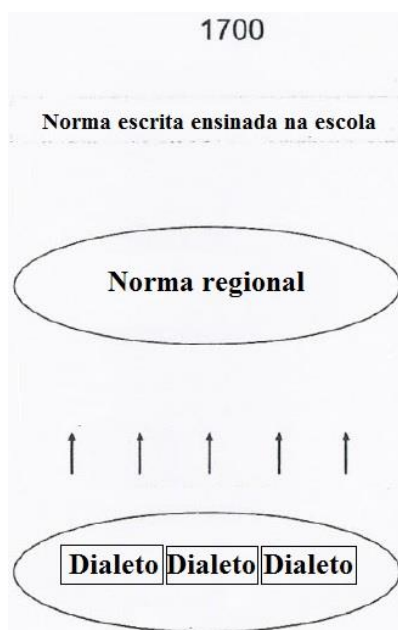
¹² A tradução da bíblia por Lutero contribuiu para a difundir e aumentar o prestígio da variedade escrita preexistente baseada na variedade do centro-leste da área de língua alemã, mais precisamente na Chancelaria de Sachsen. A impressão gráfica certamente colaborou com esse processo. Estima-se que, em Wittenberg, de 1522 a 1546, foram impressos meio milhão de bíblias para uma população entre 12 e 15 milhões de pessoas (BESCH & WOLF, 2009).

“... acredito que a próxima geração não terá mais o sentimento firme de uma unidade dialetal desenvolvida como se encontra hoje pelo menos na população rural. Quem quiser se informar daqui há 30 anos, como se fala em dialeto esta ou aquela frase, obterá a seguinte resposta, como já acontece em todas as grandes cidades: ‘se fala assim, mas pode ser dito também assado, mas eu já ouvi falarem desta maneira’”.

(WENKER, 1885 *apud* BELLMANN, 1983, p. 122)

A metodologia de Wenker utilizou professores como transcritores dos dados em um questionário de 40 frases (posteriormente, 43), escritas em alemão standard, para serem traduzidas ao “dialeto local”. Esses professores de cerca de 50.000 localidades tinham como função ensinar a norma escrita (*Schriftsprache*) a falantes de dialeto. Possuíam, portanto, uma percepção aguçada da relação entre o dialeto-base (local) e a norma escrita (suprarregional), o *Standarddeutsch* ([StDt.]; SCHMIDT & HERRGEN, 2011). O esquema abaixo ilustra, de acordo com Schmidt & Herrgen (2011, p. 67), a situação geral do “contínuo dialeto-norma escrita”, a partir de 1700:

Fig. 2 – Situação linguística no contínuo dialeto-base e norma escrita, por volta de 1700



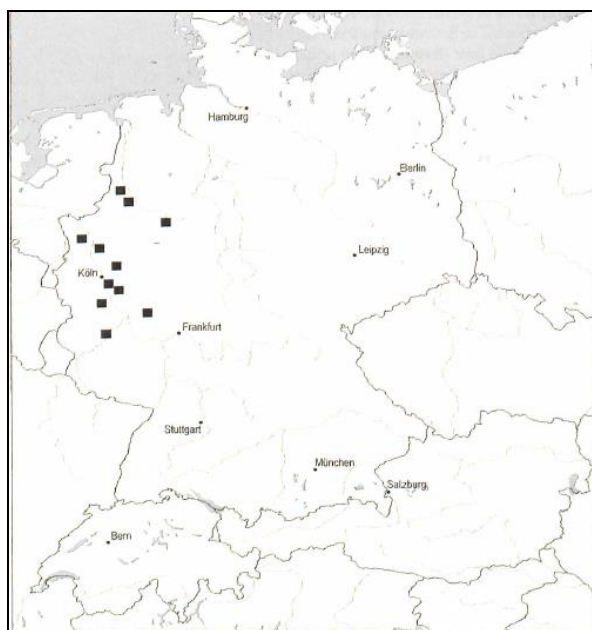
Fonte: Schmidt & Herrgen (2005, p. 67)

Segundo Besch & Wolf (2009) a formação da variedade standard conclui-se no séc. XIX com:

- 1) difusão e predomínio territorial da variedade escrita (*Schriftsprache*) e
- 2) ampliação dos usos dessa variedade, inclusive na *oralidade*.

Elspass (2005), por sua vez, propõe uma perspectiva histórica “vista de baixo”. Ele salienta que 90% da população do final do séc. XIX era alfabetizada (cf. GROSSE, 1989, p. 12 *apud* ELSPASS, 2005, p.19)¹³, mas apenas uma pequena parcela da massa tinha acesso à variedade literária (*Schriftsprache*). Elspass chama a atenção para a variedade usual nas escolas populares ser a *Buchsprache* e o uso da escrita à mão não ser literário¹⁴. Partindo dessas observações, ele apresenta uma série de variantes, usadas em cartas, cujas transferências na escrita indicam graus de variação no contínuo standard-substandard oral, desde o séc. XIX. Hoje, parte dessas variantes é combatida em gramáticas e outra parte vem sendo aceita paulatinamente, absorvida ou não pela norma standard. Entre os exemplos de variantes encontradas no meio escrito e praticamente *standardizadas* está a forma analítica “*am + infinitivo*”, presente desde o séc. XIX:

Fig. 3 - Ocorrências da forma analítica “*am + verbo infinitivo*”, no séc XIX, de acordo com Elspass (2005, p. 82)



Fonte: Elspass (2005, p. 82)

Hoje, essa forma “*am + verbo no infinitivo*” encontra-se em praticamente todo o território linguístico alemão, sendo registrada pela própria gramática Duden (1998, p. 91, obs. 1) como standard. Elspass aponta ainda outras variáveis, já no século XIX, da variante

¹³ Cf. termo *Demotisierung* (MAAS, 2003, p. 2014).

¹⁴ Elspass chama essa variedade de *Buchsprache* (lit. ‘língua presente nos livros’) e encontra vestígios da competência de falantes nessa variedade em manuscritos como cartas privadas. Ele analisa a variação da língua *standard* em 650 cartas escritas à mão por imigrantes nos Estados Unidos com relativamente pouca influência do inglês até por volta de 1920.

wie como partícula de comparação no lugar de *als*. Atualmente, essa forma distribui-se por variedades regionais, como mostra o Atlas da Língua Alemã Coloquial (*Atlas zur deutschen Alltagssprache*), elaborado a partir de questionários via e-mail em que os informantes deveriam responder qual variante utilizam no dia a dia. Isso demonstra a integração de variantes de variedades regionais em camadas mais próximas da variedade standard.

A perspectiva “de baixo” recobra o caráter escrito da variedade standard, porém não necessariamente no meio falado¹⁵. A concepção oral (cartas privadas, bilhetes, conversa entre amigos etc.) evidencia que variantes substandard passam por um processo de “standardização” (p. ex.: a preposição *wegen* combinada com o dativo). A variedade standard, portanto, envolve processos reguladores e regulatórios (ELSPASS, 2005). Nesse sentido, compreendemos o StDt. utilizado na Alemanha como a variedade mais abstrata no topo do contínuo standard-substandard.

Lameli (2010) estudou a distância fonética para a norma standard codificada nos anos de 1994-96 e encontrou a cada três palavras enunciadas por um informante um desvio em algum traço fonético do standard. Anteriormente, Bellmann (1983, p. 117) resume e define o contínuo de variedades standard-substandard da seguinte forma:

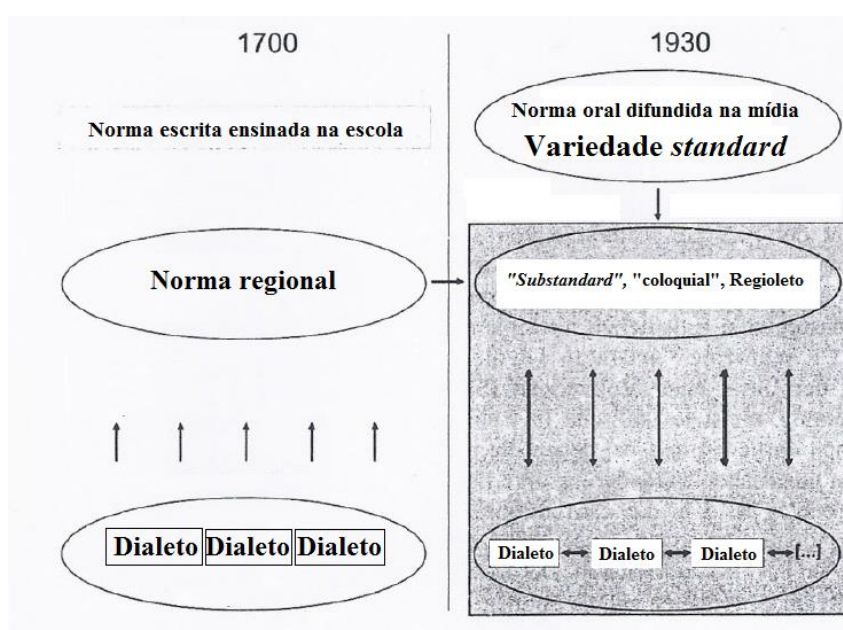
Die Basisdialekte bauen ihre kontrastierenden Regeln und Inventarbestandteile ab, indem sie sie umbauen, und gelangen über Regionaldialekte in einen mittleren Bereich nahe der Standardsprechsprache, jedenfalls mit ihrem sprachgeschichtlich jüngeren Variantenbestand. Die Standardsprechsprache auf der anderen Seite senkt ihre Gebrauchsnorm und strebt damit demselben Zwischenbereich zu. [...] Die praktische Kommunikation der überwiegenden Mehrheit der Individuen findet heute in dem breiten Spektrum des mittleren Bereiches statt, meidet womöglich überhaupt den Dialekt und erreicht nicht völlig, intendiert oder nicht, die kodifizierte Norm der Standardsprechsprache. (BELLMANN, 1983, p. 117)¹⁶

¹⁵ Elspass se apoia em Haugen (1972, p. 252 *apud* ELSPASS, 2005, p. 66), cujos critérios de definição da variedade *standard* são: seleção de variantes, codificação, elaboração de funções comunicativas e aceitação pela comunidade de fala.

¹⁶ “Os dialetos-base desfazem parte de sua estrutura, na medida em que reconstróem suas regras contrastivas e tornam-se variedades regionais mais próximas ao eixo standard do contínuo inclusive com suas variantes recentes do ponto de vista da história da língua. A variedade standard falada, por outro lado, rebaixa suas normas de uso e aproxima-se da mesma área intermediária. [...] A comunicação prática da grande maioria dos falantes ocorre hoje nesse campo central do contínuo, evita dentro do possível o dialeto-base, porém não atinge completamente, intencionalmente ou não, a norma codificada da variedade standard.” (Tradução própria)

A dinâmica das variantes de baixo para cima ou de cima para baixo, com sua concentração em uma variedade regional intermediária leva Bellmann a definir “tudo que se encontra abaixo do standard como substandard”, logo um conjunto de variantes que podem envolver marcas regionais ou coloquiais e o próprio dialeto-base. Essa perspectiva, observável já por volta de 1930, pode ser vista no esquema a seguir, de Schmidt & Herrgen (2011, p. 67; 2010, p. 216). Ela reflete duas etapas da difusão da norma standard suprarregional.

Fig. 4 – Mudança no contínuo standard-substandard do alemão, de 1700 a 1930.



Fonte: Schmidt & Herrgen (2011, p. 67).

Com base na história da língua e na noção de variação do standard, a perspectiva “de baixo” sugere que determinadas variantes substandard (v. acima) não seriam fenômenos recentes. Assim, variantes utilizadas em Hrs. (p. ex.: *wie* como partícula comparativa e *am + inf*), hoje, passariam de relictos dialetais a variantes estruturalmente próximas ao standard regionalmente aceito na Alemanha. Além disso, uma vez escritos, tornam-se novos indícios do Hdt. (cf. seção 2.2.2). Estudos com cartas privadas do acervo ALMA-Histórico, coletadas por Joachim Steffen (v. STEFFEN, 2013; 2014; STEFFEN & ALTENHOFEN, 2014), podem trazer luz a essas questões. Esse acervo caracteriza-se como um corpus de cartas redigidas em português ou alemão a partir do séc. XVIII que podem remontar estágios anteriores de variedades substandard utilizadas oralmente.

Por fim, a perspectiva de homogeneidade e suprarregionalidade da língua standard reflete-se na definição do dicionário Duden (2002): “Norma de uso com características gerais, entre as quais se incluem: 1) proximidade da realidade oral, 2) suprarregionalidade, 3) unidade, 4) aproximação da escrita e 5) clareza na pronúncia” (DUDEN, 2002). No nosso caso, quando falamos em Hdt., buscamos marcar as características 1) proximidade da realidade oral e 4) aproximação da escrita, como marca opositiva à variedade considerada dialetal. Mas de modo algum podemos falar em suprarregionalidade (variedade suprarregional), justamente porque se realiza localmente e muitas vezes de forma parcial, conforme o “grau de competência dos falantes na norma julgada (percebida) como standard”. É preciso, por isso, definir melhor em que consiste essa oposição entre língua e dialeto.

1.2.1 Língua (standard) e dialeto

Entre falantes de uma língua de imigração, no Brasil, é recorrente a afirmação (ou crença) de que alguém “fala o dialeto”. O termo dialeto, assim como na Alemanha central e em parte do contexto brasileiro a expressão *Platt*, representam termos já popularizados, comum entre os falantes hunsriqueanos e das demais variedades de imigração, para quem significa “um modo de falar (portanto oral) que não é a norma escrita”. Nessa relação, o falante faz, na verdade, uma distinção de prestígio entre o dialeto e a língua standard, esta associada à escrita (*Schriftsproch* ‘língua da escrita’; *der Schrift noh* ‘seguinte a escrita’). Para Coseriu (1982), dialeto é um modo interindividual de falar (do grego *diálektos* ‘modo de falar’). Do ponto de vista do sistema linguístico, não há (cf. COSERIU, 1982), diferença intrínseca entre dialeto e língua. Isso significa que pode haver intercompreensão, mesmo se tratando de línguas diferentes (por exemplo, alemão e holandês) ou, mesmo não haver intercompreensão entre dialetos da mesma língua (por exemplo, variedades do norte e do sul da Alemanha) (cf. COSERIU, 1980, p. 106-107)¹⁷. A perspectiva histórica, de acordo com Coseriu, distingue as duas variedades. Para ele, dialeto e língua histórica (*historische Sprache*) estão relacionados, de modo que aquele integra esta última:

¹⁷ Um exemplo é o conjunto de variedades que integram o baixo-alemão. O holandês adquiriu *status* de língua histórica, porém existe intercompreensão entre falantes de alemão e holândes. A presença da variedade alemã na mídia do país vizinho facilita essa relação (GOOSKENS, KÜRSCHNER & VAN BEZOIJEN, 2011, p. 37). O Hrs. ainda carece de estudos de intercompreensão com a variedade alemã. Todavia, sabe-se que é relativamente próximo da língua *standard*.

Dass nämlich ein Dialekt eine Sprache (=Sprachsystem) ist, die einer historischen Sprache zugeordnet bzw. innerhalb einer historischen Sprache abgegrenzt wird¹⁸. (COSERIU, 1980, p. 109)

Bellmann (1994, p. 120, *apud* LENZ, 2003, p. 20) considera o dialeto(-base) “um dialeto com o máximo grau de dialetalidade média e com uma existência exclusivamente local [...] considerado cada vez mais arcaico”. Sob esse viés, *dialeto* é algo que diverge verticalmente da língua-teto e que se caracteriza pela localização geográfica bem delimitada. Essa definição cunhada por Bellmann procura captar a estabilidade que os dialetos-bases, por seu caráter mais conservador (“arcaico”), sustenta, apesar das mudanças sociais e da influência do alemão standard, sobretudo, no centro-oeste da Alemanha (*Westmitteledeutsch*).

Além da dimensão histórica, mais especificamente, fatores sociodemográficos como a urbanização e a institucionalização da língua pela escola contribuíram para acelerar esse processo de distinção entre língua e dialeto. O termo “língua”, no entanto, carrega uma ambiguidade: pode corresponder a conceitos mais transparentes (p. ex. “variedade suprarregional” ou “variedade literária”) ou menos transparentes (“variedade comum” ou “variedade standard”) (GIMENO, 2002-2004, p. 1278). A língua (variedade) standard corresponde, assim, à norma oral realizada em uma determinada comunidade de fala com mais ou menos variação (cf. “língua normal” em Faraco, 2008; “Umgangssprachliches Deutsch” em Bellmann, 1983; “Standardvariation” em Elspass, 2004; “kolloquiales Standard” em Lameli, 2006; “língua histórica” em Coseriu, 1980; 1982). Enquanto isso, a língua literária corresponde ao topo do eixo vertical, i. e., à língua-teto abstrata de uma comunidade idiomática como um todo (p. ex.: língua alemã), a qual aludimos anteriormente.

Língua pode conformar não necessariamente uma língua literária, mas uma língua minoritária. O Hrs. define-se, conforme Altenhofen (1996, p. 5), como um subsistema da língua alemã, uma espécie de *coiné* formada a partir do contato dos dialetos-base francônio-renano e francônio-moselano com outras variedades de imigração e com integração de elementos do português (ALTENHOFEN, 1996, p. 5). No contexto brasileiro, o Hrs. configura uma língua de imigração, ou uma língua brasileira de

¹⁸ Que um dialeto é justamente uma língua (= sistema linguístico), que está subordinada a uma língua histórica ou delimitada dentro de uma língua histórica. (Tradução própria)

imigração, como protagoniza o FORLIBI (Fórum Permanente das Línguas Brasileiras de Imigração¹⁹).

Conforme já se mencionou, Hdt. não equivale ao standard realizado estritamente na escrita e, de modo variável, na fala da matriz de origem, na Alemanha. O Hdt. aparece, de certo modo, na escrita de cartas antigas. Na percepção dos falantes, ocupa os contextos formais de maior prestígio como o da igreja e da escola (padre e professor) e ainda está presente no horizonte da norma. Estruturalmente, aproxima-se da norma-padrão do alemão com marcas dialetais, como encontramos em cartas antigas (STEFFEN, 2013). Cabe, no entanto, caracterizar o Hdt. com mais clareza, a fim de descrever melhor seu uso e configuração linguística (ALTENHOFEN, 1996, p. 26), inclusive considerando a percepção dos falantes, através de comentários metalinguísticos que fazem referência à semelhança do Hdt. com outras variedades faladas por comunidades de imigrantes, como boêmios (HABEL, 2014) e alemães-russos, por exemplo. São questões relevantes para compreender e interpretar os resultados referentes à competência dos falantes hunsriqueanos.

1.2.2 Standardização e perda de marcas dialetais (*Dialektalitätsabbau*)

Processos de desdialeletalização e standardização andam juntos desde a formação de normas orais ao longo da história da língua alemã. Por volta do séc. XVI, quando surgem as primeiras normas orais, seu substrato é variável. A difusão da escrita pela escola e a ampliação de suas funções comunicativas a partir do século XIX possibilitaram a convergência entre essas normas. Trata-se, portanto, de relacionar os efeitos dos processos de desdialeletalização e standardização na língua de imigração alemã.

Além das mudanças extralinguísticas que marcam o período antecedente à imigração para a América do Sul, as variedades alemãs estão também sob o efeito de mudanças linguísticas (LENZ, 2003). Essas mudanças estruturais ocorrem conforme os graus de adaptação e dispersão da variedade dialetal à variedade standard. Lameli (2010, p. 388) ilustra essa diferenciação entre o baixo-francônio (*Niederfränkisch*) e o alto-saxão (*Obersächsisch*) por meio de variantes da *segunda rotação consonantal* (2ª Lei de Grimm):

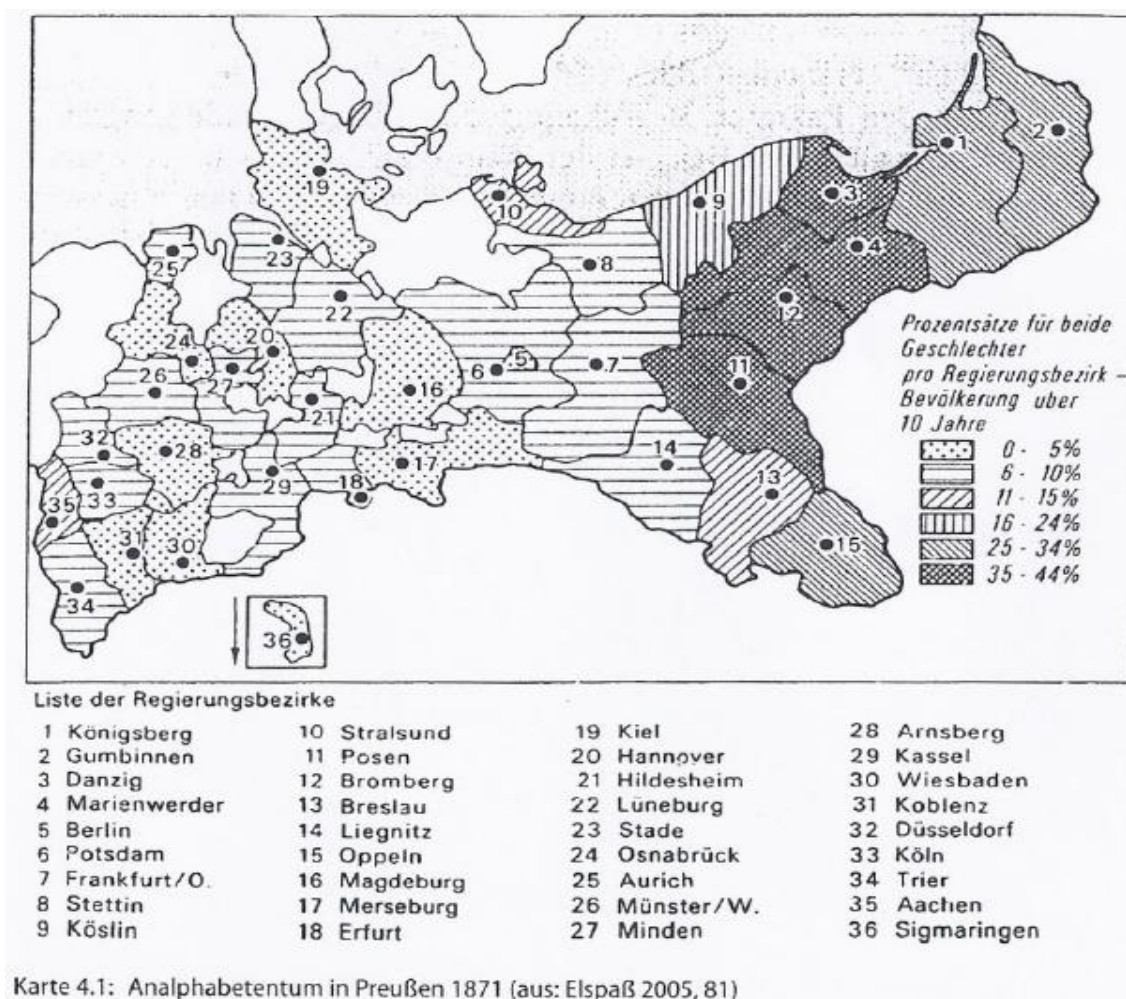
¹⁹ Ver site www.forlibi.blogspot.com.br

machen ‘fazer’, *dorf* ‘vila’, *das* ‘isto’ opõem-se a *make*n, *dorp*, *dat*²⁰. Já Altenhofen (1996) destaca o papel da proximidade linguística da variedade francônio-renana em relação à variedade standard e levanta a possibilidade de já na matriz de origem haver uma espécie de *coiné* hunsriqueana de transição entre o baixo- e alto-alemão. Em um estudo relativamente recente, Lenz (2003) identificou na região de Wittlich graus variáveis na resistência de variantes dialetais o que demonstra de certa maneira sua conservação (cp. nota de rodapé 19).

Na medida em que a língua sofre um processo de standardização, fatores normativos tornam-se necessários para garantir sua estabilidade. Um dos principais fatores é a obrigatoriedade do ensino (LAMELI, 2006, p. 59). O mapa abaixo oferece um quadro do nível de alfabetização da população da região da Prússia em 1871 (onde se havia instituído a obrigatoriedade do ensino – *preussische Schulpflicht*). Para esta pesquisa, interessam especialmente as áreas de partida dos hunsriqueanos, centradas em 30 (Wiesbaden), 31 (Koblenz) e 34 (Trier):

²⁰ Estruturalmente, passou a haver a interferência cada vez mais forte da variedade *standard* nos dialetos. No terreno do sistema vocálico, se registram os maiores contrastes entre dialeto e variedade *standard*. A oposição /e/ : /ɛ/, por exemplo, existente em variedades do alto-alemão e do francônio-renano não ocorre na variedade *standard* (BELLMANN, 1983). Outro exemplo é a articulação arredondada das vogais /u/ e /o/ mantida ausente no Hunsrückisch falado no contexto brasileiro. No sistema consonantal se encontram níveis mais elevados de resistência às interferências da variedade alta.

Fig. 5 – Níveis de analfabetismo na região da Prússia, em 1871



Fonte: Elspass (2005, p. 81 *apud* BESCH & WOLF, 2009, p. 236)

Fatores pragmáticos influenciam, sobretudo, a oralidade. Porém, as necessidades comunicativas até o século XVIII integravam inicialmente basicamente o uso oral, o que colaborou para a preservação dessas variedades. Com a transformação de falantes monoglössicos em diglössicos, a partir desse período, a língua standard deixa de ser utilizada por grupos específicos (*Gruppensprache*) e passa a ser uma variedade da população de modo geral (*Volkssprache*). Todavia, Bischoff (1963, p. 635 *apud* BELLMANN, 1983, p. 106, nota de rodapé 7a) ressalta a influência do processo de industrialização para essas mudanças:

Das Dorf ist einmal einsprachig gewesen. Alle seine Bewohner benutzen die gleiche Mundart, ohne dass diese bei allen Sprechern genau gleich gewesen sein musste. Soziologische und situationsbedingte Unterschiede hat es immer gegeben. Diese Einheit wurde kaum bedroht, wenn Kantor und Pastor mit ihren

*Familien Hochdeutsch sprachen. Sie wurde gefährdet und dann zerstört, als die Dörfer in die Industrialisierung hineingerieten.*²¹

Ammon (2005) considera quatro principais instâncias reguladoras, no processo de standardização: 1) linguistas ou especialistas no tema da língua, 2) dicionários, 3) textos de referência e 4) falantes de referência (ex. padres com seu prestígio frente aos falantes). Entre as instâncias mais relevantes, para os imigrantes, está a imprensa, através de diversos jornais e almanaques impressos a partir de 1856 e os padres/professores (v. DREHER et al., 2004; GERTZ, 2004).

Com a ampliação dessas instâncias, o dialeto e a respectiva língua standard passam a refletir significados sociais. Um dos significados mais evidentes associados à variedade standard é sua unicidade comentada por falantes alemães na Alemanha e hunsriqueanos no Brasil. Ammon exemplifica essa unicidade do standard a partir do comentário de um conhecido seu de Duisburg: “Bem, os austríacos dizem *Jänner* [al. *Januar*, pt. janeiro] e os suíços *Matura* (al. *Abitur*, pt. exame final do ensino secundário), e eu não sei mais o quê. Mas para mim, isso é dialeto e não *Hochdeutsch*” (AMMON, 2005, p. 29).

Haveria, enfim, uma série de outros fatores a considerar no processo de standardização e desdialeetalização, como a influência do rádio e de outros meios de comunicação. Contudo, o mais importante no momento é mostrar a dinamicidade desses processos e seu papel na apropriação da norma standard por populações falantes de variedades dialetais, como é o caso dos hunsriqueanos. Vejamos, a seguir, como esses processos repercutem na sociedade e como são percebidos pelos falantes.

1.3 Língua standard e sociedade: percepções e valorações

Esta seção se propõe a levantar brevemente correlações entre aspectos ideológicos, perceptuais e sociais da imigração que podem ter efeitos sobre o tema a competência linguística analisada. Esses fatores merecem ser destacados, ainda que de modo bem geral,

²¹ “O povoado foi monolíngue em algum momento. Todos os seus habitantes usavam o mesmo dialeto, sem que esse fosse o mesmo para todos os falantes. Diferenças sociológicas e condicionadas situacionalmente sempre existiram. Essa unidade [dialeto] pouco foi ameaçada quando cantor e pastor falavam com suas famílias em Hochdeutsch. Ela só foi prejudicada, e então eliminada, quando os povoados ingressaram na industrialização”. (Tradução própria)

uma vez que permeiam questões tangentes para o estudo, tais como *o que e como os falantes associam ao Hochdeutsch?*

1.3.1 Identidade nacional e étnica

Em sua definição da variedade Hrs., Altenhofen (1996, p. 4) reconhece dois aspectos fundamentais: o Hrs. como um subsistema da língua histórica alemã e uma língua brasileira de imigração em contato com o português. Nesse sentido, há uma fronteira social viva e translúcida entre a matriz de origem e o espaço local. Neste tópico, comentaremos essa relação evidenciada nas línguas históricas do alemão e do português. Para tanto, partimos da ideia de identidade nacional, observável, por exemplo, em comunidades de fala multilíngues através de comentários metalinguísticos.

A ideia de Estado-nação e a Dialectologia surgem no séc. XIX (AUER, 2004, p. 151), estando a primeira mais vinculada à história do capitalismo e à ascensão política da burguesia e a última à nova necessidade de traçar os limites da língua no território²². As fronteiras (linguísticas), tão caras a ambas correntes do pensamento, contrariamente ao que se preconizou na dialectologia tradicional, não são exclusivamente geográficas. Elas são parâmetros mentais e cognitivos criados pelos habitantes de nações vizinhas e não pelas nações em si (SIMMEL, 1995, p. 133 *apud* AUER, 2004, 160). Na Alemanha, o binômio “identidade e língua nacional” difundiu-se pelo território prussiano mediante a obrigatoriedade do ensino (cf. KLOSS, 1973) e, antes ainda com a língua standard escrita (ANDERSON, 2008). Com isso, já não havia espaço para um Estado sem um território ou um Estado sem uma língua. A ideologia passou a marcar a percepção dos falantes (cf. hino da Alemanha [1841] com as fronteiras naturais em destaque). A ideia de vinculação entre território, neste caso, nacional, e língua tornou-se tão marcada que línguas como o ídiche e o esperanto, cujo atributo “território” não é tão transparente, possuem uma existência frágil na percepção de falantes externos (AUER, 2004). É sob os efeitos dessa noção de língua nacional mais ou menos estabelecida que se dá a emigração para a América do Sul²³. Esses efeitos são perceptíveis até hoje.

²² O projeto do Atlas Linguístico da Alemanha (1888) financiado pelo governo prussiano deveria ser um “monumento da unidade do povo” (WENKER, 1886, p. 194 *apud* AUER, 2004, p. 151). Vale lembrar que a imigração também é “filha” desse século e, em grande parte, consequência desse primeiro elemento.

²³ Vale citar o comentário (CgramIII) da falante de São Leopoldo (RS01_CbGII), classe menos escolarizada e de mais idade (CbGII), sobre a variável *Kirche* ‘igreja’ que afirma [kirçə] como a forma em Hochdeutsch e se refere a [kerf] dizendo “é o nosso” (Fonte: ALMA-H, parte CgramIII). O uso de “nosso” pode ser considerado um exemplo da percepção coletiva dos falantes.

No Brasil no início da imigração, havia condições para adesão - exoglóssica - do Hrs. ao português. Como, porém, se manteve por mais tempo a diglossia Hdt.-Hrs.? Dois fatores gerais podem ter contribuído: (1) assimetria entre Estado-Nação e território no Brasil, que veio a se concretizar após a República com a ampliação das escolas e as políticas do Estado Novo e (2) a presença de instituições, como a igreja e a escola, que promoveram o uso local da variedade standard do alemão apesar da descontinuidade geográfica. Essa hipótese reforça a concepção de que fronteiras sóciolinguísticas não perecem mesmo com a alteração de fronteiras políticas, nem mesmo continentais (cf. SPINASSÉ, 2008, p. 130).

Contudo, as políticas linguísticas brasileiras no decorrer da história serviram como catalisador da ideologia nacionalista de “uma nação, um estado, uma língua (standard) e um território” (OLIVEIRA, 2000)²⁴. Nos termos de Thun (2012, p. 21-37), o Governo de Getúlio Vargas (1937-1945) influenciou na relação de alteridade e aliedade das comunidades linguísticas alemãs no Brasil. A primeira e a segunda guerras mundiais promoveram uma maior alteridade interna (semelhança com o português), ao passo que o Estado Novo instituiu medidas para garantir a aliedade externa completa (diferenciação em relação ao alemão).

Ao contrário da dialetologia tradicional, a dialetologia pluridimensional documenta tais manifestações da identidade (nacional) no saber metalinguístico dos falantes. Comentários metalinguísticos (dimensão diarreferencial)²⁵ deixam observar a relação entre competência linguística, identidade e percepção. Atualmente, como hipotetizamos nesta pesquisa, o que encontramos é a mudança em curso da competência em alemão para o português que não corresponde necessariamente a uma mudança da identidade (étnica) dos falantes, cuja heterogeneidade em situações de contato (alemão ou italiano e brasileiro) não deixa de estar associada ao traço alemão independentemente do grau de conhecimento de Hrs. ou Hdt. (cf. KRUG, 2004). Contudo, cabe perguntar qual o papel da variedade standard do alemão para a identidade nesse contexto multilíngue tão complexo considerando a língua um dos seus principais constituintes (ao lado da religião [luterano

²⁴ A ideia de língua como unidade nacional pode se manifestar oficialmente na Constituição (na França: “La langue de la République”) ou regulamentada por lei como acontece ainda hoje, por exemplo, em Luxemburgo, onde o luxemburguês foi eleito língua nacional em 1984 (DAVIES, 2010, p. 394).

²⁵ “Contrariamente a la geolingüística tradicional, a la dialectología pluridimensional le importa también documentar el saber metalingüístico de los hablantes” (THUN, 2012, p. 22).

vs. católico], traje [gaúcho vs. não-gaúcho], entre outros)? Krug (2004, p. 63) constata que traços como a leitura ou escrita em StDt., sobretudo entre a geração mais velha, representam um arraigamento maior da identidade alemã. Em outras palavras, se muitos dos falantes ainda se autodeclararam alemães (v. tabela 01 abaixo) necessita-se saber quais marcas linguísticas alimentam a sua identidade, em especial, quais fatores condicionam ora uma postura de aliedade (distanciamento), ora de alteridade (aproximação) em relação ao alemão (standard)?

Em 2008, o IBGE realizou um estudo intitulado *Características Étnico-Raciais da População: classificação e identidades*, em que faz um levantamento das autodenominações da população em determinados estados brasileiros (PETRUCCELLI & SABOIA, 2008). No Rio Grande do Sul, a porcentagem de gaúchos a partir de 15 anos que se consideram “alemães” girou em torno de 3% (cerca de 400 mil pessoas):

Tabela 01 - Distribuição do percentual da população autodeclarada de origem *alemã*

Unidades da Federação selecionadas	Pessoas de 15 anos ou mais de idade							
	Distribuição percentual por cor ou raça nas 14 categorias mais frequentes (%)							
	Brasileira	Mulata	Mestiça	Alemã	Clara	Italiana	Indígena	Outras
Total	0,8	0,6	0,6	0,5	0,4	0,4	0,4	1,4
Amazonas	0,1	0,4	0,2	-	1,2	-	1,5	1,0
Paraíba	-	1,3	1,2	-	0,6	-	0,4	2,2
São Paulo	0,4	0,4	0,4	-	0,3	0,1	0,2	1,1
Rio Grande do Sul	2,9	0,5	1,3	3,0	0,7	2,0	1,1	1,9
Mato Grosso	0,2	0,3	-	0,1	0,3	0,0	0,2	1,4
Distrito Federal	-	2,8	1,9	-	0,2	-	-	2,4

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa das Características Étnico-raciais da População 2008.

Nota: Cor ou raça declarada de forma espontânea.

O quadro mostra o Rio Grande do Sul como o estado mais multicultural e multiétnico, se considerarmos a presença de culturas de imigração. Curiosamente, os dados mostram que aí a consciência de uma identidade étnica e cultural é mais acentuada, haja vista que os maiores índices de autodenominação aparecem justamente no Rio Grande do Sul, com quatro ocorrências acima de 1,5. As motivações desse resultado, como assinalamos, são, no entanto, questionáveis quanto à língua²⁶. Para o caso do Hrs., todavia, Ammon faz a seguinte ponderação:

²⁶ A mesma observação vale para o Mato Grosso, onde há um percentual significativo (0,1) da população que aparece nos dados do IBGE considerando-se alemã.

Die Distanz zum deutschen Sprachgebiet in Europa und seinen Bewohnern ist nicht nur geographisch, sondern auch bezüglich des Zusammengehörigkeitsgefühls deutlich grösser als bei den europäischen und mittelasiatischen deutsch(sprachigen)en Minderheiten. (AMMON, 2015, p. 372)²⁷

Por outro lado, a crescente tendência de realização de encontros de família pode também ser um indício do resgate e manutenção da identidade étnica (minha própria família “Löff” encontra-se a cada dois anos desde 2010; nos últimos encontros, apresentou-se, inclusive, um quadro da árvore genealógica) ou simplesmente ser uma prática de cultivo de laços sociais através do *nome*, e não tanto da *etnia*. Festas culturais, por exemplo *25 de julho*, que ocorrem anualmente, contribuem para o fortalecimento da identidade cultural (AMMON, 2015, p. 378)²⁸ e evitam sua dissolução.

Cabe considerar, ainda, o surgimento de subgrupos internos ao grupo alemão. A oposição entre colonos (*Kolonist*) e imigrantes recém-chegados (*Deutschländer*) carregam traços culturais. Em Neu-Württemberg (atual Panambi, ponto RS19 do ALMA-H), registra-se um número de 600 imigrantes *Deutschländer* chegados na década de 1920, por conta da I Guerra Mundial. São, em sua maioria suábios, originariamente urbanos e profissionais liberais e técnicos, e eram competentes em Schwäbisch e em Hdt, além de cantarem (ALTENHOFEN, 1996, p. 89). Essas diferenças ficam mais salientes justamente no âmbito da língua.

Para Weber (1972, p. 270), a dissolução do sentimento étnico só ocorreria com diferenças drásticas de costumes e de hábitos ou, particularmente, da língua:

*nem toda crença na afinidade de origem baseia-se na igualdade dos costumes e do hábito [grifo nosso]. Mas apesar de grandes divergências neste campo, semelhante crença pode existir e desenvolver uma força criadora de comunidade, quando apoiada na lembrança de uma migração: de uma colonização ou emigração individual. De fato, os efeitos da adaptação ao habitual e as recordações da juventude continuam atuando nos emigrantes, como fonte do ‘sentimento de apego à terra natal’, mesmo quando estes se adaptaram tão **completamente** ao novo ambiente que um*

²⁷ A distância [das comunidades alemãs no Brasil] dos contextos de fala alemã na Europa e de seus habitantes não é apenas geográfica. Em virtude do sentimento de identidade comum, ela é significativamente maior do que no caso da distância das minorias alemãs europeias ou centro-asiáticas (AMMON, 2015, p. 372).

²⁸ Outros exemplos são festas locais tais quais *Kartoffelfest, Früchte-Fest, Mai-, September-, November-Fest* e, inclusive, eventos com usos mais efetivos da língua como a *Deutsche Woche* ‘semana alemã’ organizado pela prefeitura de São João do Oeste (RS06).

retorno ao país de origem lhes seria insuportável (como ocorre, por exemplo, com a maioria dos alemães na América).

A perspectiva da substituição do traço da língua alemã pelo português não implica anulação da identidade étnica. A comunidade étnica referida por Weber parece estar calcada em um sentimento patriótico criado desde o início da imigração, para suprir a ausência de outros símbolos (BAIRON SANT'ANNA, 1993/1994, p. 21-22).

Fatores sócio-econômicos também podem ser indícios de que a presença da variedade StDt atua em favor da identificação étnica. Coulmas (1997 p. 441) afirma que as duas guerras mundiais nos EUA, por exemplo, teriam exercido influência negativa sobre o número de pessoas que consideram o alemão como língua materna, enquanto no Cazaquistão esse número só aumenta. Possibilidades de intercâmbio e trabalho contribuem para a atual adesão²⁹ étnica entre as gerações mais jovens (GI). Isso é atestado por Ammon no caso de hunsriqueanos que trabalham em multinacionais ou recebem oportunidades de emprego na Alemanha e retornam com maior prestígio para a língua alemã.

A identidade étnica, além de relacionar-se com o grupo (migrante, coletivo), tem no enraizamento no lugar onde se desenvolve um contraponto. O lugar de nascimento, expresso pelo conceito de Heimat (pt. querência), pode assumir, como observa Altenhofen (2014), novos contornos e significados, por meio sobretudo das migrações internas, por exemplo, para o norte do país. Mais do que analisar a influência da variedade standard na manutenção das fronteiras sociais do grupo étnico, cabe pesquisar seu papel motivador no realce ou inibição da competência na variedade standard, como aparece no filme-documentário *meio* (2013), de Clarissa Beckert e Pedro Henrique Risse, onde é curioso o sentimento de identidade étnica alemã entre parte dos jovens que estudam alemão na escola. Essas questões precisam, contudo, de maior aprofundamento teórico e empírico.

1.3.2 Percepção linguística

Na seção anterior, apontamos tensões e fatores ideológicos, de modo bastante geral, que podem condicionar a percepção dos falantes acerca da própria identidade e como isso do Hdt. A percepção, tanto em termos de identidade quanto de competência linguística,

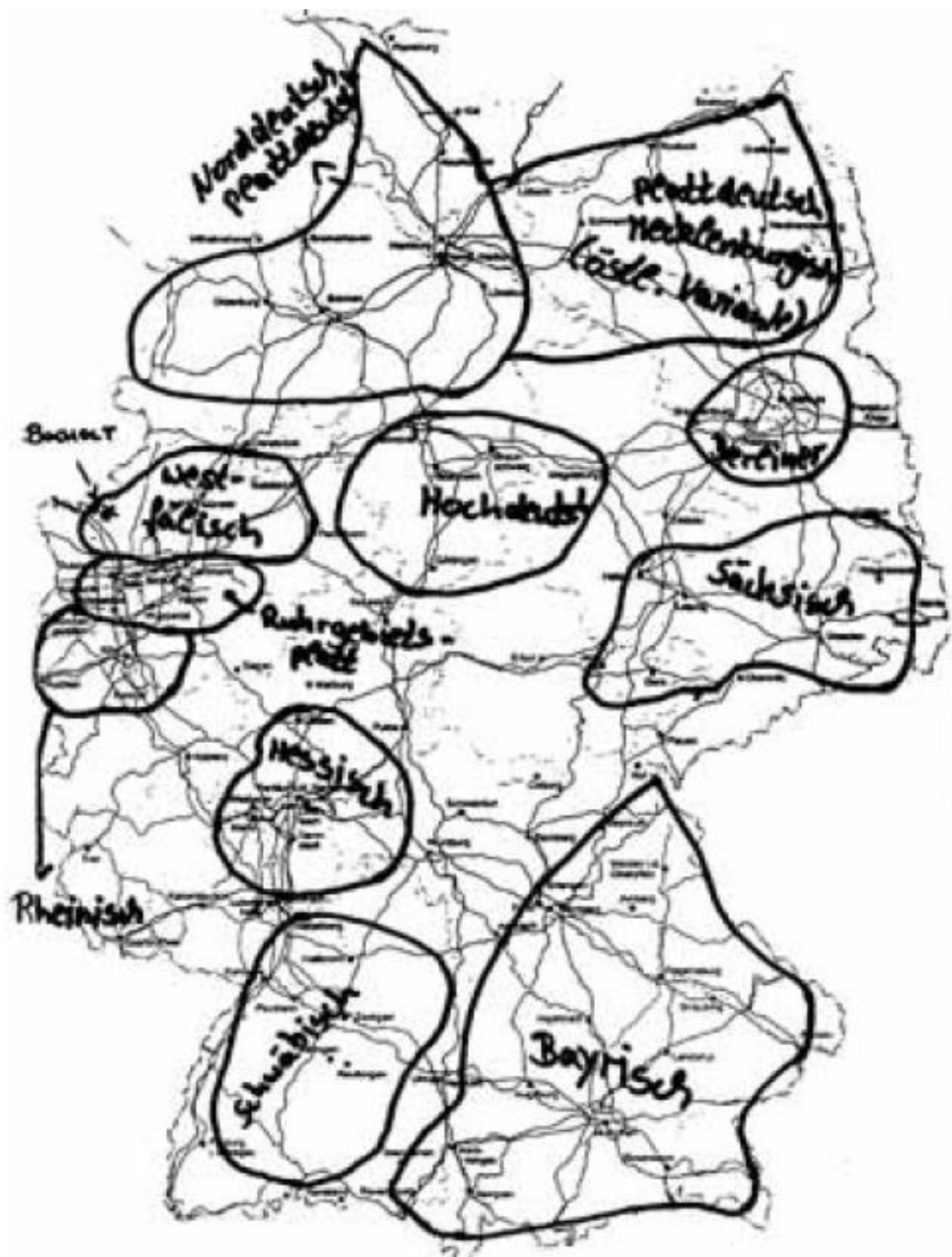
²⁹ Um exemplo é o caso dos *nikkeijin* brasileiros reintegrados no Japão, ainda que não falem mais a variedade do japonês.

está indenxicalizada em referências e comentários metalinguísticos, bem como estereótipos do Hdt. que o falante tece na tentativa de organizar o próprio caos da variação (AUER, 2004). Por outro lado, ele tem consciência da existência de um *mercado linguístico* (BOURDIEU, 1990), no qual certas variantes valem mais do que outras. Essa incongruência entre o que o falante “sabe” e “acredita saber” pode balizar as atitudes de aliedade e alteridade, como referenciamos acima³⁰.

Por meio de mapas mentais, Auer (2004, p. 152) observou que os falantes se utilizam mais do modelo *centro-periférico* (v. mapa abaixo) do que do modelo *categórico-demarcativo* de caráter nacional-ideológico sem espaço para zonas indefinidas ou de transição:

³⁰ Portanto, é relevante atentar sobre a correspondência entre os comentários metalinguísticos e o grau de dialetalidade da competência linguística (p. ex. “em Hochdeutsch tem mais *a*” [Fonte: ALMA-H]).

Fig. 06 - Mapa mental desenhado por informante de Bocholt, identificando regiões dialetais, inclusive onde é falado Hochdeutsch.



Fonte: Steger (2000 *apud* AUER, 2004).

Faz-se necessário notar, no mapa acima, a isoglossa que contorna a região de Hannover, indicada pelo informante como o local, ideal, onde se fala Hd. Isso pode estar associado ao fato de a Alemanha se caracterizar por uma cultura de língua standard (“*standard language culture*” [MILROY, 535, 2001]). Nesse sistema, só há espaço para *um* Hochdeutsch. No Brasil, a interferência exoglóssica do Hrs. com o português não impediu que parte dos falantes incorporassem essa mesma ideologia. Há casos conhecidos em escolas das colônias alemãs, onde o professor permitia que se falasse o alemão, contanto que fosse o “correto” (cf. ALTENHOFEN, 2013a, p. 103, nota 8), cuja consciência parece pautar-se por uma imagem estrita da definição de Hdt.

Outro exemplo encontrado em nossos dados ilustra a percepção de uma participante CaGII (mais escolarizada e faixa etária elevada) que conta sobre a visita do presidente da Alemanha Roman Herzog em 1995 em Nova Petrópolis (RS06). Nos termos de Ammon, o presidente trata-se de uma “pessoa ou falante de referência” (2005, p. 33). Por outro lado, em São Leopoldo (RS01), entrevistou-se uma falante do grupo CaGII que afirmava reiteradamente, durante a entrevista, ora não falar hunsriqueano tal qual “como na colônia”, ora não falar “beeem Hochdeutsch”.

Por outro lado, registram-se ainda comentários do tipo “eu falo o alemão quebrado”, ou “eu não falo o alemão gramatical”. Crenças como estas emergem até mesmo de situações em que esses falantes acabaram de se comunicar com falantes de Hd. originários da Alemanha, como observa Altenhofen em uma entrevista em Colinas (RS10) (ALTENHOFEN, 2016, no prelo). Frases fórmulas como essas reforçam a distinção entre StDt. e Hdt. Designações dadas ao Hdt., como *Feindeutsch* ‘alemão fino’, ou ainda *alemão gramatical*, parecem ser comuns na percepção de falantes hunsriqueanos. Tais etiquetas geralmente possuem um antônimo que deixa entrever uma relação dicotômica com o “dialeto”: *alemão grosso*, *alemão agramatical*, etc. O mapa da denominação em Hdt. (em elaboração no ALMA-H) ilustra esse fenômeno.

A conclusão de Davies (2010) sobre os mitos linguísticos é de que a língua é vista como entidade homogênea pelos falantes ao contrário de sua identidade heterogênea, sobretudo em contextos multilíngues (KRUG, 2004). Como vimos acima, essa entidade homogênea parece ter origem histórica a formação de unidades nacionais. Em nossa análise, será útil ter essas observações em mente.

1.3.3 Relação uso vs.competência

Roche (1969) assinala que, em 1940, de um total de 18.620 cidadãos alemães 97% falavam habitualmente a língua alemã no Rio Grande do Sul. Com pais nascidos no Brasil e que falavam alemão, Roche aponta um total de 375.731. Ammon (2015) acrescenta o fato de escolas com ensino *em* alemão chegarem à soma de 937 com 36.933 alunos nessa época. Já os recenseamentos de 1940 e 1950 – últimos a perguntar sobre outras línguas faladas no lar, ao lado do português – levantam a quantia de 393.934 (11,8% da população total do Estado) e 344.415 (8,2%) pessoas, respectivamente, falantes de alemão (IBGE *apud* ROCHE, 1969, p. 656). Esse panorama do *uso* da língua alemã contrasta com a atual realidade. Hoje, a quantidade de escolas públicas com ensino de alemão em contextos de imigração seria aproximadamente de 250 (AMMON, 2015, p. 375).

A queda no número de escolas – além de outras instituições que utilizam Hdt., como a igreja – e a relativa estabilidade de falantes de alemão em 1950, sinalizam o lugar da distinção entre uso e competência. O uso e a suprarregionalidade parecem ter se restringido à variedade substandard, enquanto o Hdt. ou StDt. ainda persiste parcialmente, sobretudo na competência³¹. Ammon conclui que a manutenção da língua alemã depende do ensino, em especial em língua alemã, e considera uma tarefa de pesquisa analisar a diferença quantitativa entre falantes que 1) usam a língua alemã frequentemente, 2) apresentam competência linguística, 3) declaram o alemão como língua materna, mas já não falam ou usam com frequência e 4) declaram possuir origem alemã sem falar alemão. As possíveis motivações desse processo serão analisadas no capítulo acerca da substituição linguística. No caso daqueles que apresentam competência linguística, a identidade étnica não está necessariamente anexa.

³¹ A investigação sobre o **uso** de Hdt. constitui um desiderato que não será analisado diretamente nesta Dissertação, já que nos focamos neste momento apenas na questão da **competência** em Hdt.

- CAPÍTULO 2 -

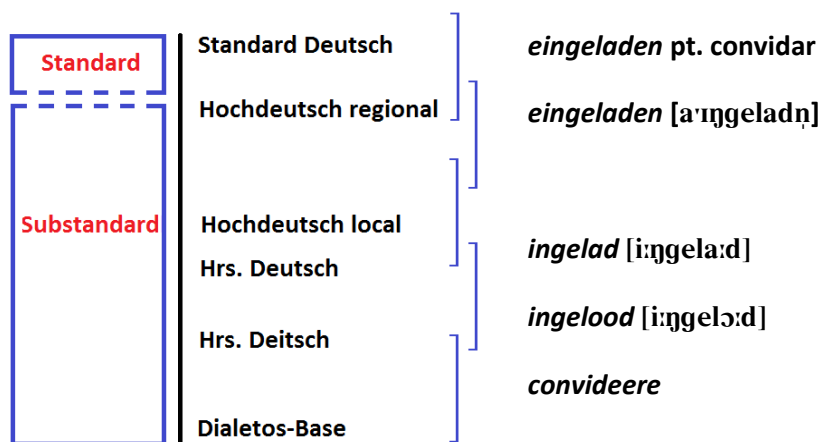
VARIAÇÃO E CONTATOS LINGUÍSTICOS NO CONTEXTO DA PESQUISA

2.1 Alemão *standard* (StDt.) e Hochdeutsch local (Hdt.): qual a norma em questão?

No capítulo anterior, buscamos delimitar os conceitos envolvidos no contínuo standard-substandard a partir da definição de Bellmann (1983) e da perspectiva da variação linguística na Alemanha. Como se procurou discutir, a variedade standard reside antes em uma norma codificada do que no uso linguístico (cf. MATTHEIER, 1997, p. 5-6). Localmente, a variedade standard ou língua-teto (*Überdachungsnorm*) realiza-se como Hdt. Em outras palavras, o Hdt, real ou virtual, desempenhou o papel de variedade standard local, com mais ou menos variação. Nesse sentido, usa-se em áreas, por exemplo do Vale do Itajaí (no entorno de Blumenau), uma variedade Hdt. local³². De tal modo se expressam os falantes dessa região.

Por outro lado, no caso dos pontos de pesquisa do ALMA-H, tanto o Hrs. quanto o Hdt. integram subsistemas do alemão como língua histórica (ALTENHOFEN, 1996, p. 26). O quadro de variedades que integram o contínuo standard-substandard, a partir da ótica de Bellmann (1983), configura-se da seguinte maneira:

Fig. 07 – Variedades do contínuo Hrs-Hdt.



Fonte: adaptado de HORST (2014, p. 38)

O contínuo variacional representado na fig. 07 (compare-se também HORST, 2014, p. 38, para o vestfaliano) busca reproduzir a relação entre as variedades em contato no eixo

³² Original: „Im Allgemeinen aber wird das Deutsche im Itajaí-Tal (so vor allem in Blumenau) durch eine Varietät gekennzeichnet, die man als lokalen hochdeutschen Substandard bezeichnen könnte“ (ALTENHOFEN, 2016, no prelo).

vertical standard-substandard. Como afirma Bellmann, nesse eixo, não há uma disposição fixa, mas o fluxo contínuo entre variantes distintas. Assim, as variantes podem apresentar entrecruzamentos. O Hdt. pode igualar-se, ora à variedade hunsriqueana do tipo Deutsch, ora ao Hd. usado na Alemanha (ou também *umgangssprachliches Hochdeutsch*) e ainda a variantes do próprio standard. Exemplos dos três entrecruzamentos são:

- a) No eixo da *diatopia*, coexistem os tipos Deutsch e Deitsch. O tipo Deutsch (localidades de imigração posteriores a 1850, por exemplo, em Santa Cruz do Sul [cf. rede de pontos RS13]) diferencia-se do restante do Hrs. através de um conjunto de variantes (p.ex.: Deutsch: [aɪ] *klein* ‘pequeno’, [a:] *Hahn* ‘galo’, [aʊ] *Baum* ‘árvore’ vs. Deitsch: [ɛ:] *kleen*, [ɔ:] *Hoohn*, [ɔ:] *Boom*). O Hrs. apresenta também uma relação com as variantes concorrentes já na matriz de origem representadas pelas áreas do francônio-renano (*trock-, das, was*) e do francônio-moselano (*treu-, dat, wat*) (ALTENHOFEN, 1996, p. 25-26). Nas coletas de dados do projeto ALMA-H, verificou-se uma predominância das variantes francônio-renanas, que são linguisticamente mais próximas do standard.
- b) Subgrupo de variantes que integram o Hd. Essas variantes não são reconhecidas pela gramática, porém já eram usadas na escrita desde o século XIX. Marcas do Hd. que aparecem na competência de falantes hunsriqueanos são encontradas em determinadas regiões da Alemanha (ELSPASS, 2003; ALTENHOFEN, 2016, no prelo). Elspass elencou variantes desse tipo a partir da escrita de cartas privadas³³. Um exemplo é a perífrase de *tun* como verbo auxiliar a partícula comparativa *wie* em determinadas regiões.
- c) Subgrupo de variantes da norma standard presentes na competência linguística de hunsriqueanos (v. AMMON, 2015). A variedade standard está no eixo mais acima do contínuo, cujo uso é restrito à mídia – meio falado – e à escrita. No contexto local, essas variantes aparecem no meio escrito, na paisagem linguística (cemitério, cartazes e nomes de ruas, [cf. AMMON, 2015, p. 371-372, para lápides BUNSE, 1980])³⁴ etc. Dessa forma, segundo Elspass (2003), a norma

³³ O gênero privado possibilita uma maior – não total – aproximação da concepção oral de uso da língua (KOCH & OESTERREICHER, 2013).

³⁴ A variante *Kartoffel* [+ *Std*] ‘batata’, por exemplo, aparece em cartazes de propaganda, enquanto a variante *Hdt. local*, usada em Hrs, seria *Katoffle*, e não mais *Grumbeere* [- *Std*], variante com maior grau de dialetalidade (cf. ALTENHOFEN, 1996, p. 303).

standard abre seu repertório e incorpora variantes substandard que já no século XIX estavam presentes.

Finalmente, a dimensão perceptual³⁵ pode oferecer pistas sobre o que os falantes de fato consideram [+ Hdt.]. A partir de um estudo na região de Mainz, Lameli salienta que algumas variantes substandard são consideradas pelos informantes como “Hochsprache”. Baseado em outros estudos (PURSCHKE, 2003), Lameli estabelece uma distinção relevante entre esses dois níveis de percepção da variedade standard. Um nível sem interferências utilizado por profissionais da mídia (*ARD-Nachrichtensprechern*) e outro nível, *standard colloquial (Umgangssprache)*, usado por falantes não profissionais com marcas regionais, o qual também é percebido como Hochdeutsch (LAMELI, 2006, p. 70). Parece haver uma fronteira a partir da qual fenômenos não são mais percebidos (p. ex., desvozeamento da sibilante vozeada /z/, em início de palavra, como em *Sonntag* ‘domingo’).

Apesar dos desvios, o que se observa é que falantes do tipo Deutsch atribuem prestígio ao tipo Deutsch (cf. [a] acima), cujas variantes são mais salientes. Por outro lado, é recorrente a atitude e afirmação entre os próprios hunsriqueanos de que não falam “o alemão gramatical” ou “o *Feindeutsch*” ‘alemão fino’ (ALTENHOFEN, 2016, no prelo). Em relação ao contínuo, essa percepção revela uma consciência do falante, da existência da norma, porém convém estudar mais a fundo a relação entre percepção e a competência de fato no Hdt. Em uma comunidade minoritária de fala alemã no Canadá, Dailey-O’cain & Darling (2010) analisam a percepção dos descendentes de imigrantes alemães e chegam a resultados que evidenciam um contexto diferenciado. A conclusão é de que há um menor conhecimento de estereótipos e crenças entre os falantes dessa comunidade linguística, visto que os dialetos perderam espaço com o tempo e o StDt. acabou tornando-se uma espécie de língua franca entre os teuto-canadentes (DAILEY-O’CAIN & DARLING, 2010, p. 348)

³⁵ Uma análise dessas formas [da variedade *standard*] deve insidir igualmente no campo da língua-objeto, quanto do metalinguístico (cf. THUN, 2004); ela deve considerar tanto a estrutura linguística quanto as atitudes de falantes e ouvintes (LAMELI, 2006, p. 65).

2.2 Contatos linguísticos e coineização: entra em cena o Hunsrückisch (Hrs.)

Como afirmamos acima, o grau menor de dialetalidade na variedade francônio-renana explica a maior representatividade dessa variedade na coleta de dados. Por outro lado, isso teve, muito provavelmente, o efeito colateral de substituição ou perda de marcas francônio-moselanas (ALTENHOFEN, 2016, no prelo) e de outras variantes intralinguísticas em direção à *coiné* hunsriqueana.

O processo de coineização é recorrente na história das línguas de imigração no sul do Brasil. Além do Hunsrückisch rio-grandense, o vêneto rio-grandense, chamado *in vitro* como Talian, também é resultado de processos de coineização (FROSI, 1975; 2010). Com o termo *coineização* designa-se um processo de convergência de variedades próximas (*Dialektabbau*) e implementação de uma delas como norma comum (*Überdachungsnorm*) utilizada para a comunicação mútua (cf. GILLES, 2003). Na coineização, selecionam-se variantes mais propícias à intercompreensão e coesão social das comunidades. Fatores como o número e a mobilidade de falantes desempenham um papel importante para a coineização.

O contingente de imigrantes originários da região do Hunsrück não foi, porém, o único fator. A proximidade do Hunsrückisch da variedade standard do Hdt. foi igualmente determinante para esse processo, a ponto de falantes de variedades do baixo-alemão, como pomerano e vestfaliano, confundirem o Hrs. com a variedade escrita do Hdt. Como pondera Altenhofen (1996, p. 23), é possível que na matriz de partida, na Renânia Central, o Hrs. tenha assumido características de um standard regional (*Regionalstandard*) entre o baixo- e o alto-alemão (*Niederdeutsch und Oberdeutsch*). Daí sua propensão a assumir a função de *coiné* e estabelecer-se como norma do dia a dia.

A coesão no eixo do tempo-espço, principalmente até as políticas de urbanização e instituição do português no Estado Novo (1937-1945), condicionaram esse processo nas comunidades de fala alemã. A distância geográfica, o contato entre variedades de origem alemã justificam a visão de que se constituiu um arquipélago linguístico de propensão dessa *coiné* (STEFFEN & ALTENHOFEN, 2014). Como “língua de intercurso” (*Verkehrssprache*), a *coiné* tornou-se comumente também a língua de imigrantes de outras origens (p.ex. franceses [huguenotes já emigrados da França para a Alemanha e vindos com os imigrantes alemães para o Brasil], italianos [imigrantes para colônias alemãs, por

meio de casamentos interétnicos], inclusive afrodescendentes que permaneceram nas colônias após a abolição da escravatura). Pode-se, assim, concluir que falar Hrs. não significa necessariamente ter uma ascendência hunsriqueana. Antropônimos franceses como *Dechamps*, *Bays* e *Ledur* são um exemplo (ALTENHOFEN, [no prelo]). A coiné é usada, ainda, no meio escrito em impressos. O *Brummbär Kalender* e os contos dialetais do Pe. Rambo demonstram sua característica (ALTENHOFEN, [no prelo]).

Apesar dos processos de coineização e territorialização (v. ALTENHOFEN, 2014), o *status* sócio-político do Hrs. permaneceu o de uma língua minoritária. Podemos estabelecer duas comparações com o contexto similar do país de Luxemburgo (v. GILLES, 2003), onde atualmente um espaço relativamente pequeno também abriga uma diversidade de variedades linguísticas:

1) Ao contrário do Hrs., o luxemburguês, além de coiné, passa por um processo de standardização, na medida em que vem ocupando o meio escrito e a população o está aceitando como língua oficial do país.

2) Em Luxemburgo, os principais agentes da desdialealização em favor de uma norma são o francês e o alemão, no meio escrito ou em situações formais de fala, e o luxemburguês, como língua coloquial (GILLES, 2003). Em nosso contexto, os equivalentes seriam o hunsriqueano como língua coloquial e o StDt./Hdt. no meio escrito ou em situações formais de fala (ver contínuo, fig. 1).

A situação linguística do Hrs. – conforme mostram os dados do ALMA-H (v. ALTENHOFEN, 2004b) – é mais complexa. Não se pode, portanto, conceber o Hrs. como uniforme e homogêneo. Uma das implicações na visão de uma coiné é o fato de haver variantes em contato no espectro variacional, ora mais próximas, ora mais distantes do StDt. Esse alerta tem de ficar sempre como “uma luz acesa”, quando interpretarmos os dados cartografados.

2.2.1 Difusão do Hunsrückisch: entre as colônias velhas e novas

Além de língua da instrução e da religiosidade, com vistas a manter a germanidade (*Deutschtum*) quando a mesma passou a concorrer com o português, o Hdt. representou, conforme já se aludiu, a língua da escrita e circulação de cartas, contribuindo para manter a coesão entre as comunidades de imigração alemã (STEFFEN & ALTENHOFEN, 2014). Até 1850, o suporte institucional à língua dos imigrantes alemães era reduzido. A partir desse período, na segunda fase do contato alemão-português (v. periodização em ALTENHOFEN, 1996, p. 59), cresceu significativamente não apenas o fluxo migratório, como também o número de igrejas e padres ou pastores, de jornais e de escolas comunitárias em língua alemã. A relativa estabilidade da diglossia Hdt-Hrs. durante as primeiras fases da imigração foi sendo substituída aos poucos pelo uso bilíngue português-Hrs. (*Dachsprachenwechsel*). O período do Estado Novo – quarta fase do contato, de transição, na classificação de Altenhofen (1996) – caracterizou-se por uma política assimilatória e opressora que acelerou a da língua de imigração em muitas comunidades, sobretudo nos centros mais urbanizados (CAMPOS, 2006). A consequência maior, no entanto, foi, segundo Altenhofen (*idem.*), a diminuição do acesso à norma standard e o refúgio na variedade dialetal, no caso o Hrs., onde não havia ainda o domínio do português, a ponto de dar conta das necessidades comunicativas da comunidade. A partir de 1937, proibiu-se, assim, o ensino de língua estrangeira e, em 1939, foram fechadas as instituições com vinculação étnica. A situação piora-se com a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e culmina com a proibição severa das línguas de imigração no espaço público (SEYFERTH, 2000, p. 81; 1999a).

A difusão do Hunsrückisch, se analisarmos o mapa-base do ALMA-H, chama a atenção por sua extensão transnacional, culminando até áreas distantes no Paraguai e Mato Grosso, fora da matriz original do Rio Grande do Sul. Essas migrações em busca de novas terras, vale ressaltar, ocorreram a partir de 1890, portanto já antes da proibições implementadas pela política do Estado Novo. Fica a pergunta, indispensável na análise e interpretação dos dados, sobre diferenças de comportamento, no nosso caso relativas à competência em Hdt, entre falantes das Colônias Velhas e Novas. Essa mesma relação de oposição se dá entre as áreas do tipo *Deutsch* e *Deitsch* do Hrs., como se verá a seguir.

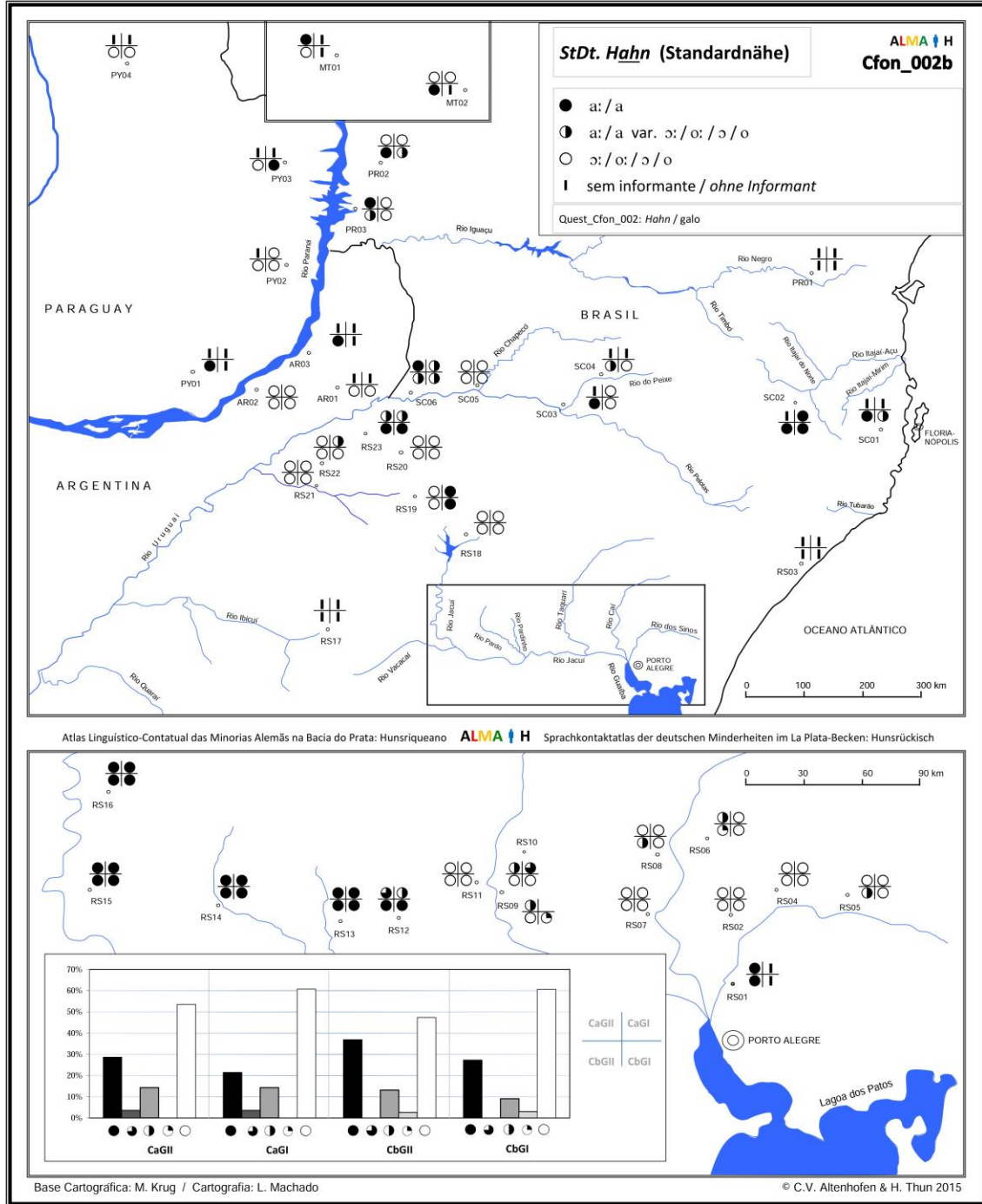
2.2.2 Tipos ‘deutsch’ e ‘deitsch’

A matriz de origem da coiné hunsriqueana, na Renânia Central, corresponde a duas áreas linguísticas principais: as áreas dialetais do francônio-moselano e do francônio-renano. Nas colônias velhas, onde essas variedades se instalaram inicialmente, identificamos ainda uma segunda oposição entre uma variedade mais próxima do alemão standard (tipo *Deutsch*) e uma variedade com grau de dialetalidade maior, por isso designada por Altenhofen (2015a) como sendo um Hrs. do tipo *Deitsch* (cf. MEYER, 2009).

Para nosso objetivo de pesquisa – contato e competência na variedade standard - temos que considerar os graus de standardização dessas variedades dialetais como variáveis de controle do que é falado/usado como variedade do dia a dia e o que é efetivamente parte da competência (conscientemente manifestada) em Hdt., como aliás se solicita na aplicação da parte CgramIII do questionário do ALMA-H. No eixo da diacronia, sabe-se que há uma interrupção significativa no fluxo migratório para o Brasil entre 1835 e 1845, em virtude da Revolução Farroupilha. Estima-se que os falantes emigrados após essa data possuíam maior competência em Hdt.

O mapa abaixo, do ALMA-H, cartografa, a título de exemplo, a variação fonética de /a/ (mhd. *a*) na palavra *Hahn* ‘galo’. A distribuição das variantes *Hahn* (mais próxima do alemão standard ou Hdt.) e *Hoohn* (mais dialetal, com /a/ velarizado) serve para ilustrar e demarcar respectivamente as áreas do hunsriqueano do tipo *Deutsch* e *Deitsch*. Haveria aqui outras variáveis identificadas por Altenhofen (2015a), como a oposição entre /aʏ/ e /ɔʏ/. Para nós, interessa sobretudo, a delimitação da área correspondente a ambos os tipos.

Fig. 08 – Mapa da variação fonética de /a/ em *Hahn*.



Fonte: ALMA-H

Entrevistador: “*Was sinn die measte spreche wie du orrer wie ihr?*”
Informante (CaGI): “*Wie ich.*”³⁶

A percepção da falante do excerto da entrevista acima indica a saliência das variantes *Hahn* e *Hoohn* e sua coocorrência no território do município de Horizontina (ponto RS23 do ALMA-H). Horizontina apresenta um caráter heterogêneo. Sua colonização (CHRISTENSEN, 2007, p. 33) remete à chegada de migrantes oriundos de localidades das duas áreas dialetais nas colônias velhas: Venâncio Aires (RS12) e Santa Cruz do Sul (RS13), situadas na área do tipo Deutsch; Estrela e Teutônia (RS09) e Lajeado (RS11), pontos onde predomina o tipo Deutsch³⁷. Cabe salientar que esses últimos situam-se em uma zona de transição entre ambas as subáreas.

O que é preciso destacar e que temos que ter em mente na análise e interpretação dos dados é que esta coocorrência de variantes [+standard] e [+dialetal] não é exclusividade desse ponto específico do ALMA-H, mas está presente, em grau maior ou menor, em todas as localidades levantadas. Às vezes pode se funcionalizar na direção de uma diglossia, como veremos a seguir. Mas também, como destaca Altenhofen (2015a) pode estar já em avançado grau de substituição da língua-teto.

2.3 Diglossia ou substituição da língua-teto (*Dachsprache*)

O caso mais clássico de *diglossia* é a complementariedade no uso de duas variedades de uma mesma língua, sendo uma a variedade standard e a outra substandard (FERGUSON, 1971)³⁸. Trata-se de um tipo de bilinguismo societal, no qual a variedade standard é ensinada formalmente. A variedade alta é geralmente utilizada em funções do meio escrito (cartas, lápides de cemitérios) ou do eixo concepcional escrito (sermões na igreja, reunião da sociedade, discursos e transmissões de rádio), ao passo que a variedade

³⁶ **Informante (RS23_CaGI):** “você observaram um pouco? Ela diz sempre *Hoohn*, com o ‘o’ e eu, com ‘a’. Essas são as duas formas que se usam aqui em Horizontina. Tem pessoas que falam como ela fala e pessoas que falam alemão falaria.

Entrevistador: Como fala a maioria? Como você ou como ela?

Informante: Como eu.

³⁷ A característica mista não se limita às variedades alemãs, como pontua o seguinte trecho: “A partir de 1928, chegam cada vez mais colonos descendentes de alemães, de poloneses, de italianos, de russos e lusos brasileiros. Destacando-se a forte presença de alemães e um pequeno grupo de japoneses”. (CHRISTENSEN, 2007, p. 32)

³⁸ Em italiano ou persa, usa-se o dialeto para comunicação dentro da família ou com amigos do mesmo dialeto local e a variedade standard com falantes de outras regiões ou ocasiões públicas.

baixa corresponde aos usos entre familiares ou amigos. Fishman (1967) sugeriu uma ampliação do conceito para abarcar línguas, registros ou estilos estruturalmente, sejam esses similares ou não.

Nos últimos dois séculos mudanças de ordem linguística e extralingüística levaram à standardização em um número elevado de culturas (KLOSS, 1952). Por outro lado, mais recentemente discute-se a desestabilização da *diglossia* em favor de uma *diaglossia* caracterizada por um contínuo oral entre dialeto e standard (TAEDELMAN, 2010, p. 355)³⁹, principalmente entre as variedades europeias (cf. BELLMANN, 1983; 1997 para o alemão). Como vimos, do ponto de vista histórico, o processo de desstandardização é questionável, pois determinadas variantes já oscilavam desde o início dos referidos séculos (v. perspectiva de baixo no Cap. 1.2). O alemão falado na Suíça (*Schwyzerdüütsch*) parece, por exemplo, preservar uma relação diglósica até hoje ao lado do alemão standard utilizado na escola, por exemplo. As razões são religiosas ou vinculadas a isolamento político. Christen (1998) identifica, contudo, traços da convergência dialeto-standard em direção a uma *diaglossia*. A *diglossia* Hrs.-Hdt. no sul do Brasil manteve por mais tempo a estabilidade funcional de ambas as variedades. A estabilidade estrutural foi descrita no capítulo sobre coineização (2.2). Uma provável motivação para a manutenção da *diglossia* aqui é a formação tardia de um estado-nação brasileiro dentro do modelo categórico-demarcativo. Até a República (1889), o português não preencheu os espaços do seu território, povoados, como era o caso das comunidades de imigração, ou não. Com o fim do império, cresceu também a exposição do Hrs. e do Hdt. às influências do português e a fatores históricos como o processo de repressão instaurado pelo Estado-Novo (1937-1945). O seguinte comunicado publicado pelo jornal *Kolonie* em 1941 expressa o momento e as implicações das ações desse período, dentre as quais a proibição de línguas estrangeiras, o que afetou, sobretudo, a circulação da escrita na variedade StDt. :

É este o último número da nossa folha, em que se aplica a língua alemã. Sabem os nossos leitores que, por ordem do Governo Federal, não podem ser publicados no Brasil jornais ou revistas em línguas estrangeiras, de 31 de agosto em diante.

³⁹Taedelman (2010) chega a sugerir, em analogia a Schirmunski, variantes terciárias utilizadas nos novos dialetos regionais (cf. *Neuer Substandard*, de Bellmann, 1983). Essas variantes teriam como característica, entre outros aspectos, um traço presente em uma área relativamente ampla, alta estabilidade, pouca lealdade local (*Ortsloyalität*) e difícil de suprimir.

Com essa medida – de resto única no mundo inteiro – finda-se a existência secular da imprensa teuto-brasileira a mais antiga e também mais numerosa imprensa em língua estrangeira que se publicou no Brasil, embora a imigração germânica não prevalecesse pelo número (KIPPER, 1979, p. 23)

Essas lacunas permitiram que se usasse a variedade standard nos mecanismos de suporte institucional, como escola e imprensa, e, até o Estado Novo (1937-1945), a diglossia. Nesse sentido, quando se escrevia, se escrevia em Hochdeutsch, quando se falava, se falava em Hrs.

Ferguson (1971, p. 17) faz uma distinção relevante entre situações de *diglossia*. A variedade standard não é usada na comunidade diglósica com função coloquial, pois poderia soar pedante e desleal (*disloyal*). Na Alemanha, hoje, essa distinção não é mais tão relevante, pois a variedade standard regional (*Regiolekte*) atingiu tanto o uso da imediatez, quanto da distância (KOCH & OESTERREICHER, 2013).

É possível encontrar, na paisagem linguística de cemitérios, vestígios do uso escrito do alemão standard (BUNSE, 1980). A alfabetização em alemão não esteve restrita a uma elite durante a imigração. A escola comunitária desempenhou o papel de difundir a escrita entre os imigrantes alemães. Mesmo no início, entre aqueles vindos diretamente da Alemanha, grande parte detinha algum recurso e era alfabetizada (HUNSCHE, 1975; 1977).

Taedelman (2010) formula hipóteses sobre a estabilidade da língua standard que podem ser correlacionadas também à diglossia Hrs.-Hdt.: (1) *quanto maior o valor simbólico (social, geográfico ou étnico) da variedade standard para um grupo específico, menor será a variação, ou seja, mais limitada*. O Hdt. era mais saliente aos informantes, pois era utilizado em funções mais especializadas, por padres e professores, embora estivesse, em alguma medida, na competência dos falantes em geral; (2) *quanto maior o controle normativo sobre a/da variedade standard, mais estável e homogênea ela será*. Pelo número de escolas e alunos em 1938, estimamos que o controle normativo era significativamente alto.

É necessário ressaltar que o próprio Hrs. integrou em sua *coiné* elementos mais próximos da variedade standard, como argumenta Altenhofen através dos critérios de *seleção* de variantes (ALTENHOFEN, 1996, p. 25-26). Entre as variáveis disponíveis

desde a matriz de origem, optou-se, p. ex., pela variante francônio-renana *trock-*, *truck-* em detrimento das variantes francônio-moselanas *treu-*, *trei-*, *dreug-*, *drüg-*, *dreu-*, *drech-*. Outro tipo de seleção concomitante ocorreu entre variantes funcionalizadas social- e estilisticamente, cujos pares *das/dat* e *was/wat* são representativos. As variantes francônio-renanas (*trock-*, *das*, *was*) além de circunscreverem um espaço maior na matriz de origem, são linguisticamente mais próximas do eixo standard. Esse também pode ser um dos motivos pelo qual se registrou mais variantes do tipo francônio-renano nas entrevistas do ALMA-H. Os critérios de seleção sugerem a presença do traço *saliência* em variantes [+Hdt.] (*trock-* e *truck-* são mais salientes) na percepção dos falantes.

Os gaúchos, representantes da variedade regional do português, detinham um prestígio frente às comunidades de alemães (ROCHE, 1969, p. 658). Porém, o português veio a substituir o alemão standard de forma sistemática, após o fim do império com o desenvolvimento dos meios de comunicação, multiplicação dos contatos entre as diferentes etnias e instalação de novas colônias no Planalto riograndense em meio à zona luso-brasileira (ROCHE, 1969, p. 654). Antes disso, sua influência era limitada a empréstimos linguísticos e culturais⁴⁰. Nas colônias com núcleos semi-urbanos, com escolas, igrejas e uma vida social relativamente rica em contatos desde cedo, o português ‘oficial’ (standard) ocupou espaço e foi adotado pelos descendentes de imigrantes (WILLEMS, 1940, p. 188; ROCHE, 1969, p. 658). Altenhofen (*apud* AMMON, 2015, p. 377) exemplifica a substituição da língua-teto pelo eixo da *diacronia*: enquanto a geração mais velha (GII) encontra mais facilidade na leitura em Hdt. e menos em português, a geração mais nova (GI), pelo contrário, lê com maior facilidade em português e mais dificuldade em Hdt.

A mudança da língua-teto recai sobre duas condições: (1) relação intravarietal Hrs.-Hdt. estabelecida por oposições estruturais (*Deutsch/Deitsch*, *das/dat*) que convergem ou divergem conforme a localização geográfica e (2) relação intervietal das variedades alemãs com o português. O Hrs. e o Hdt., como variedades de imigração, cederam espaço considerável ao português após as políticas de proibição do Estado-Novo, cujo efeito, porém, não pode ser visto como absoluto ou definitivo. Essa reconfiguração do contínuo linguístico tem, sem dúvida, repercussões sobre a competência de fala em Hdt. a qual estamos investigando.

⁴⁰ Ver hipótese do *prestígio triplo* (WILLEMS, 1940).

2.4 Territorialidades do Hunsrückisch e do Hochdeutsch

Se a substituição da língua-teto Hdt. pelo português sofreu uma aceleração nas últimas décadas seria de esperada uma redução no grau de competência em Hdt. Mas há ainda um ponto relativo ao uso de Hrs. e Hdt. que fomenta de certo modo essa competência e que tem a ver com seu uso ou probabilidade de uso em determinadas territorialidades. Vejamos.

Escola

As escolas significaram o principal agente de manutenção da língua (ROCHE, 1969, p. 664) juntamente com a religião (RAMBO, 1994). Conservando a língua, essas instituições foram centrais para a manutenção da noção de germanidade (*Deutschtum*)⁴¹. Sua localização no tempo e no espaço permite que, de alguma forma, possamos compreender os processos de territorialização necessários para tratar do tema de pesquisa. Altenhofen (1996, p. 62) chama atenção para a escola e seu papel como um dos fundamentos da vida comunitária, uma vez que a variedade standard do português estava ausente até o séc. XX dessas comunidades relativamente homogêneas (ROCHE, 1969, p. 667). O modo de colonização e reprodução dessas instituições influencia na coloração dialetal do território (*ibid.* p. 62). Giddens (1984) elucida o conceito de “região”, da seguinte maneira:

Regiões de grande extensão são aquelas que se dilatam amplamente no espaço e profundamente no tempo. É claro, a interseção de “extensões” de espaço e tempo pode variar, mas as regiões de considerável extensão tendem necessariamente a depender de um alto grau de **institucionalização** (grifo nosso) (GIDDENS, 1984, p. 143).

Nesse sentido, mesmo não estando totalmente dilatadas – mas em contato com outras línguas como o italiano – as territorialidades hunsriqueanas dependem de instituições como a *escola* e a *igreja*. Os próprios falantes carregam na memória o fato de estar, entre as

⁴¹ *Deutschtum* caracteriza-se por ser um conceito amplo que envolve o sentimento de pertencimento e identidade germânica, bem como traços culturais, inclusive a língua e históricos. Nas palavras de Seyferth (2000, p. 166), “a noção de germanidade implícita na palavra *Deutschtum*, tal como empregada nos meios teuto-brasileiros até a década 1930, por exemplo, estabelece que a nacionalidade alemã é herdada através do sangue e perpetuada, em qualquer lugar do mundo, pela cultura, língua e costumes alemães”. Para Roche (1969, 644), os responsáveis pelo *Deutschtum* foram os Brummers (a partir de 1850), os quais contribuíram para a fundação de associações a títulos diversos.

primeiras edificações em uma comunidade teuto-brasileira, a fundação de uma escola. Ou ainda, que na falta de professores, os próprios colonos – aqueles liberados do trabalho rural – assumiam as aulas. Evidentemente, diante das dificuldades reais que a história atesta, esse tipo de afirmação soa bastante idealizado. Isso não tira, porém, seu valor subjetivo para as relações sociais na comunidade. A necessidade de centralizar as diversas igrejas luteranas e a criação da IECLB (*Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*) é um exemplo dessa institucionalização no espaço. A escola é um dos meios pelos quais variedades heterogêneas podem ter convergido para territorialidades únicas (ALTENHOFEN, 1996, p. 65).

As comunidades alemãs tinham como característica construir logo no seu início a escola. Essa passava a ser usada também como templo (*escola-capela*). Assim, a escola acumulava os papéis cultural e religioso (RAMBO, 1994). A evolução da escola teuto-brasileira acompanha, assim, os processos de territorialização da língua e pela língua:

“Acompanhando agora a evolução das escolas alemãs nos quatro períodos, com um pouco mais de atenção, pode ser comparada com a construção de uma casa. O período que vai de 1824-1850, com seu pequeno número de escolas de emergência, pode ser equiparado à escavação dos fundamentos de uma casa. O segundo, que vai de 1850-1875, assemelha-se à colocação dos fundamentos e ao surgimento dos muros de dentro da terra. O terceiro e o quarto períodos, que vão de 1875-1900-1924, correspondem à conclusão da obra. A missão dos próximos anos será a decoração interna do edifício” (*Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul*, 1924, p. 414 *apud* RAMBO, 1994, p. 24).

Rambo (1994) divide as regiões de colonização em três grandes áreas: regiões de colonização *antiga*, *média* e *nova*. Localidades na região de colonização antiga com mais escolas naquele período, segundo o autor, eram Dois Irmãos e Bom Princípio, ambas com 16 escolas. Dois Irmãos chegou a ter 666 alunos em 1920. Na região de colonização média, o número é ainda mais expressivo: 24 escolas naquele ano. Por fim, na região de colonização nova, o número era expressivo em Não-me-toque, 21 escolas, e em Serro Azul (hoje, Cerro Largo), 16. O quadro abaixo resume o número de escolas e alunos naquele período nas três regiões:

Tab. 02 – Número de escolas, nas regiões de colonização alemã, no Rio Grande do Sul, por volta de 1922.

Resumo Geral

REGIÃO COLONIAL	ESCOLAS				ALUNOS EM 1920
	Nº	%	Nº	%	MÉDIA POR ESCOLA
Região Colonial Antiga	102	36	4601	39	45
Região Colonial Média	118	42	4675	40	40
Região Colonial Nova	63	22	2625	21	42
TOTAL	283	100	11.901	100	42

(FAMILIENFREUND,1922,p.88-99)

Fonte: Familienfreund (1922, p. 88-89 *apud* Rambo 1994, p. 59)

Outra territorialidade que não está incluída no quadro se refere aos falantes de Santa Catarina – provavelmente do leste-catarinense. Fausel (1959, p. 20) aponta que esses teriam trazido elementos culturais mais elevados que os hunsriqueanos do Rio Grande do Sul. É possível que se refira aos imigrantes falantes de variedades do norte da Alemanha que, por sua vez, não teriam “misturado” tantos elementos linguísticos quanto os grupos de variedades mais do centro-sul. Portanto, eles teriam preservado uma variedade do Hdt. mais culta junto ao pomerando do que a falada no Rio Grande do Sul, onde predomina o Hrs. “mais dialetal”.

O ensino representa, sem dúvida, um fator determinante para a competência de falantes de alemão desde o início da imigração. De 1824 a 1850, contudo, são os primeiros anos da colonização, quando as necessidades são mais materiais. As sociedades são consequência da prosperidade dos comerciantes e da intensificação da germanidade (*Deutschtum*) empreendida pelos *Brummer*. Enfim, como observa Rambo (1994, p. 41), “na mesma cadência em que se fundavam novos núcleos coloniais, criavam-se também as escolas”⁴².

⁴² As 10 escolas de 1850 passaram, em 1920, para 283 com um total de 11.901 alunos, conforme a relação publicada no almanaque Familienfreund (1922, p. 88-99 *apud* RAMBO, 1994, p. 41).

Religião

Fatores demográficos podem coincidir com fatores linguísticos, com a vantagem de revelar sob quais condições a mudança linguística, seja por inovação ou conservação, pode vir a ocorrer (THUN, 2000). Conhecer as condições, de cunho histórico ou cultural, correlacionadas ao uso de uma variante no espaço macroanalítico tornou-se parte das tarefas da Dialetoologia Pluridimensional⁴³. Nesse contexto, procuramos explorar o fator “religião” para a conservação de áreas ou territorialidades que já foram em alguma medida evidenciadas acima, sobre as escolas. A religião surge como fator relevante, porque correlaciona ao mesmo tempo práticas de leitura e escrita que incidem sobre a identidade dos falantes e que na comparação entre católicos e evangélicos luteranos podem explicar diferenças nos dados analisados.

Vale salientar que a organização inicial das comunidades de imigração tinha como prioridades atender práticas e necessidades religiosas, promovidas pela construção de capelas, o funcionamento de escolas e cemitérios desde cedo (RAMBO, 2013, p. 120). Duas confissões religiosas se sobressaíram no decorrer da imigração, cujas contribuições para os processos de territorialização do hunsriqueano e, em certa medida, para conservação de práticas sociais com uso da língua alemã Hdt. foram vitais: a católica e a luterana. Para fins de pesquisa da variação linguística, em que é preciso tipologizar um determinado comportamento linguístico, não cabe detalhar diferentes subdivisões em ambos os grupos. Para os objetivos deste estudo, é mais eficaz ater-se a essa relação binária, como princípio ordenador (cf. RADTKE & THUN, 1996; THUN, 1998).

Costuma-se reconhecer, de certo modo mais saliente entre os luteranos, um prestígio da variedade escrita, que no entanto, não é exclusivo dessas comunidades, pois Lutero defendia o acesso à escrita independentemente de credo:

Para os luteranos a educação era um fator importante para a manutenção da religião, pois o princípio da crença está na leitura da Bíblia, por isso “era uma questão de urgência, pois, sem educação, a confissão luterana estaria ameaçada. Não seria possível permanecer na fé luterana sem uma escolaridade mínima, que permitisse ler a Bíblia,

⁴³ Thun ilustra essa relação ao analisar o conhecimento do italianismo *crepar* ‘morrer’, no Uruguai. Os informantes com sobrenomes de ascendência italiana apresentavam os maiores conhecimentos do respectivo italianismo.

o catecismo menor de Lutero e o Hinário” (KLUG, 2011, p. 243 *apud* SCHMITT & PADOIN, 2014, p. 257).

Inicialmente, até 1850, as colônias não contavam com o respectivo suporte de suas igrejas. Padres jesuítas e pastores chegaram às colônias velhas a partir da segunda metade do séc. XIX, concomitante com o aumento da imigração e surgimento das sociedades a que nos referimos mais acima. A paróquia de São Miguel, em Dois Irmãos (RS02), por exemplo, é fundada em 1826 (RAMBO, 2013) e dela partem contingentes de colonos alemães para outras cidades. Anteriormente, membros da comunidade que não eram religiosos exerciam a função de pastor ou padre nos rituais. O grau mais elevado de standardização em parte das colônias velhas e novas (dimensão diatópica), pode, portanto, estar atrelado ao suporte religioso de ambas as confissões (dimensão diarreligiosa), tanto católica quanto luterana (cf. DREHER, 1998; 2002).

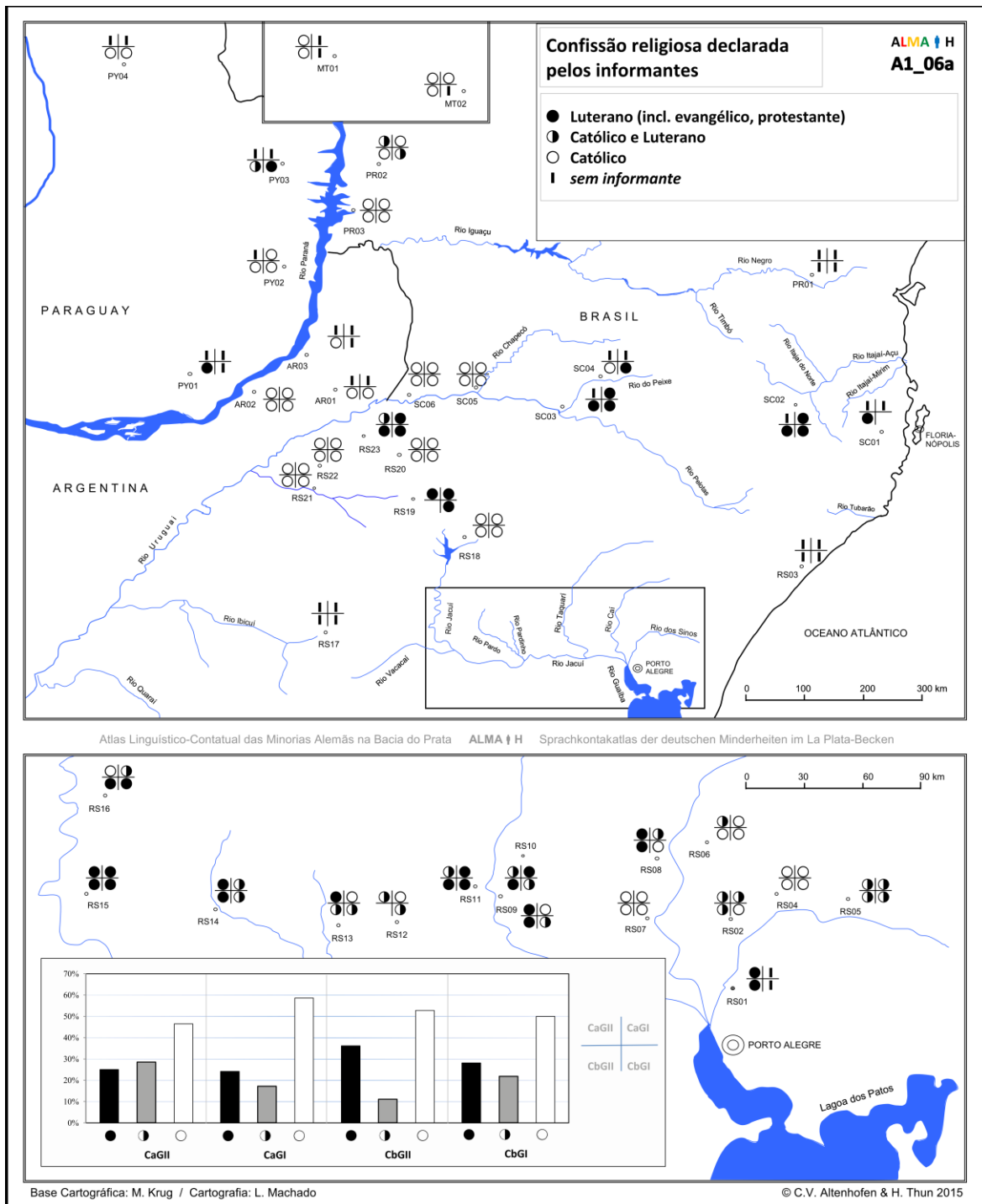
A partir de estudos sobre o vocabulário dos teuto-brasileiros, vários autores, como Willems (1940; 1980 [1946]) e Fausel (1959a; 1959b), passam a dar atenção aos empréstimos do português como indicador de níveis de assimilação/adaptação ao novo meio brasileiro. Spinassé (2008) argumenta para a integração ao novo meio a partir de empréstimos linguísticos. Registra-se, contudo, uma quantidade muito menor de termos eclesiásticos incorporados. Uma hipótese dos autores é que a vida religiosa ficou por muito tempo isolada do meio brasileiro, além de funcionar como fator de coesão dessas comunidades.

A escola, no primórdio da imigração, é autônoma em relação à matriz de origem e modesta quanto aos seus recursos. Sua organização está ligada às comunidades religiosas, escolas protestantes e escolas católicas, pois essas eram mantidas pela própria comunidade em geral (KREUTZ, 2000). Em escolas confessionais, os pastores e padres eram os responsáveis pelos primeiros anos de ensino (ROCHE, 1969, p. 665). Sobre os protestantes e católicos alemães, Willems (1980) declara: “o Credo religioso determina, dentro da sociedade alemã, concepções filosóficas, normas de comportamento e atitudes que associam, de diversos modos, outros complexos culturais à religião propriamente dita”. Porquanto, um desses complexos culturais associados pode ser a língua, como no caso de missas e grupos de oração em alemão (ex. Ivoti e Dois Irmãos).

Para confirmar essa hipótese, fizemos uma primeira apreciação dos dados disponíveis. Observamos 1) a religião autodeclarada pelos falantes entrevistados pelo ALMA-H e, em seguida, 2) a correlação do grau de standardização do hunsriqueano com a

religião, tomando por base o mapa seguinte, que cartografa a confissão religiosa dos informantes do ALMA-H, nas 128 entrevistas realizadas.

Fig.10 – Confissão religiosa dos informantes do ALMA-H, nas 128 entrevistas realizadas.



Fonte: ALMA-H.

O mapa da fig. 10 indica um predomínio de católicos no território abrangido pela rede de pontos do ALMA-H. Os informantes que declararam ser luteranos ocupam na área oeste das colônias velhas, colonizada por imigrantes posteriores, vindos depois de 1850

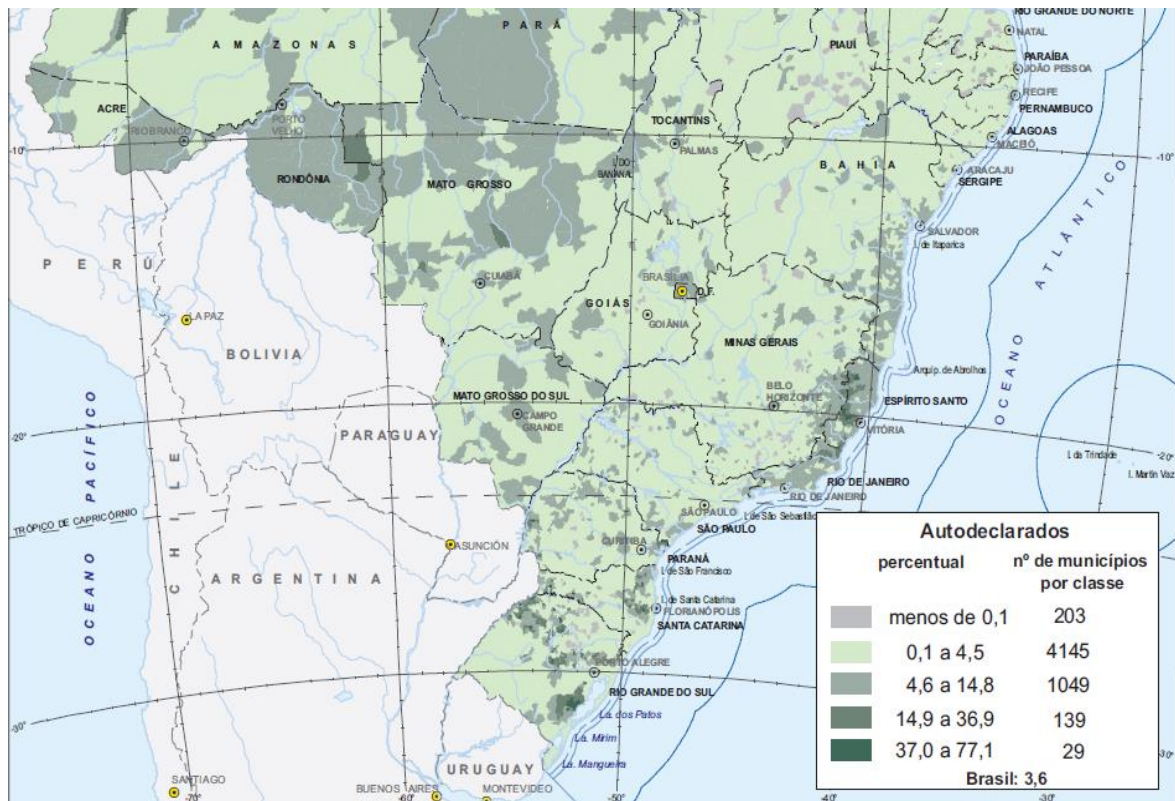
(RS16, RS15, RS14). Outros pontos predominantemente luteranos são RS19, RS23 e PY01, além dos informantes do hunsriqueano leste-catarinense (*Ost-Catarinenser Hunsrückisch*), cujos pontos são SC01 e SC02. Entre as localidades com maioria de informantes católicos estão RS07 (Harmonia, 1856), RS06 (Nova Petrópolis, 1858) e RS04 (Santa Maria do Herval, 1835) nas colônias velhas e Cerro Largo (RS21), Santo Cristo (RS22) e São José do Inhacorá (RS23) nas colônias novas. Cabe lembrar que o Estado brasileiro, durante o Império, é oficialmente católico e se encontra sob o regime de padroado, o que torna a religião luterana marginal até praticamente a República.

Em 1849, chegaram os primeiros padres jesuítas à região de colonização alemã. Com eles, houve uma melhora na qualificação dos professores (RAMBO, 1994, p. 29-30). A participação de padres jesuítas na constituição de comunidades católicas homogêneas está atestada pela participação de padres como Max von Lassberg, que foi responsável pela criação de Cerro Largo (RS21), São Carlos (SC05), Itapiranga (SC06) e Puerto Rico (PY02).

Apesar da maioria católica nas entrevistas do ALMA-H, entre os imigrantes, contudo, se costuma afirmar o inverso. Rambo (2013, p. 66) estima que um corte médio da população de imigrantes é de 54% para protestantes e 46% para católicos (ver também ROCHE, 1969, p. 671). Segundo Dreher (2002, p. 124) estipula um percentual de 60% de imigrantes alemães protestantes. Nesse sentido, o censo do IBGE (2010) sobre a atual distribuição das religiões assinala a presença de luteranos não apenas em zonas restritas, como se pode verificar no mapa anterior, mas em extensão territorial como mostra o seguinte mapa da população brasileira autodeclarada evangélica de missão⁴⁴.

⁴⁴*Confissão evangélica de missão* corresponde às igrejas luterana, batista, entre outras.

Fig. 11 – Mapa da população brasileira autodeclarada “evangélica de missão”.



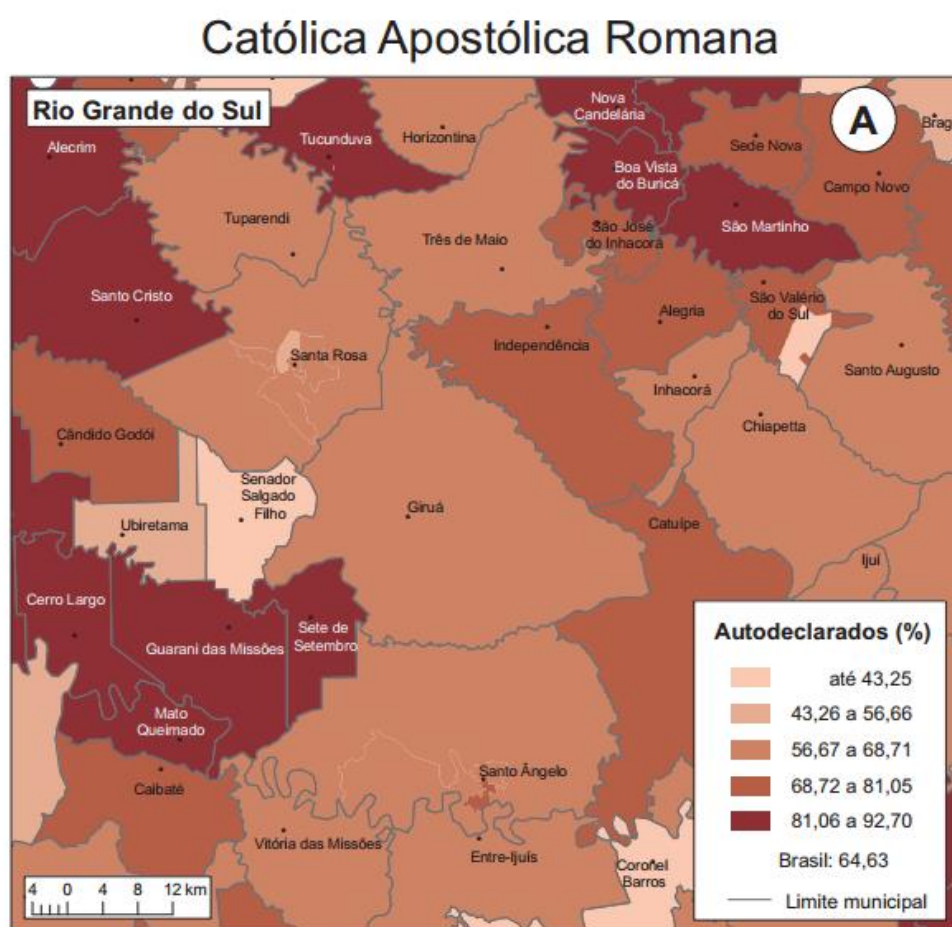
Fonte: IBGE – Atlas do Censo Demográfico (2010)

Além dos territórios presentes na rede de pontos do ALMA-H, verificamos a existência de luteranos, possivelmente falantes de variedades do alemão, no entorno de Pelotas (São Lourenço e Canguçu), no Espírito Santo (Santa Maria do Jetibá) com traços de ampliação para Minas Gerais, sul da Bahia e Rio de Janeiro e São Paulo, e ainda Norte do Brasil, especialmente junto ao município de Espigão do Oeste, em Rondônia. No centro do país (ex. São Paulo e Rio de Janeiro) a imigração de europeus iniciada a partir de 1852 tinha como objetivo substituir o trabalho escravo, sobretudo em plantações de café. Diferentemente do Sul do Brasil, onde os imigrantes receberam pequenas propriedades (colônias) para ocupar, no centro do país eles estabeleceram-se sob o sistema de parceria (ALVES, 2006, p. 14).

Uma seguinte relação possível entre a dimensão diarreligiosa e os graus de standardização da variedade hunsriqueana diz respeito ao modelo de territorialização dessa variedade que migra das colônias velhas para as colônias novas. Quando se trata de colônias confessionalmente mais homogêneas elas são fundadas por empresas ou colonizadores particulares. Entre as luteranas, Rambo cita Teutônia (RS09) e refere

Tupandi, Bom Princípio e Posso das Antas como sendo de predominância do catolicismo. Por outro lado, a faixa central do estado, segundo o pesquisador, é ocupada por colônias de confissões mistas. Nas colônias novas, encontramos novamente colônias mais homogêneas. Entre as colônias católicas, estão Cerro Largo (RS21) e Santo Cristo (RS22). Não temos informações de dados historiográficos de colônias luteranas nessa região, embora nosso primeiro mapa tenha mostrado maioria de informantes luteranos em Selbach (RS18) e Horizontina (RS23). Tal afirmação é corroborada pelo mapa do IBGE a seguir, relativo à população autodeclarada católica nessa área.

Fig. 12 – População autodeclarada católica em pontos das colônias novas



Fonte: IBGE – Atlas do Censo Demográfico (2010).

A relação da dimensão *diatópica* com a dimensão *diarreligiosa* contribui para nossa análise, na medida em que indica 1) como as variedades linguísticas do tipo Deutsch e Deitsch constituíram territorialidades nas colônias velhas e novas e 2) em que medida

ocorreu o contato entre variedades do alemão em processos de reterritorialização (colônias novas).

Além das escolas, as sociedades recreativas, como as de canto, que muitas vezes estiveram vinculadas a um determinado grupo religioso, isto é, foram frequentadas por católicos ou luteranos. Essas sociedades constituíram territorialidades *pour excellence* de uso da variedade standard (por exemplo, em atas e reuniões) e do próprio substandard (por exemplo, na interação em um jogo de cartas como o *Schafkopf*). A sociedade, junto com a igreja e o cemitério, formava um complexo de territorialidades interligadas pela religião. Muitos cemitérios conservam até hoje um número expressivo de lápides com inscrições em alemão standard. Como exemplifica o estudo de Tavares de Barros (2014), no ponto MT01 do ALMA-H (Porto dos Gaúchos), pode-se identificar territorialidades dos grupos étnicos e religiosos no mapeamento dos próprios cemitérios, reunindo informações sobre a origem e interação étnica e religiosa entre os diferentes membros da comunidade.

2.5 O *Hunsrückisch* na família e o alemão standard da escola

Antes de concluir este capítulo sobre o contexto de pesquisa, cabe fazer um registro sobre as mudanças observadas, nas viagens de campo do ALMA-H, em relação ao standard e substandard do alemão. Observa-se uma mudança de uma relação centrípeta (de fora para dentro) para uma relação centrífuga (de dentro para fora). Essa mudança se dá de um estado de Hrs.-Hdt. – mantido pelo suporte institucional da igreja e da imprensa de língua alemã, no passado –, passa por uma situação de transição caracterizada pela substituição da língua-teto Hdt. pelo Pt. (cf. ALTENHOFEN, 2016, no prelo) e, por fim, muda, em muitos casos, seu foco para a uma situação de reposição do standard por meio do ensino na escola. Porém, essa relação Hrs.-StDt. não possui o mesmo suporte institucional e identificação local que havia no passado, embora disponha de outra constelação de recursos (por exemplo, internet e intercâmbio) e mobilidade (por exemplo, viagem ao exterior). Essa mudança de uma diglossia Hrs.-Hdt. para uma complementação Hrs.-StDt. diferencia-se na sua relação com a identidade local, na medida em que a primeira, como dissemos, estava voltada para dentro, e a segunda se orienta para fora, seguindo outros paradigmas. Não se trata de fazer um julgamento do que é melhor ou pior. O fato é que se

tem muito a aprender de ambas as orientações. A nós parece que a primeira (Hrs.-Hdt), como os dados poderão mostrar, possui maior substância e identidade, e é por isso mais sólida e resistente ao tempo, além de atingir uma coletividade maior. A segunda tendência (Hrs.-StDt.) atinge um contingente de famílias específico, normalmente de condição mais privilegiada. Nela, as chances de sobrevivência do Hrs. são mais restritas, sendo sua perda uma consequência inevitável.

Há, enfim, como alternativa contemporânea à segunda orientação (Hrs.-StDt.), sinais de revitalização do Hrs. por todos os lados que podem restabelecer a orientação diglósica Hrs.-Hdt, presente no passado e ainda hoje, em alguma medida, em muitas comunidades visitadas pelo ALMA-H (ex. Nova Petrópolis). Essas comunidades serão, por isso em grande parte, revisitadas em um novo projeto, a se iniciar em 2016, do *Inventário do Hunsrückisch (hunsriqueano) como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI)*, coordenado por Cléo V. Altenhofen (orientador desta Dissertação) e Rosângela Morello, em uma parceria entre ALMA-H e IPOL. O presente estudo pode contribuir com este projeto, na medida em que identifica ou diagnostica, por meio do mapeamento das competências de fala em Hdt, a vitalidade linguística dessas comunidades e seu potencial de revitalização da língua alemã, seja para identificar uma necessidade de intervenção mais urgente, ou para adequar e ampliar o potencial de ações de promoção do plurilinguismo em Hrs.-Hdt.-Pt. Esse trabalho, sem dúvida, tem de contemplar a relação entre família e escola, propondo uma parceria de complementaridade entre a língua da família (Hrs.) e a língua da escola (StDt.) (cf. ALTENHOFEN, 2013a).

- CAPÍTULO 3 -
METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Base de dados e metodologia do ALMA-H

A base de dados do ALMA-H conta com um banco de dados já consolidado. Os dados abrangem a rede de pontos como um todo e, por isso, fornecem uma visão macroareal do Hrs. falado⁴⁵ no Sul e parte do Norte de Mato Grosso no Brasil, da Argentina e do Paraguay. A Base de dados, bem como a rede de pontos e os instrumentos de coleta dos dados (v. Quadro 1) - projetados por Cléo V. Altenhofen e Harald Thun – foram concebidos de acordo com os pressupostos da dialetologia pluridimensional,.

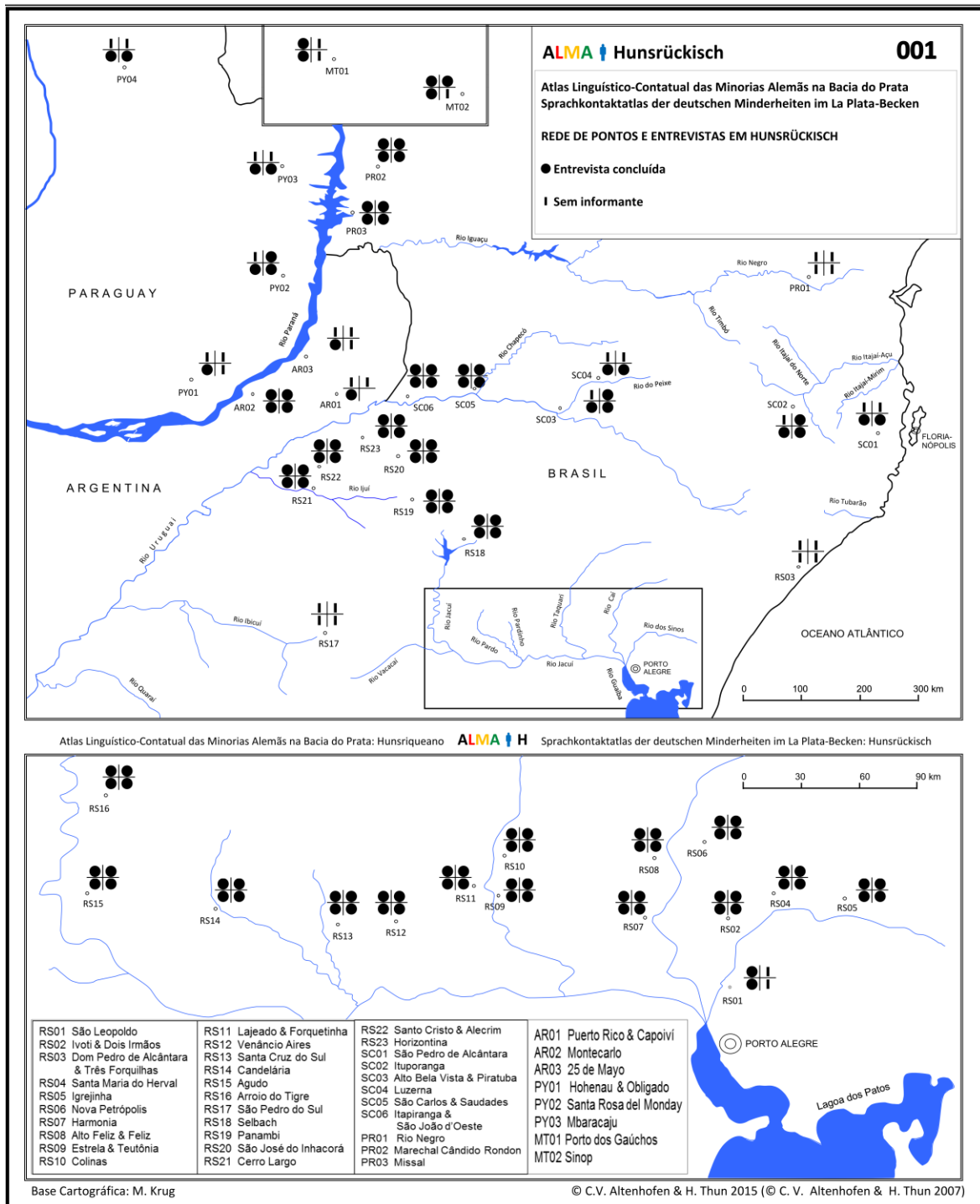
A presente pesquisa considerou as dimensões diatópica, diageracional e diastrática. Nas subseções abaixo, buscamos elucidar o papel desses três âmbitos para a análise dos dados. Nosso trabalho, enfim, buscou adequar o limite da dissertação de mestrado com as possibilidades que a dialetologia pluridimensional desenvolve na tentativa de apreender o contato entre variedades standard e substandard cada vez mais presente nas sociedades modernas. Em outras palavras, por tratar-se ainda de uma das disciplinas mais empírica dentre as disciplinas linguísticas descritivas, a geolingüística não poderia deixar de abarcar o contato standard-substandard da realidade linguística, sob o risco de retroceder ao *modus operandi* da dialetologia tradicional, como afirma THUN (1996, p. 26-27).

3.1.1 Rede de pontos do ALMA-H: dimensão diatópica

Um dos âmbitos que recebe a atenção renovada da dialetologia pluridimensional é a dimensão diatópica. A rede de pontos da presente pesquisa coincide com o espaço macroareal pesquisado pelo Projeto ALMA-H, totalizando 41 pontos de pesquisa:

⁴⁵ Dados escritos em Hdt. são analisados pelo subprojeto ALMA-Histórico, cujos coordenadores (Altenhofen e Joachim Steffen) coletaram um acervo significativo de cartas escritas por imigrantes alemães tanto em português quanto em alemão e onde é possível encontrar marcas substandard das respectivas línguas.

Fig. 13 – Rede de pontos do ALMA-H.



Fonte: ALMA-H.

Movimentos demográficos, como o deslocamento das colônias velhas para as novas (cerca de 1890), modificaram a dinâmica do Hrs. que compõe a rede de pontos. Seu pano de fundo é composto por subáreas distintas que variam em relação não apenas ao eixo espacial, mas temporal. Considerando os processos de *territorialização horizontal*

(ALTENHOFEN, 2014, p. 80) a partir de Sul do Brasil, podemos entrever de modo bastante geral as seguintes subáreas:

Tab. 03: Subáreas na rede de pontos do Projeto ALMA-H.

	Territorialidade / área	Época de fundação	Pontos
I	Colônias Velhas pioneiras	1824-1835	RS01-RS08
II	Colônias Velhas posteriores	1850-1890	RS09-RS17
III	Colônias Novas e Missiones na Argentina	1890-1920	RS18-RS23
IV	Colônias no oeste de Santa Catarina e Paraná	1920-1960	SC, PR
V	Colônias recentes no norte do Brasil e Paraguai	1900-1970	MT, PY

Fonte: ALMA-H

Essas subáreas passaram a integrar os fatores de nossa análise cartográfica. Desse modo, procuramos comparar essas regiões à luz das dimensões diastrática e diageracional na análise do capítulo 4, como veremos a seguir.

3.1.2 Entrevistas: dimensões diageracional e diastrática

Ao invés de um único informante (preferência na dialetologia tradicional), a metodologia pluridimensional considera duas dimensões interindividuais de cunho sócio-demográfico (THUN, 2010): a dimensão diageracional e diastrática. Os parâmetros que balizam essas duas dimensões são a faixa etária (mais velhos [GII] vs. mais jovens [GI]) e escolaridade (mais escolarizados [Ca] vs. menos escolarizados [Cb]). Na representação cartográfica, cujo modelo é seguido pela trilogia rio-platense de atlas pluridimensionais⁴⁶, optou-se pela disposição dos perfis dos entrevistados em forma de cruz:

⁴⁶ Thun é corresponsável pelos *Atlas Lingüístico y Diastrático do Uruguai (ADDU)*, do *Atlas lingüístico Guarani no Paraguay (ALGR)*, além do *Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemães na Bacia do Prata-Hunsrückisch (ALMA-H)*.

Quadro 03: Cruz com perfil de falantes entrevistados pelo ALMA-H

<p>CaGII</p> <p>a) um homem e uma mulher acima de 55 anos,</p> <p>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</p> <p>c) com escolaridade superior e ocupação profissional livre/autônoma</p>	<p>CaGI</p> <p>a) um jovem e uma jovem de 18 a 36 anos,</p> <p>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</p> <p>c) com escolaridade superior e ocupação profissional livre/autônoma</p>
<p>CbGII</p> <p>a) um homem e uma mulher acima de 55 anos,</p> <p>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</p> <p>c) com escolaridade básica (analfabeto até 2º grau incompleto) e ocupação profissional agricultor ou empregado que <u>não</u> exija o uso da escrita</p>	<p>CbGI</p> <p>a) um jovem e uma jovem de 18 a 36 anos,</p> <p>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</p> <p>c) com escolaridade básica (analfabeto até 2º grau completo) e ocupação profissional agricultor ou empregado que <u>não</u> exija o uso da escrita</p>

Fonte: Projeto ALMA-H

Por outro lado, o número restrito de dimensões que consideramos neste estudo não impede que as abaixo sejam analisadas de modo complementar:

1. Dimensão *diarreferencial*: auxilia na complementação e interpretação dos dados, por meio da percepção dos falantes (p. ex.: comentários metalinguísticos, hipercorreções e anécdotas sobre a língua);
2. Dimensão *diarreligiosa*: toma como parâmetro a confissão religiosa, distinção entre católicos e luteranos.

Por fim, nosso estudo restringiu-se às seguintes dimensões de análise:

Quadro. 04: Resumo das dimensões analisadas.

Dimensão	Parâmetros	Critério
Diatópica	Topostático (informantes com domicílio fixo)	41 pontos de inquérito
Diageracional	GII (geração mais velha) GI (geração mais jovem)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos
Diastrática	Ca = classe socioculturalmente alta Cb = classe socioculturalmente baixa	Ca = com formação universitária parcial ou completa Cb = até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita

Fonte: ALMA-H

3.1.3 Instrumentos de coleta dos dados

Os dados foram coletados no âmbito do projeto ALMA-H em saídas de campo nas 41 localidades que configuram a rede de pontos. Utilizou-se um questionário base para a aplicação das entrevistas⁴⁷. A utilização de questionário padrão para o ALMA-H e para o ADDU (*Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*), bem como para o ALGR (*Atlas Lingüístico Guaraní-Románico*) justifica-se pela vantagem de comparação futura entre os dados coletados. Os dados centrais desta dissertação integram a parte do **Capítulo III da gramática (Cgram III)**, no qual as frases são dadas em português para que o informante passe para o alemão-padrão.

A técnica da entrevista segue um princípio de três etapas: pergunta, insistência e sugestão. Primeiro o pesquisador **pergunta** e aguarda a resposta espontânea, em seguida **insiste** na pergunta para ampliar os dados espontâneos e, por fim, **sugere** novas variantes de uma lista de sugestões, a fim de registrar o conhecimento passivo de certas formas. Quando relevante para nosso estudo, procuramos distinguir as três etapas da entrevista.

As entrevistas seguem ainda o princípio da pluralidade de informantes, o qual prevê, ainda, que cada entrevista seja realizada em grupos, de preferência com participação de no mínimo um homem e uma mulher. Esse princípio favorece dados mais representativos, na medida em que os falantes podem convergir ou divergir em suas respostas. Outra vantagem é a rica produção de comentários metalingüísticos (dimensão diarreferencial).

⁴⁷ Vale considerar que (1) ao menos um dos pesquisadores são competentes em Hrs., visto que a entrevista transcorre na variedade dialetal e (2) há participação de pesquisadores alemães em parte da rede de pontos (Entrevistas em, p. ex., RS08, RS07, AR, PY, MT).

3.2 CgramIII: dados analisados

O capítulo do questionário trabalhado integra um total de **11 frases** (anexo, p. 166) retiradas de **122 entrevistas**, as quais resultaram em um total de **32 mapas**. Para a análise complementar da competência fonética dos falantes, foram selecionadas três variáveis do capítulo fonético (Cfon). Os procedimentos de análise compreendem os seguintes passos:

- 1) Seleção das variáveis;
- 2) Transcrição;
- 3) Definição dos objetivos, símbolos e legendas dos mapas;
- 4) Cartografia dos dados;
- 5) Análise e interpretação dos mapas;

A tabela abaixo indica as 14 variáveis analisadas, bem como as complementares (adaptado de LENZ, 2003, p. 65)⁴⁸:

Tab. 04: Variáveis fonéticas analisadas com localização no questionário.

Unidade do questionário	Objetivo da coleta	Variáveis fonéticas	Variantes (Mapa)
<i>Cgram III</i>	Competência standard	<p><i>mhd. ou</i></p> <p><i>mhd. iu</i></p> <p><i>mhd. a</i></p> <p><i>mhd. ei</i></p>	<p><u>a</u>uch ,também‘ (01a)</p> <p>D<u>e</u>utsch ,alemão‘ (01c)</p> <p>L<u>e</u>ute ,pessoas‘ (02c2)</p> <p>B<u>ä</u>ume ,árvore‘ (07a)</p> <p>h<u>a</u>st ,ter 2. Pess. Sg.‘ (04a)</p> <p>h<u>a</u>be ,ter 1. Pess. Sg.‘ (04g2)</p> <p>h<u>a</u>t ,ter‘(06a)</p> <p>s<u>a</u>gte ,dizer 3. Pess. Pret‘ (08b[1])</p> <p>w<u>a</u>r ,ser 3. Pes(09b)</p> <p>T<u>a</u>g ‘dia’ (09f)</p> <p>h<u>e</u>isst ‘chamar 3. Pess. Sg’ (03a)</p> <p><u>E</u>ier ‘ovos’ (04c)</p>

⁴⁸ Nosso método de mediação da competência em Hdt. inspira-se em outros trabalhos. Pesquisas como Kehrein (2008), Macha (1991), Lausberg (1993) e, inclusive, Lenz (2003) fazem medições ainda mais aprofundadas da competência em relação ao contínuo *standard-substandard*.

		<p><i>Wgerm. s</i></p> <p><i>Wgerm. g</i></p> <p><i>Mhd. i</i></p> <p><i>/-en/</i></p> <p><i>/z/</i></p> <p><i>/d/</i></p> <p><i>/b/</i></p> <p><i>/y/</i></p> <p><i>/εɐ/</i></p> <p><i>/a/</i></p>	<p><u>e</u>ingeladen ,convidar‘ (06b)</p> <p>kann<u>st</u> ,poder 2. Pess. Sg‘ (01f)</p> <p>hast ,ter 2. Pess. Sg‘ (04a2)</p> <p>G<u>e</u>stern ,ontem‘ (09a)</p> <p>sagte ,dizer 3. Pess. Pret., (08b2)</p> <p>Tag ,dia‘ (09f)</p> <p>K<u>i</u>rche ,igreja‘ (02e2 e 02e3)</p> <p>n<u>i</u>cht ,não‘ (05a)</p> <p>ver<u>l</u>ieren ,perder‘ (07b)</p> <p>spre<u>ch</u>en ,falar‘ (01e)</p> <p>bl<u>e</u>iben ,ficar‘ (05c)</p> <p>s<u>i</u>nd ,ser 3. Pess. Sg‘ (02b)</p> <p>s<u>i</u>e ,ela‘ (08a)</p> <p><u>D</u>eutsch ,alemão‘ (01b)</p> <p><u>B</u>ierchen ,cervejinha‘ (06d)</p> <p>Bl<u>ä</u>tter ,folhas‘ (07d)</p> <p>fr<u>ü</u>her ,antigamente‘ (02a)</p> <p>sch<u>ö</u>ner ,mais bonito‘ (09e)</p> <p>m<u>e</u>hr ,mais‘ (02d)</p> <p>gebr<u>a</u>cht ,trazer Pret.‘ (04b)</p>
<i>Cfon</i>	Competência dialetal [+ tipo Deutsch/Deitsch]	<p><i>/a:/</i></p> <p><i>/aː/</i></p> <p><i>/i:/</i></p>	<p><i>Hahn</i> ‘galo’</p> <p><i>kleiner</i> ‘menor’</p> <p><i>verlieren</i> ‘perder’</p>

Fonte: ALMA-H

3.3 Cartografia pluridimensional dos dados

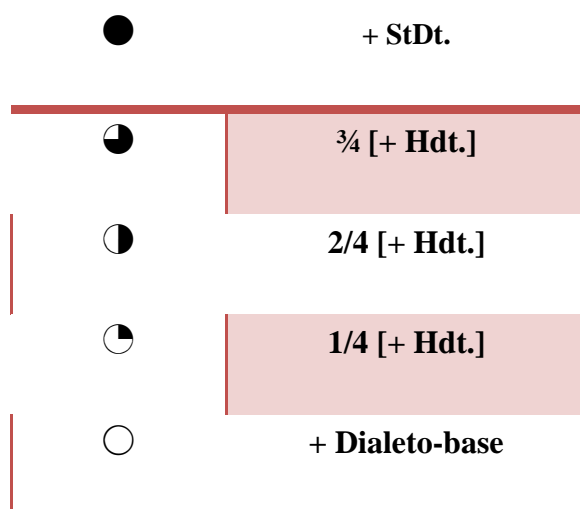
Após a seleção e transcrição do espectro de variantes iniciamos a produção de mapas. Para representar os dados utilizamos dois tipos de mapas que estão descritos no projeto ALMA-Cartografias (ALTENHOFEN, 2013):

Mapas pluridimensionais: medem a competência na variedade standard por meio de um mapa que representa a variação em mais de uma dimensão de análise. Esse tipo de mapa foi utilizado na análise por tipos de variáveis, uma vez que buscamos saber o comportamento dos falantes frente a conjuntos distintos de variáveis fonéticas e em dimensões.

Mapas sintéticos: os mapas sintéticos sintetizam um comportamento ou tendência no espaço pluridimensional. Nossa análise culminou com a produção de um mapa sintético de 20 variáveis previamente selecionadas, cujo resultado permitiu justamente visualizar macro-tendências em relação à competência dos falantes;

Quanto à representação cartográfica das variantes em níveis do contínuo standard-substandard, os símbolos estão associados a uma escala percentual que pode ser disposta na seguinte ordem:

Fig. 14: Escala de símbolos utilizados na cartografia.



Fonte: ALMA-H

A atribuição dos polos standard [●] ou dialeto-base [○] a determinada variante segue critérios estabelecidos pelo dicionário de pronúncia Duden (2000, *apud* LENZ, 2003) e estudos de Altenhofen (em especial, 1996), respectivamente. Para a análise quantitativa contabilizamos um ponto para cada ocorrência [● = + StDt.]. Nos grupos

onde há divergência nas respostas contabilizou-se apenas 0,5 pontos [● = + StDt.], uma vez que coexistem ambas variantes na resposta. Assim o símbolo [●], quando seguido de “var.”, indicará a variação dentro do grupo entrevistado (falantes discordam e enunciam variantes distintas).

Meio ponto (0,5) foi aplicado também às variantes [+/- Hdt.] (ex. [a:x] situa-se entre [a:ox] standard e [ɔ:x] dialetal). Assim, esse caso está representado por ● ou por ● e, eventualmente, por ●. Na sequência, do número total de ocorrências [+ StDt.] retiramos duas informações: (a) frequência de ocorrências [+ Hdt.] no eixo geográfico em cada uma das 41 localidades da rede de pontos (dimensão diatópica) e (b) frequência por grupos (CaGII, CaGI, CbGII e CbGI, dimensões diastrática e diageracional) que possibilitarão a produção do mapa sintético. Os pontos de corte no mapa para atribuição de símbolos foram estabelecidos a partir da média do número de acerto.

Cabe ainda salientar algumas adequações da cartografia a fenômenos da variação, como:

(1) A seleção das variáveis distingue fenômenos fonéticos que contrastam (1) variantes dialetais e variantes standard ([ɔɪ] vs. [aɪ] em *Deutsch*) e (2) fenômenos específicos da língua coloquial (apócope de [ə] em *habe*). Processos fonético-fonológicos de sonorização (p. ex.: [d̥ → d]) também são coloquiais. Todavia, em nosso estudo são relevantes, pois a reprodução de um padrão de desonorização (*fortis*) em início de palavra ou não, pode indicar a influência da escolarização, ensino de português ou alemão.

(2) Por fim, a quarta distinção corresponde às variantes “hipercorretas”. Segundo Lenz (2005, p. 246), esse grupo pode revelar a falta de conhecimento na variedade almejada. Vale, no entanto, analisar cada variante para ver se se trata realmente de uma hipercorreção. Por exemplo, a variável [ɔɪ] em *Bäume* ‘árvore’ possui duas variantes dialetais: [e:] e [aɪ], sendo que a variante ditongada “pode” representar uma hipercorreção⁴⁹ em nosso estudo. Contudo, pelas limitações temporais deste trabalho não foi possível adentrar nos detalhes fundamentais desses diferentes tipos de variantes no decorrer de nossa análise.

⁴⁹ Altenhofen (1996, mapas 37 e 39) descreve a variante ditongada como um processo motivado por contágio (*Kontaminierungsprozess*) em determinadas variedades do Hrs., já que no dialeto ambos os ditongos, [ɔɪ] e [aɪ], tornam-se [e:].

(3) Por fim, os símbolos “vazios”, i. e., *locus* não preenchidos no mapa, indicam que não houve resposta ou a mesma foi prejudicada, ainda que a entrevista tenha sido realizada.

3.4 Procedimentos de análise

Com base nas seguintes perguntas de pesquisa

- 1) Há uma área em que determinada variante se sobressai sobre a outra (dimensão diatópica)?,
- 2) Observa-se uma mudança em curso, na comparação da fala de GII para GI (dimensão diageracional)?
- 3) O uso de determinada variante é condicionado socialmente pela escolaridade e de maneira complementar pela confissão religiosa do falante (dimensão *diastrática* e *diarreligiosa*)?

procuramos analisar os mapas quanti e qualitativamente. A análise quantitativa é realizada pelo próprio *software* de cartografia baseado no Excel, o qual calcula as médias para os gráficos pizza que se encontram na parte inferior de cada mapa. Nossa análise teve o cuidado de conduzir o cálculo para o total de realizações possíveis, sem considerar pontos com ausência de dado ou em que o mesmo estivesse prejudicado, sob o risco de influenciar nos resultados finais. A parte qualitativa orientou-se pelas dimensões de análise, sendo que na dimensão *diatópica* consideramos os seguintes fatores sempre que relevantes:

1. Deutsch vs. Deitsch nas colônias velhas;
2. Deutsch vs. Deitsch nas colônias novas;
3. Colônias velhas vs. colônias novas;
4. Área lusófona vs. Hispanófona
5. Rio Grandenser Hrs. (Hrs.) vs. Ost catarinenser Hrs. (Hsc.)
6. Católicos vs. Evangélicos

3.5 Notação dos dados

Utilizou-se o *médio-alto alemão (Mhd.)* e o *germânico do oeste (Wgerm.)* como sistemas de referência. Esse último corresponde à matriz de origem do Hrs. (ALTENHOFEN, 1996, p. 102). O lema de cada mapa, no entanto traz a variável em sua grafia standard, ao passo que as variantes seguem as regras do IPA. Seguindo esse padrão de notação dos dados, será possível utilizar os mapas para estudos comparativos futuros, inclusive para o próprio ALMA-H.

- CAPÍTULO 4 -

ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Questões preliminares

A confiabilidade dos dados é uma preocupação que acompanhou as pesquisas interessadas não só na fala “espontânea”, mas também a variação da fala na norma standard (LENZ, 2003, p. 495-496). Em nosso estudo, em função das limitações de tempo e espaço em uma Dissertação de Mestrado, não será possível apreender a totalidade da fala livre ou da competência dos falantes. Como já foi dito, iremos nos restringir à análise da competência oral de uso do Hdt., tomando por base as traduções do português para o Hdt. das 11 frases que compõem a parte CgramIII do questionário do ALMA-H. Com isso, pretendemos uma aproximação à competência ativa na fala em Hdt., deixando para estudos futuros a competência em outras habilidades, como a leitura oral de um texto em alemão (*Vorlesetext*, parte Dleit-dt)⁵⁰ e a compreensão oral em Hdt., para a qual os dados coletados na aplicação das frases de Wenker (parte CgramI), em que se solicita tradução do alemão-standard para o Hrs., servem de subsídio. Para os aspectos perceptuais e atitudinais entre as marcas dialetais, do substandard, e da variedade Hdt. (dimensão *diafásica* e *diarreferencial*), serão feitas, onde forem possíveis, observações complementares, de ordem qualitativa. O mesmo vale para a dimensão diarreligiosa, porém como variável atrelada às demais dimensões, sobretudo diatópica, uma vez que a confissão religiosa aparece como característica associada ao perfil dos informantes entrevistados e da sua localidade.

Em suma, a ênfase desta dissertação recai sobre a pergunta “como um falante de Hrs. fala/falaria a variante padrão em uma situação na qual esta lhe fosse exigida?”, ou seja, qual sua competência ativa na fala em Hdt. Para responder a essa pergunta, estruturamos a análise primeiramente nas tendências macrolinguísticas (4.2.1), as quais consistem na interpretação pormenorizada dos mapas pluridimensionais elaborados a partir dos dados do

⁵⁰ Para os dados de pronúncia no estilo de leitura, já existe o estudo de Gewehr-Borella (2014), que analisou as transferências de sonorização e dessonorização das oclusivas, no português dos falantes de Hrs entrevistados pelo ALMA-H.

CgramIII do questionário do ALMA-H, no qual os falantes traduziram para o Hdt. a frase apresentada em português. Seu objetivo é identificar macro-tendências e correlações entre o grau de competência variável de falantes de hunsriqueano na fala em Hdt. e fatores extralinguísticos, especialmente localização geográfica (dimensão diatópica), grupo etário (dimensão diageracional), influência da escolaridade (dimensão diastrática) e, em parte, também religião (dimensão diarreligiosa – ver mapa fig. 10). Visando reforçar a interpretação da análise diatópica, selecionou-se 20 mapas na produção de um mapa sintético, cujo objetivo é salientar comportamentos linguísticos dos falantes no espaço pluridimensional.

O quadro da tab. 5 apresenta as variáveis selecionadas para a análise de mapas pluridimensionais. Como se vê, predomina uma relação binária [+ou- standard], que Thun (2005) defende como mais favorável à apreensão de macro-tendências no modelo pluridimensional. Como as perguntas do CgramIII solicitam a realização em Hdt., é preciso distinguir o tipo de Hrs. que o informante fala, pois podem haver convergências e divergências entre a variedade Hrs. efetivamente falada e a resposta dada como [+Hdt.]. Mas, seja qual for esse tipo, o fato é que os informantes foram solicitados a responder “em Hdt.”. Logo, o que eles respondem pode ser interpretado como “a forma que acreditam ser a [+standard]”. A comparação com o tipo de Hrs. serve assim como variável de controle para a interpretação da resposta e do seu significado social e histórico, se há uma correlação. Ela se dá pela correlação dos respectivos pontos [+Deutsch] ou [+Deitsch], conforme visto no mapa da fig. 08 relativo à variação de *Hahn*.

Tab. 05: Tabela de variáveis fonéticas com gradação [+ StDt. / StDt.].

PERGUNTA (CgramIII / Questionário do ALMA-H)	Variável	Variante [+standard]	Variante [+/-standard]	Variante [-standard]	Mapa
01	<u>a</u> uch	<i>auch</i>	<i>aach</i>	<i>ooch</i>	CgramIII_01a
01	<u>D</u> eutsch	<i>Deutsch</i>		<i>Deutsch (fortis)</i>	CgramIII_01b
01	<u>D</u> eutsch	<i>Deutsch</i>		<i>Deitsch</i>	CgramIII_01c
01	spre <u>ch</u> en	<i>sprechen</i>		<i>spreche</i>	Cgram_01e
01	kann <u>s</u> t	<i>kannst</i>		<i>kannst (palat.)</i>	CgramIII_01f
02	fr <u>ü</u> her	<i>früher</i>	<i>frihris</i>	<i>frihers</i>	CgramIII_02a
02	<u>s</u> ind	<i>sind</i>		<i>sind (fortis)</i>	CgramIII_02b

02	Le <u>u</u> te	<i>Leute</i>	<i>Leut</i>	<i>Lait</i>	Cgram_02c2
02	me <u>h</u> r	<i>mehr</i>		<i>meh</i>	CgramIII_02d
02	K <u>ir</u> che	<i>Kirche</i>	<i>Kirich</i>	<i>Kerich</i>	CgramIII_02e2, 02e3
03	he <u>i</u> ßt	<i>heißt</i>		<i>heßt</i>	CgramIII_03a
04	h <u>a</u> st	<i>hast</i>		<i>host</i>	CgramIII_04a
04	h <u>a</u> st	<i>hast</i>		<i>hast (palat.)</i>	CgramIII_04a2
04	Milch (epênt.)	<i>Milch</i>		<i>Milich</i>	CgramIII_04b
04	E <u>ie</u> r	<i>Eier</i>		<i>Euer</i>	CgramIII_04c
04	gebr <u>a</u> cht	<i>gebracht</i>		<i>gebrung</i>	CgramIII_04d
04	h <u>a</u> be	<i>habe</i>		<i>hon</i>	CgramIII_04g2
05	n <u>ic</u> ht	<i>nicht</i>		<i>net</i>	CgramIII_05a
05	Bleib <u>e</u> n	<i>bleiben</i>		<i>bleibe</i>	CgramIII_05c
06	H <u>a</u> t	<i>hat</i>		<i>hot</i>	CgramIII_06a
06	e <u>in</u> geladen	<i>eingeladen</i>		<i>ingeladen</i>	CgramIII_06b2
06	B <u>ie</u> rchen	<i>Bierchen</i>		<i>Bierchen (desvoz.)</i>	CgramIII_06d
07	B <u>ä</u> ume	<i>Bäume</i>		<i>Beem</i>	CgramIII_07a
07	verl <u>ie</u> ren	<i>verlieren</i>		<i>verleere</i>	CgramIII_07b
07	Blät <u>t</u> er	<i>Blätter</i>		<i>Bläder (lênis)</i>	CgramIII_07c
07	Blät <u>t</u> er	<i>Blätter</i>		<i>Blätter (fortis)</i>	CgramIII_07d
08	s <u>ie</u>	<i>sie</i>		<i>sie (fortis)</i>	CgramIII_08a
08	sag <u>t</u> e	<i>sagte</i>		<i>soot</i>	CgramIII_08b
08	sag <u>t</u> e	<i>sagte</i>		<i>sachte</i>	CgramIII_08b2
08	n <u>ic</u> ht	<i>nicht</i>		<i>net</i>	CgramIII_08d
09	Gest <u>er</u> n	<i>gestern</i>		<i>gestern (palat.)</i>	CgramIII_09a2
09	w <u>a</u> r	<i>war</i>		<i>woo</i>	CgramIII_09b
09	schö <u>n</u> er	<i>schöner</i>		<i>scheener</i>	CgramIII_09e
09	T <u>a</u> g	<i>Tag</i>		<i>Too</i>	CgramIII_09f
09	T <u>a</u> g	<i>Tag</i>		<i>Tach</i>	CgramIII_09f

Fonte: ALMA-H

Passemos à análise dos dados propriamente dita, considerando inicialmente variações diatópicas observadas na cartografia dos dados. Optamos, com isso, por partir do mais específico ao mais geral, observando primeiramente macrotendências no conjunto da área de pesquisa do ALMA-H.

4.2 Variação de competência na dimensão diatópica

No total, elaboramos 35 mapas com variáveis fonéticas (v. tabela 05 acima). A comparação entre os diferentes mapas já pode refletir algumas tendências que serão abordadas a seguir, na seção 4.2.2. São critérios a ser observados não apenas a variável envolvida isoladamente (p.ex. /ɔɪ/ em *Deutsch*, *Leute* e *Bäume*), mas também semelhanças de distribuição de arealidades entre as variáveis cartografadas. Para isso, a interpretação deverá considerar a correlação da ocorrência das diferentes respostas com fatores externos, entre os quais confissão religiosa dos informantes (v. fig. 10) e bem como subáreas do Hrs. de tipo *Deutsch* e *Deitsch* (v. fig. 08). Num segundo momento, na seção 4.2.2, buscamos abstrair ou reforçar por meio de mapas sintéticos as tendências que observamos na análise pormenorizada de cada mapa.

4.2.1 Análise pormenorizada da ocorrência de marcas [+ ou – standard]

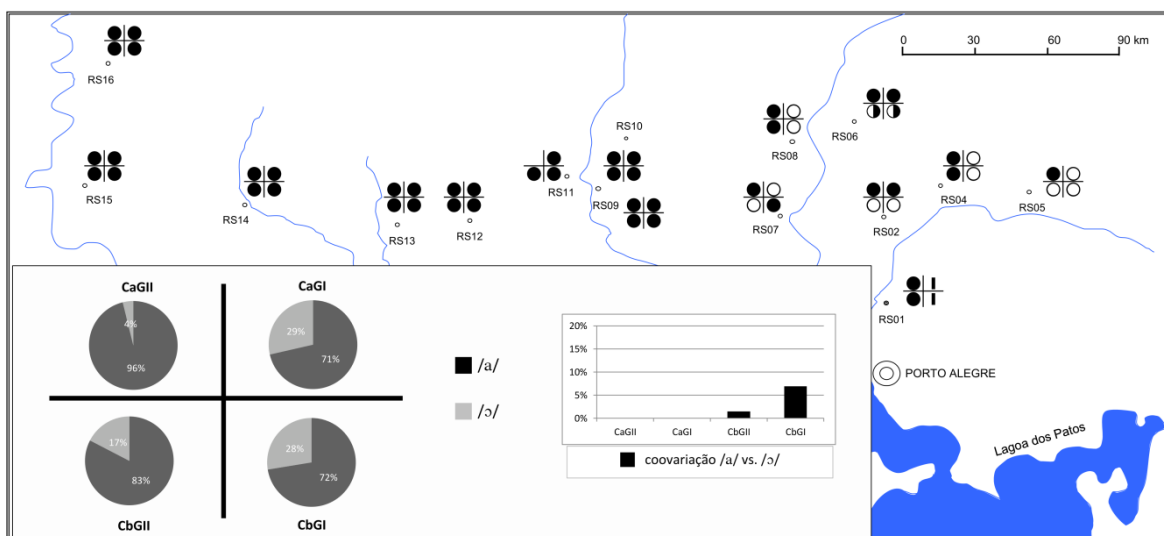
A seguinte análise ocupou-se com um conjunto de variáveis fonéticas. A seleção dessas variáveis justifica-se por (1) existência de subáreas histórico-geográficas distintas que conservam determinados traços fonéticos mais próximos ao Hdt. e (2) níveis distintos de saliência conforme a variante e a percepção dos próprios falantes. Procurou-se, na medida do possível, comparar a competência em Hdt. à competência dialetal, a partir de estudos anteriores como os de Altenhofen (1996) que analisou os graus de dialetalidade do Hrs. em três sub-regiões: região *Deutsch*, região *Deitsch* e colônias novas. Os mapas correspondentes a cada variável podem ser visualizados no anexo mediante o código correspondente.

Realização de /a:/ɔ/ em *hast*, *habe*, *hat*, *sagte*, *war* e *Tag*

Com vistas a observar a competência em Hdt. analisamos os mapas CgramIII_04a, CgramIII_04g2, CgramIII_06a, CgramIII_08b, CgramIII_09b e CgramIII_09f. A variante [+ Hdt.] distribuiu-se quase plenamente pela rede de pontos, como mostram os mapas CgramIII_04a, CgramIII_06a, CgramIII_08b e CgramIII_09f, permitindo observar um **grau elevado de competência em Hdt. de modo geral**. O mapa de CgramIII_04g2

apresenta, todavia, variações localizadas. Em parte de Santa Catarina, mais precisamente nos pontos SC03 a SC05, a ocorrência da variante *habe* é mínima. Nas colônias novas, com exceção de RS20 e RS21, e colônias velhas o grau de competência parece se conservar alto. No mapa CgramIII_09b, por sua vez, ocorrem índices ainda mais acentuados de variação.

Fig. 15 - Oposição /a/ : /ɔ/ em *war*, na competência de fala em Hdt. por falantes de Hrs. nas colônias velhas.

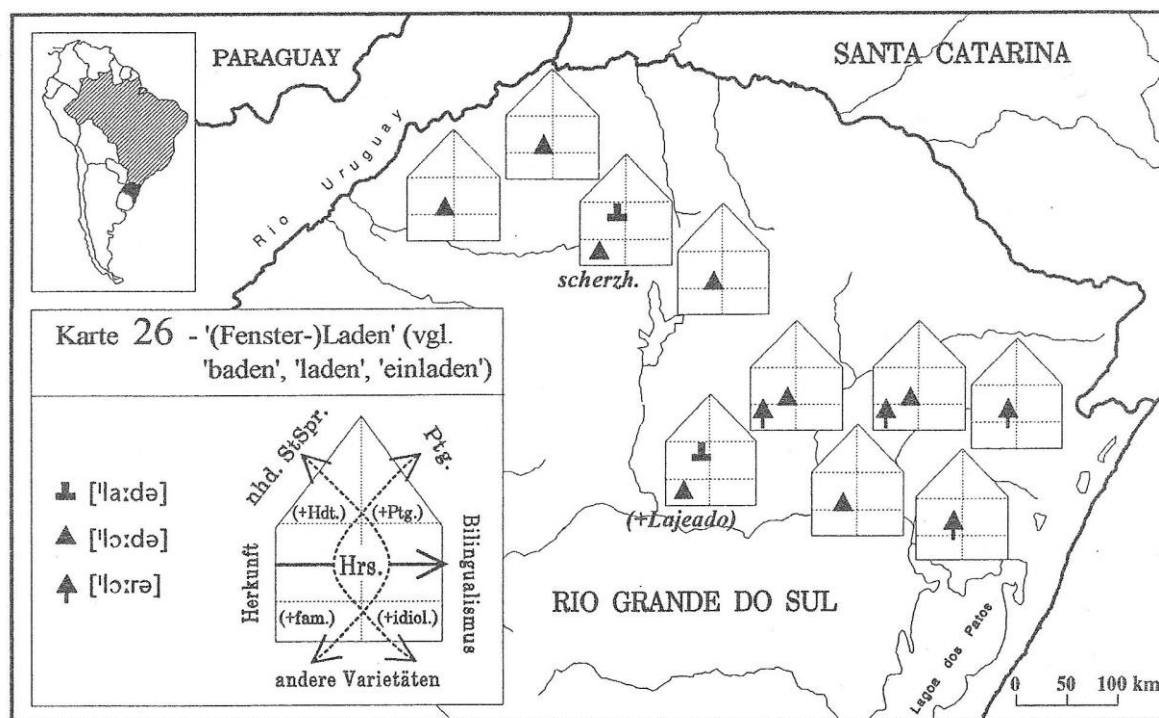


Fonte: ALMA-H

Na região Deitsch há um contraste significativo em relação às **colônias velhas do tipo Deutsch**, onde se encontra o maior grau de competência em Hdt. Na região Deitsch, RS06 se aproxima de maneira geral do grau de competência das colônias tipo Deutsch, provavelmente pela incidência do ensino nessa região ampliado nos últimos anos. Com base no mapa A1_06 (fig. 10) é possível correlacionar a confissão religiosa ao grau de conhecimento da variante [+ Hdt.]. A região Deutsch predominantemente luterana demonstra conhecer a variante standard, enquanto a região Deitsch com maior incidência de informantes católicos não atinge o mesmo grau de conhecimento (RS02, RS04, RS07, RS08, RS21 e SC05). Em certa medida, as colônias novas mantêm o grau de competência em Hdt. elevado, bem como o leste catarinense e a região hispanófono, o qual pode estar associado ao ensino de alemão. No entanto, Altenhofen (1996, p. 135), com o objetivo de descrever a variedade Hrs., observa a realização de uma variante local mais próxima ao

standard nos pontos da região Deutsch identificada no mapa abaixo (cf. RS13 e RS19 na rede pontos do ALMA-H):

Fig. 16 – Variação de mhd. /a/ em *(Fenster)laden*, no Hrs. de acordo com Altenhofen (1996, mapa 26).



Fonte: Altenhofen (1996, mapa 26).

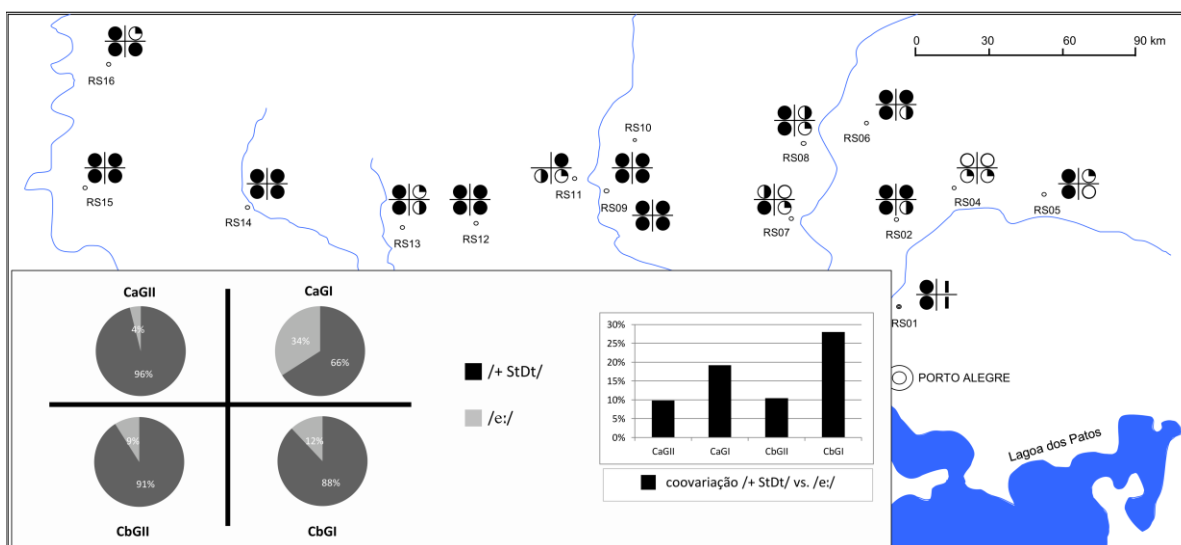
Isso indica que o conhecimento da variante [+ Hdt.] na região Deutsch é influenciado em certa medida pela variedade utilizada nessa região (cf. mapa *Hahn*, fig. 08). Seria necessário, no entanto, considerar outras variáveis linguísticas para aprofundar a confiabilidade dessa hipótese.

Por fim, comentários metalinguísticos, como do falante CaGI do ponto PY02 (“*se fala mais ‘a’ pelo jeito neh? [É] Hofdeutsch*”), reforçam a hipótese da oposição /a:/ɔ/ ser mais saliente aos falantes, inclusive por conta do seu contraste na variedade standard escrita (SCHIRMUNSKI, 1928/1929, p. 166 *apud* LENZ, 2010, p. 90). A saliência da oposição /a:/ɔ/ é identificada no trabalho de Altenhofen (1996, *ibid.*) nos pontos da fig. 16 acima onde há presença [+ Hdt.] e a variante mais dialetal é referida como hilária ou associada com o subtipo [+ *Lajeado*].

Realização de /ɔʏ/;/aʏ/ em *Deutsch*, *Leute* e *Bäume*.

Procuramos analisar a presente oposição a partir dos mapas CgramIII_01c, CgramIII_02c2 e CgramIII_07a. No mapa CgramIII_01c a frequência de ocorrências [+ Hdt.] parece ser alta em toda rede de pontos. Cabe salientar que a variante *Deutsch* é sugerida ao informante anteriormente em outro momento da entrevista (na pergunta AIII_A11 sobre a autodenominação da língua), o que pode influenciar em sua produção. Por outro lado, o mapa CgramIII_02c2 admite uma leve distinção entre graus de competência nas regiões *Deitsch* e *Deutsch*. O mapa CgramIII_07a reforça essa distinção entre as regiões *Deutsch* e *Deitsch*, cujo comportamento é similar ao da variante *war* (09b) acima. Observa-se, porém, maior ocorrência de variantes [+ Hdt.] em pontos luteranos e menor em pontos católicos (RS04, RS07, RS08, RS18 e RS22). Em RS02 e RS06, no entanto, encontra-se uma frequência maior de variantes [+ Hdt.] do que em outros pontos das colônias tipo *Deitsch*, provavelmente por conta da presença do ensino de alemão standard. Cabe conferir o recorte abaixo mapa CgramIII_07a abaixo:

Fig. 17 - Oposição /ɔʏ/;/aʏ/ em *Bäume*, na competência de fala em Hdt. nas colônias velhas.



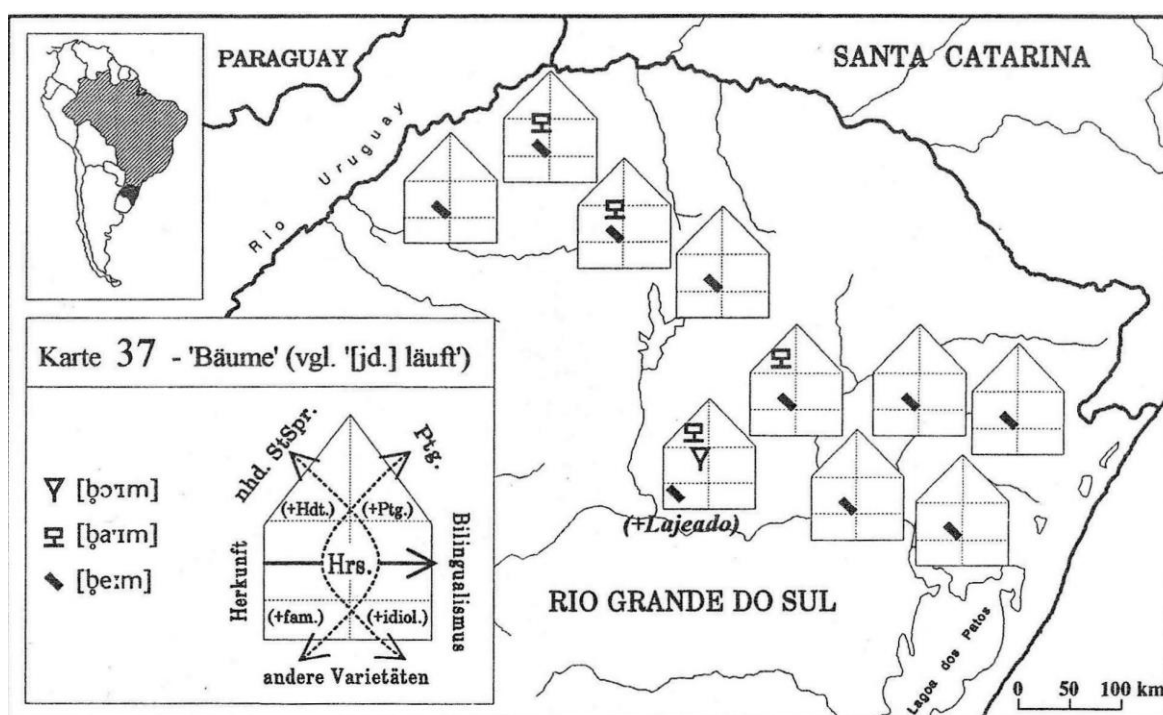
Fonte: ALMA-H

Nas colônias novas, RS19 e SC06, observa-se uma maior competência na variedade Hdt, o que de certo modo mostra uma equivalência com a **região Deutsch**, onde a frequência de ocorrência [+ Hdt.] é maior. O contexto hispanófono mantém também o grau

maior de competência em Hdt. A região de Hsc. , por sua vez, apresenta comportamento heterogêneo em SC01 [- Hdt.] e SC02 [+ Hdt.].

No caso de *Bäume* (CgramIII_07a) trata-se de uma variável com duas possíveis realizações substandard: um monotongo em [be:m] ou um ditongo com abaixamento de /a/ em [ba'ɪm]. Esta última variante é percebida como uma espécie de padrão regional (*regionales Standarddeutsch*) no interior do próprio Hrs., especialmente região Deutsch (ver *Bäume* abaixo ALTENHOFEN, 1996, p. 146, mapa 37).

Fig. 18 – Variação de mhd. /aɪ/ em *Bäume*, no Hrs., de acordo com Altenhofen (1996, mapa 37).



Fonte: Altenhofen (1996, mapa 37)

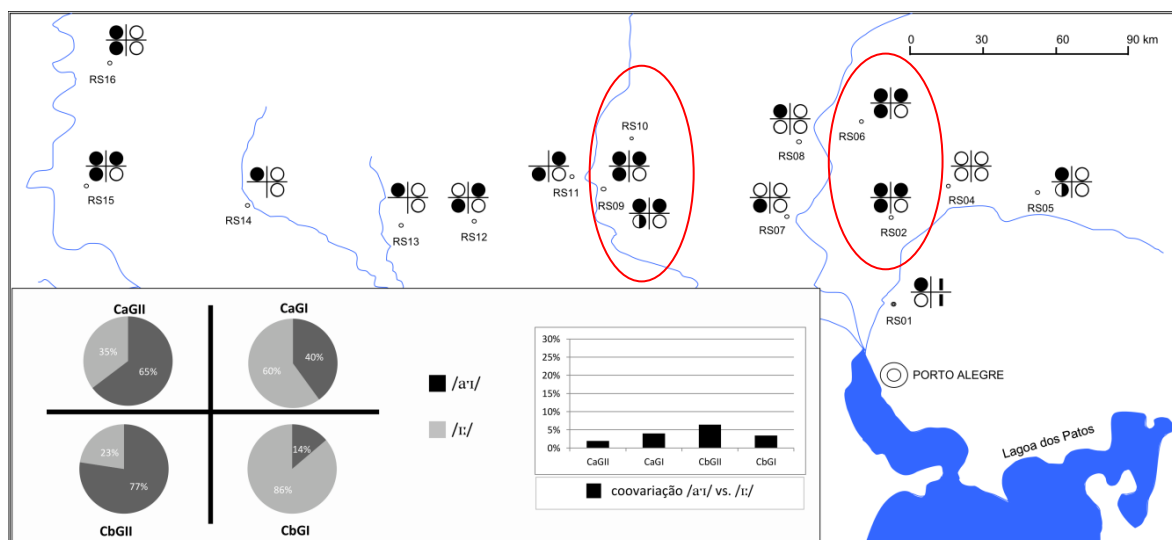
Desse modo, a ocorrência de /aɪ/ na intenção de fala Hdt. destacada nas regiões Deutsch (ver mapa anexo) pode estar associada a uma percepção de que essa variante (cf. RS04, RS05, RS07, RS08, RS11).

Realização de /aɪ/;/ɛɪ/;/e:/ em *heißt*, *Eier* e *eingeladen*.

O conhecimento da variante [+ Hdt.] /aɪ/ em oposição ao monotongo dialetal /e:/ foi medido nos seguintes mapas: CgramIII_03a, CgramIII_04c e CgramIII_06b2. Seguindo a tendência das vogais observadas anteriormente, os mapas CgramIII_03a e CgramIII_04c demonstram um **predomínio da variante [+ StDt.] em praticamente toda a rede de pontos**. Fatores como a saliência da variável e, inclusive, sua frequência em sobrenomes alemães (p. ex.: *Klein, Weich, Stein, Meier, Schneider*)⁵¹ podem estar influenciando a percepção dos falantes.

Por outro lado, o mapa CgramIII_06b2 indica uma maior heterogeneidade na competência em Hdt.

Fig. 19 – Oposição /aɪ/;/ɛɪ/ em *eingeladen*, na competência de fala em Hdt. nas colônias velhas.



Fonte: ALMA-H

Em relação às colônias velhas, apresentam maior ocorrência de marcas [+ Hdt.] as áreas do vale do Caí, RS02 e RS06, e do vale do Taquari, RS09 e RS10. Nas colônias novas, onde a competência parece estar mais restrita, destaca-se o ponto RS19. Na região Hsc. e nos pontos da área hispanófono, prevalecem as variantes [+ Hdt.].

⁵¹ Os antropônimos citados são encontrados entre os próprios entrevistados. Porém, a relação de sobrenomes como fator merece estudos mais aprofundados.

No estudo de Altenhofen (*ibid.*) o uso de /aɪ/ em *heißt* é identificado em RS13 e RS06. No mapa da variação fonética de *kleiner* (Cfon_109d), produzido para controle, verifica-se o uso generalizado de /aɪ/ nas colônias do tipo Deutsch e sua ausência nas colônias do tipo Deitsch. Essa observação sugere a hipótese de que /aɪ/ já esteja presente na competência dialetal em RS09, RS10 e RS05, ao passo que em RS02 e RS06, trata-se de uma variante condicionada pelo ensino.

Realização de /i:/ε/:/e/ em *Kirche*, *nicht* e *verlieren*.

Para a próxima variável de análise, obtivemos três mapas da respectiva oposição: CgramIII_02e2, CgramIII_05a, CgramIII_07b. Os mapas de CgramIII_05a e CgramIII_07b, demonstram um comportamento na competência em Hdt. que se estende por toda rede de pontos. O mapa Cfon_067 (StDt. *verlieren*) que mede a competência em Hrs. foi analisado para o controle da análise em Hdt. A comparação entre as duas competências aponta para a **convergência** tanto nas colônias velhas tipo Deutsch, quanto nas colônias novas. Em outras palavras, onde os falantes utilizam a variante /i:/ localmente, os mesmos mantêm a forma ao buscar falar em Hdt. Na região Hsc. (SC02) predomina a variante dialetal /e/ em CgramIII_07b (SC01 e SC02) e /ε/ em CgramIII_05a (SC01). Conforme estudo de Altenhofen (1996, p. 161), em regiões onde prevalece a variante dialetal /e:/, a vogal alta /i:/ é associada ao Hdt.

O mapa CgramIII_02e2, cujo objetivo é compreender a variação na competência do falante, aponta para uma área histórico-geográfica mais saliente no uso [+ Hdt.], a saber o oeste da região Deutsch (v. RS14, RS15 e RS16) e de modo geral nas colônias velhas tipo Deutsch (RS04, RS07). Nas colônias novas destacam-se os pontos RS19 e RS21, mais luterano e católico, respectivamente. No Paraguai e em parte da Argentina a competência é relativamente alta. Cabe notar que pontos de confissão católica mais marcados como RS07, RS21 e AR02 conhecem a variante [+ Hdt.]. Por fim, a região Deutsch parece conhecer a forma [+Hdt.] ativamente, ao contrário da região mais antiga de colonização e as colônias novas que demonstram mais oscilações. Com vistas a enfatizar os contrastes no espaço, elaboramos um segundo mapa (CgramIII_02e3) restringindo o espectro de variantes visualizadas no mapa e com objetivo de indicar no espaço onde o Hdt. é mais presente. Esse mapa acentua, por exemplo, o contraste na diatopia entre as regiões Deutsch e Deitsch.

Realização de /ç/:/x/ em *sagte* e *Tag*

A presente análise considerou dois mapas onde a oposição /ç/:/x/ pode ocorrer: CgramIII_08b2 e CgramIII_09f2. Assim, para a variante /ç/ é atribuído 1 ponto, enquanto para o [x] 0,5 ponto, uma vez que em determinados contextos essa última pode ser associada ao Hdt. A forma /ç/ ou /x/ é percebida como mais próxima ao Hd. e associada a falantes mais cultos, como em RS13 e RS19 (ex. [sa:xdə] *apud* ALTENHOFEN, 1996, p. 283-285). No mapa CgramIII_09f2, a variante [+ Hdt.] ocorre na região Deutsch, com exceção de RS14. A maior frequência de marcas [+ Hdt.] apresenta-se em RS09 e RS10. Nas colônias velhas do tipo Deutsch, destaca-se a competência no ponto RS02. Chama a atenção o comportamento da falante CaGII em RS01, a qual realiza a variante fricativa, mesmo apresentando grau de competência elevado em Hdt. Nas colônias novas, destaca-se a competência em RS21 e RS19. Na região Hsc., por outro lado, predomina a variante /x/.

No mapa de CgramIII_08b2 as ocorrências da variante [+ Hdt.] estão concentradas nos pontos RS07 e RS11 na região Deutsch e RS12 e RS15 na região Deutsch. A ocorrência de /ç/ parece estar associada ao ensino. A variante fricativizada, por sua vez, está presente em **praticamente toda a rede de pontos**, com menor incidência na região do Hsc. e em pontos específicos RS04, RS05, RS21.

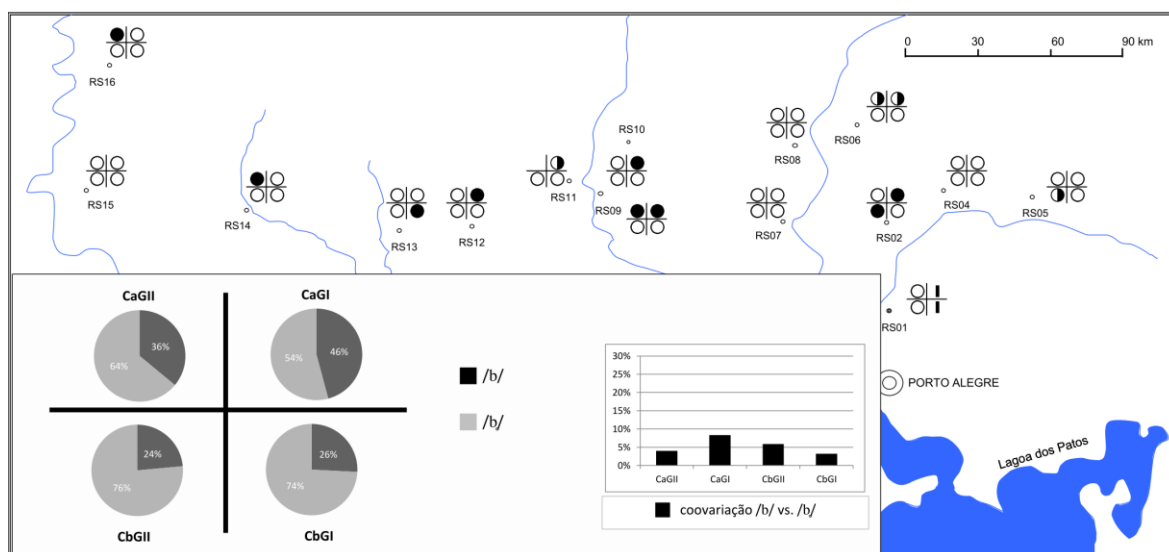
Realização de /d, z, b/ : /d, z, b/ em *Deutsch*, *sind*, *Bierchen*, *Blätter* e *sie*.

A variedade StDt. em seu padrão de vozeamento não distingue entre obstruintes e oclusivas vozeadas e desvozeadas em posição de início de palavra. Falantes de Hrs. pronunciam as variantes como *Halbfortis* /d/, /z/ e /b/ (cf. ALTENHOFEN, 1996, p. 274) no lugar da variante vozeada. Vale considerar que o português faz a distinção⁵². Em nosso estudo, buscamos analisar o comportamento na fala de falantes hunsriqueanos ao tentarem se aproximar do Hdt. Para tanto, utilizamos os mapas CgramIII_01b, CgramIII_02b, CgramIII_06d, CgramIII_07a e CgramIII_08a.

⁵² O contato linguístico visto através dos padrões de vozeamento entre português e Hrs. foi investigado, por exemplo, por Gewehr-Borella (2014), Lara (2013) entre outros. Segundo Altenhofen e Margotti (2011, p. 299 *apud* BATTISTI & LARA, 2015, p. 131) a ausência do traço distintivo no Hrs. e, conseqüentemente, no português, é o traço mais característico do português de contato.

A ocorrência de variantes vozeadas concentra-se, de modo geral, em áreas com maior estimativa de ensino de alemão e não necessariamente em uma subárea específica (ex. tipo Deutsch ou Deitsch). Nos mapas CgramIII_06d, CgramIII_07d e CgramIII_02b, a variante vozeada ocorre no corredor do Vale do Caí, RS02 e RS06, e no ponto RS10.

Fig. 20 – Oposição /b/:/b/ em *Bierchen*, na competência de fala em Hdt. por falantes de Hrs. nas colônias velhas.



Fonte: ALMA-H

Cabe observar, por outro lado, que o mapa CgramIII_02b indica a presença do vozeamento em RS04, RS20 e RS21. Isso pode significar influência do português e não exclusivamente do ensino de StDt. Nas colônias novas, portanto, destacam-se novamente RS19 e RS21. Na área da Argentina e do Paraguai o uso de variantes mais vozeadas distribui-se de modo heterogêneo.

No mapa CgramIII_01b há, ainda, utilização da variante hipercorreta /t^h/, porém apenas no grupo CbGII dos pontos RS20 e RS22. Esse fenômeno de hipercorreção, por sua vez, pode estar vinculado à percepção dos falantes de que a aspiração é mais característica do Hdt, portanto mais padrão. De modo geral, a ocorrência da variante vozeada pode indicar percepção mais próxima à variedade StDt., condicionada inclusive pela escolaridade.

Realização de /-en/:-ə/

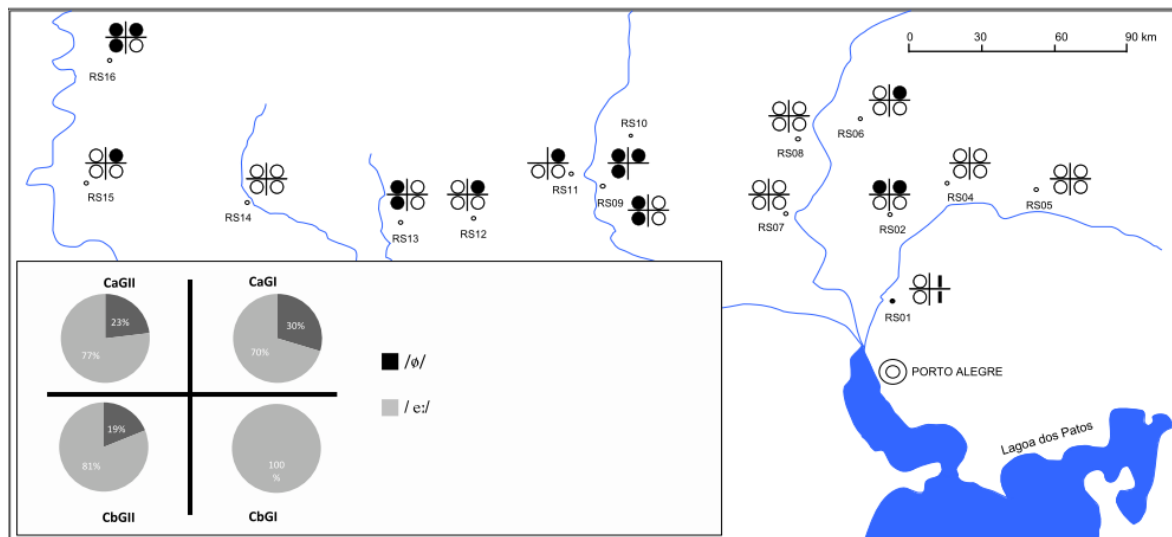
A variedade Hrs. sofre, normalmente, em final átono de palavra a apócope de /-n/ (ex. [blaɪbə] *bleiben* ‘ficar’, [ʃpreçə] *sprechen* ‘falar’, [gɔd] *Garten* ‘jardim’ [ALTENHOFEN, 1996, p. 310]). Dessa forma, procuramos observar nos mapas CgramIII_01e e CgramIII_05c em que medida os falantes realizam a consoante quando procuram aproximar sua fala ao Hdt. O mapa CgramIII_05c ressalta uma maior competência [+ Hdt.] na região das colônias velhas do tipo Deutsch – exceto em RS14 – em contraste com o tipo Deutsch, onde as ocorrências se concentram em RS06. Contrariamente a outras variáveis, constata-se uma maior ocorrência da marca [+ Hdt.] nas colônias novas. A presença da variante /-en/ se estende pelo contexto hispanófono. Por fim, na região de Hsc., o conhecimento se restringe aos jovens CaGI e CbGI de SC02. O mapa CgramIII_01e deve ser considerado em suas lacunas. Considerando as lacunas, o mapa de CgramIII_01e reforça, em alguma medida, as tendências observadas anteriormente.

Em suma, o conhecimento da variante [+ Hdt.] se estende por basicamente toda a rede de pontos, salvo em pontos com grau de dialetalidade maior na região Deutsch e mais católicos, como RS04 e RS07.

Realização /y, ø/ : /i:, e/ em *früher* e *schöner*

Em geral, no sistema vocálico do Hrs., as variantes arredondadas /y/ e /ø/ são realizadas como /ɪ/ e /ɛ/ ou /e/, respectivamente (cf. ALTENHOFEN, 1996, p.159; 166). Para analisar a competência em relação às variantes [+ Hdt.], consideremos os mapas CgramIII_02a e Cgram_09e. O mapa CgramIII_09e, indica maior conhecimento na região Deutsch (RS09, RS10, RS12, RS15 e RS16). Nas colônias velhas tipo Deutsch, o grau de competência [+ Hdt.] é mais saliente em RS02 e RS06, porém menos acentuado se comparado com a região de colonização média (tipo Deutsch), como é possível visualizar no recorte abaixo:

Fig. 21 – Oposição /ø/:/e:/ em *schöner*, na competência de fala em Hdt. por falantes de Hrs.nas colônias velhas.



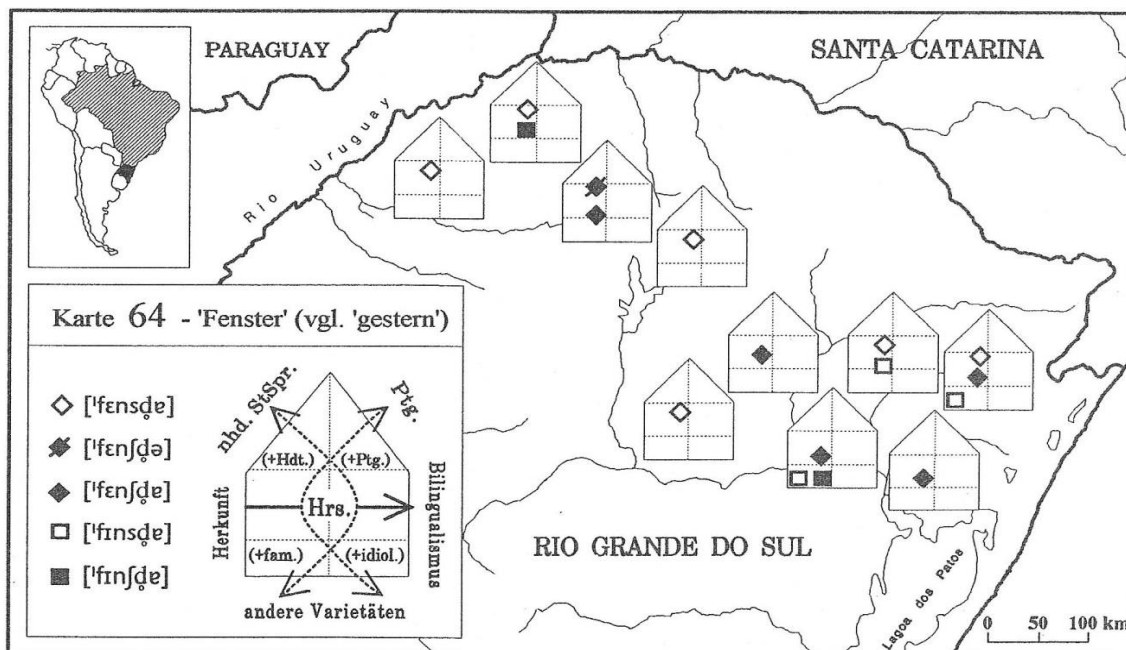
Fonte: ALMA-H

Nas colônias novas, a ocorrência da variante [+ Hdt.] restringe-se ao ponto RS19. Mais ao norte, PR02 também atesta o conhecimento da forma. O mapa CgramIII_02a destaca o conhecimento da marca nos seguintes pontos: RS02, RS10, RS19 e PY01. Nesses pontos, portanto, reconhecemos pelo menos duas ocorrências da forma [+ Hdt.].

Realização de /st/ : /ʃt/ em *kannst* e *hast*: palatalização

Para analisar a competência a respeito da oposição em Hdt. /st/:/ʃt/ observemos os mapas de CgramIII_01f, CgramIII_04a[2] e CgramIII_09a. De modo geral, a forma [+ Hdt.] predomina em toda a rede de pontos. A ocorrência de formas dialetais concentra-se nas colônias velhas do tipo Deitsch, RS02, RS04 e RS05, onde se registram a ocorrência de variantes não Hdt. entre dois de cada três mapas. Isso pode ser um indício de menor competência em Hdt. nesses pontos, por perda ou pouco acesso à forma. Em RS20 nas colônias novas, prevalece a variante [ʃ], como mostra o mapa CgramIII_04a2 abaixo (e parcialmente no mapa CgramIII_09a):

Fig. 23 – Variação de /st/ em sílaba pós-tônica, no Hrs. *Fenster* de acordo com Altenhofen (1996, mapa 64)



Fonte: Altenhofen (1996, mapa 64)

4.2.2 Sínteses no eixo diatópico: macro tendências da competência em Hdt.

Nesta seção procuramos pelas tendências gerais observadas por meio da análise dos mapas anteriores, em relação à competência ativa de fala dos falantes hunsriqueanos quando buscam falar Hdt. Selecionamos 20 mapas sob a condição de que os mesmos contivessem grau considerável de variação. A tabela abaixo procura auxiliar na visualização das variáveis selecionadas⁵³:

Tab. 06 - Variáveis selecionadas na elaboração de mapa sintético⁵⁴

Nº	PERGUNTA	VARIÁVEL	MAPA
1.	01a	<u>a</u> uch	CgramIII_01a
2.	01c	D <u>e</u> utsch	CgramIII_01c
3.	02c2	L <u>e</u> ute	CgramIII_02c2
4.	07a	B <u>ä</u> ume	CgramIII_07a
5.	04g2	h <u>a</u> be	CgramIII_04g2
6.	09b	w <u>a</u> r	CgramIII_09b
7.	04b	gebr <u>a</u> cht	CgramIII_04b
8.	06b	<u>e</u> ingeladen	CgramIII_06b
9.	01f	kann <u>s</u> t	CgramIII_01f
10.	04a2	h <u>a</u> st	CgramIII_04a2
11.	08b2	sag <u>t</u> e	CgramIII_08b2
12.	04b	Milch (epêntese)	CgramIII_04b
13.	02d	m <u>e</u> hr	CgramIII_02d
14.	02e2	K <u>i</u> rche	CgramIII_02e2
15.	05a	n <u>i</u> cht	CgramIII_05a
16.	05c	bleib <u>e</u> n	CgramIII_05c
17.	02b	s <u>i</u> nd	CgramIII_02b
18.	08a	s <u>i</u> e	CgramIII_08a
19.	02a	f <u>r</u> üher	CgramIII_02a
20.	07c	Bl <u>ä</u> tter	CgramIII_07c

Fonte: ALMA-H

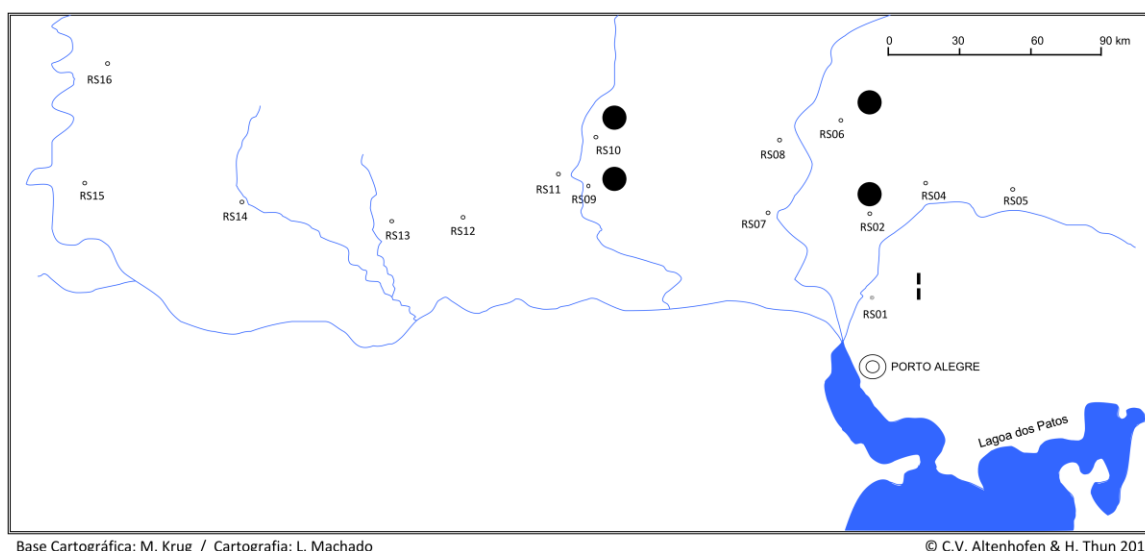
⁵³ O número relativamente baixo de variáveis – considerando a indicação em outros trabalhos (KEHREIN, 2008) de um número mais elevado de variáveis para a análise da competência - é compensado pela grande quantidade de pontos que caracterizam o espaço macrovariacional.

⁵⁴ Vale ressaltar que as variáveis elencadas na tabela se originam do questionário elaborado por Altenhofen e Thun para o projeto ALMA-H e, desse modo, observadas por ambos ao longo de pesquisas de campo e dados empíricos recolhidos para estudos anteriores.

Esse conjunto de mapas selecionados soma um total de 14 variáveis fonéticas. Nossa análise procurou identificar, nesta etapa, **onde** há maior grau de conhecimento em Hdt, ou seja, se há variação diatópica significativa na rede de pontos do ALMA-H. Inicialmente, vamos considerar os mapas CgramIII_Synt_a e CgramIII_Synt_b (anexo ‘Mapas sintéticos’), cuja estatística contempla os grupos (a) e as subáreas (b), respectivamente.

Como verificamos nos mapas sintéticos, em todas as áreas histórico-geográficas encontram-se variações na competência em Hdt. com focos maiores e menores de grau de competência em Hdt. No interior da região Deitsch, **RS02** e **RS06** centram os níveis mais elevados de competência em Hdt.

Fig. 24 – Pontos com maior incidência de marcas [+ Hdt.] por falantes de Hrs. na região Deitsch.



Fonte: ALMA-H

A dimensão diastrática é um fator de relevância na análise dessas localidades. Conforme Rambo (1994, p. 58), por volta de 1920, **RS02** já contava com 16 escolas e absorvia o maior número de alunos (666) em toda a região de colonização antiga, ao passo que **RS06** possuía 3 escolas nesse ano. Contudo, é necessário ressaltar a considerável ampliação do turismo (v. Rota Romântica e Região das Hortências [WEBER, 2006]) no entorno de RS06 e o protagonismo cultural da localidade, como aponta a lembrança partilhada por uma falante do grupo CaGII de RS06 no mapa Cfon_109d sobre a visita do ex-presidente da Alemanha Roman Herzog em 1995 (p. 43) ao centro do município. RS02

conserva ainda hoje, como outras localidades, o *Kerb*⁵⁵ dedicada ao santo padroeiro da igreja católica, São Miguel. Além disso, desde a sua fundação (1825), abrigou escolas comunitárias, sociedades de tiro ao alvo, de canto, e a própria Sociedade Santa Cecília, ponto de encontro de hunsriqueanos, onde pudemos presenciamos o uso de Hrs. em uma das saídas de campo. Os pontos RS09 e RS11, localizados na zona de transição do corredor do Vale do Taquari, também espelham a influência do turismo através, por exemplo, da *Rota Germânica de Teutônia*⁵⁶. Richter (2004, p. 140) acentua o potencial dessas ações para atrair visitantes nacionais e internacionais, o que supõe em alguma medida o contato entre variedade standard e substandard.

A região Deutsch, por sua vez, caracteriza-se pelo uso mais estável de traços Hdt., como pode ser visualizado nos mapas sintéticos em **RS10, RS12, RS15 e RS16**, entre os quais, RS15 possui a frequência elevada em todos os grupos. Além da rápida expansão do número de escolas na região (RAMBO, 1994, p. 26), o resultado pode estar atrelado a fatores de ordem histórica e religiosa. Estima-se que esse ponto foi colonizado, sobretudo, por pomeranos a partir de 1855 (VIDAL & MORIN, 2006, p. 9), o que pode ter igualmente contribuído para o predomínio da confissão luterana e, por conseguinte, para uma manutenção maior do grau de competência em Hdt. Reforçando essa hipótese, como observa Kipper (1979, p. 22) em Santa Cruz do Sul, as comunidades luteranas enfrentaram mais dificuldades durante a proibição da língua alemã (1937-1945), porque seu ritual litúrgico era todo em alemão, enquanto o das católicas era em latim. Cabe examinar a regularidade dessa observação para outros pontos. A correspondência entre a saliência da competência linguística na região Deutsch e a confissão luterana⁵⁷ aparece também em SC02⁵⁸.

⁵⁵ Segundo o dicionário dos Irmãos Grimm (*Deutsches Wörterbuch*, 1854-1961) *Kerb* é a variante de *Kirchweih* utilizada na região do “Hundsrück” e um de seus significados corresponde à festa religiosa celebrada por ocasião da inauguração de uma nova igreja e as comemorações anuais subsequentes.

⁵⁶ Richter (2004, p. 140) destaca a *Festa do Chucutre em Estrela* (RS09), pertencente à *Rota Germânica de Teutônia*, e o *Deutscher Kolonie Park de Lajeado* (RS11) e sua contribuição para a preservação do patrimônio cultural germânico e intercâmbio cultural, entre outros.

⁵⁷ Atual presidente da Igreja evangélica de confissão luterana (IECLB) é proveniente de Agudo (RS15), onde os quatro grupos de informantes são luteranos. Segundo o IBGE (2010) sua população em 2010 foi estimada em 16.722 habitantes, dos quais 5.381 eram luteranos, o que é uma quantidade consideravelmente alta quando comparada a outros municípios (<http://www.cidades.ibge.gov.br/cartograma/mapa.php?lang=&coduf=43&codmun=430010&idtema=91&codv=v06&search=rio-grande-do-sullagudolsintese-das-informacoes> - último acesso em 20/01/2016). Candelária (RS14) possui 7.612 para uma população total de 30.171 habitantes. Caberia um estudo antropológico mais detalhado para saber quais e a intensidade de práticas linguísticas que estão relacionadas à igreja luterana na localidade.

Por sua vez, os resultados relativamente baixos em RS13 e RS14 indicam a perda na competência ou sua concentração na borda oeste da região. RS13 e RS14 estão situados mais próximos à zona de transição. Contudo, dados históricos apontam para a presença considerável da escola em RS13, município com maior número de escolas (24) e segundo maior em alunos (946) no ano de 1920 (RAMBO, 1994, p. 58). Altenhofen (1996, p. 87) observa que até a década de 1980 as atas em RS13 eram redigidas em alemão. Outro fator que contrapõe os resultados é a presença de traços [+ Hdt.] (cf. mapa *Hahn* acima) que conferem a coloração de um Hdt. local a essa região, logo, mais próximo ao StDt. (v. cap. 2.2.2). Assim, parece que o subtipo do Hrs. falado na região não define por si só a competência em Hdt. dos falantes.

Na subárea das colônias novas, destaca-se sobremaneira a competência em Hdt. no ponto **RS19** ao passo que o restante da região de colonização nova conserva, em certa medida, menores índices dessa competência. Possíveis fatores para a competência mais saliente nesse ponto são: a) diversidade de contatos em sua colonização, tendo recebido ao longo da história imigrantes de RS09 e RS13, bem como vestfalianos (Teutônia, sobretudo entre 1905 e 1935 [NEUMANN, 2009, p. 373]) e, ainda, alemães-russos do município vizinho de Ajuricaba (ALTENHOFEN, 1996, p. 90). Além de imigrantes das colônias velhas, RS19 recebeu um grupo de suábios por volta de 1920 vindo diretamente da Alemanha, cuja participação na comunidade ampliou a fundação de sociedades culturais (ALTENHOFEN, 1996, p. *ibid.*). Entre as empresas alemãs com presença na localidade está a *Kepler Weber* (especializada em silos) e a entidade Deula-Brasil responsável pelo intercâmbio cultural com a Alemanha e a região das colônias novas.

Cabe citar que **RS23** também recebeu imigrantes oriundos da região Deutsch, assim como RS19, abriga escolas da rede sinodal. Ambos (RS19 e RS23) são constituídos, predominantemente, por luteranos. A torre da Igreja evangélica luterana em RS19 – inaugurada em 1923 - passou a servir como ponto de referência para as fotografias retiradas na colônia que, inclusive, era utilizada como cartão postal na Alemanha. Embora não tenha sido idealizada inicialmente como uma colônia confessional, seu proprietário era luterano e muitos correligionários seus acabaram se estabelecendo lá (MICHELS, 2001, p.

⁵⁸ A correlação da competência em Hdt. com a dimensão diarreligiosa levanta uma pergunta *desideratum*: é possível afirmar o tipo de variedade falada em termos de mais ou menos standardizada de acordo com a confissão religiosa dos falantes. Em outras palavras, falantes de colônias de confissão luterana apresentam mais traços da variedade standard na sua competência?

144). No projeto de colonização, destacam-se a participação da escola e da igreja evangélica protestante impulsionada pelo casal Hermann e Marie Faulhaber (NEUMANN, 2009, p. 172). Por outro lado, conforme os mapas Cgram_Synt_a e b, RS18, RS20, RS21 e RS22 apresentam apenas um grupo ou até dois (CaGII ou CbGI) com índices de competência em Hdt. acima da média. Essas localidades são em sua maioria católicos (80-90% da população de RS21 e RS22, IBGE 2010, v. Cap. 2.4)⁵⁹. O comentário de CbGII em SC01, luterano, sobre a variável do mapa CgramIII_04d (“*gebrung* seria mais os católicos [que falam]”) reforça essa hipótese e o próprio mapa acentua a oposição diarreligiosa.

Na subárea Hsc. não há indicação de homogeneidade entre falantes luteranos, nem o mesmo desempenho encontrado na região Deutsch. O ponto mais saliente na competência em Hdt. é **SC02**, em oposição a SC01 que apresenta grau menor de utilização de marcas [+ Hdt.].

Já com relação à área hispanófono, observamos graus mais elevados nos pontos PY04 e AR02. Contudo, a competência entre falantes de CbGII seria elevada em todos os pontos, como observamos no mapa. Esse índice da competência sugere a preservação de certo grau de conhecimento linguístico em Hdt. na geração mais velha nessas localidades.

Vale lembrar, especialmente na região Deutsch, que as ocorrências [+ Hdt.] podem estar ligadas ao contato dos informantes com diversos estímulos: presença de ensino em StDt. (papel da escola na localidade), formação histórico-geográfica do ponto (procedência da variedade falada na localidade e organização social), religião (papel da igreja na divulgação do Hdt, tanto pelo padre quanto através de prática linguísticas em Hdt.), subtipo da variedade substandard (Hrs.) falada na localidade (tipo Deutsch vs. tipo Deitsch).

4.3 Mudanças em tempo aparente: dimensão diageracional

Na região Deitsch, destaca-se a variação na competência de GII, como podemos observar a seguir. Em CgramIII_09b, CgramIII_06a, CgramIII_08b e CgramIII_09f (oposição /a:/ɔ/) há indícios de uma **perda da competência em Hdt. nos pontos RS04, RS05 e RS08**. Mapas CgramIII_02c2 e CgramIII_07a (oposição /ɔʏ/ : /aʏ/ : /e:/),

⁵⁹ Por RS22 ser a localidade de parte da minha família, pude observar em visitas esse dado. Enquanto a igreja católica está centralizada na área urbana, encontrei apenas uma capela luterana – com o cemitério precário ao lado – na periferia do município.

CgramIII_01a (/aʊ/ : /ɔ:/), CgramIII_02e2 (/i:/ε/) e CgramIII_07c (/t/ : /d/), bem como CgramIII_01f e CgramIII_09a2 [/st:/ʃt/], reforçam o comportamento de mudança em tempo aparente no ponto RS05 e parcialmente em RS08.

Já o mapa CgramIII_06b2 (/aɪ:/ɪ/), aponta maior conhecimento da forma [+ Hdt.] por **GII** em comparação a GI em um número elevado de pontos (cf. RS05 e RS16 nas colônias velhas, bem como RS22 e RS19 nas colônias novas). Considerando o mapa CgramIII_04d, percebemos que há mais sinais de mudança em curso na região das colônias novas (v. RS20 e RS18). Casos, contudo, em que GI se sobressai em relação a GII (RS21 e RS22), podem estar ligado ao ensino (a variável sonorização reforça essa hipótese, v. p. ex.: CgramIII_02b e CgramIII_01b).

Os mapas CgramIII_02a e CgramIII_09e (oposição /y,ø/ : /i,e/) expressam dois comportamentos opostos na dimensão diageracional. Em **RS09**, **RS13** e **RS19**, a utilização da variante [+ Hdt.] predomina em GII, ao passo que em **RS06** e **RS15**, constata-se maior ocorrência dessas variantes em GI. De modo análogo, os mapas CgramIII_01e e CgramIII_05c (oposição /ən:/ə/ em coda silábica) também apontam a ocorrência de traços [+ Hdt.] no grupo de jovens mais escolarizados (CaGI). Por restringir-se ao grupo Ca, pode-se supor a correlação dessa variável com o ensino, logo, com a dimensão diastrática. Nos mapas CgramIII_01b, CgramIII_06d e CgramIII_08a (oposições vozeadas vs. desvozeadas /d/,/z/,/b:/d̥/,/z̥/,/b̥/) as ocorrências de variantes sonoras estão novamente concentradas em GI, sobretudo no grupo CaGI, porém parcialmente em CaGII, ou seja, mais escolarizados.

Nos mapas sintéticos GramIII_Synt_a e b, verificamos indícios que reforçam as tendências assinaladas acima com mudança em curso nas colônias velhas (RS05, RS07 e RS08) e menor grau de competência em RS04. Nas colônias novas, todavia, o conhecimento da variedade Hdt. apresenta-se maior em CbGI nos pontos RS21, RS22 e PY03 (região hispanófono). Essa última constitui uma exceção, considerando que o grupo que concentra maior número de marcas [+ Hdt.] nessa região é justamente o GII.

Em termos estatísticos, verifica-se maior grau de competência em CaGII (61%), seguido de CbGII (57%). A saliência de GII em termos gerais pode estar relacionada a (1) práticas linguísticas em Hdt. (p. ex. religião), cuja diminuição, tem como consequência o panorama mais recente de mudança em curso com perda do conhecimento pelos grupos de falantes mais jovens GI e (2) presença de ensino em StDt. até o período em que a geração

mais velha frequentava a escola. Levemente abaixo, encontram-se os grupos CaGI (52%) e CbGI (48%). Na seção seguinte (v. 4.4), buscamos trazer esses dados relacionando em uma tabela as dimensões diageracional e diastrática, com vistas a compilar os resultados das duas dimensões.

4.4 Efeitos da escolaridade no grau de competência de fala em Hdt.

Tendo em vista os indícios de mudança em curso e maior grau de competência em Hdt. na geração mais velha (GII), cabe analisar os condicionamentos da competência pelo nível de escolaridade. De modo geral, a ocorrência de variantes [+ Hdt.] em Ca indica influência da escola ou de práticas sociais envolvendo o uso da variedade StDt. Por outro lado, o número maior de ocorrências [+ Hdt.] em Cb são estimulados por outras práticas sociais, como a participação em corais, ritos religiosos e práticas de leitura diversas.

Os mapas CgramIII_09b e CgramIII_09f (oposição /a:/ɔ/), bem como CgramIII_02e2 (/i:/ɛ/), convergem na presença de traços [+ Hdt.] em **RS02** e **RS06** e, de modo particular, em **RS21**, **RS09** e **RS18**, respectivamente. Os mapas CgramIII_02c2 (/ɔɪ:/aɪ/), CgramIII_03a (/aɪ:/eɪ/) e CgramIII_08b2 (/g/:/x:/_/) vêm para reforçar o papel do nível de escolaridade em **RS04**. Em outros pontos das colônias velhas essa variação é parcial, como por exemplo, em **RS07**. Parcial significa para nosso estudo que três grupos do ponto realizam a variante [+ Hdt.] com contraste diastrático em apenas um dos grupos de Cb. Os mapas CgramIII_09e (/ø:/eɪ/) e Cgram01a (/aʊ:/ɔɪ/), por sua vez, reforçam os indícios em **RS02**. No mapa CgramIII_07a, enquanto a variante [+ Hdt.] predomina na região Deutsch, no restante da rede observa-se uma variação com utilização da variante substandard intermediária [aɪ] em pontos específicos em Cb (cp. **RS04** e **RS18**, ambos [+ católicos]), possivelmente como tentativa de aproximação da variante *Bäume* [bɔʏmə].

Na região Deutsch, o condicionamento diastrático é mais saliente em **RS12** e **RS14** (cf. CgramIII_05a, CgramIII_06). Já o mapa CgramIII_02a, (/ø:/eɪ/) destaca o papel do grau de escolaridade em **RS10**. O mapa CgramIII_01e, em maior medida, e CgramIII_05c (/ən:/-ə/), em menor medida, bem como o mapa CgramIII_06b2 acentuam a competência em **RS02** e **RS10**. Esse último, ainda, em **RS06** e **RS09**. Em relação à oposição /st:/ft/ não parece haver um condicionamento claro segundo os níveis de escolaridade.

O fenômeno do vozeamento (oposições /d/,/z/,/b/:/d_z/,/z_z/,/b_z/) reforça as observações anteriores. Em quatro dos cinco mapas (4/5), verificamos o maior uso de variantes vozeadas em **Ca**, especialmente em **GI** (3/5) nos pontos de **RS06**, **RS09** e **SC06** (ex. CgramIII_01b e CgramIII_06d). O mapa CgramIII_07c apresenta um teor de variação que não ocorre nos demais com contrastes diastráticos em **RS02**, **RS07**, **RS09**, **RS10** e, inclusive, **AR02**. O mapa CgramIII_09f2 corrobora as afirmações em RS06.

Em síntese, considerando o mapa sintético, vale destacar na dimensão diastrática o grau de competência nos “corredores” dos rios Taquari (**RS09** e **RS10**) e Caí (**RS02** e **RS06**), onde o traço [+ Hdt.] é mais saliente. Desse modo, indícios de perda na competência ou mudança em curso na região de colonização antiga estariam sendo remediados pelo suporte do ensino mais recente, especialmente nos pontos RS06 e RS02. Na região Deutsch, o grau de competência tende a conservar uma estabilidade maior (**RS09**, **RS10**, **RS12** e **RS14**), com destaque o papel da escolaridade em **RS09** e **RS10**, justamente zonas de transição entre as regiões Deutsch e Deitsch. A dimensão diastrática aponta, dessa forma, para o fator ensino, o qual pode ser observado historicamente seja por uma perspectiva de recorte ampla (v. história do ensino em RS02), seja pela perspectiva atual de reinserção do ensino (v. provavelmente a região Deutsch). Cabe acrescentar que no grupo Cb há uma visível influência da dimensão diarreligiosa, uma vez que o traço [+ Hdt.] é mais saliente entre falantes luteranos (v. SC03, SC02, RS09, RS10, RS11, RS15, RS16, RS23, PY01). Contrariamente à dimensão *diageracional*, a dimensão *diastrática* parece exercer um papel menos marcado.

Com vistas a comparar de modo geral as dimensões, elaborou-se a seguinte tabela com base no mapa sintético:

Tab. 07: Variação da competência em Hdt. segundo o mapa sintético (adaptado KEHREIN, 2008, p. 11).

MAPA	VARIÁVEL	CaGII (%)	CaGI (%)	CbGII (%)	CbGI (%)
CgramIII_01a	<u>a</u> uch	88	77	77	71
CgramIII_01c	De <u>u</u> t <u>s</u> ch	88	85	94	90
CgramIII_02c2	Le <u>u</u> te	95	73	71	53
CgramIII_07a	B <u>ä</u> u <u>m</u> e	96	66	91	88
CgramIII_04g2	h <u>a</u> be	96	70	82	75
CgramIII_09b	w <u>a</u> r	96	71	83	72
CgramIII_04b	geb <u>r</u> ä <u>c</u> ht	74	48	77	45

CgramIII_06b	e <u>in</u> geladen	65	40	77	14
CgramIII_01f	kann <u>st</u>	92	83	96	88
CgramIII_04a2	h <u>as</u> t	100	91	86	93
CgramIII_08b2	sag <u>te</u>	100	70	76	67
CgramIII_04b	Milch (epêntese)	24	19	13	16
CgramIII_02d	m <u>eh</u> r	82	63	76	66
CgramIII_02e2	K <u>ir</u> che	90	70	57	57
CgramIII_05a	n <u>ic</u> ht	100	74	88	64
CgramIII_05c	bleib <u>en</u>	83	88	74	43
CgramIII_02b	s <u>in</u> d	41	40	34	32
CgramIII_08a	s <u>ie</u>	45	42	54	38
CgramIII_02a	fr <u>ü</u> her	16	20	10	8
CgramIII_07c	Bl <u>ät</u> ter	92	76	63	61

Obs.: fundo azul equivale ao grupo com maior frequência de ocorrências [+ Hdt.]; fundo cinza engloba o segundo grupo com maior frequência.

Fonte: ALMA-H

A tabela acima explicita relações de ordem diageracional e diastrática. Observa-se, primeiramente, que o grupo CaGII corresponde à maior frequência de ocorrências [+ Hdt.], em 15 de 20 mapas, seguido pelo grupo CbGII, 5 de 20. Essas duas constatações apontam, de certo modo, para uma mudança em curso com perda da competência em Hdt. em GI. O grupo CbGI, por sua vez, não apresenta a maior frequência em nenhum dos mapas (apenas de modo secundário em CgramIII_01c). Considerando as frequências secundárias (fundo cinza) percebemos que o grupo CaGI aparece com grau de ocorrências [+ Hdt.] elevado em determinadas variáveis aproximando-se de CaGII, o que recobra a relevância da dimensão diastrática na análise da competência. Ainda assim, se considerarmos as ocorrências em GII percebemos que a competência em Hdt. parece estar orientada por uma mudança em curso, a qual pode ser explicada por práticas e a manutenção da identidade cultural entre as gerações mais velhas, as quais as gerações mais novas não conservam na mesma medida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da presente pesquisa é a presença da variedade standard do alemão nas comunidades que falam Hrs. em variados contextos pesquisados pelo *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata-Hunsrückisch* (ALMA-H). O objetivo central do presente estudo foi analisar em que medida o Hdt. está presente na competência oral de fala dos falantes de Hrs. Por conta da complexidade e profundidade do tema nos limitamos à competência ativa de fala registrada através da parte CGramIII do questionário utilizado pelo atlas. O Hdt. é considerado uma língua brasileira de imigração como as demais, o que possibilitou sua presença - na forma de língua-teto em relação ao Hrs.- durante os primeiros períodos da imigração alemã no Brasil (ex. cartas escritas em *Hochdeutsch* com transferência do dialeto, STEFFEN & ALTENHOFEN, 2014). Essa relação de diglossia manteve-se, em grande parte, devido ao distanciamento do português das comunidades de imigração, ao menos no Sul do Brasil, e a manutenção do uso do Hdt. em práticas sociais fomentadas, entre outros, pela escola e pela religião.

Nossas hipóteses iniciais eram de (a) variação da competência standard conforme as áreas de difusão do Hrs. e fatores distintos, com maior grau de competência na subárea da região Deutsch, considerando também a existência de traços de Hdt. na fala do dia a dia, inclusive, dessa região colonizada após 1850 (ALTENHOFEN, 2016, no prelo); (b) competência mais acentuada entre falantes de Ca em relação a Cb e (c) maior competência em Hdt. na fala do grupo GII e sua consequente perda entre falantes de GI.

Desse modo, procurou-se responder à pergunta em que medida o Hdt. está presente na competência de falantes de Hrs., analisando o contato linguístico sob o viés da dialetologia pluridimensional (dimensão diatópica, diageracional e diastrática). Ao cabo do estudo constatamos os seguintes comportamentos:

a) A dimensão diatópica parece estar condicionada por fatores a) intralinguísticos, como a presença de um *Hochdeutsch local* com traços [+ Hdt.] na própria variedade coloquial de determinadas comunidades (v. subárea região Deutsch abaixo) e b) extralinguísticos, como a influência do ensino, da religião e até de processos de territorialização de variedades alemãs (ex. remigrantes alemães vindos posteriormente [*Deutschländer*]). Nessa dimensão, selecionamos quatro subáreas com maior saliência na

rede de pontos analisada que passaram a integrar o cerne da descrição cartográfica: região Deutsch, região Deitsch, colônias novas e leste-catarinense.

- *Subárea região Deitsch*: no vale do Caí - especialmente RS02 e RS06 -, centram-se os níveis mais elevados de competência em Hdt. nos grupos CaGII e CaGI, o que reforça a influência do fator ensino nessa região. Cabe lembrar que em 1920, RS02 já contava com o maior número de escolas e o contingente mais expressivo de alunos da região de colonização antiga. Além do ensino, em RS06, houve a ampliação de práticas como turismo, o que pode ter contribuído para o valor da variedade standard entre os falantes⁶⁰. Outra constatação é predominância de entrevistados católicos e sua concentração na região Deitsch, ao passo que a região Deutsch comporta o maior número de falantes luteranos.
- *Subárea Colônias novas*: salvo RS19 e SC06, o restante da região apresenta menor grau na competência em Hdt. Embora RS23 tenha recebido informantes da mesma matriz de origem que RS19 nas colônias velhas - como indiciam os mapas da variação dialetal e da religião - sua competência em Hdt. não alcança o mesmo nível de RS19. A preponderância de marcas [+ Hdt.] em RS19 pode ser motivada pela atuação de fatores como a) tipo de variedade dialetal composta por adstratos de Estrela-RS09 e RS13 vindos em grande número com a imigração entre 1905 e 1935 [NEUMANN, 2009, p. 373]), bem como alemães-russos de Ajuricaba (ALTENHOFEN, 1996, p. 90) e b) chegada de suábios por volta de 1920 (ALTENHOFEN, 1996), o que ampliou a fundação de sociedades culturais em vista do seu conhecimento da variedade standard do alemão. Constata-se ainda em RS19, a contribuição de empresas alemãs para a relação StDt.-Hrs. do município. Em relação ao ensino, a rede sinodal com instituições de vinculação luterana se faz presente tanto em RS19 (Colégio Evangélico de Panambi) quanto RS23 (Centro Tecnológico Frederico Jorge Logemann e Faculdade Horizontina).
- *Subárea região Deutsch*: as colônias do tipo Deutsch caracterizam-se pelo uso mais dominante da variedade *Hochdeutsch local* (cf. mapa Hahn 'galo' p. 54). Analisando os mapas sintéticos CgramIII_Synt_a e CgramIII_Synt_b, encontramos nessa região os níveis mais salientes de competência em Hdt. em RS10, RS12 (ambos na zona de transição), RS15 e RS16 com relação à rede de pontos. Os resultados relativamente baixos em RS13 e

⁶⁰ Como assinalamos ao longo da dissertação, ambas as localidades integram o *Caminho da Rota Romântica*, e RS06 ainda faz parte ainda da Região das Hortências, enquanto RS09 e RS11 integram a *Rota Germânica de Teutônia* e o *Deutscher Kolonie Park de Lajeado*, respectivamente.

RS14 indicam a sobressaliência de marcas [+ Hdt.] no oeste da região Deutsch, justamente em pontos mais distantes da região Deutsch (RS15 e RS16). Com efeito, o ponto RS15 registra grau de competência elevado em todos os seus grupos. Estima-se que Agudo foi colonizada, sobretudo, por pomeranos (VIDAL & MORIN, 2006, p. 9), cuja procedência pomerana pode ser um dos fatores que contribuem para o predomínio do luteranismo na localidade e, por conseguinte, de determinadas práticas em Hdt. Cabe citar ainda, a rápida ampliação do número de escolas na região Deutsch da sua fundação até o Estado-Novo.

- *Subárea Leste-Catarinense*: Na região Hsc., acentua-se o conhecimento de marcas [+ Hdt.] apenas em SC02, a despeito da presença de marcas [+ Hdt.] tanto em SC01 quanto em SC02 na fala do dia a dia. Na competência dialetal, elas apresentaram grau de standardização similar às comunidades da região Deutsch.

b) Na dimensão diageracional nossa hipótese inicial se confirma, pois observamos um aparente grau de ocorrências [+ Hdt.] elevado nos grupos CaGII e CbGII em 18 das 20 variáveis analisadas no mapa sintético (cf. tabela 07). Com isso, constatamos uma mudança em curso com perda da competência em Hdt., sobretudo em pontos mais católicos ou em certa medida sem o respaldo do ensino de alemão (RS05, RS07, RS08, RS18 e RS20).

c) A dimensão diastrática, por fim, também confirma nossa hipótese, na medida em que os falantes do grupo Ca atestam graus mais altos de conhecimento de Hdt. Esse resultado pode estar relacionado ao avanço do ensino de alemão como língua adicional em determinadas localidades (RS02 e RS06) e à conservação de marcas [+ Hdt.] na competência de falantes da geração mais velha (GII) que ainda tiveram ensino de alemão em ambas as classes (RS18, RS20, RS21 e RS22 nas colônias novas). RS02 caracteriza-se pela presença marcada de escolas da rede sinodal, como o Instituto de Educação de Ivoti (IEI) e o Instituto Superior de Educação (ISEI). Cabe acrescentar a ampliação dos meios de comunicação, como a internet e a TV a cabo que, por sua vez, são promotores de práticas linguísticas em Hdt. Em RS20, por exemplo, um informante do grupo CbGII relatou que assistia ao program *Deutsche Welle* em Hd.

Apesar das interrupções forçadas, concluiu-se que a diglossia Hdt.-Hrs. existente já nos primórdios da imigração alemã não se desfez totalmente, como revelam os comportamentos da geração mais velha de falantes (GII) no âmbito da produção oral e da percepção. Anteriormente, a diglossia era fundamentada em práticas institucionalizadas

por escolas de confissão e pela igreja (católica e luterana), cujo caráter formador e viés ideológico estavam diretamente ligados ao uso da variedade StDt. (ex. “escolas-capela”). A dinâmica do contato entre essas variedades mostra, contudo, uma reinserção da variedade StDt., mediante a ampliação do ensino como segunda língua ou língua adicional acompanhada por fatores como o turismo (cf. RS06) e a influência dos meios de comunicação (*Deutsche Welle* é assistida por falantes de ambos os estratos). É válido, por fim, questionar em que medida houve realmente uma quebra da competência em Hdt. após o Estado-Novo, considerando que o mito de que se fala ou se conhece apenas o dialeto não se confirma quando analisamos a produção oral desses falantes. O que percebemos é uma mudança em tempo aparante com perda da competência em Hdt., no sentido macrolinguístico, em graus e espaços localizados.

Esperamos, finalmente, que novas pesquisas possam contribuir para esses questionamentos. A manutenção e influência de práticas sociais, especialmente no ensino e na religião, necessitariam, a meu ver, de um aprofundamento que outras abordagens de ordem linguística, antropológica e sociológica poderiam oferecer. Apesar de sua complexidade inerente, esperamos ter contribuído com o recorte do presente estudo para a área de dialetologia e sociolinguística, que tem no contato entre português e variedades de imigração um campo de pesquisa profundamente rico e fértil. A título de exemplo, a percepção de falantes hunsriqueanos a respeito da variedade *Hochdeutsch*, o qual, como vimos, envolve fatores linguísticos (saliência de determinadas variantes) e extralinguísticos (processos sóciohistóricos) configura um tema que pode ser aprofundado em nível de doutorado. Dado isso, nem todas as perguntas puderam ser respondidas. Entendemos, enfim, que os questionamentos e problemas de pesquisa surgidos ao longo deste trabalho também cumprem sua função e são também pontos a serem destacados na presente pesquisa

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENHOFEN, Cléo V. & THUN, Harald. *As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil e Bacia do Prata*. In: [AGUILERA, Vanderci & ROMANO, Valter (eds.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas.*] Londrina: Ed. UEL [2016, no prelo]. [texto encaminhado]

ALTENHOFEN, Cléo V. *Dachsprachenwechsel und Varietätenabgrenzung im Kontakt zwischen Hunsrückisch und Portugiesisch in Brasilien*. In: [LENZ, Alexandra (Hrsg.)] Wien: [2016, no prelo]. [texto encaminhado]

ALTENHOFEN, Cléo V. *O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata*. In: FERNÁNDEZ, Ana Lourdes da Rosa Nieves; MOZZILLO, Isabella; SCHNEIDER, Maria Nilse & CORTAZZO, Uruguay (orgs.). *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* Pelotas: Editora UFPel, 2014. p. 69-103.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil*. In: NICOLAIDES, Christine et al. (orgs.). *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013a. p. 93-116.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual*. In: *Revista de Letras, Sinop*, n. 12, v. 6, 2013b. Disponível em:

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/1216>.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Brasil*. In: *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI)*, Frankfurt a.M., n. 1(3), p. 83-93, 2004c.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *A constituição do corpus para um “Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata”*. In: *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 51, p. 135-165, 2004b.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Migram os homens. E as línguas*. In: *Zero Hora: Caderno de Cultura*, Porto Alegre, p. 4-5, 24.07.2004a.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996.

ALVES, Débora Bendocchi. *Colhedores de café. Cartas de imigrantes alemães publicados na Turíngia*. Berlin: WVB, 2006.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo : HUCITEC; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. [1920]

AMMON, Ulrich. *Die Stellung der deutschen Sprache in der Welt*. Berlin/München/Boston: de Gruyter, 2015. 1295 p.

AMMON, Ulrich. „*Standard und Variation: Norm, Autorität, Legitimation*.“ In L. M. Eichinger/ W. Kallmeyer (eds.) *Standardvariation. Wie viel Variation verträgt die deutsche Sprache?* (Institut für Deutsche Sprache. Berlin/ New York: de Gruyter, Jahrbuch 2005, p. 28-40.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AUER, P. *Sprache, Grenze, Raum*. *Zeitschrift für Sprachwissenschaft*, 23, 2004, p. 149-180.

BELLMANN, Günter. *Between base dialect and standard language*. *Folia Linguistica* 32: 23234, 1997.

BELLMANN, Günter. *Probleme des Substandards im Deutschen*. In: MATTHEIER, Klaus J. *Aspekte der Dialekttheorie*. Tübingen : Niemeyer, 1983. p. 105-130. (Reihe Germanistische Linguistik; 46.).

BERRUTO, Gaetano. *Identifying dimensions of linguistic variation in a language space*. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. (HSK 30.1) p. 226-241.

BESCH, Werner & WOLF, Norbert R. *Geschichte der deutschen Sprache: Längsschnitte - Zeitstufen - Linguistische Studien*. Berlin: Erich Schmidt, 2009. (Grundlagen der Germanistik; 47.)

BORGES, C. L. *Conscientização Linguística e ensino de alemão na Educação Infantil no contexto bilíngue português-hunsrückisch*. In: *XIV Simpósio Nacional de Letras e Linguística e IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística*, 2013, Uberlândia. Anais do SILEL, 2013. v. 3.

BOURDIEU, P. *Structures, habitus, practices*. In: Bourdieu, P. *The logic of practice*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1990.

BUNSE, A. W. *Epitáfios em cemitérios da colônia alemã*. Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul 3. Anais. São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 1980.

CAMPOS, Cynthia M. A política da língua na era Vargas: proibições do falar alemão e resistências no sul do Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

CHAMBERS, J. K. & TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. 2nd edn. Cambridge University Press. Cambridge, 1998.

CHRISTEN, Helen. *Dialekt im Alltag: Eine empirische Untersuchung zur lokalen Komponente heutiger schweizerdeutscher Varietäten*. Tübingen: Niemeyer, 1998.

CHRISTENSEN, Teresa Neumann de Sousa. *Horizontina História e Memória*. HORIZONTINA, impressão Gráfica, 2007.

COSERIU, Eugenio. Sentido y tareas de la dialectología. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COSERIU, Eugenio. “*Historische Sprache*” und “*Dialekt*”. In: GÖSCHEL, Joachim; IVIĆ, Pavle & KEHR, Kurt (Hrsg.). *Dialekt und Dialektologie: Ergebnisse des Internationalen Symposiums „Zur Theorie des Dialekts“ (Marburg/Lahn, 05.-10. Sept. 1977)*. Wiesbaden: Franz Steiner, 1980. p. 106-122. (Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik; Heft 26.)

COULMAS, F. (ed.). *The Handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 1997.

DAILEY-O’CAIN, Jennifer & DARLING, Sarah. *Neue Welt, alte Welt. Ein Vergleich der perceptual dialectologies des deutschsprachigen Kanada und Deutschlands*. In: Anders, Hundt & Lasch (Orgs.): „*perceptual dialectology*“, 2010, p. 337-349.

DAVIES, Winifred. *Die Rolle (laien-)linguistischer Mythen bei der Reproduktion (sozio-)linguistischer Normen*. In: Anders, Hundt & Lasch (Orgs.): „*perceptual dialectology*“, 2010, p. 385-408.

DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio e TRAMONTINI, Marcos Justo (orgs.). *Imigração & imprensa: XV Simpósio de História da Imigração e Colonização*. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.

DREHER, Martin N. *Protestantismos na América Meridional*. In: DREHER, Martin N. (org.). 500 anos de Brasil e Igreja na América Latina. Porto Alegre: Edições EST/CEHILA, 2002, p. 115-138.

DREHER, Martin N. (Org.). *Populações rio-grandenses e modelos de igreja*. Porto Alegre : Edições EST; São Leopoldo : Sinodal, 1998.

DRENDA, Georg. *Kleiner linksrheinischer Dialektatlas: Sprache in Rheinland-Pfalz und im Saarland*. Wiesbaden: Franz Steiner, 2008.

DSA = *Deutscher Sprachatlas. Auf Grund des Sprachatlas des Deutschen Reichs von Georg WENKER, begonnen v. Ferdinand WREDE, fortgesetzt v. Walther MITZKA u. Bernhard MARTIN*. Marburg, 1927-1956.

DÜCK, Elvine Siemens. *Vitalidade linguística do Plautdietsch em contato com variedades standard faladas em comunidades menonitas no Brasil*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Programa de Pós-Graduação em Letras, 2011.

DUDEN, Duden. *Aussprachewörterbuch. Wörterbuch der deutschen Standardaussprache*. 4., neu bearbeitete und aktualisierte Auflage. Bearb. v. Max Mangold in Zusammenarbeit mit der Dudenredaktion. Mannheim: Dudenverlag, 2002.

DUDEN. *Die Grammatik*. Mannheim, Leipzig, Wien & Zürich: Dudenverlag 1998.

EICHHOFF, Jürgen. *Wortatlas der deutschen Umgangssprachen*. Bern / München: Francke, 1977 [Bd. 1], 1978 [Bd 2].

ELSPASS, Stephan. *Standardisierung des Deutschen: Ansichten aus der neueren Sprachgeschichte 'von unten'*. In: EICHINGER, Ludwig M. & KALLMEYER, Werner (Hrsg.). *Standardvariation. Wie viel Variation verträgt die deutsche Sprache?* Berlin / New York: de Gruyter, 2005. p. 63-99.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: Desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola editorial, 2008. p. 33-107. 44.

FAUSEL, Erich. *Sprachmischung und Deutsch in Brasilien*. In: *Zeitschrift für Deutsche Philologie*, Berlin, Schmidt, n. 78, Heft 1, p. 83-91, 1959b.

FAUSEL, Erich. *Die deutschbrasilianische Sprachmischung. Probleme, Vorgang und Wortbestand*. Berlin : Schmidt, 1959a. 230 p.

FERGUSON, Charles A.. *Diglossia*, in: Anwar S. Dil (ed.). *Language Structure and Language Use*. Essays by Charles A. Ferguson. Stanford, CA.: Stanford University Press, 1971 [1959]. p. 1-26.

FIGUEIREDO, Carla R. de S. *Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervietal no Mato Grosso*. Tese de Doutorado. Porto Alegre:

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/114436>.

FISHMAN, Joshua A. *Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism*. In: Journal of Social Issues, v. 23, n. 2, 1967. p. 29-38.

FROSI, Vitalina Maria; RASO, Tommaso. *O italiano no Brasil: Um caso de contato linguístico e cultural. Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 317-347.

FROSI, Vitalina; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Movimento; Caxias do Sul: Educus, Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisas, 1975.

GERTZ, René. *Imprensa e imigração alemã*. In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio e TRAMONTINI, Marcos Justo (orgs.). *Imigração e imprensa: XV Simpósio de História da Imigração e Colonização*. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004. p. 100-122.

GERTZ, René E. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991.

GEWEHR-BORELLA, Sabrina. *“Tu dampém fala assim?”: Macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português*. Tese (Doutorado em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/108953>.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1984. 458p.

GILLES, Peter. *Die konstruktion einer Standardsprache. Zur Koinédebatte in der luxemburgischen Linguistik*. In: *Dialektologie zwischen Tradition und Neuansätzen. Beiträge der Internationalen Dialektologentagung*. Göttingen, 19.-21. Oktober 1998.

GIMENO, F. Menéndez. A propósito de lengua y dialecto: el estándar, *Archivo de Filología Aragonesa*, LIX-LX, 2002-2004, p. 1279-1290.

GRIMM, Jakob und Wilhelm. *Deutsches Wörterbuch*. 16 Bde. in 32 Teilbänden. Leipzig 1854-1961. Quellenverzeichnis Leipzig 1971. <http://woerterbuchnetz.de/DWB/> Online-Version vom 20.01.2016.

GOOSKENS, Charlotte; KÜRSCHNER, Sebastian & VAN BEZOOIJEN, Renée. *Intelligibility of Standard German and Low German to speakers of Dutch*. In: *Dialectologia* Special Issue II, 2011, p. 35-63.

GORTER, Durk (ed.). *International Journal of Multilingualism* 3 (1). *A special issue on linguistic landscape*. (ed.) (2006b) *Linguistic Landscape: A New Approach to Multilingualism*. Clevedon–Buffalo–Toronto: Multilingual Matters Ltd, 2006.

GROSSE, Siegfried et al.: „Denn das Schreiben gehört nicht zu meiner täglichen Beschäftigung“. *Der Alltag kleiner Leute in Bittschriften, Briefen und Berichten aus dem 19. Jahrhundert. Ein Lesebuch*. Bonn: Dietz, 1989.

HABEL, Jussara M. *Fundamentos para o estudos das línguas dos imigrantes boêmios no Brasil*. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

HÄGERSTRAND, T. "Space, time and human conditions." *Dynamic allocation of urban space*, ed. A. Karlqvist et. al. (Lexington: Saxon House Lexington Book, 1975).

HEYE, Jürgen. *Diglossia and dialect levelling among German speaking immigrants in Brazil*. In: *Proceedings of the Twelfth International Congress of Linguistics*. Vienna, August 28-September 2, 1977. Hrsg. von DRESSLER, Wolfgang U. & MEID, Wolfgang. Innsbruck, 1978b. p. 293-296.

HORST, Aline. *Sobre o projeto "educação continuada da cultura vestfaliana para professores do município de Westfália"*. In: FARENZENA, Nalú. (org.). *VI Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas*. 1ed. Porto Alegre: UFRGS, 2013. p. 113-121

HORST, Aline. *Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/102193>.

HUNSCHE, Carlos Henrique. *As causas do sucesso da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Veritas, Porto Alegre: PUCRS, vol. 20, n. 77/80, p. 197-202, 1975.

HUNSCHE, Carlos H. *O biênio 1824/25 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul: (Província de São Pedro)*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1975.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: *Censo Demográfico 2010. Resultado da Amostra - Migração*. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=264529>. Acesso em: 22.01.2016.

JANELLE, D.G. *Spatial Reorganization: A Model and Concept*. *Annals of the Association of American Geographers*, 1969, 59: 348–364.

KEHREIN, Roland. *Regionalsprachliches Spektrum in der Kleinregion Waldshut-Tiengen*. Working Paper. Marburg: Forschungszentrum Deutscher Sprachatlas, 2008.

KEHREIN, Roland. *Regionalakzent und linguistische Variationsspektren im Deutschen*. In: ERNST, Peter / PATOCKA, Franz (Hg.): *Dialektgeographie der Zukunft. Akten des 2. Kongresses der Internationalen Gesellschaft für Dialektologie des Deutschen (IGDD) am Institut für Germanistik der Universität Wien*. Wien, 20. bis 23. September 2006. (= SCHMIDT, Jürgen Erich (Hg.): *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*. Heft 135). Stuttgart: Franz Steiner Verlag. 2008, 131-156.

KIPPER, M. H. *A campanha de nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz*. Santa Cruz: APESC, 1979.

KLOSS, Heinz. *Deutsche Sprache im Ausland*. In: ALTHAUS, Hans Peter; HENNE, Helmut & WIEGAND, Herbert (Hrsg.). *Lexikon der Germanistischen Linguistik*. Tübingen : Niemeyer, 1973. p. 377-387.

KLOSS, Heinz. *German-american language maintenance efforts*. In: FISHMAN, Joshua A. (ed.). *Language loyalty in the United States*. The Hague: Mouton, 1966. p. 206-252.

KLOSS, Heinz. *Die Entwicklung neuer germanischer Kultursprachen von 1800-1950*. 1ª edición. Múnich: Pohl, 1952.

KLUG, João. *Igreja escola: um estudo de comensalismo institucional entre imigrantes alemães luteranos em Santa Catarina*. In. LUCHESE, Terciane Ângela e KREUTZ, Lúcio (org.). *Imigração e educação no Brasil: história, práticas e processos escolares*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

KOCH, Peter & OESTERREICHER, Wulf. *Linguagem da imediatez – linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua*. In: *Linha d'Água*, n. 26 (1), p. 153-174, 2013.

KOCH, Walter. *Falares alemães no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, 1974. 90 p.

KÖNIG, Werner: *dtv-Atlas Deutsche Sprache. Mit 155 Abbildungsseiten in Farbe*. 14., durchges. u. aktual. Aufl. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2004b.

KREUTZ, Lúcio. *Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio*. In: Revista Brasileira de Educação (orgs.). São Leopoldo: UNISINOS, 2000. p. 159-176.

KRUG, Marcelo Jacó. *Identidade e comportamento lingüístico na percepção da comunidade plurilíngüe alemão-italiano-português de imigrantes – RS*. Diss. Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; PPG-Letras, 2004.

KURATH, Hans, MILES L. Hanley, Bernard BLOCH, Guy S. LOWMAN Jr. and Marcus L. HANSEN. *Linguistic Atlas of New England*. 3 vols. Providence: Brown University, 1939-1943.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change. Internal Factors*. Oxford UK and Cambridge USA: Blackwell, 1994.

LAMELI, A. *Linguistic atlases. Traditional and modern*. In: Auer, P. and J.E.Schmidt (eds.): *Language and Space. An International Handbook of Linguistic Variation, Vol. 1: Theories and Methods*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 567-592, 2010.

LAMELI, Alfred. *"Zur Historizität und Variabilität der deutschen Standardsprechsprache"*. In: Gessinger, Joachim/Voeste, Anja (eds.): *Dialekt im Wandel. Perspektiven einer neuen Dialektologie*, 2006, p. 53–80. (= OBST – Osnabrücker Beiträge zur Sprachtheorie 71).

LAUSBERG, Helmut. *Situative und individuelle Sprachvariation im Rheinland. Variablenbezogene Untersuchung anhand von Tonbandaufnahmen aus Erftstadt-Erp*. Köln/Weimar/Wien: Böhlau (Rheinisches Archiv 130), 1993.

LENZ, Alexandra N. *Zur Struktur des Westmitteldeutschen Substandards - Dynamik von Varietäten*. In: SCHMIDT, Jürgen E., EGGERS, Eckhard & STELLMACHER, Dieter [orgs.]. *Moderne Dialekte- Neue Dialektologie*, Stuttgart, Franz Steiner, 2005. p. 253-265.

LENZ, Alexandra N. *Struktur und Dynamik des Substandards. Eine Studie zum Westmitteldeutschen (Wittlich/Eifel)*. Stuttgart: Steiner (= ZDL-Beiheft, 125), 2003.

MACHA, Jürgen. *Der flexible Sprecher: Untersuchungen zu Sprache und Sprachbewußtsein rheinischer Handwerksmeister*. Köln/Weimar/Wien: Böhlau, 1991.

MACHADO, Lucas Löff. *Standard e substandard no contato alemão-português*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras Licenciatura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. Ed. Cortez. São Paulo, 2010.

MATTHEIER, Klaus J. *Über Destandardisierung, Umstandardisierung und Standardisierung in modernen europäischen Standardsprachen*. (Orgs.) MATTHEIER / RADTKE, *Standardisierung und Destandardisierung europäischer Nationalsprachen*. In: Vario Lingua Bd.1. Peter Lang. Frankfurt / M., Berlin, Bern, New York, Paris, Wien, , 1997, p. 1-9.

MEYER, Martina. *Deutsch ou Deitsch? Macroanálise pluridimensional da variação do Hunsrückisch rio-grandense em contato com o português*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras Licenciatura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Conselho Nacional de Pesquisa, 2009.

MILROY, J. *Language ideologies and the consequences of standardization*. *Journal of Sociolinguistics* 5, 4, 2001, p. 530–555.

NEUMANN, Gerson Roberto. “Os dois vizinhos. Cenas da colônia”, de Wilhelm Rotermund. In: *Contingentia* (UFRGS), v. 4, p. 43-59, 2009. <http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/11413/6757>

PETRUCCELLI, J.L. & SABOIA, A.L. (orgs). *Estudos e Análises Informação Demográfica e Socioeconômica 2. Características Étnico-raciais da população: Classificação e Identidades*. Rio de Janeiro, 2013.

PURSCHE, Christoph. *Hörerurteil-Dialektalität*. Marburg: Magisterarbeit, 2003.

RADTKE, E.; THUN, H. *Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance*. In: RADTKE, E.; THUN, H. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RADTKE, Edgar & THUN, Harald. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Eine Bilanz*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen*

Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 1-24.

RAMBO, Arthur Blásio. *Jesuítas no sul do Brasil: o projeto pastoral*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2013.

RAMBO, Arthur Blásio. *A escola comunitária teuto-brasileira católica*. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 1994.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Trad. Emery Ruas. Porto Alegre: Globo, 1969.

SCHMIDT, Jürgen Erich & HERRGEN, Joachim. *Sprachdynamik: Eine Einführung in die moderne Regionalsprachenforschung*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2011. 464 p.

SCHMIDT, Jürgen Erich. *Language and space: The linguistic dynamics approach*. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. p. 201-225. (HSK 30.1).

SEYFERTH, Giralda. “*Colonização e Política Imigratória no Brasil Imperial*”. Trabalho apresentado no Seminário Internacional “Políticas Migratórias”, Idesp, 2000.

SEYFERTH, Giralda. *Os imigrantes e a Campanha de Nacionalização do Estado Novo*. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999a.

SIMMEL, Georg. *Soziologie des Raums*. In Gesamtausgabe (Bd. 7: Aufsätze und Abhandlungen 1901 1908), Otthein Rammstedt (Hg.). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1995.

SOUZA, Antonio Carlos Santana de. *Africanidade e contemporaneidade do português de comunidades afro-brasileiras no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2015. 260 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/122568>.

SPINASSÉ, Karen Pupp. *Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil*. In: Revista Contingentia. Porto Alegre, RS: UFRGS, Vol. 1, novembro 2006; <http://seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/viewFile/3837/2144>. Acesso em janeiro de 2006.

STEFFEN, Joachim. *Aspectos históricos do contato linguístico entre o alemão e o português no sul do Brasil através de cartas de imigrantes*. In: REINHEIMER, Dalva &

NEUMANN, Rosane Márcia (orgs.). *Patrimônio histórico nas comunidades teuto-brasileiras: história, memória e preservação*. São Leopoldo: Oikos, 2014. p. 388-398.

STEFFEN, Joachim. *Aspectos históricos do contato linguístico entre o alemão e o português no sul do Brasil através de cartas antigas: interferências fonéticas no português dos imigrantes*. In: Revista Norteamentos, Sinop, n. 12, v. 6, p. 66-86, 2013. Acessível em: http://projetos.unemat-net.br/revistas_eletronicas/index.php/norteamentos.

STEFFEN, Joachim; ALTENHOFEN, Cléo V. *Spracharchipele des Deutschen in Lateinamerika: Dynamik der Sprachvernetzungen im mehrsprachigen Raum*. Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik, v. 81(1), p. 34-60, 2014.

TAELEDMAN, Johan. *Linguistic stability in a language space*. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. p. 355-374. (HSK 30.1).

TAVARES DE BARROS, Fernando Hélio. *Migração e territorialização do alemão e do português como línguas de (i)migração em Porto dos Gaúchos - MT: configurações do multilinguismo em fronteira de Amazônia*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/114428>.

THUN, Harald. *Entre alteridad y aliedad: las lenguas minoritarias en momentos de crisis internacional*. In: PFLEGER, Sabine; STEFFEN, Joachim & STEFFEN, Martina (orgs.). *Alteridad y aliedad: la construcción de la identidad con el otro y frente al otro*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2012. p. 21-40.

THUN, Harald. *Pluridimensional cartography*. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds.). *Language mapping*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010a. p. 506-523.

THUN, Harald. *A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas*. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *Para uma história do português brasileiro, volume VII: vozes, veredas, voragens*. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

THUN, Harald. *A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata*. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre Ed. da UFRGS, 2005. p. 63-92.

THUN, Harald. *Metasprache, "fake-language" und Objektsprache. Dia diareferentielle Dimension im Atlas linguístico Guaraní-Románico*. *Sociología (ALGR-S)*.

In: LENZ, Alexandra N.; RADTKE, Edgar & ZWICKL, Simone (Hrsg.). *Variation im Raum / Variation in space*. Frankfurt a.M. : Peter Lang, 2004. p. 133-161

THUN, Harald & ELIZAINCÍN, Adolfo. *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*. Kiel: Westensee, 2000.

THUN, Harald. *La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21. : 1995 : Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen : Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.

WEBER, Max. *Wirtschaft und Gesellschaft. Grundriß der verstehenden Soziologie*. 5. ed. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1980.

WEBER, Roswitha. *Mosaico Identitário: história, identidade e turismo nos municípios da rota romântica - RS*. - Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. Orientador: Prof. Dr. Regina Weber.

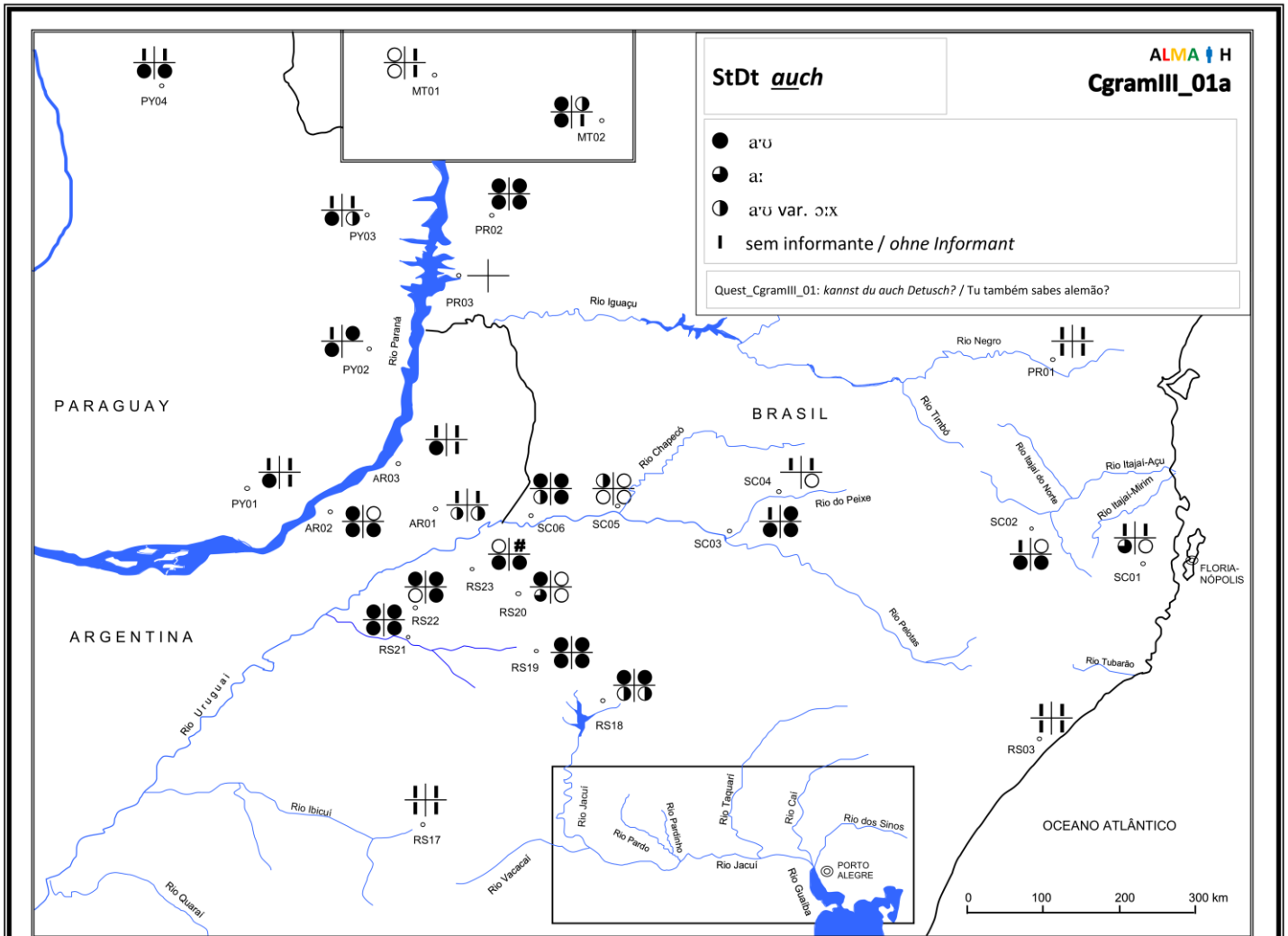
WENKER, Georg. *Vortrag, veröffentlicht in Verhandlungen der 38. Versammlung deutscher Philologen und Schulmänner in Gießen vom 30. Sept. bis 3. Okt.* Leipzig: Teubner, 1886.

WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. ed., ilustr., rev. e ampl. São Paulo : Companhia Editora Nacional; [Brasília] : INL, 1980. [1946]

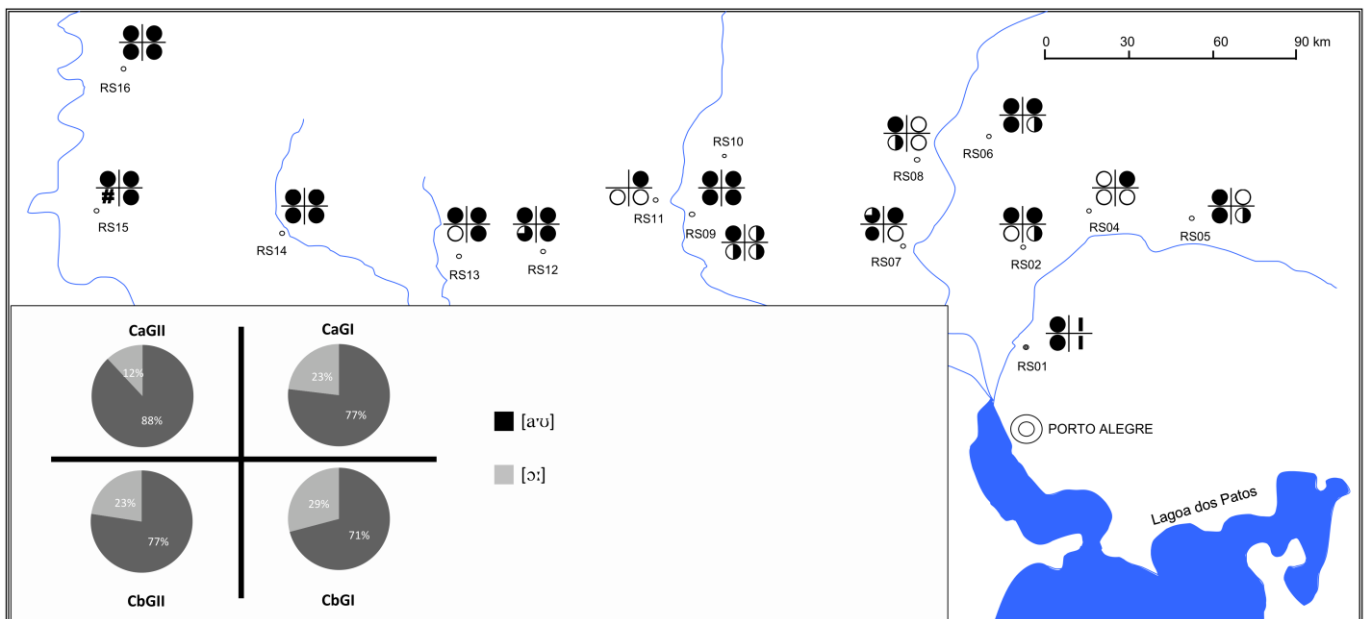
WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1940.

ANEXOS

Mapas fonéticos (CgramIII)

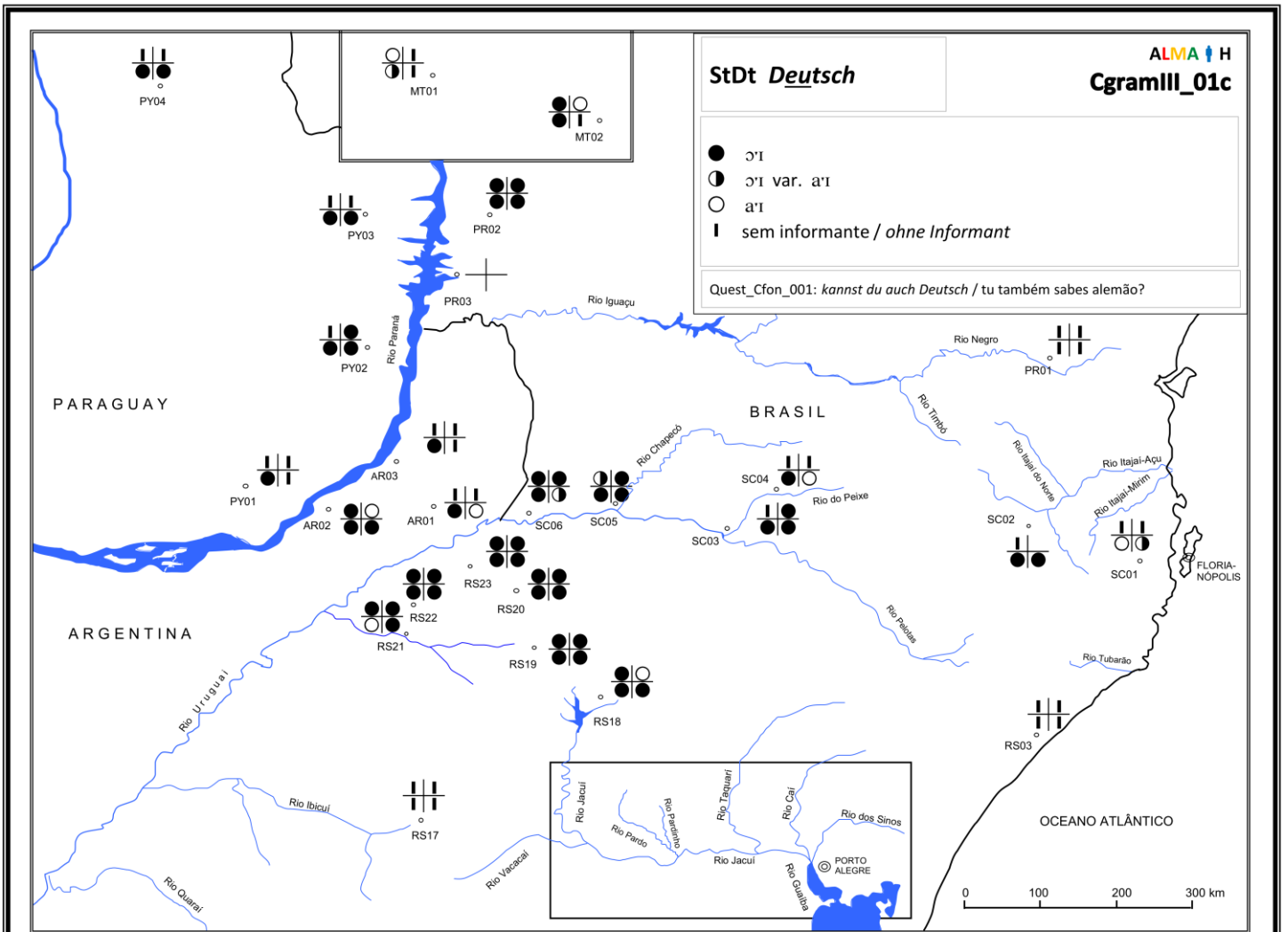


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA † H Sprachkontakttatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

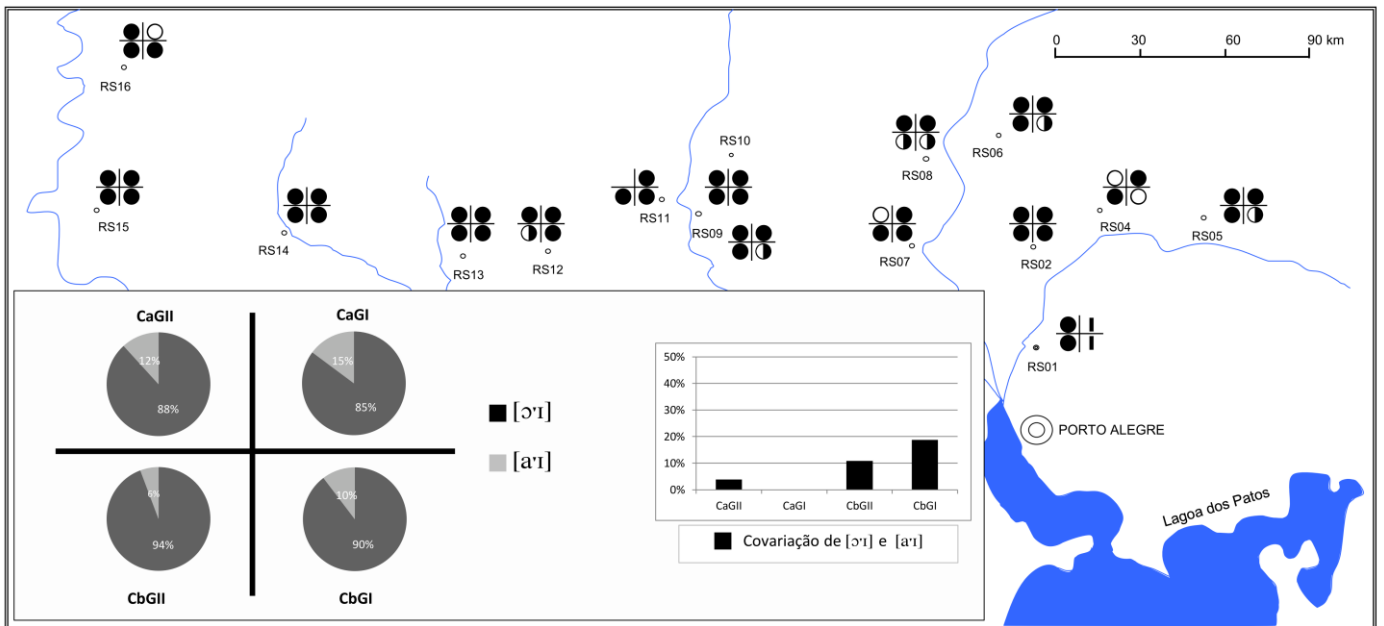


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

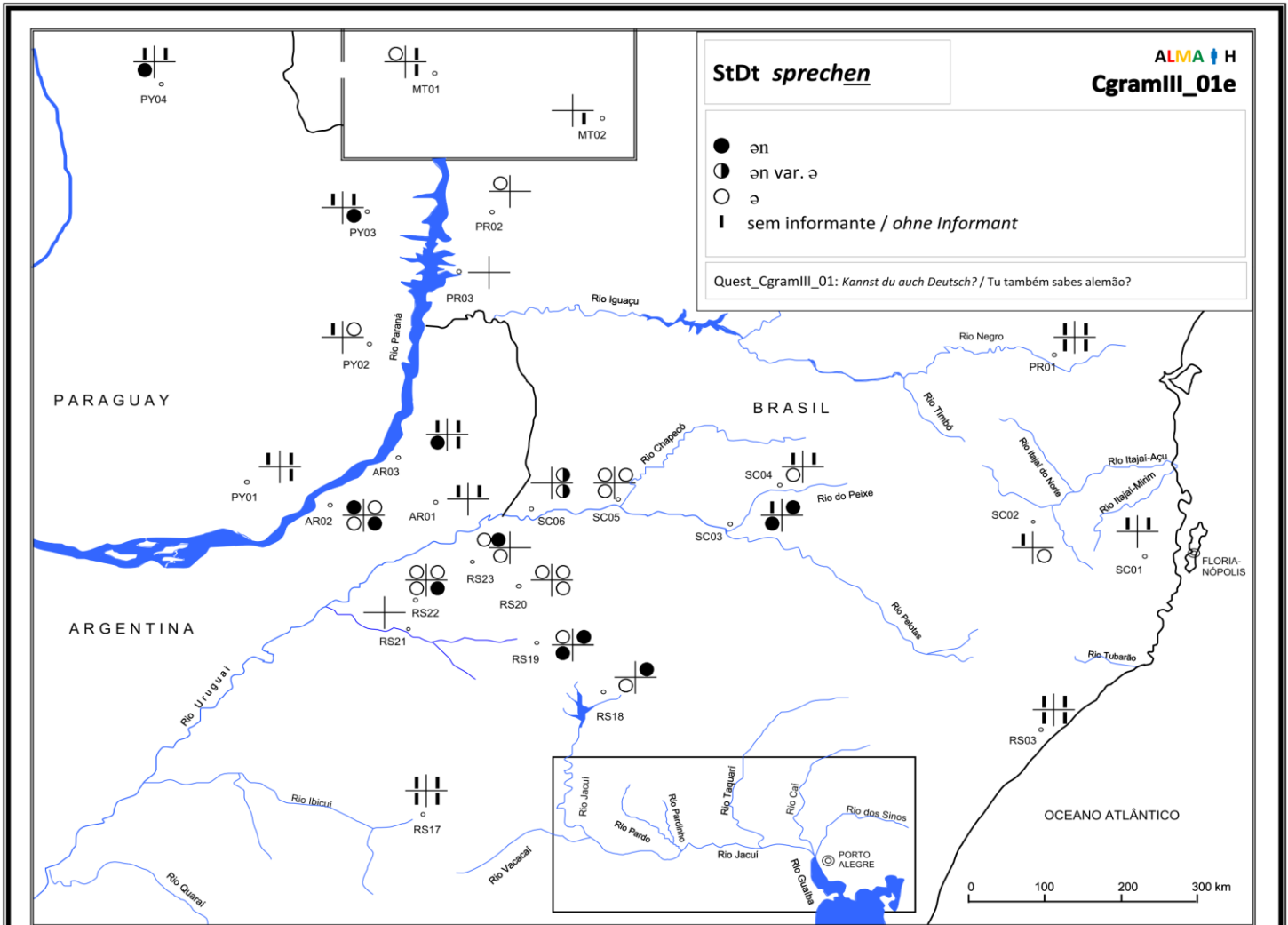


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückeano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

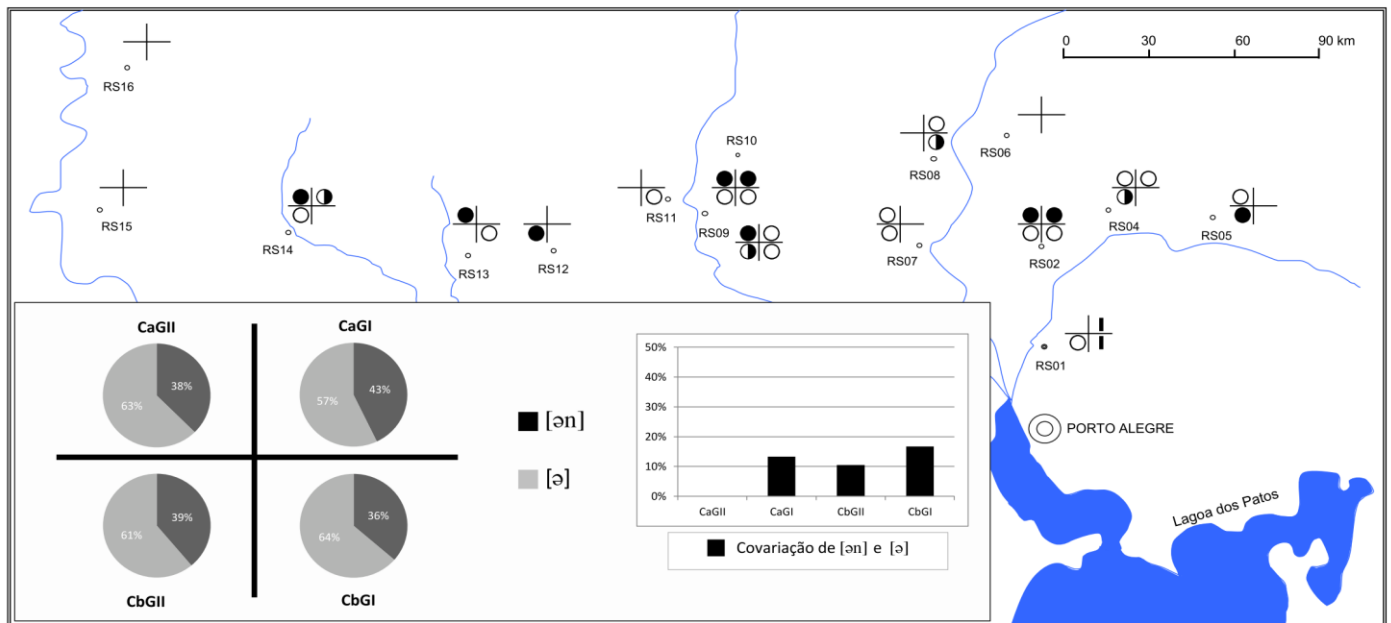


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

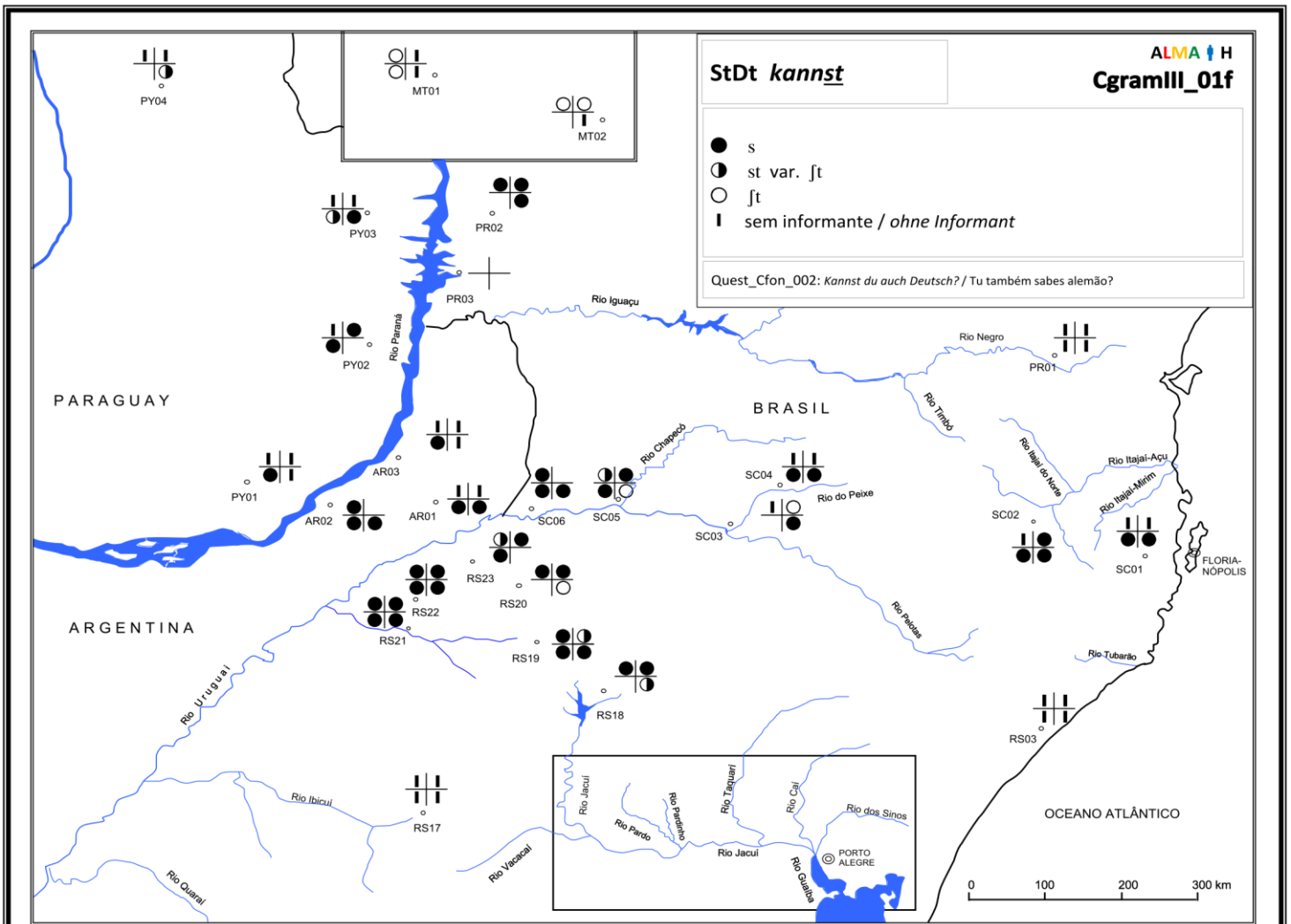


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA † H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

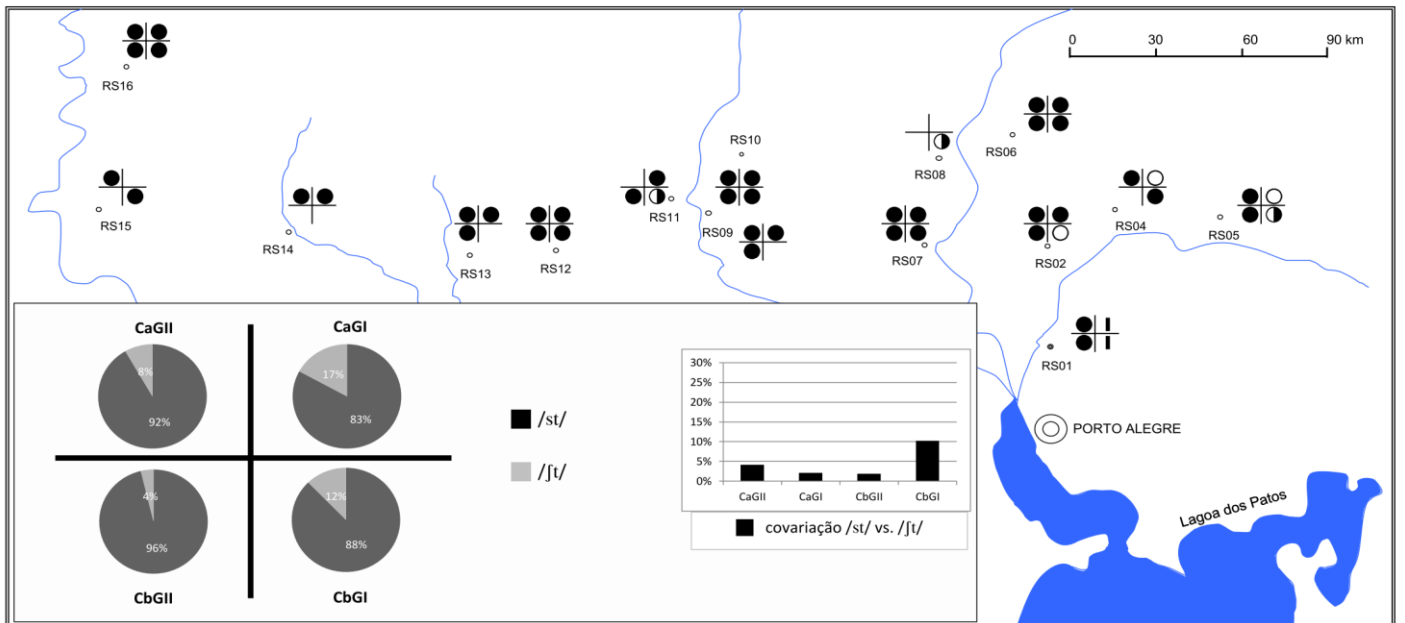


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

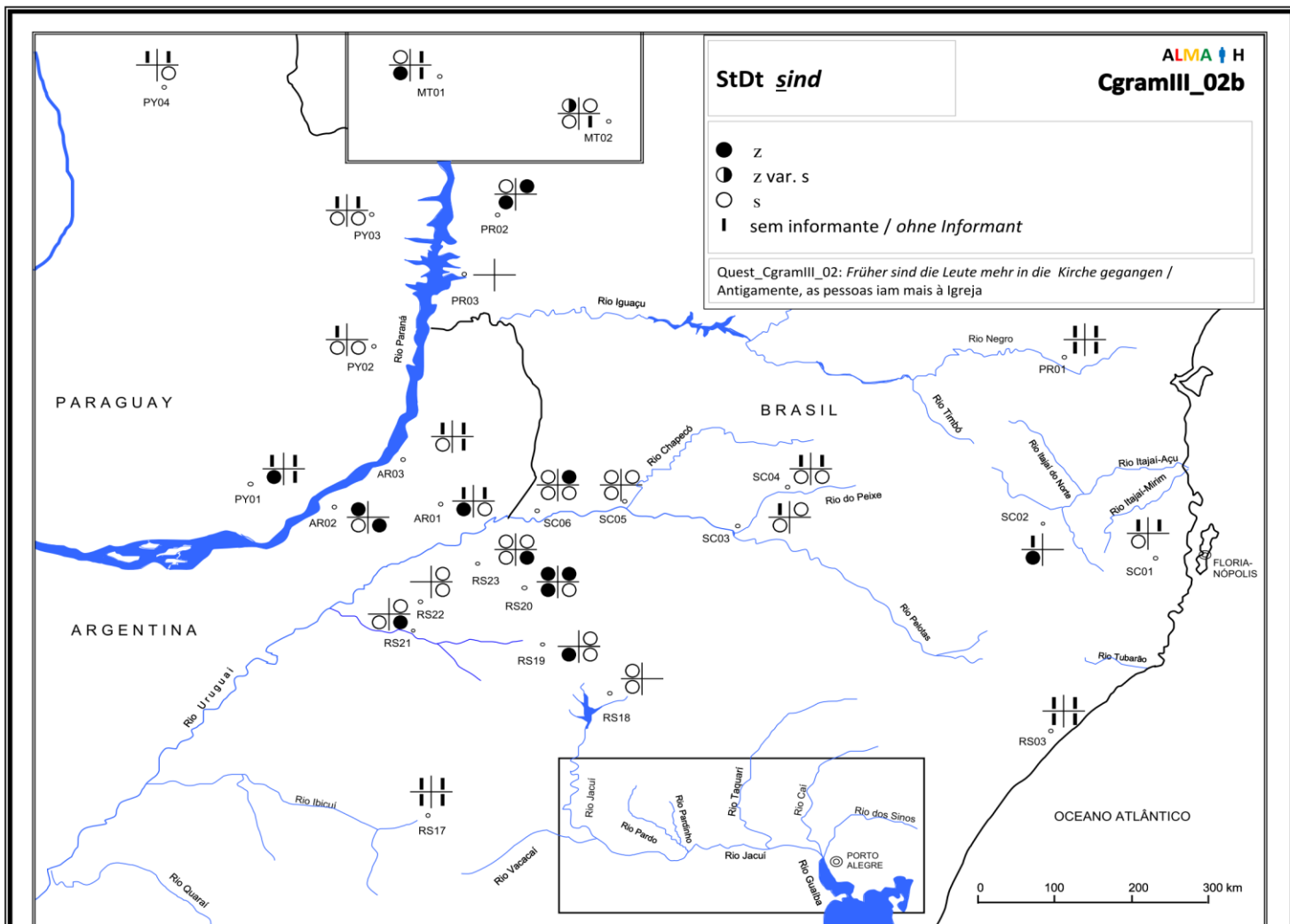


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

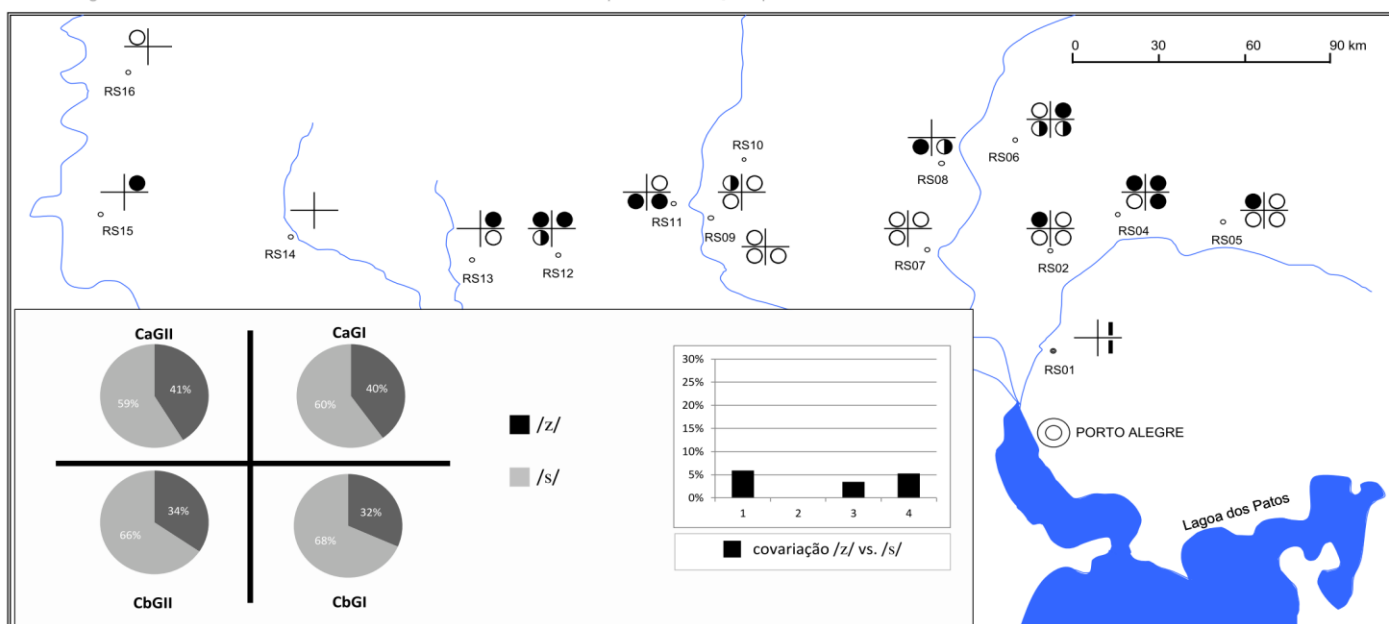


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

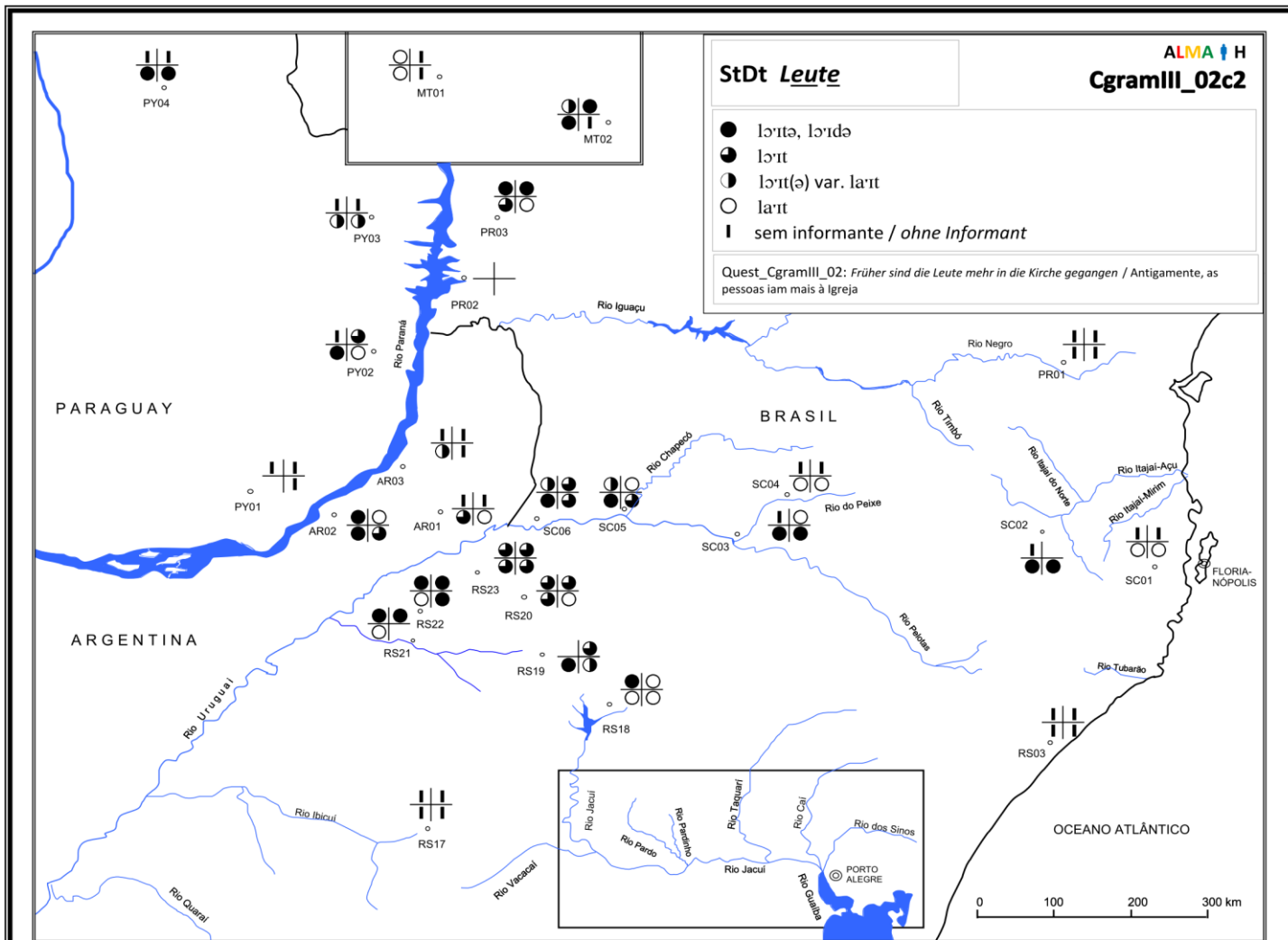


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

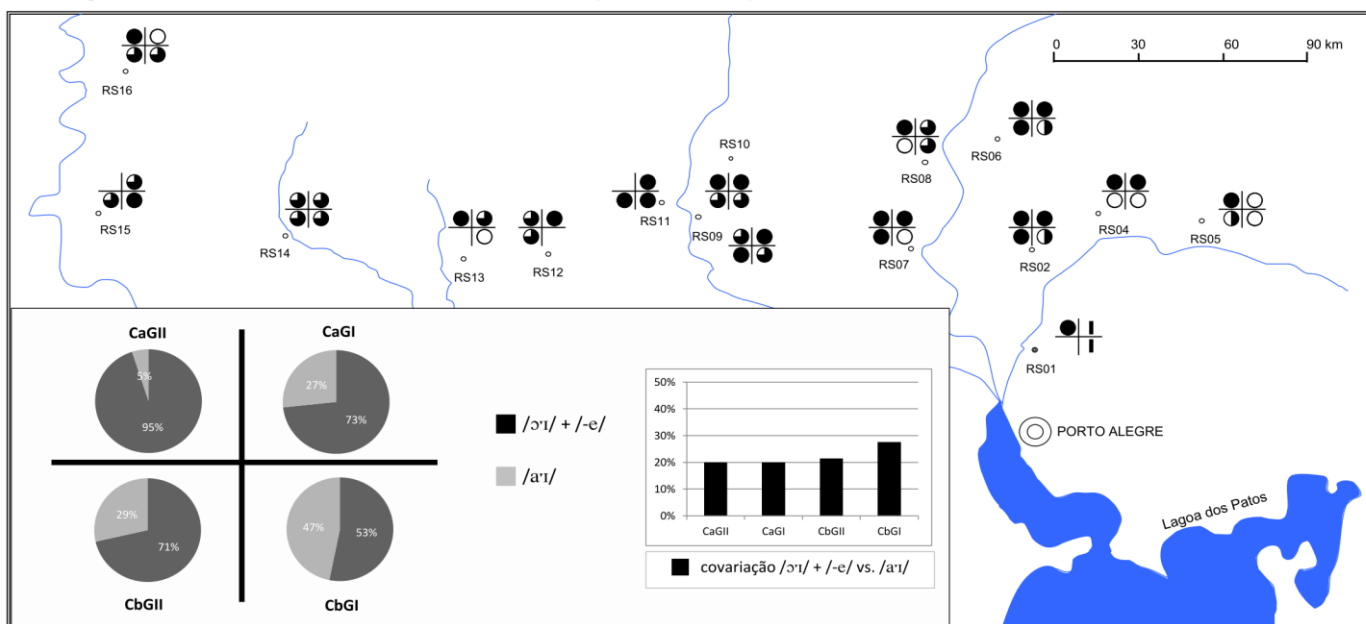


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

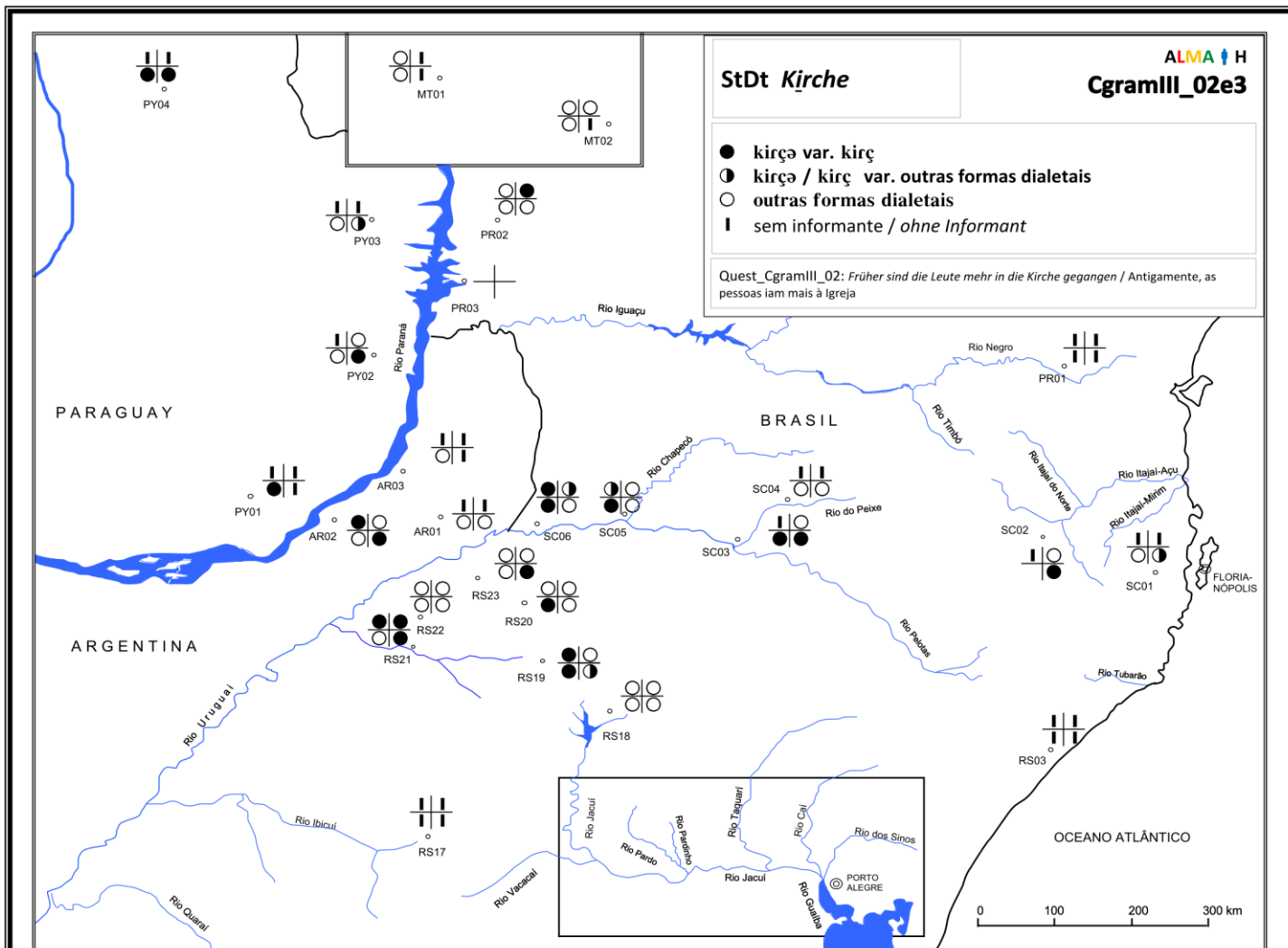


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

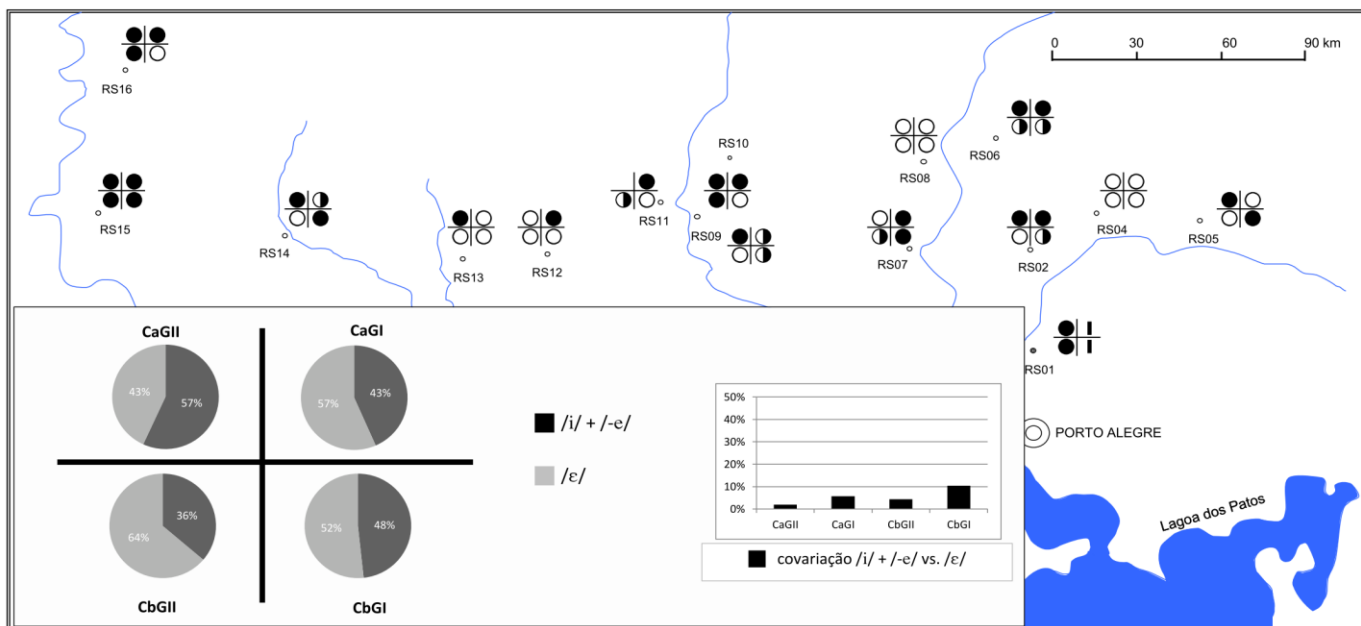


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

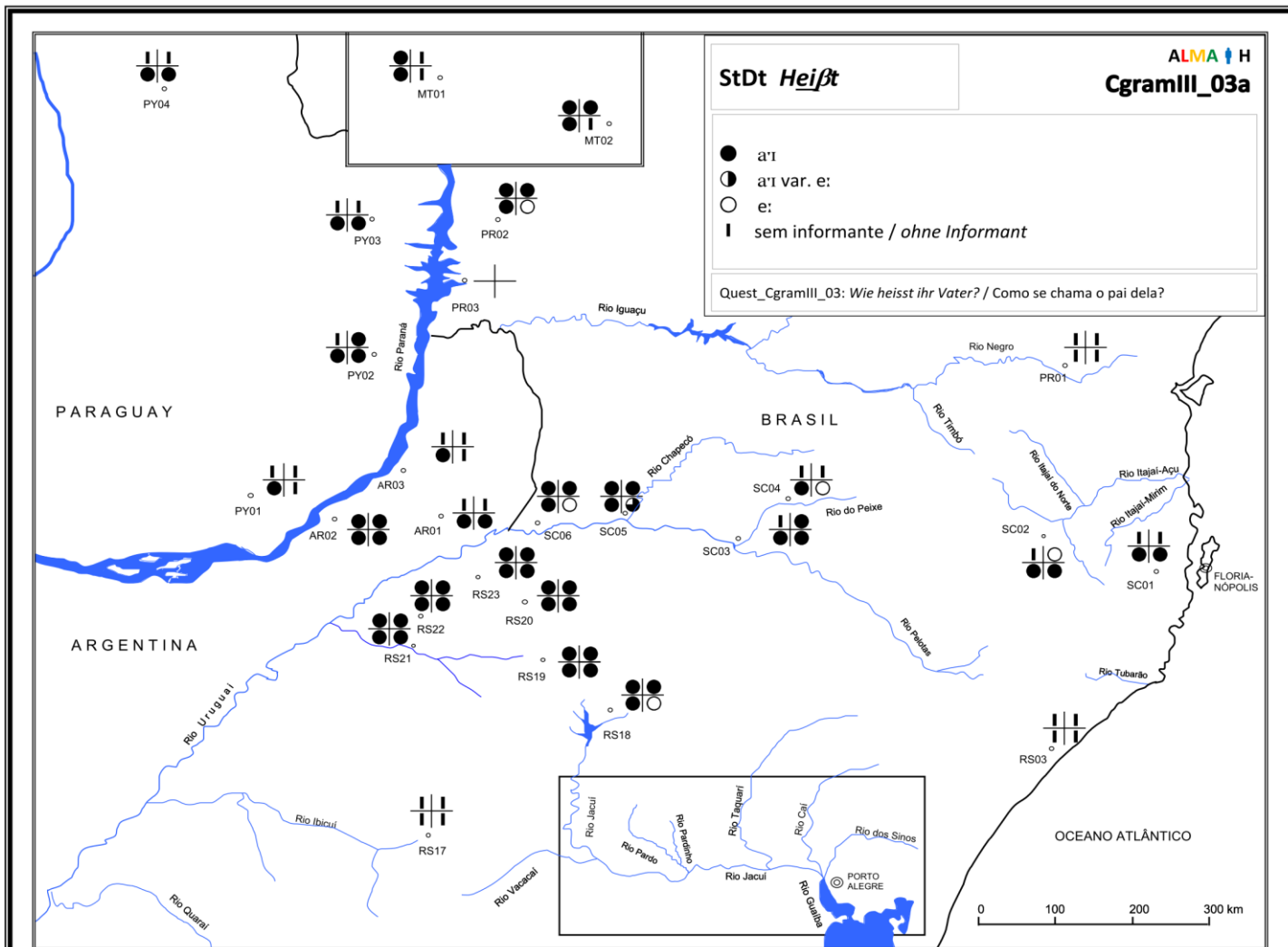


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückeano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

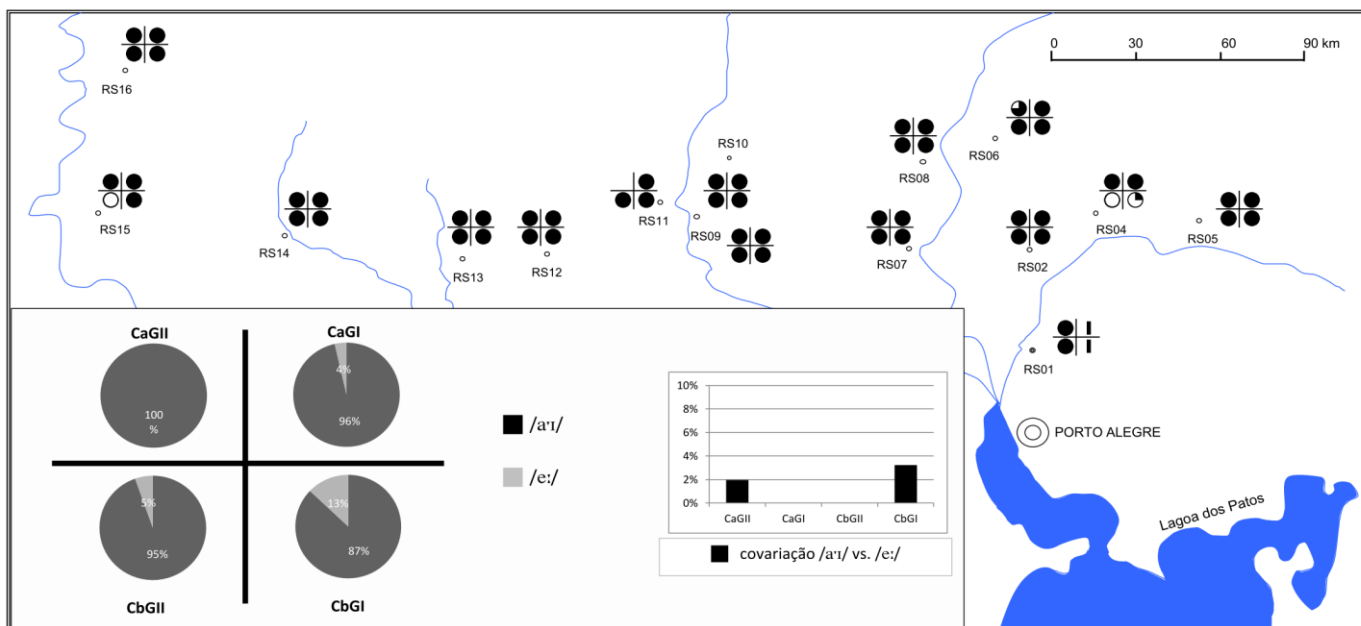


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

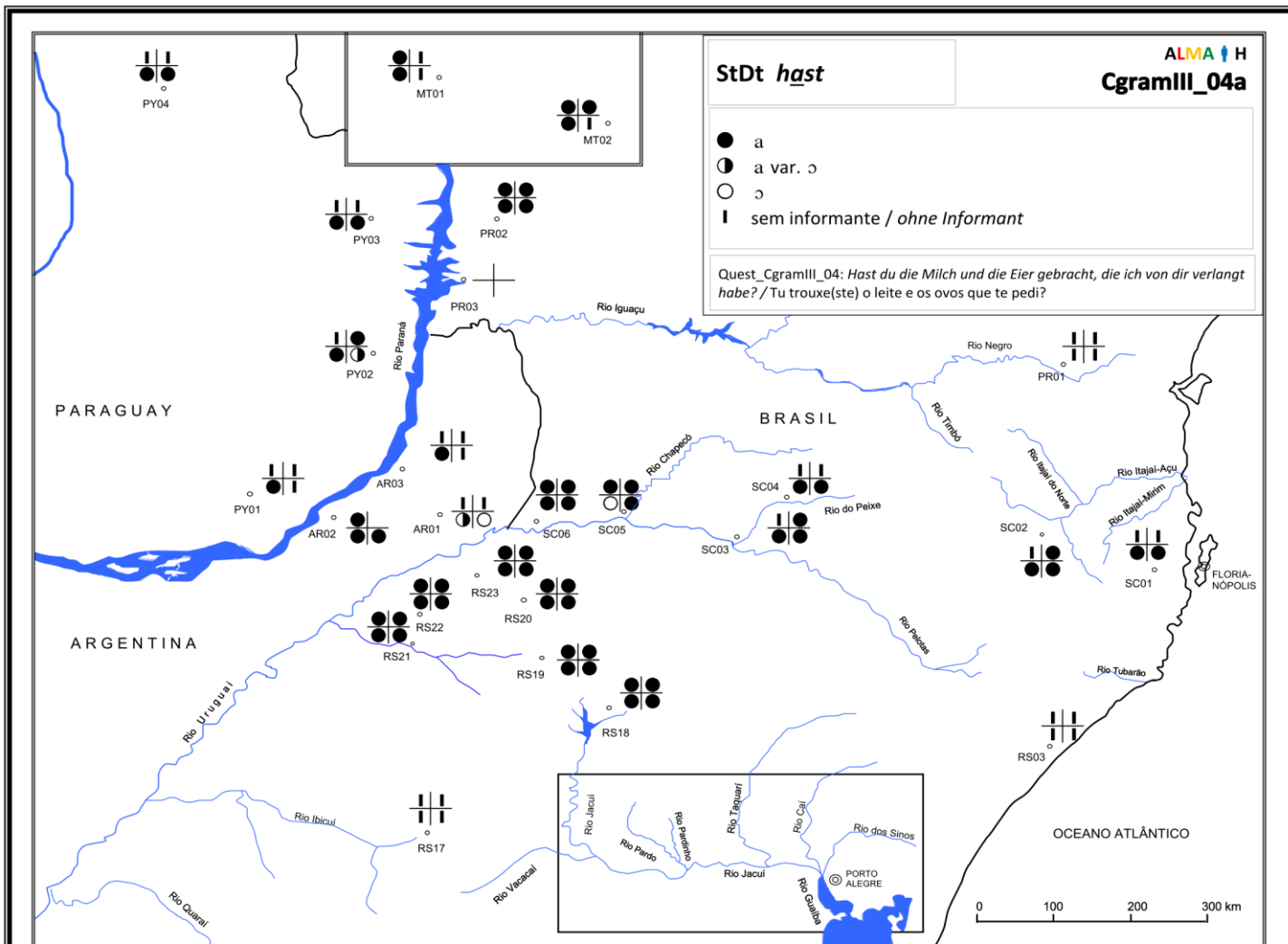


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückeano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

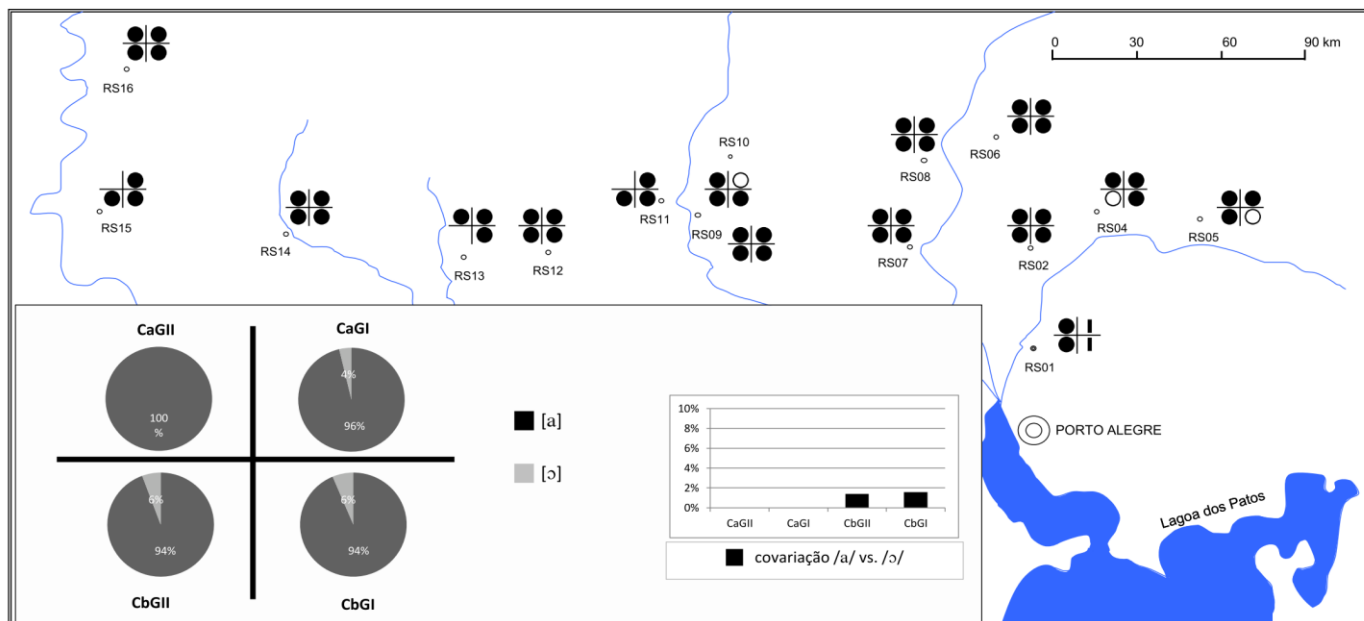


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

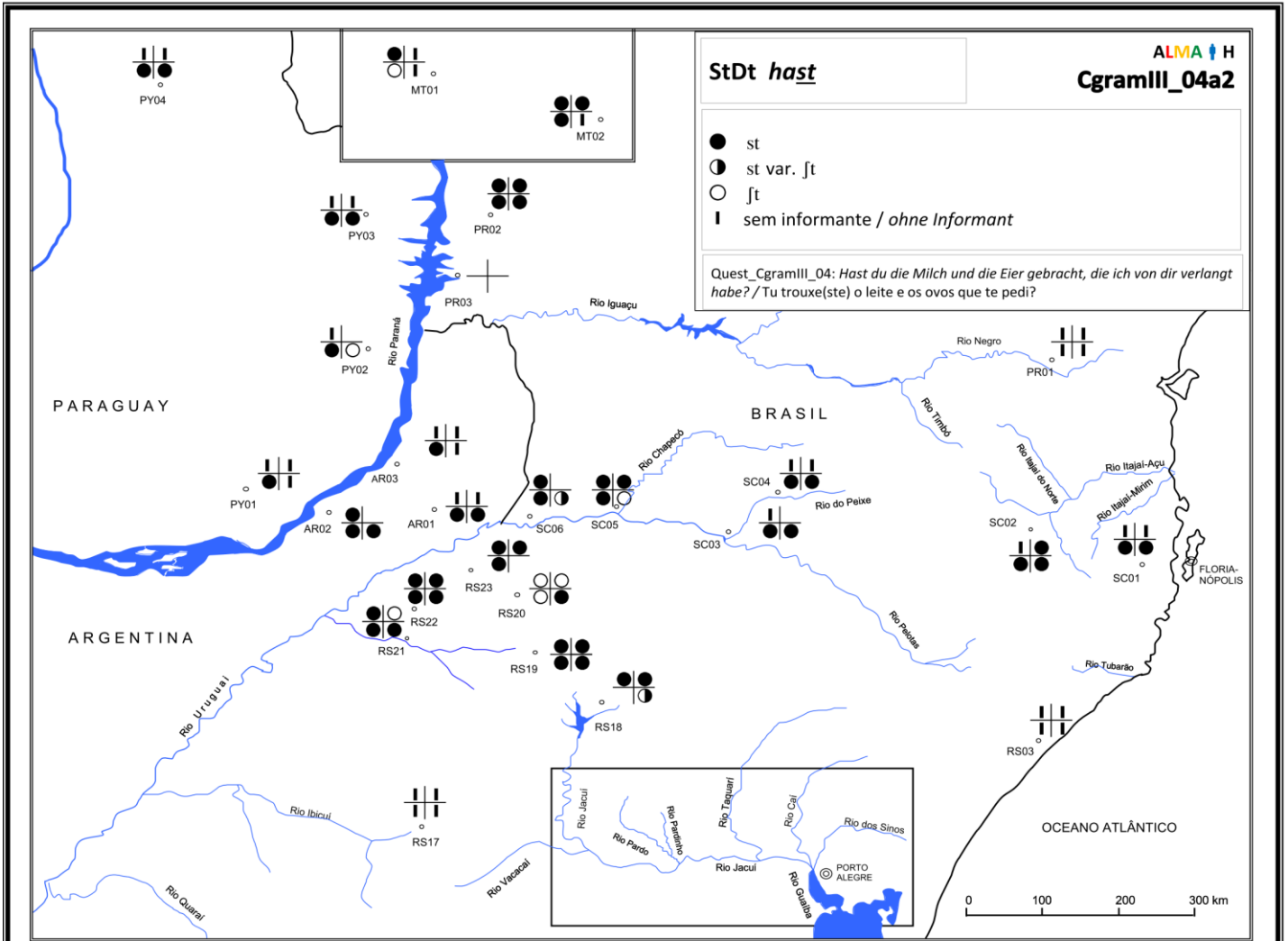


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

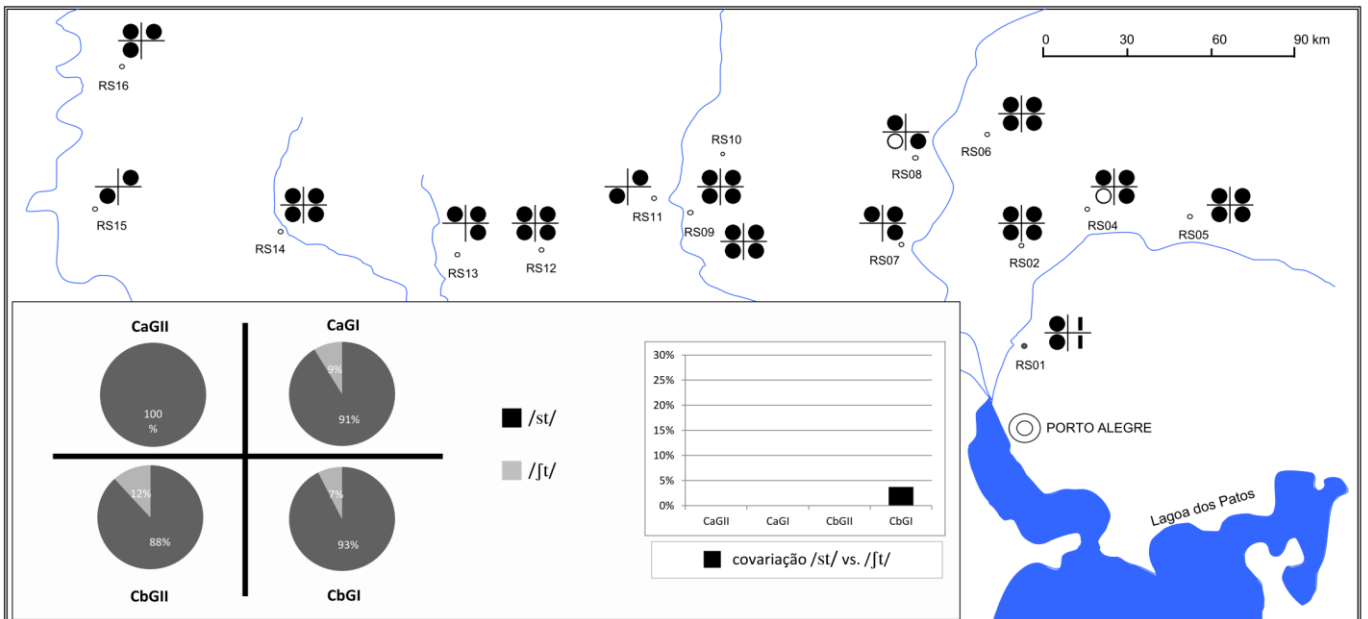


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

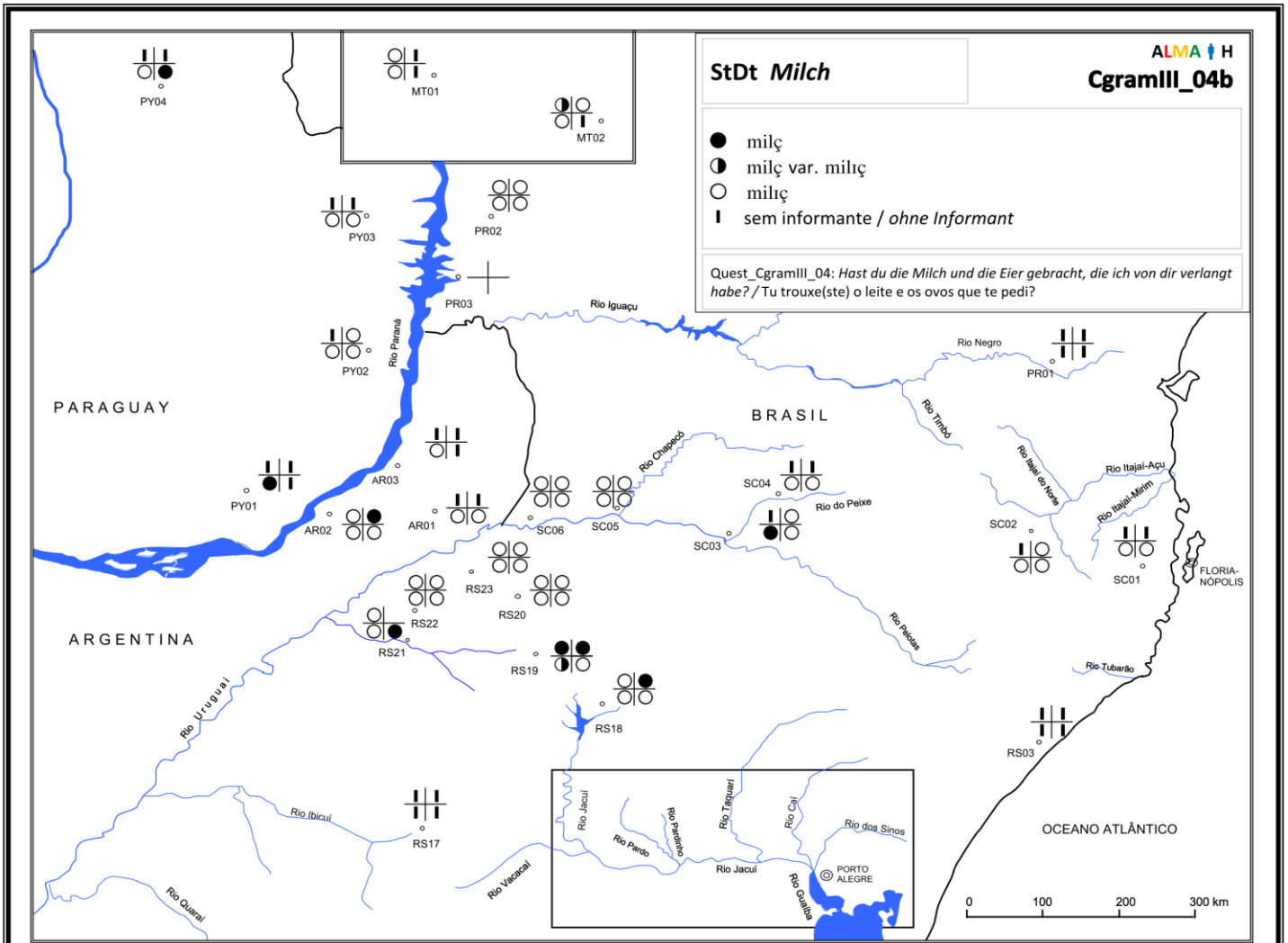


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrücksisch

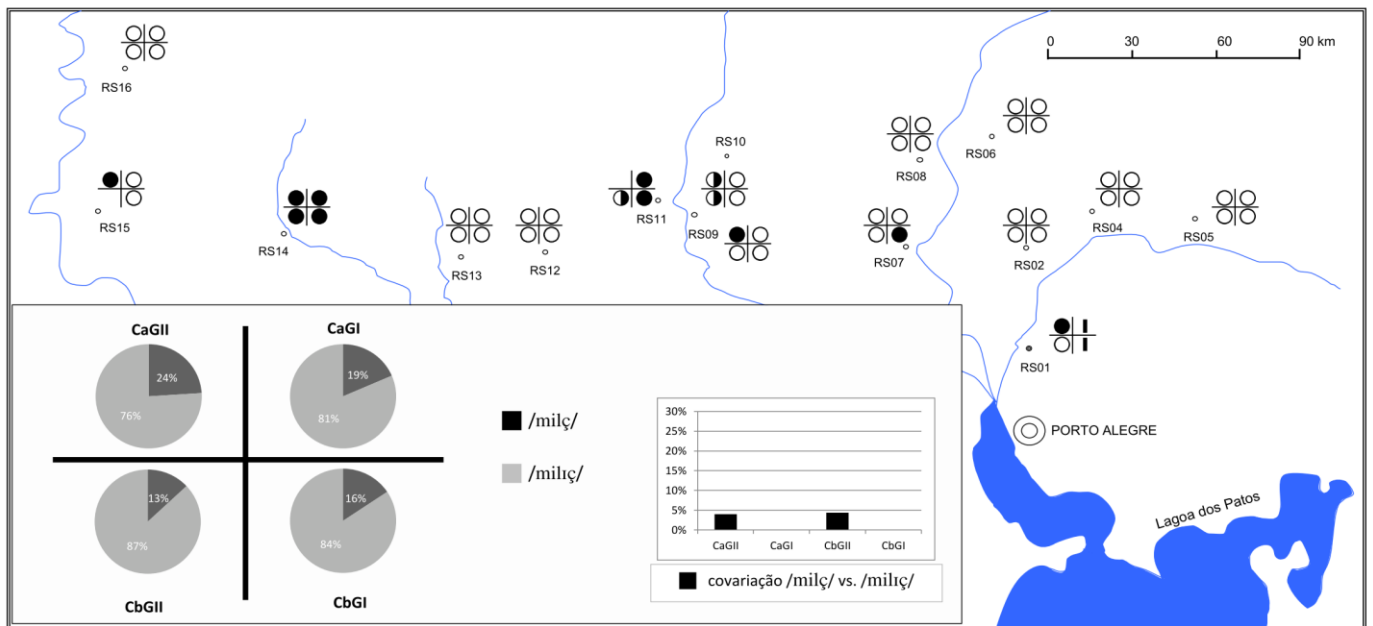


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

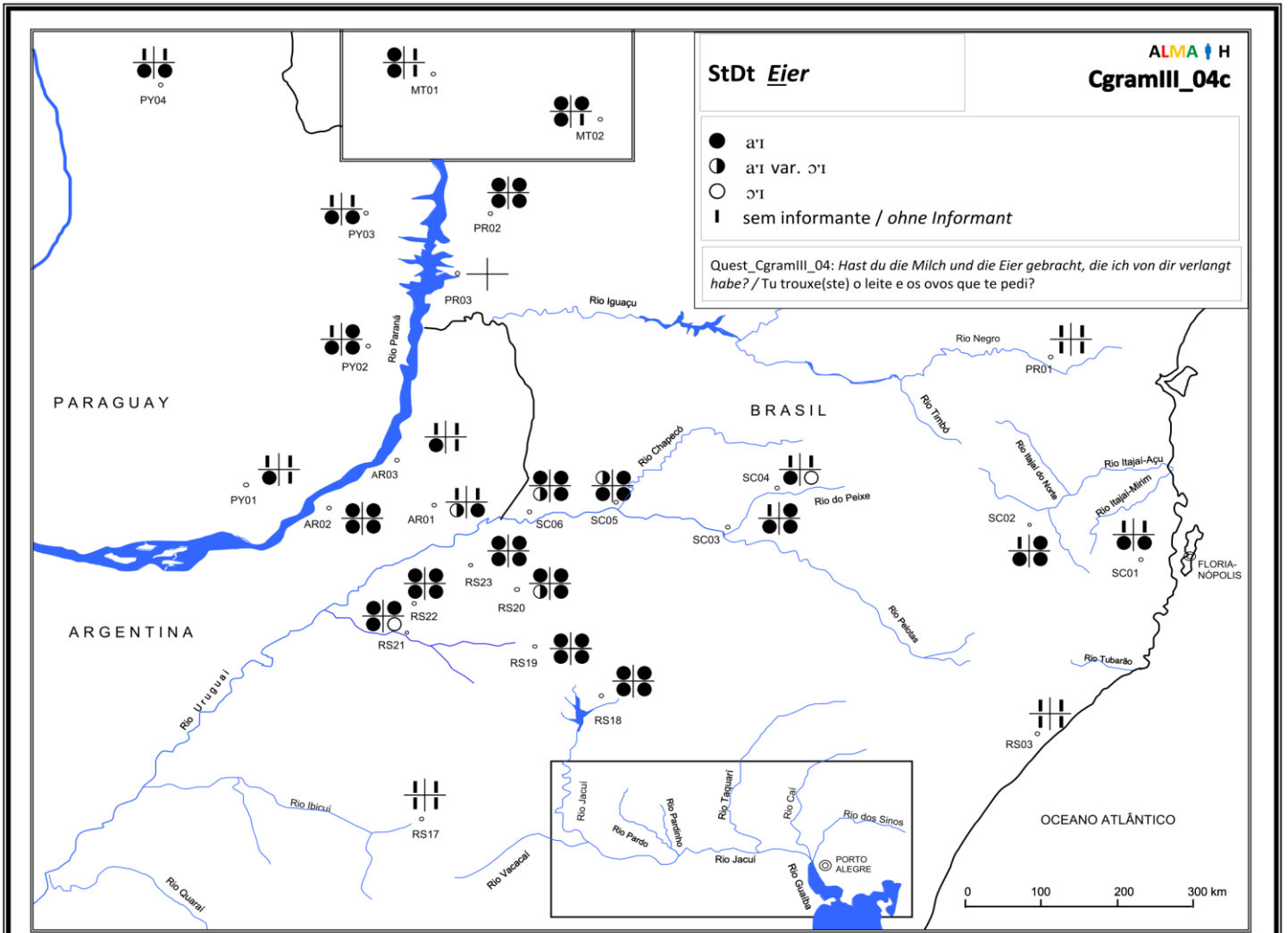


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

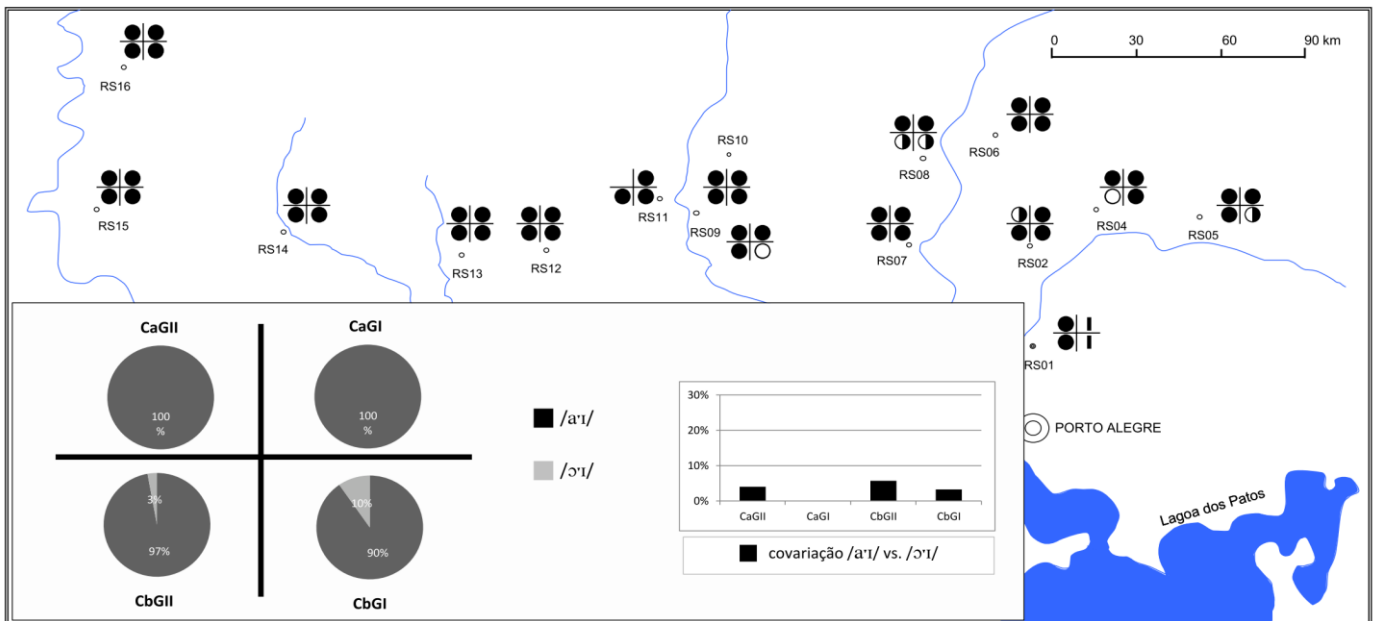


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

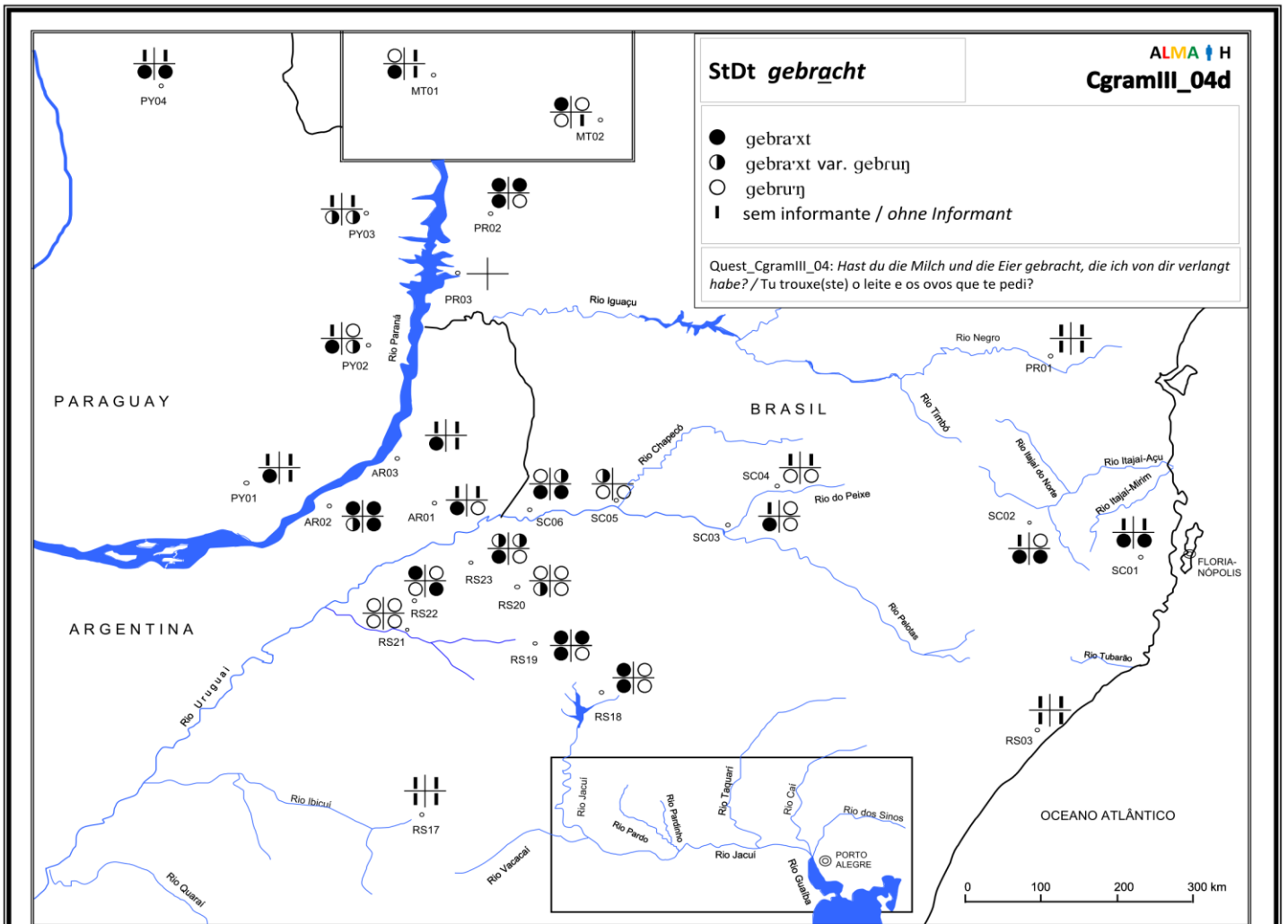


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

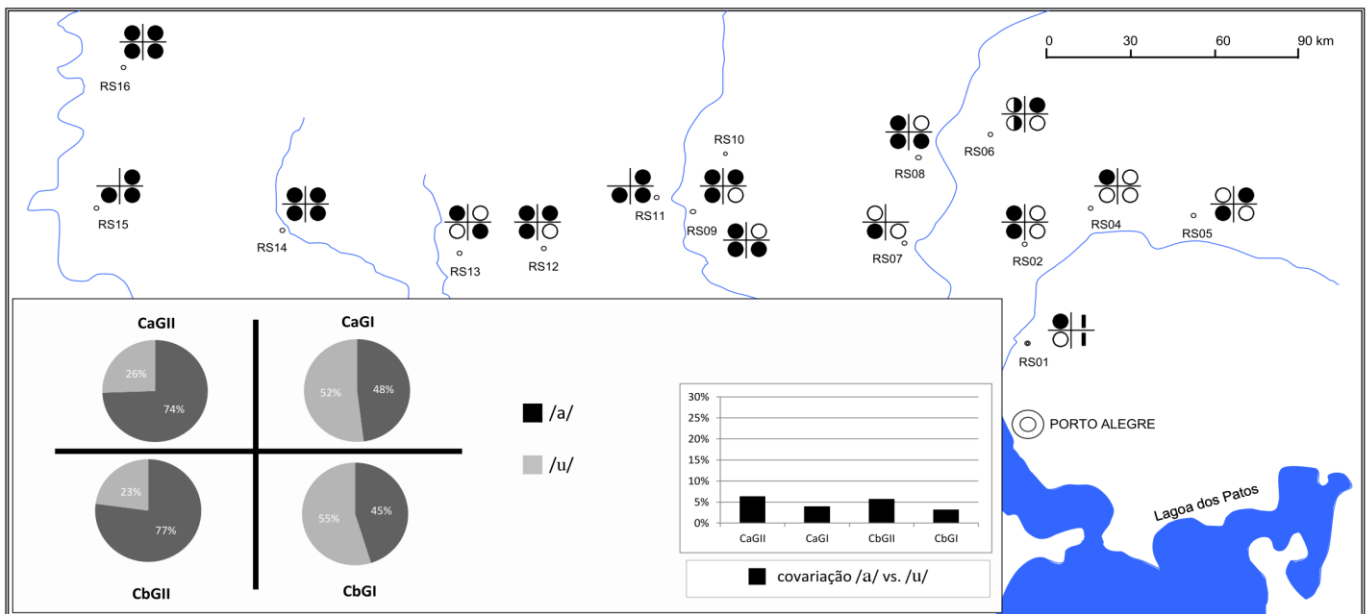


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

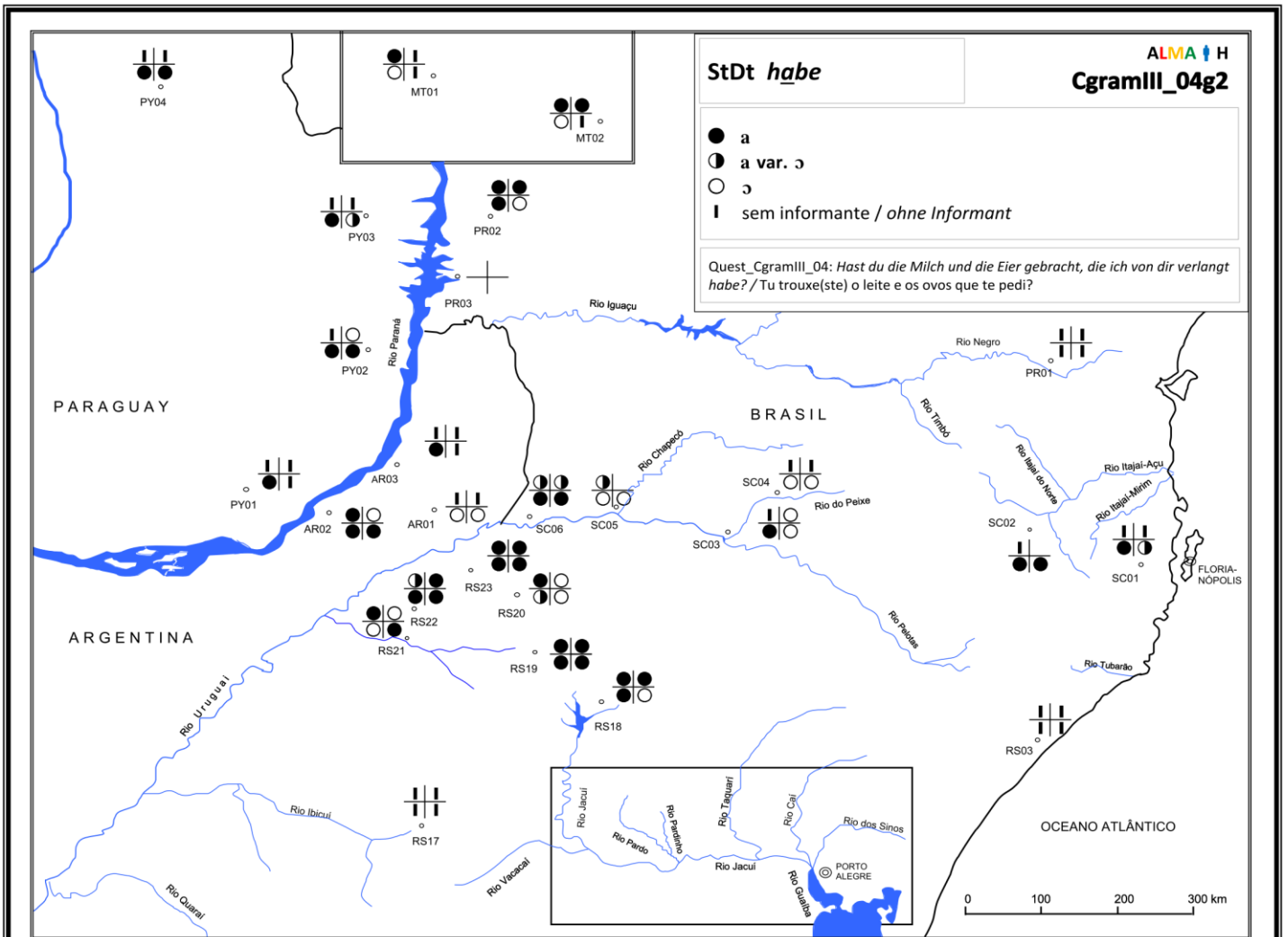


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA † H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

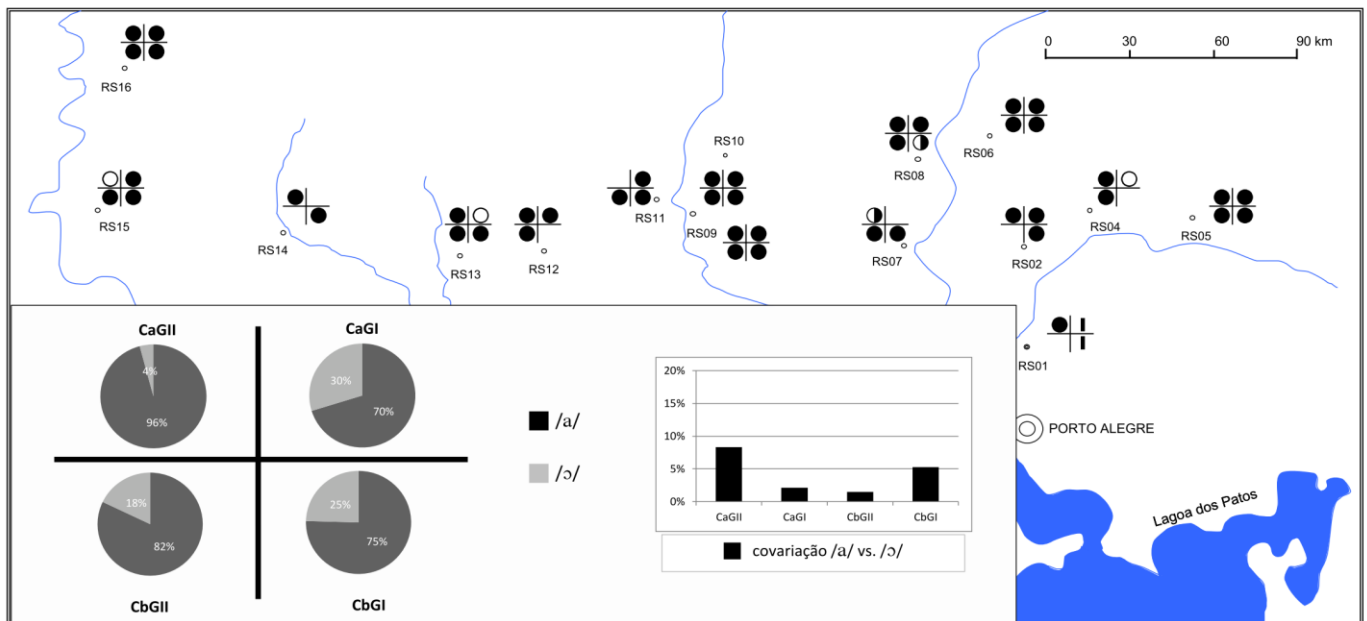


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

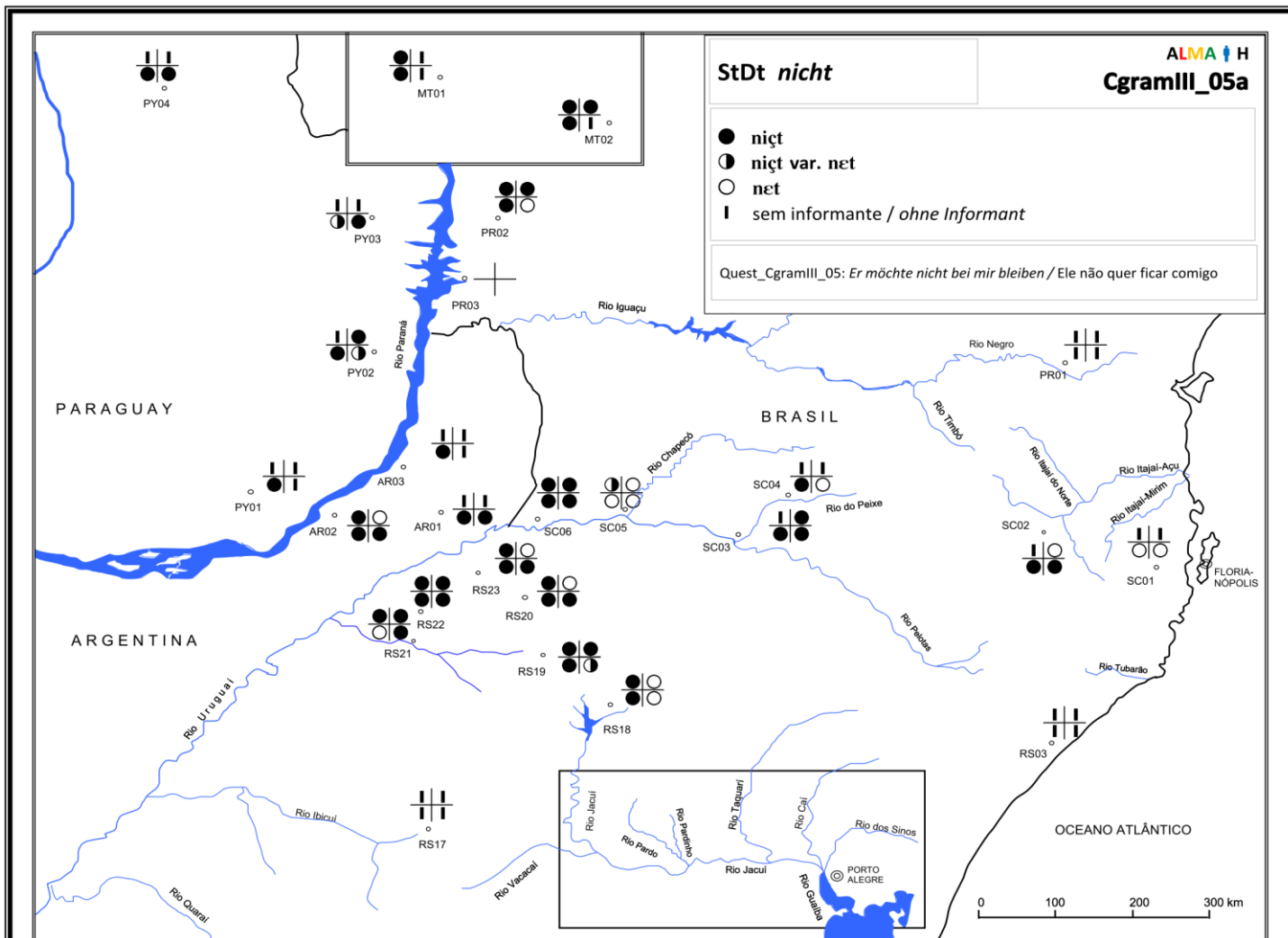


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

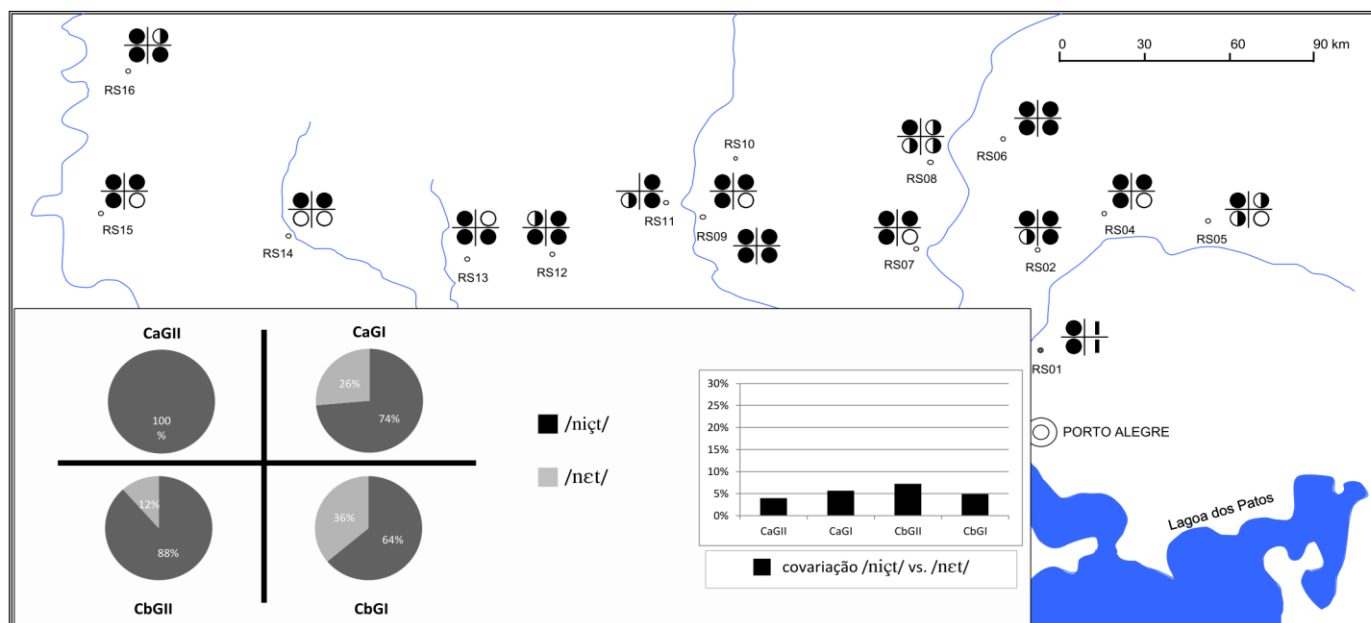


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

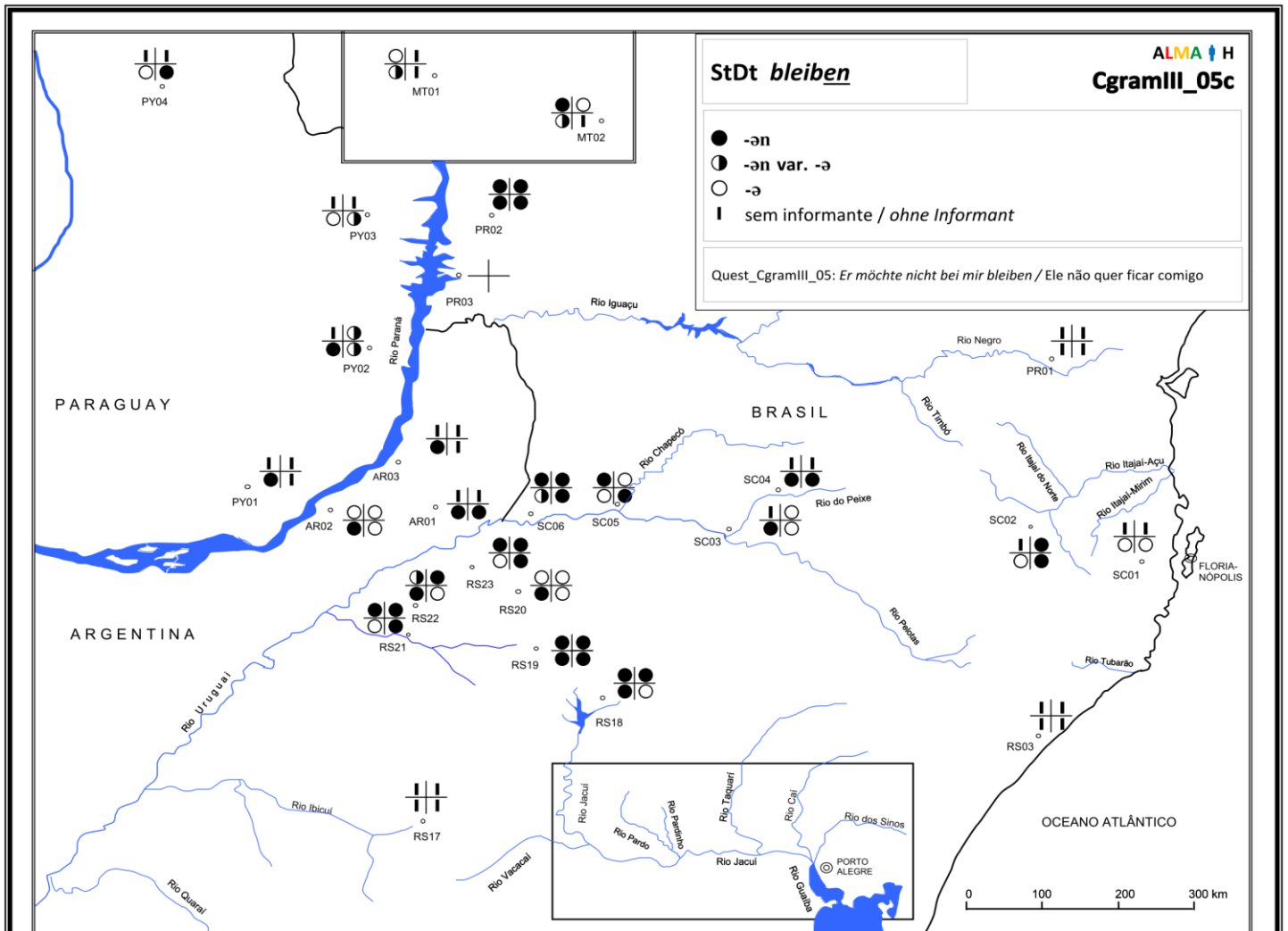


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

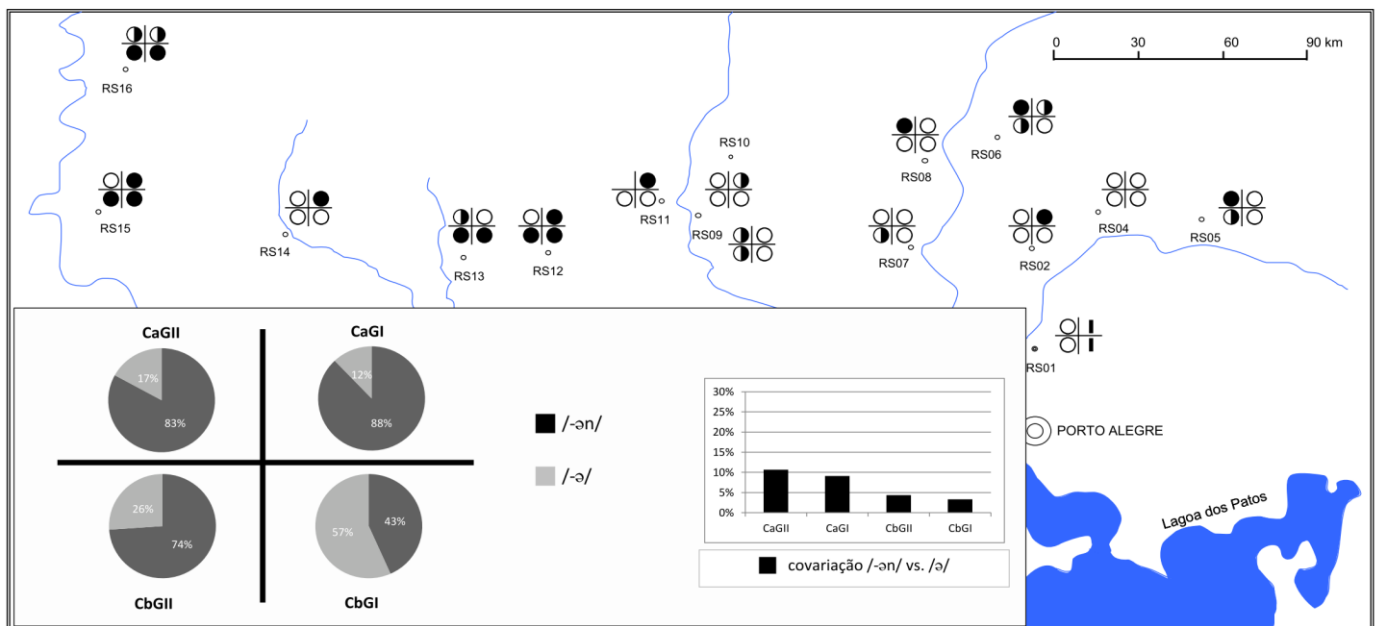


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

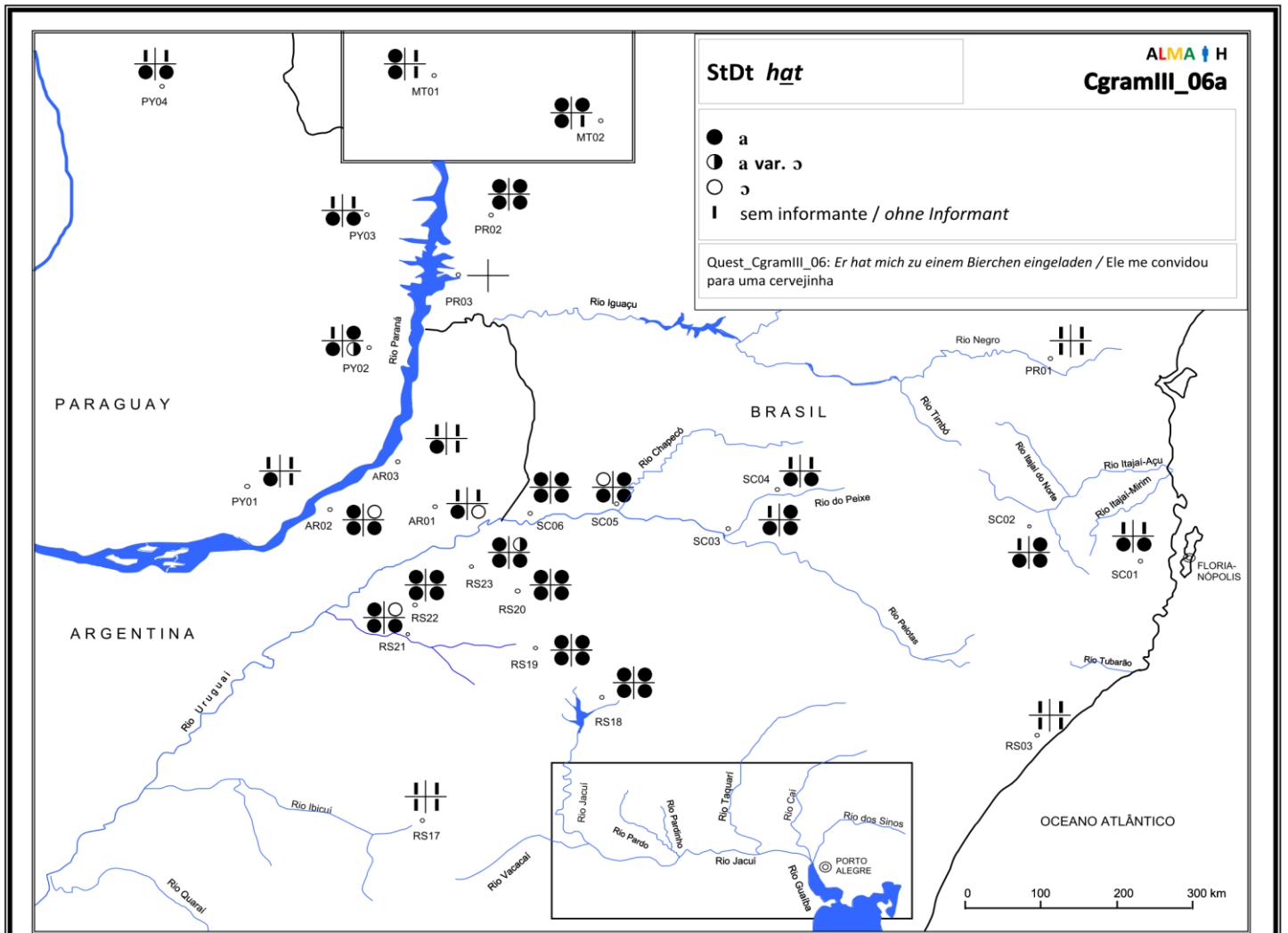


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA † H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

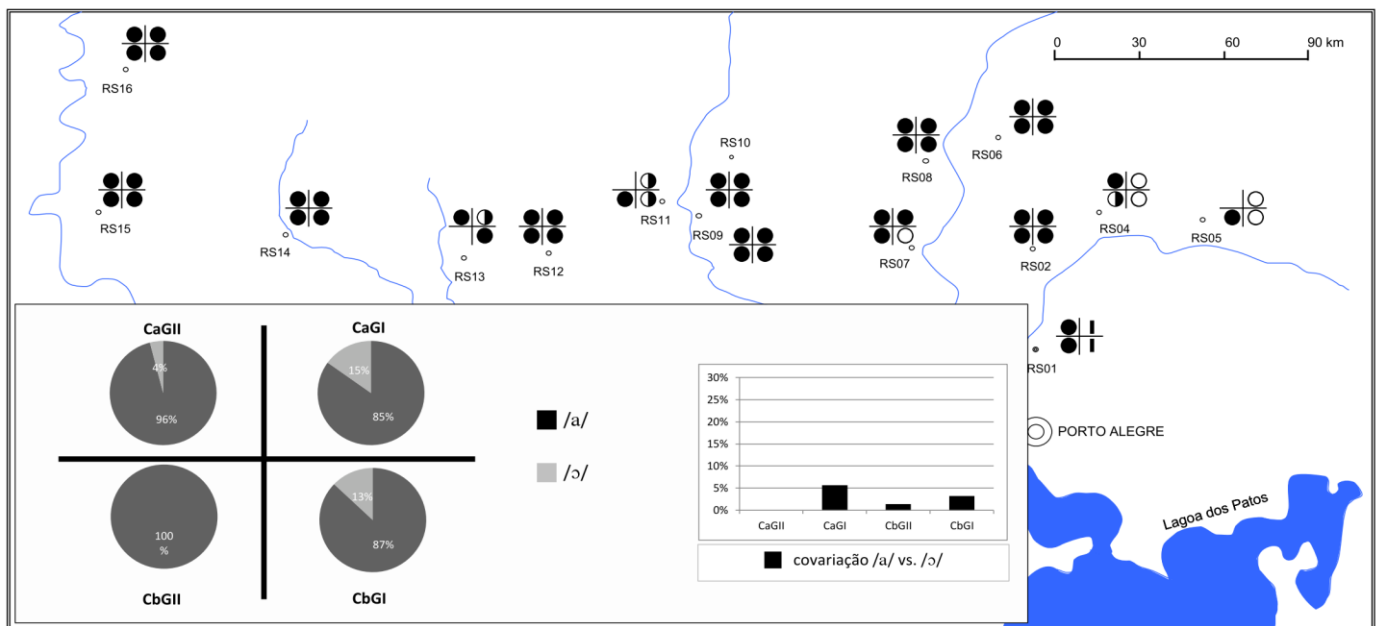


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

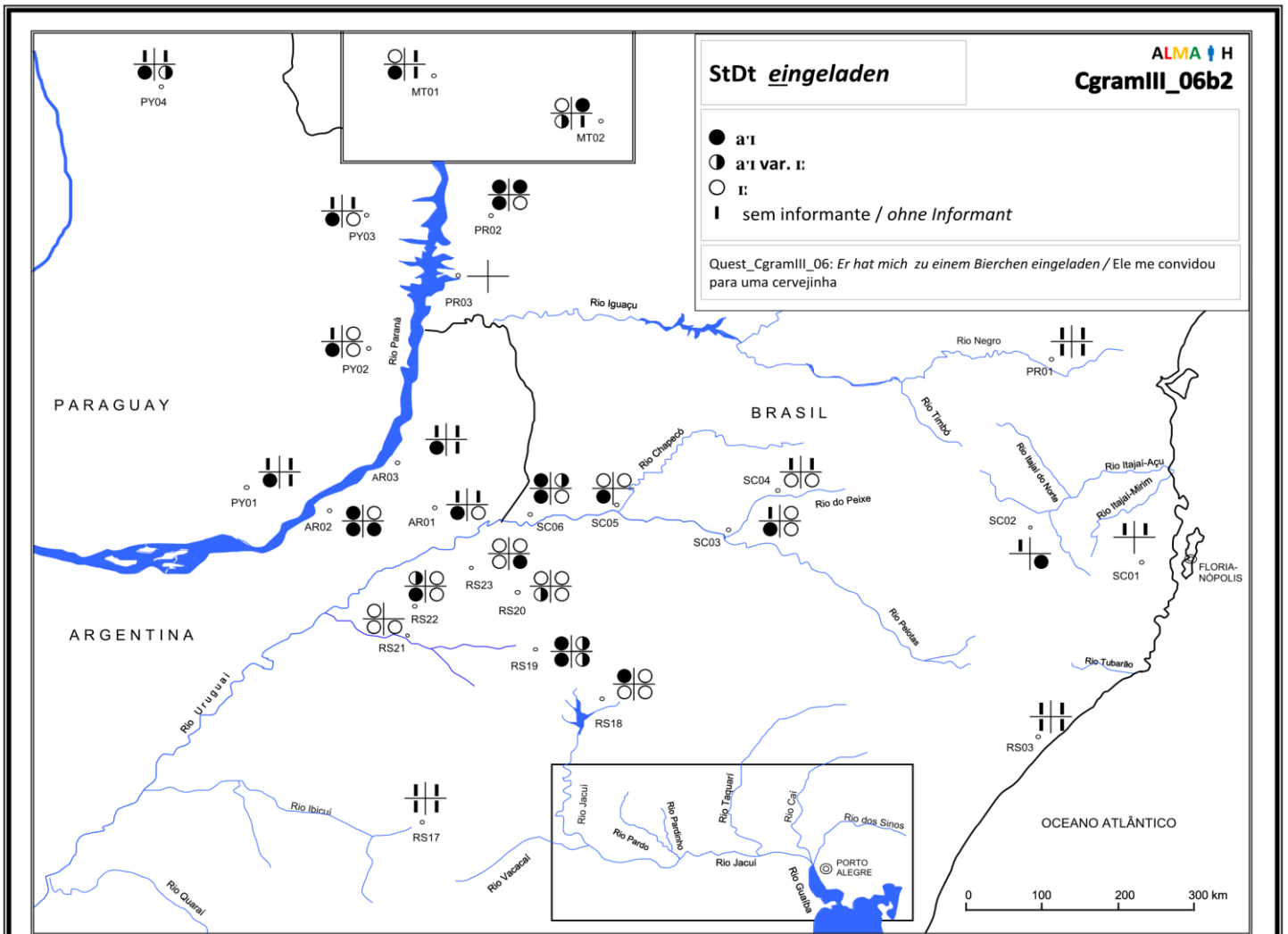


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

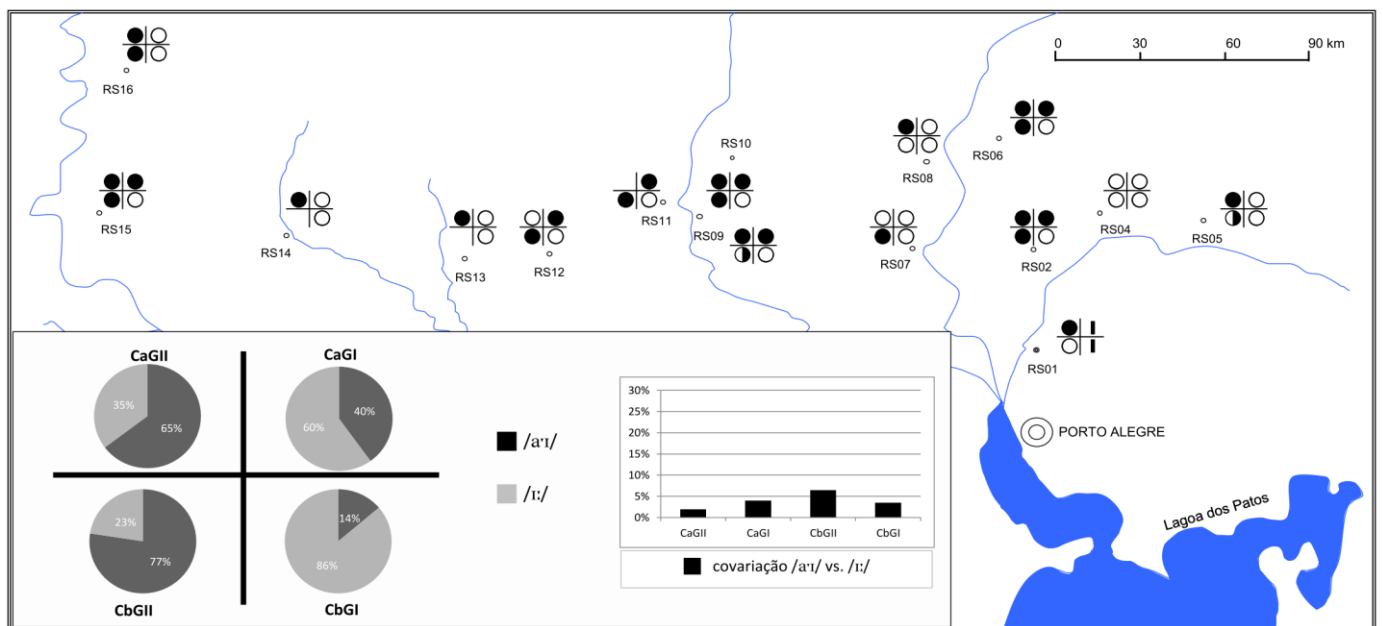


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

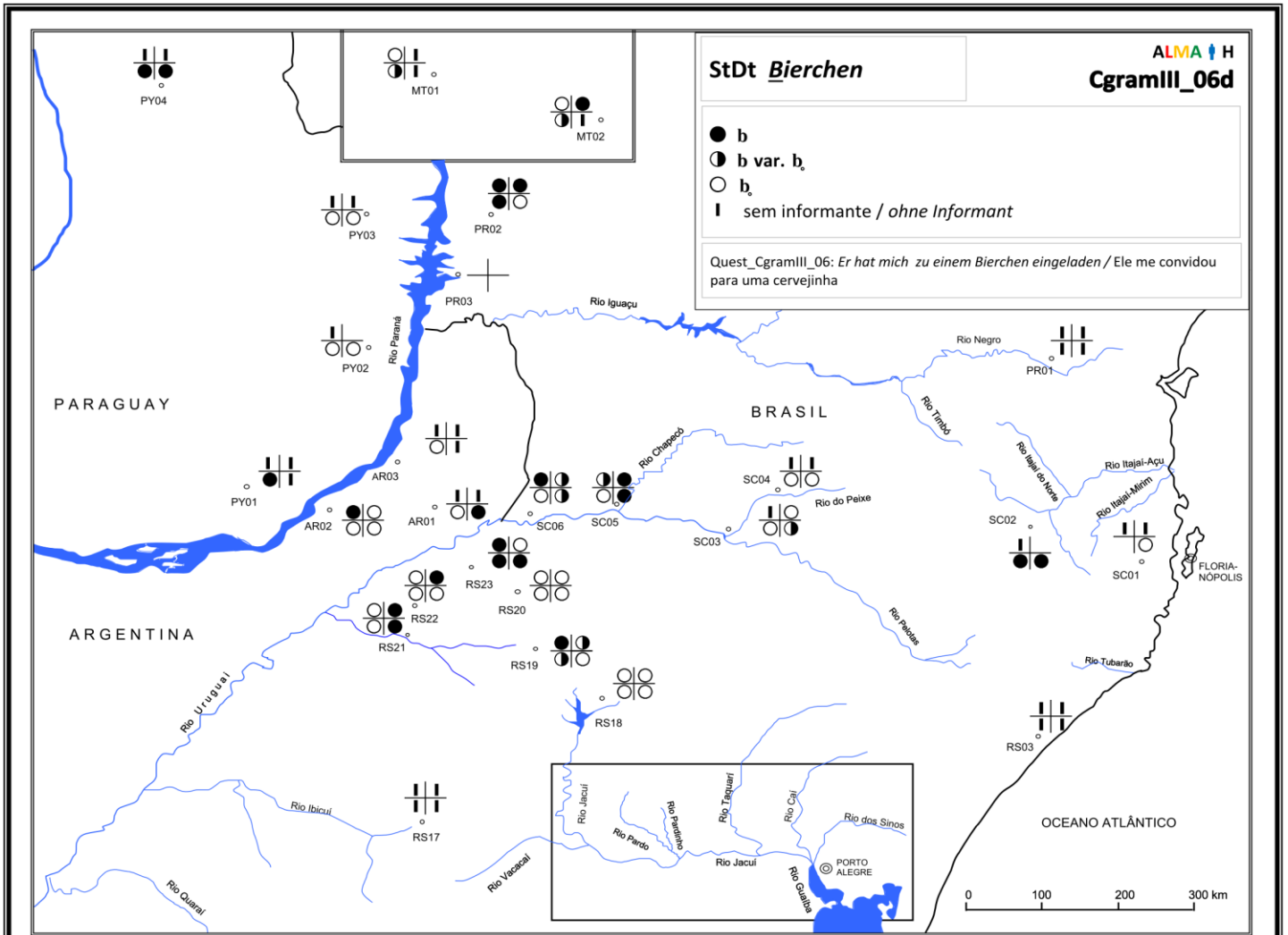


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakttatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

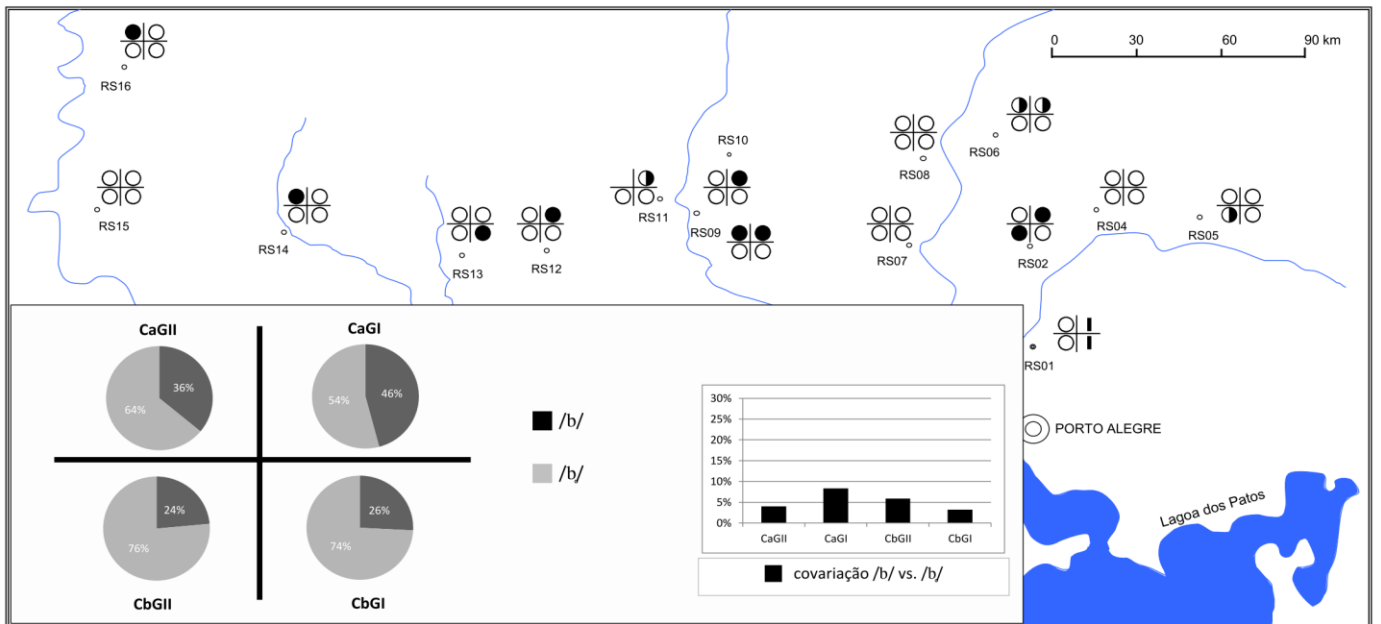


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

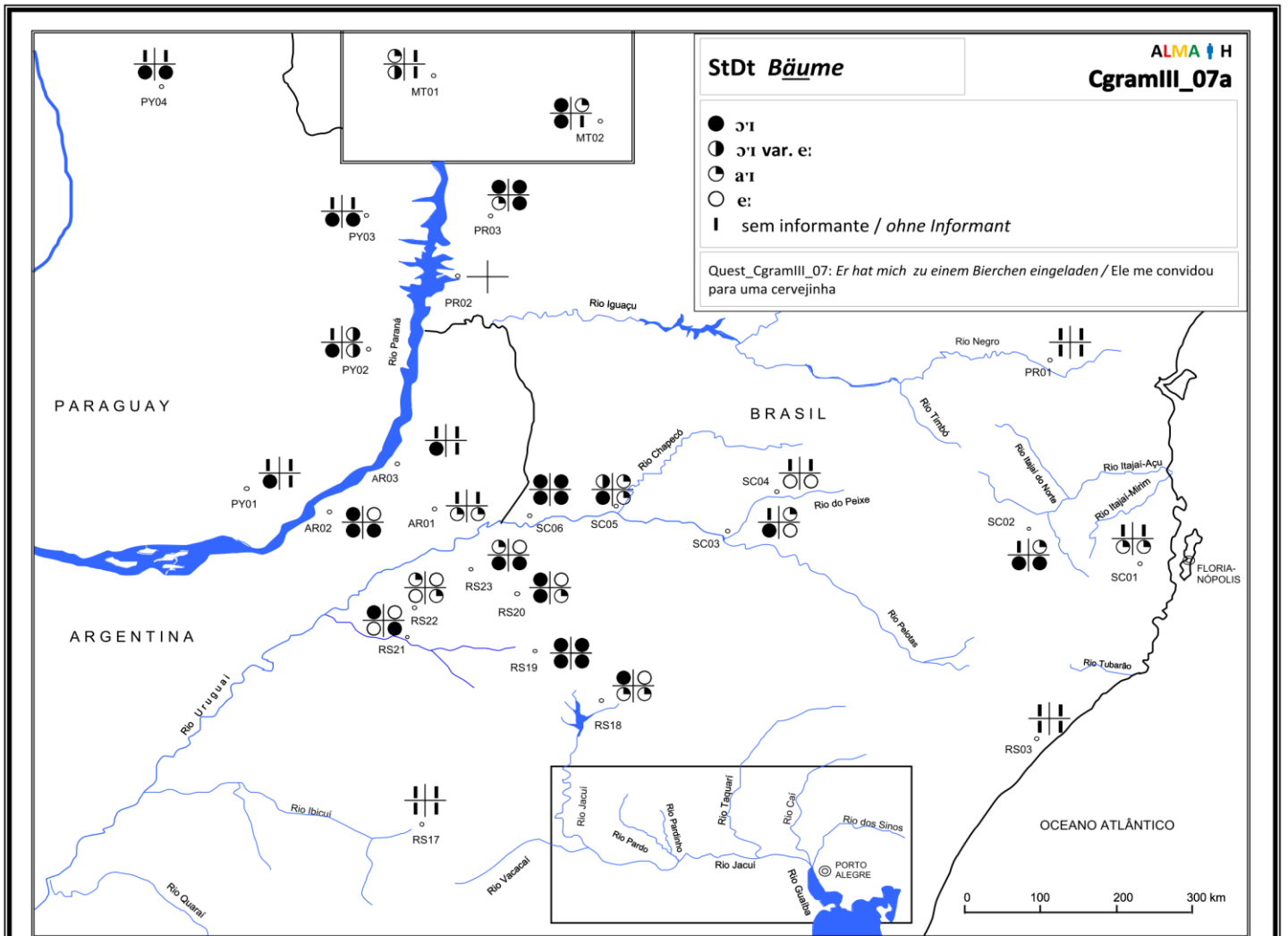


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsriqueano

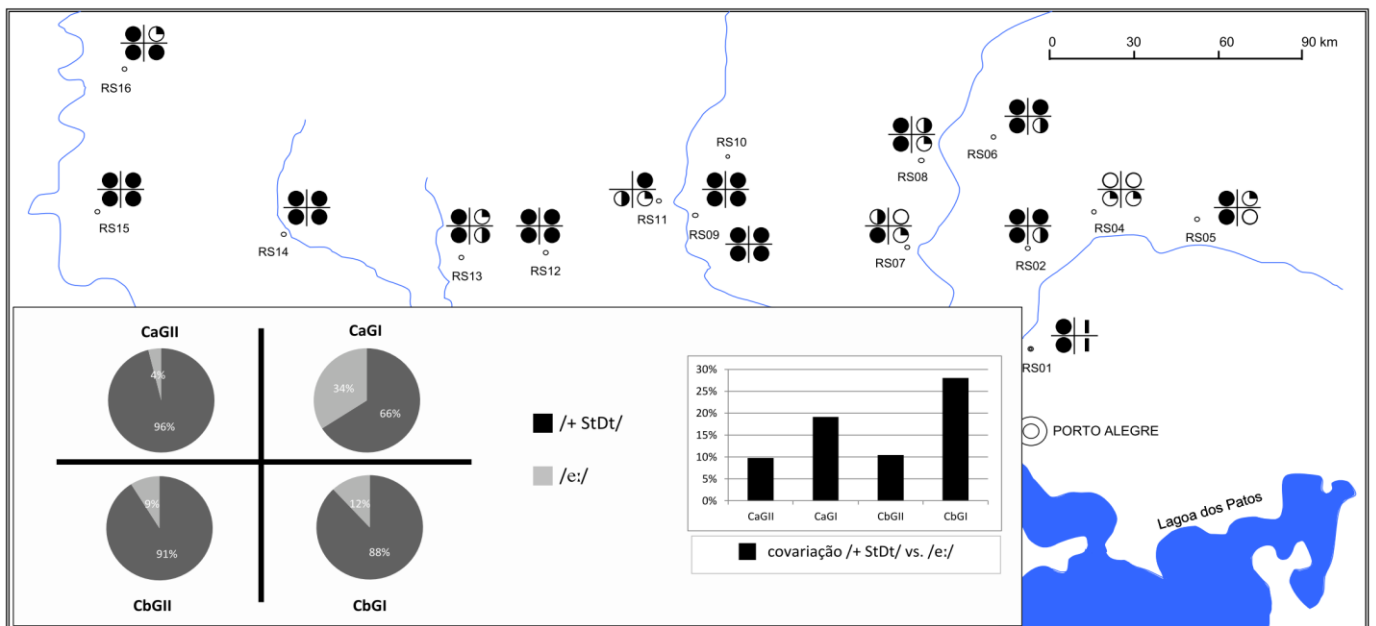


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

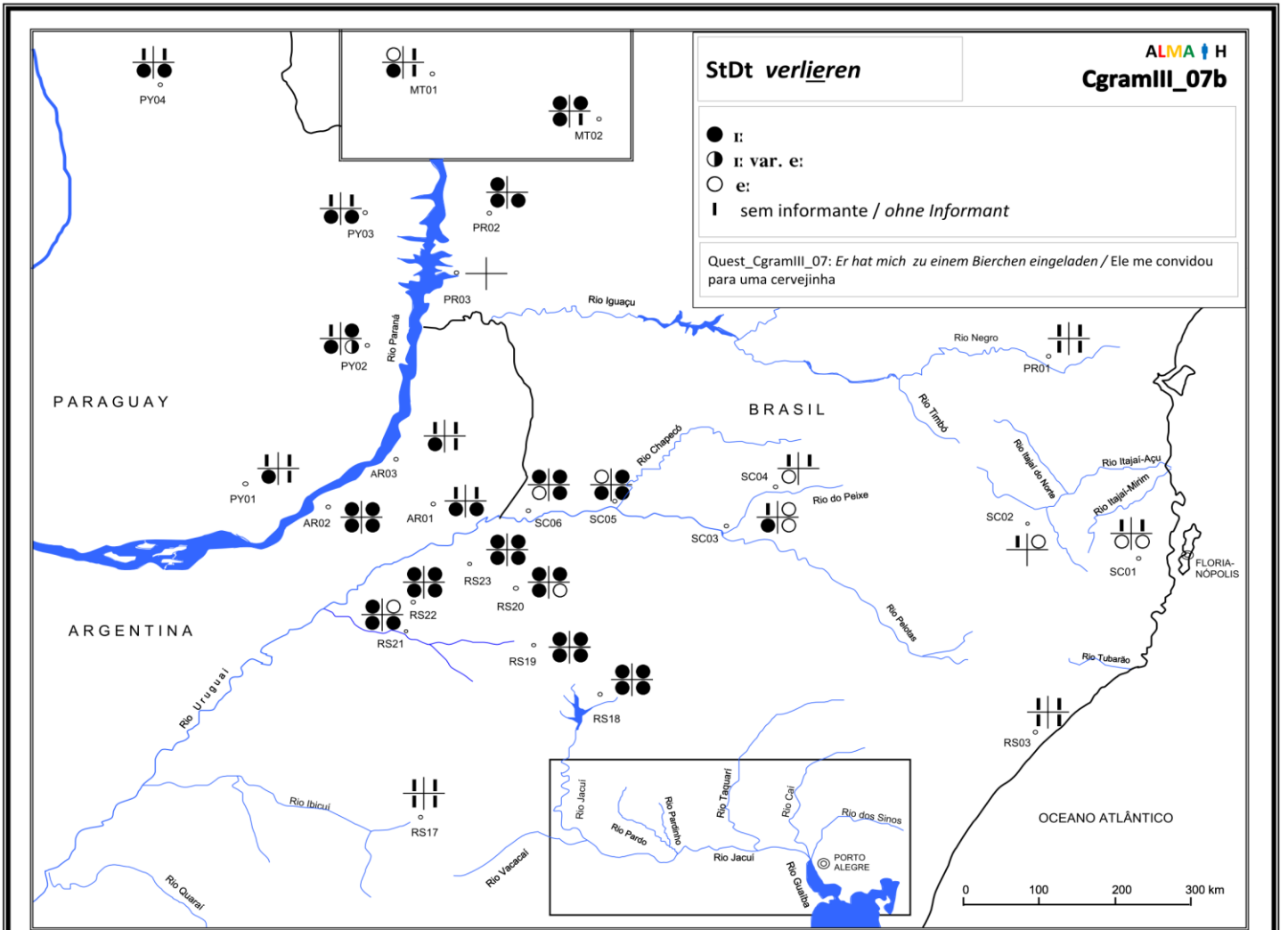


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

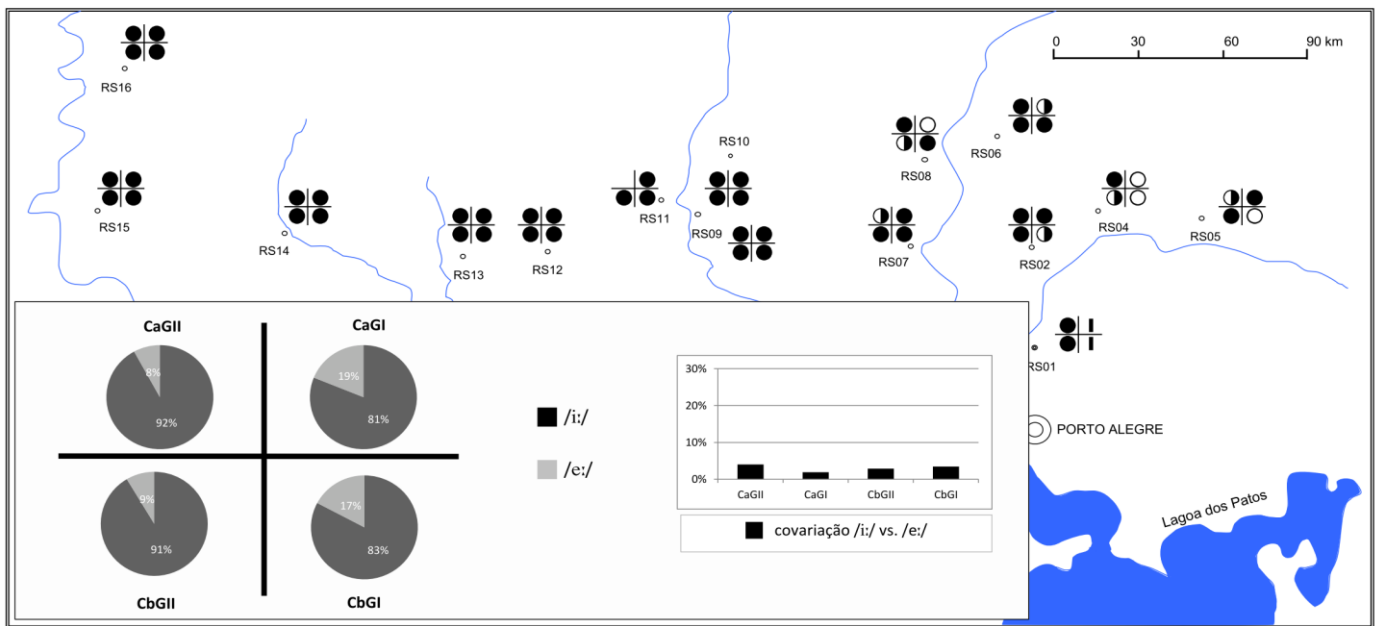


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

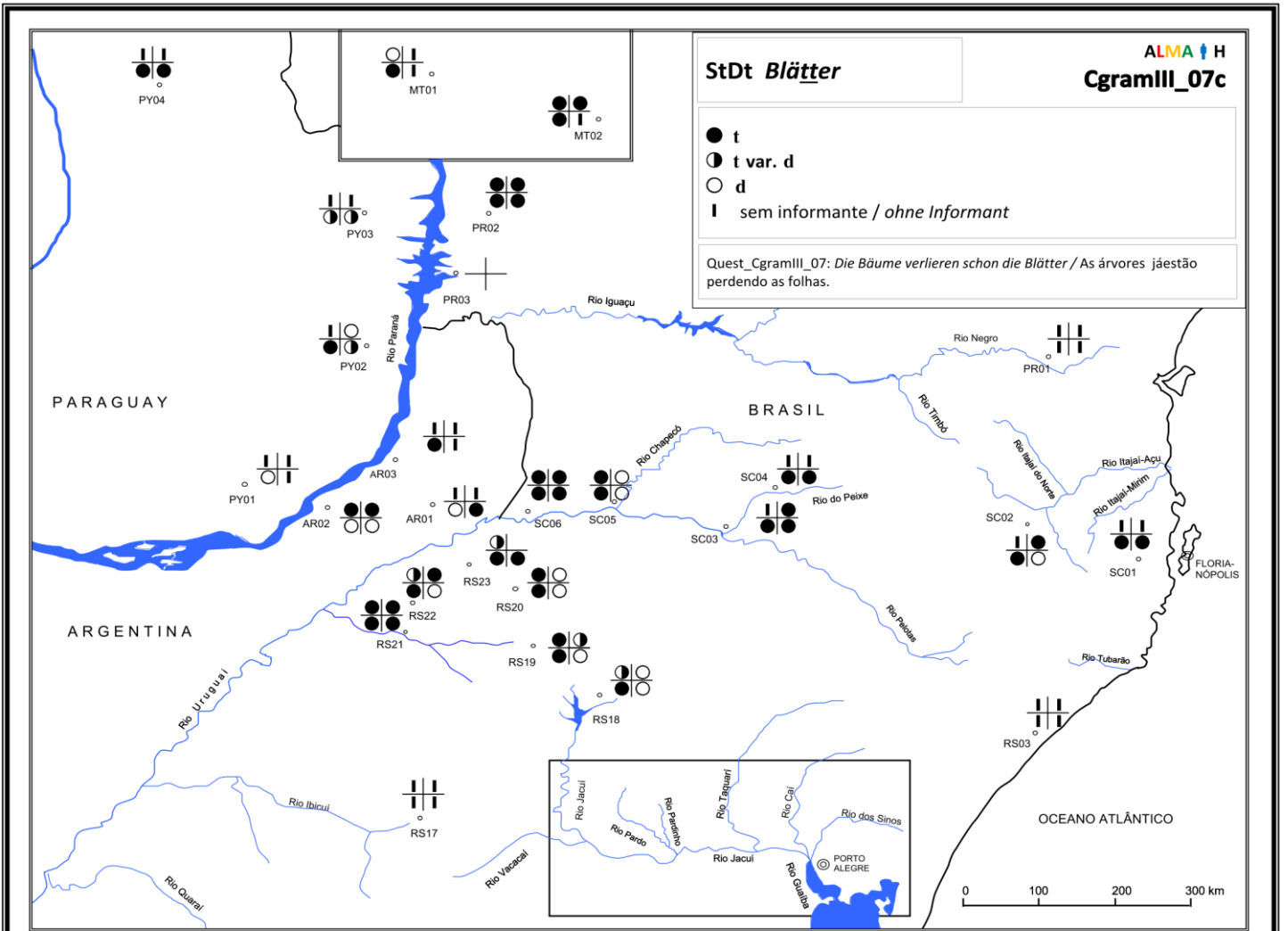


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsriqueano

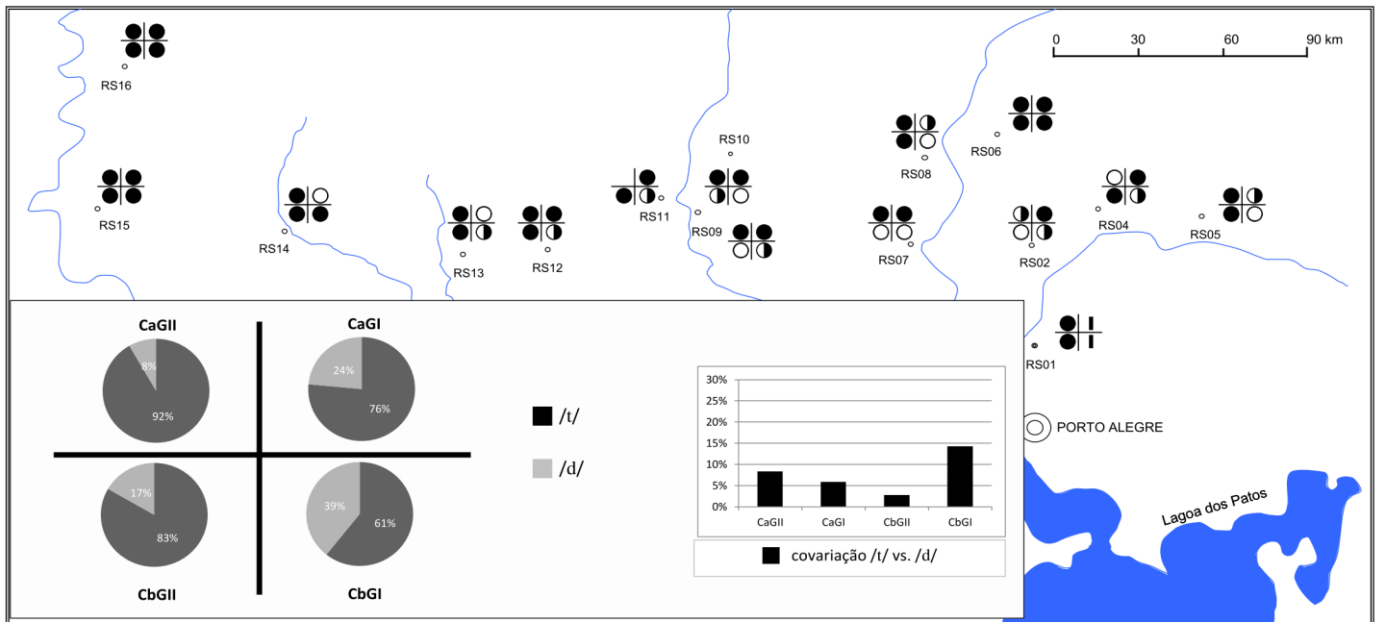


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

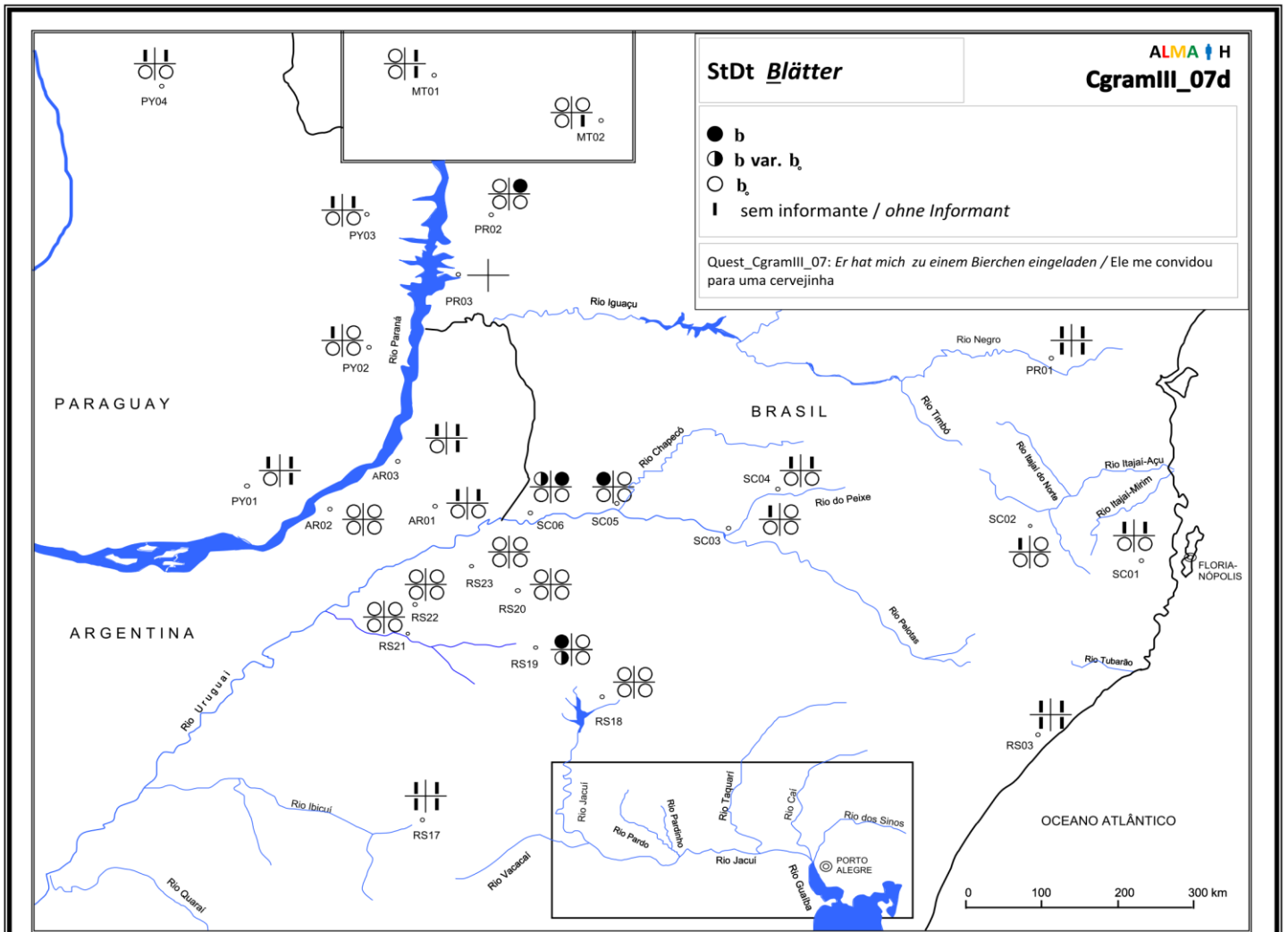


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

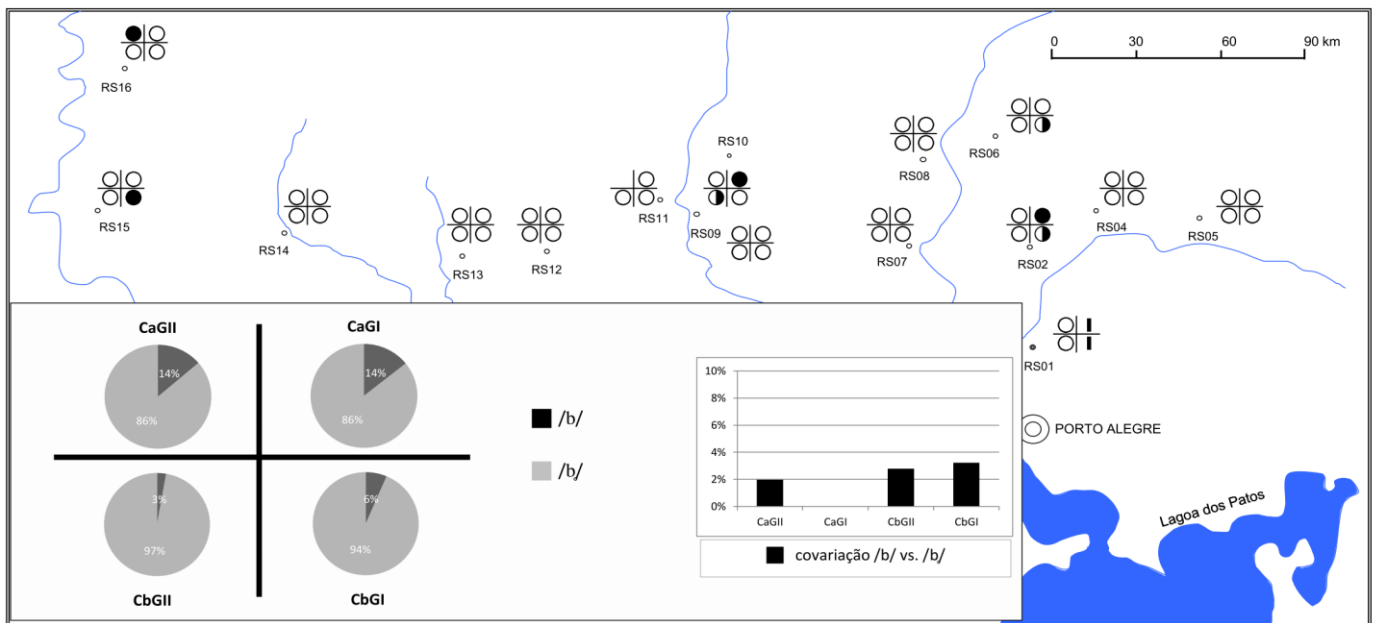


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

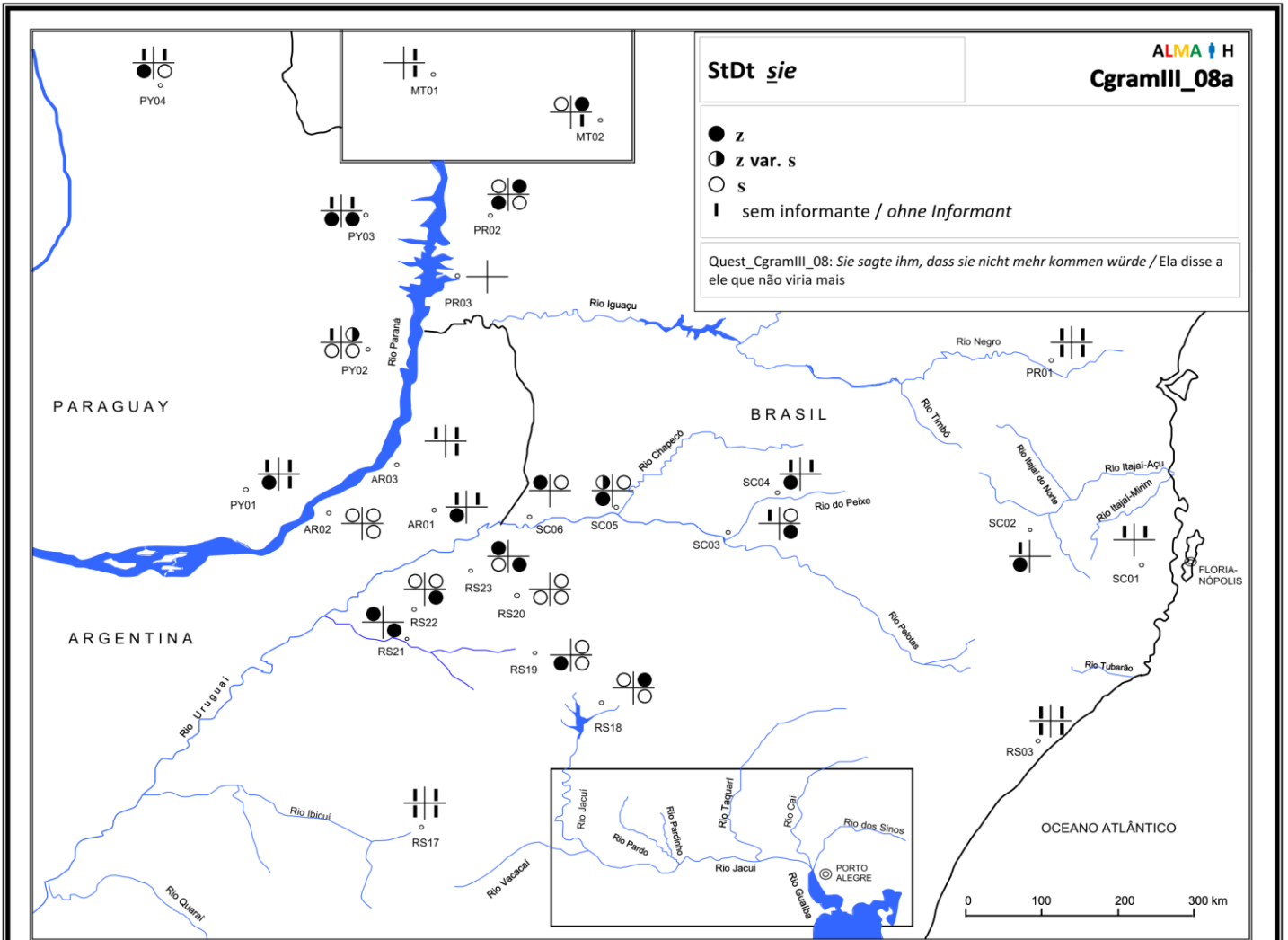


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

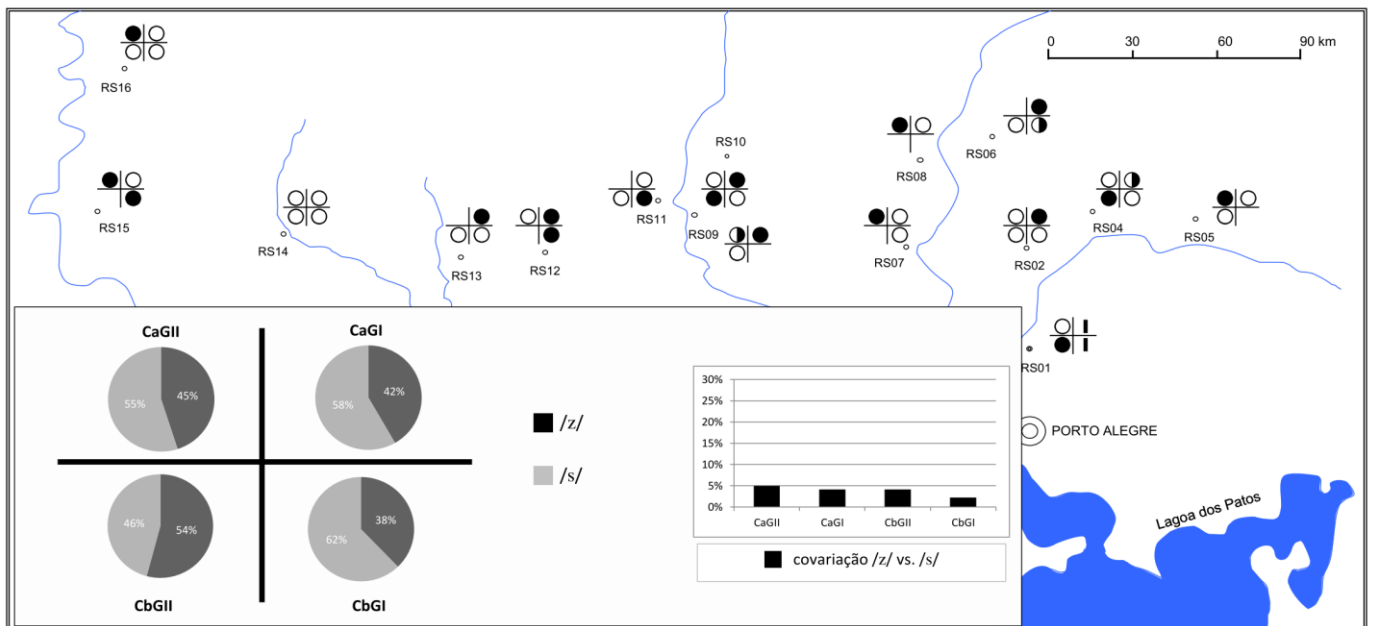


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

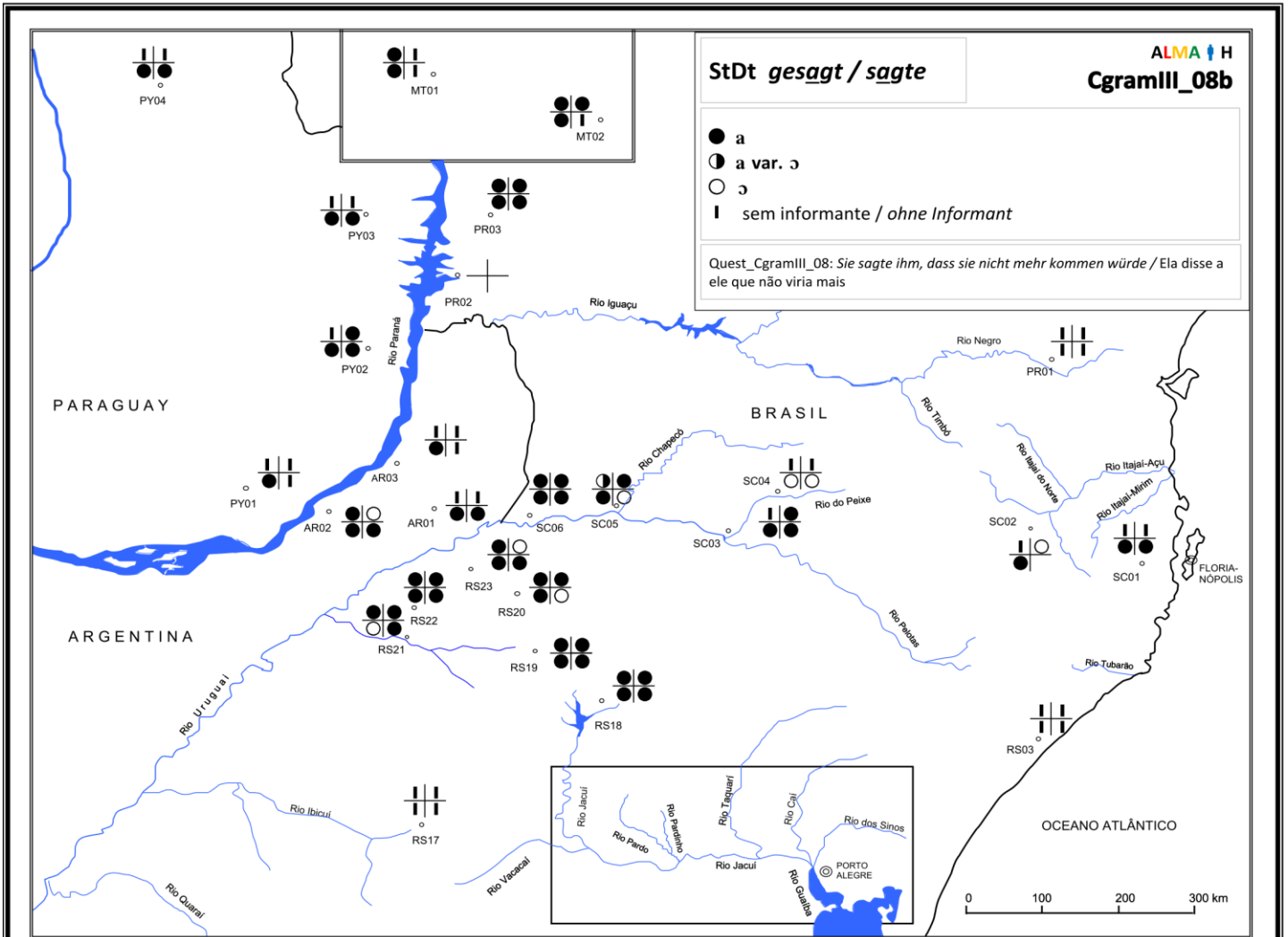


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

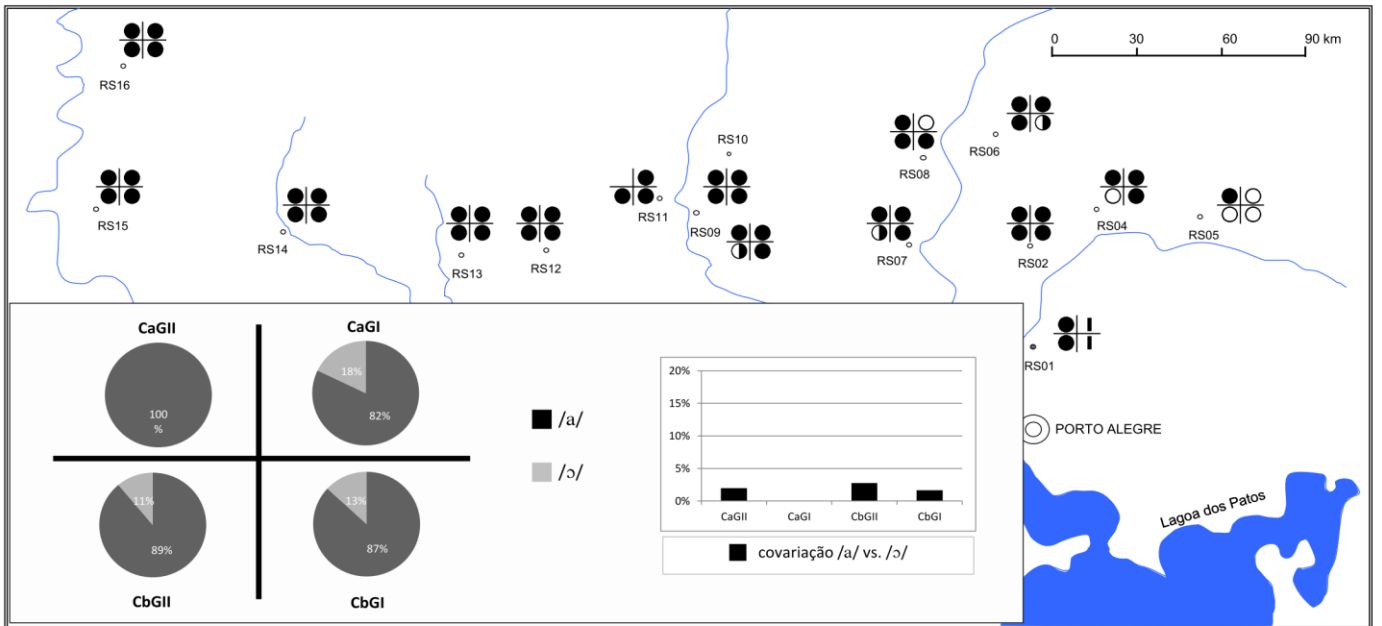


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

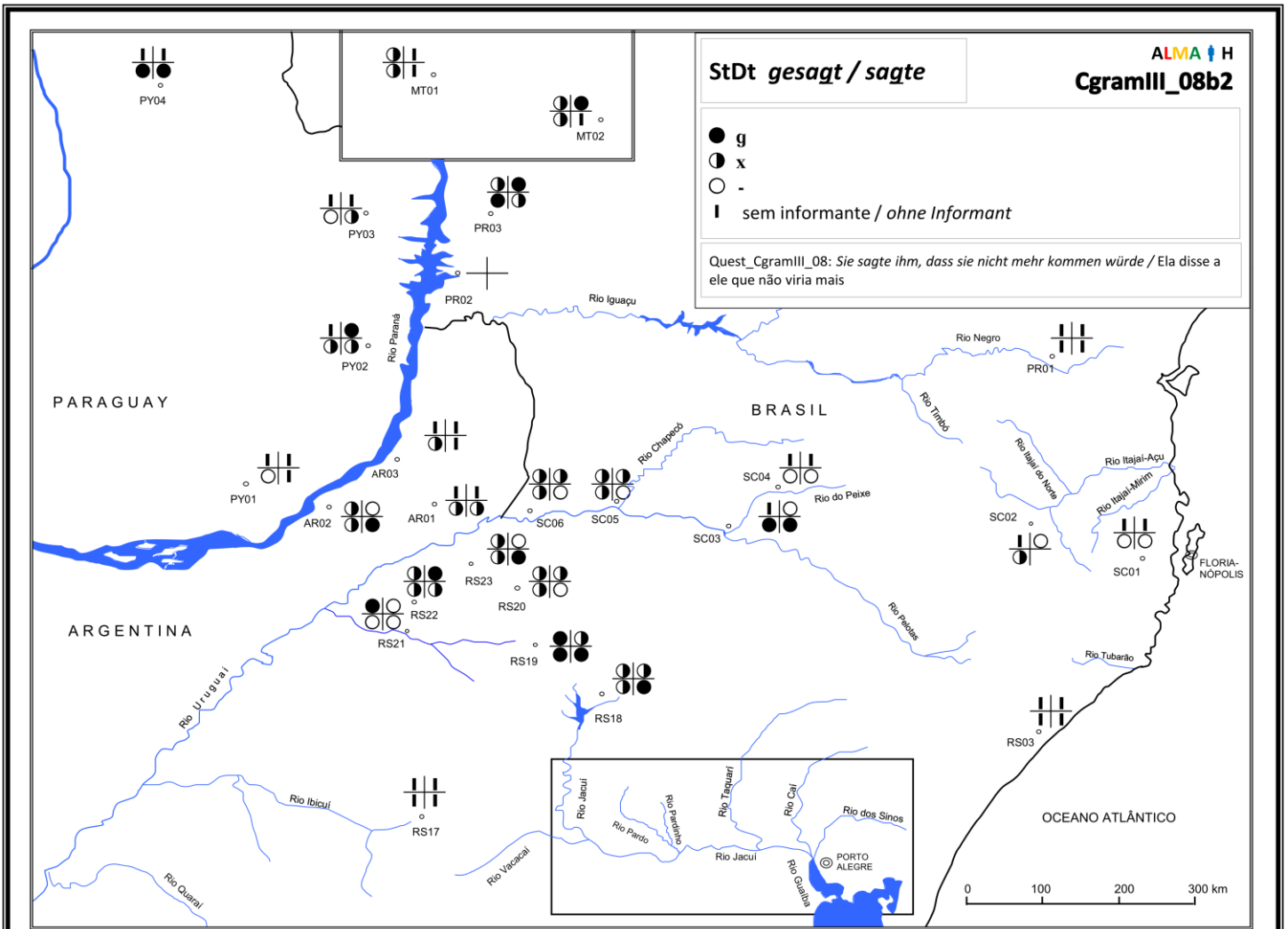


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch



Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015



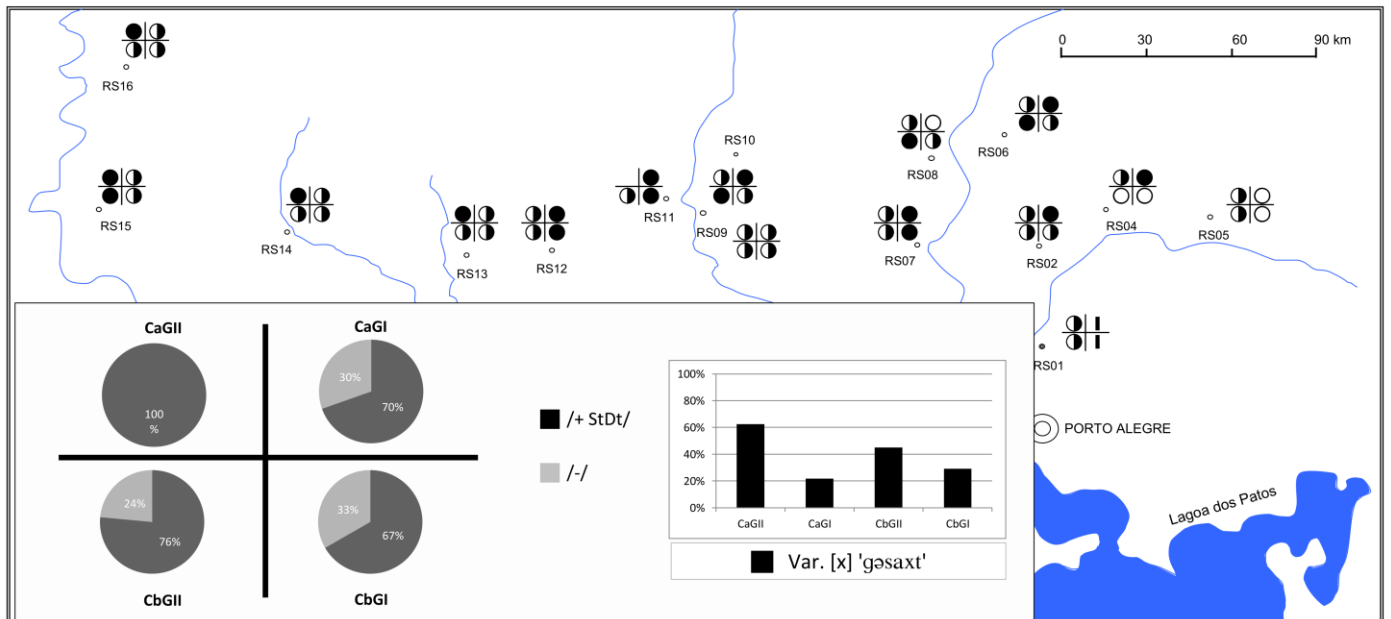
ALMA H
CgramIII_08b2

StDt *gesagt / sagte*

- g
- ◐ x
- -
- I sem informante / ohne Informant

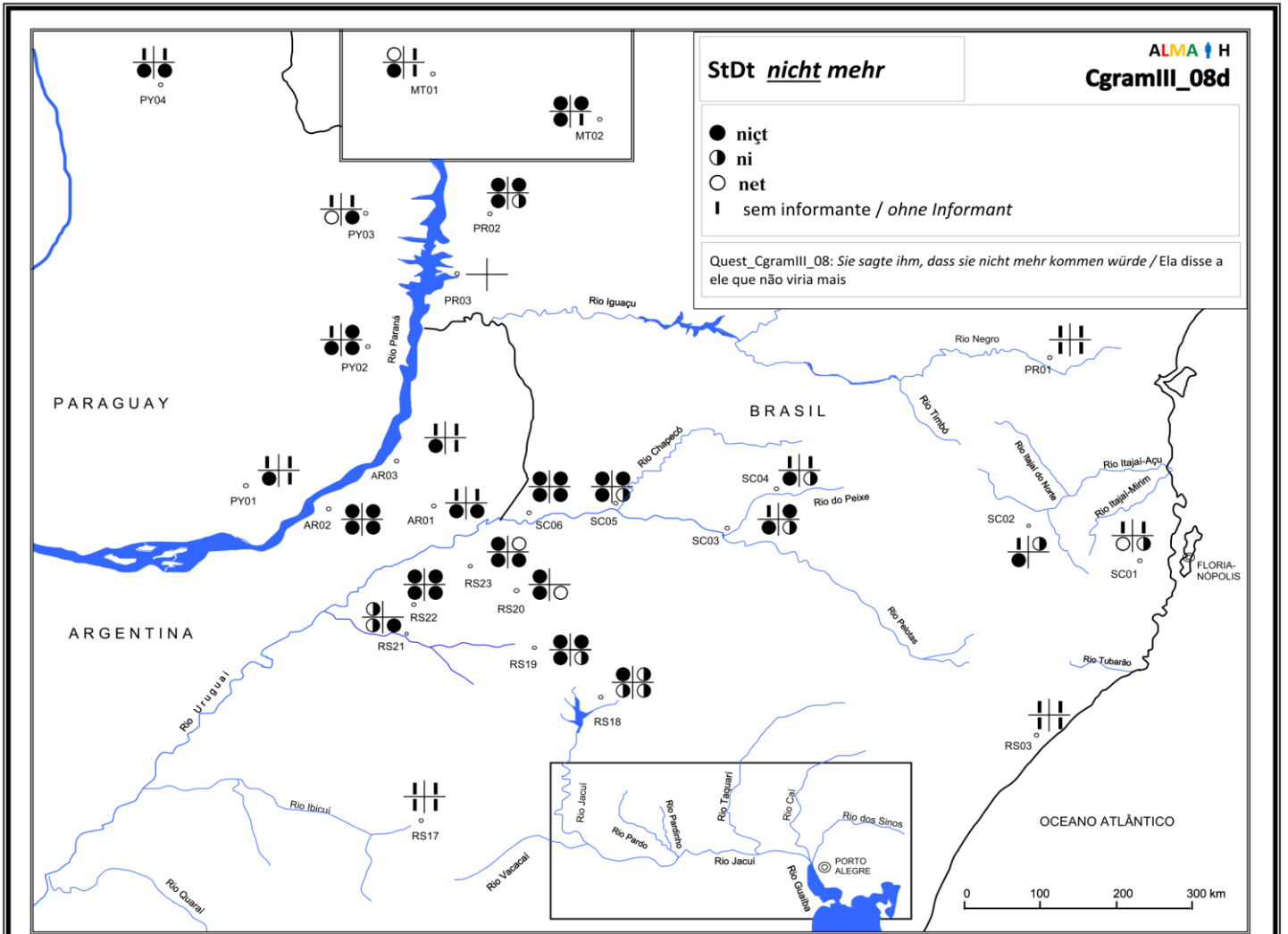
Quest_CgramIII_08: *Sie sagte ihm, dass sie nicht mehr kommen würde / Ela disse a ele que não viria mais*

Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

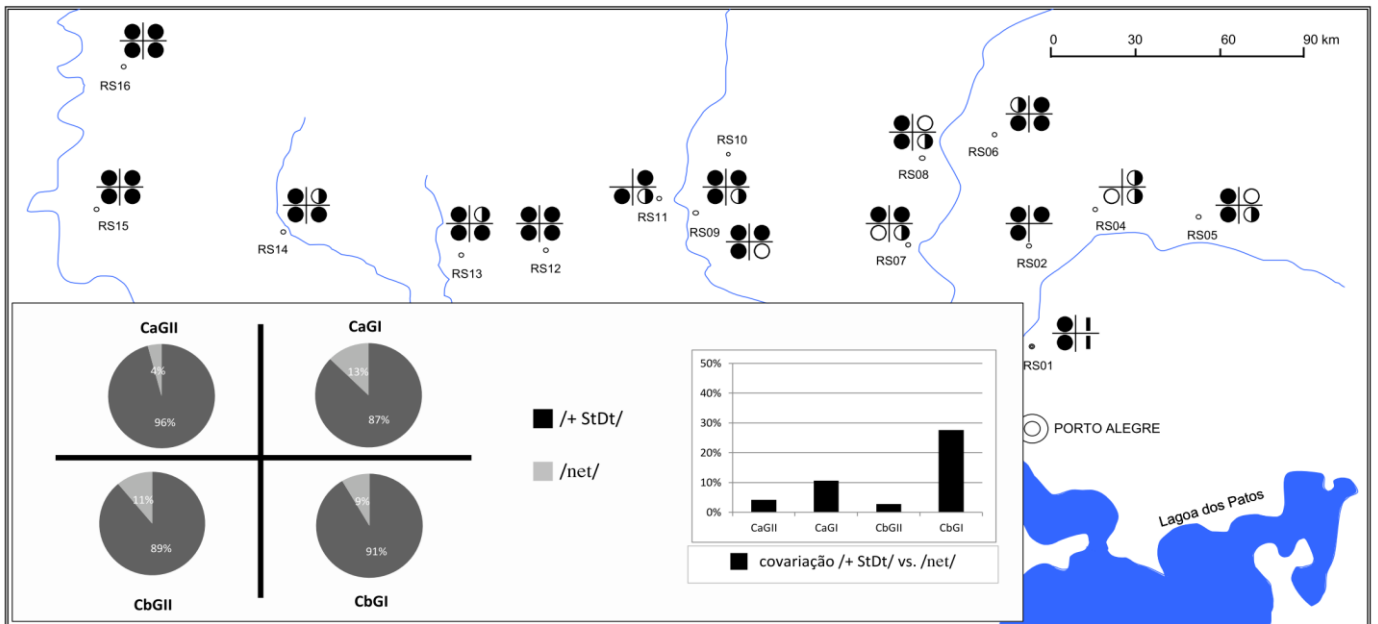


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

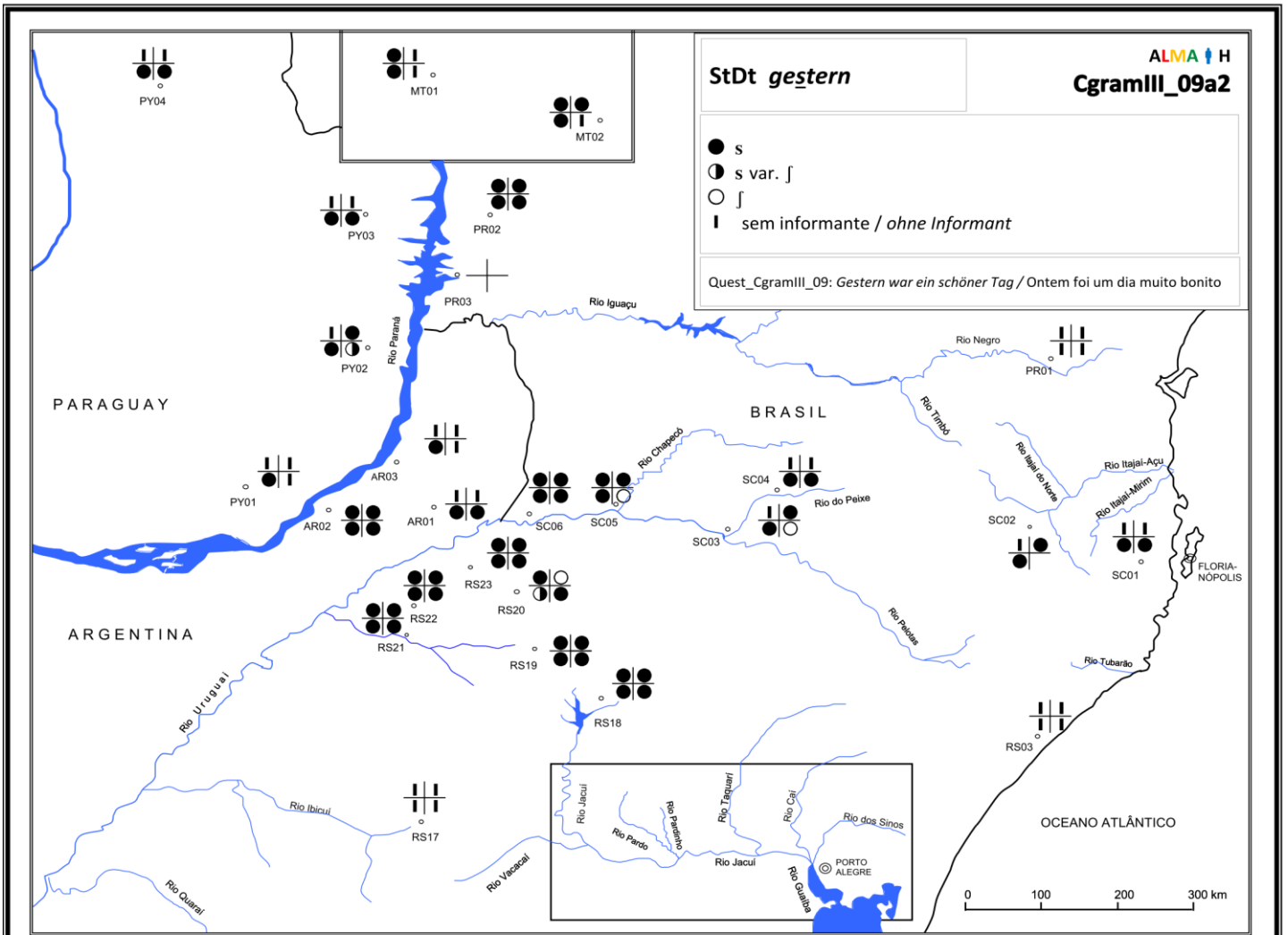


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsriqueano

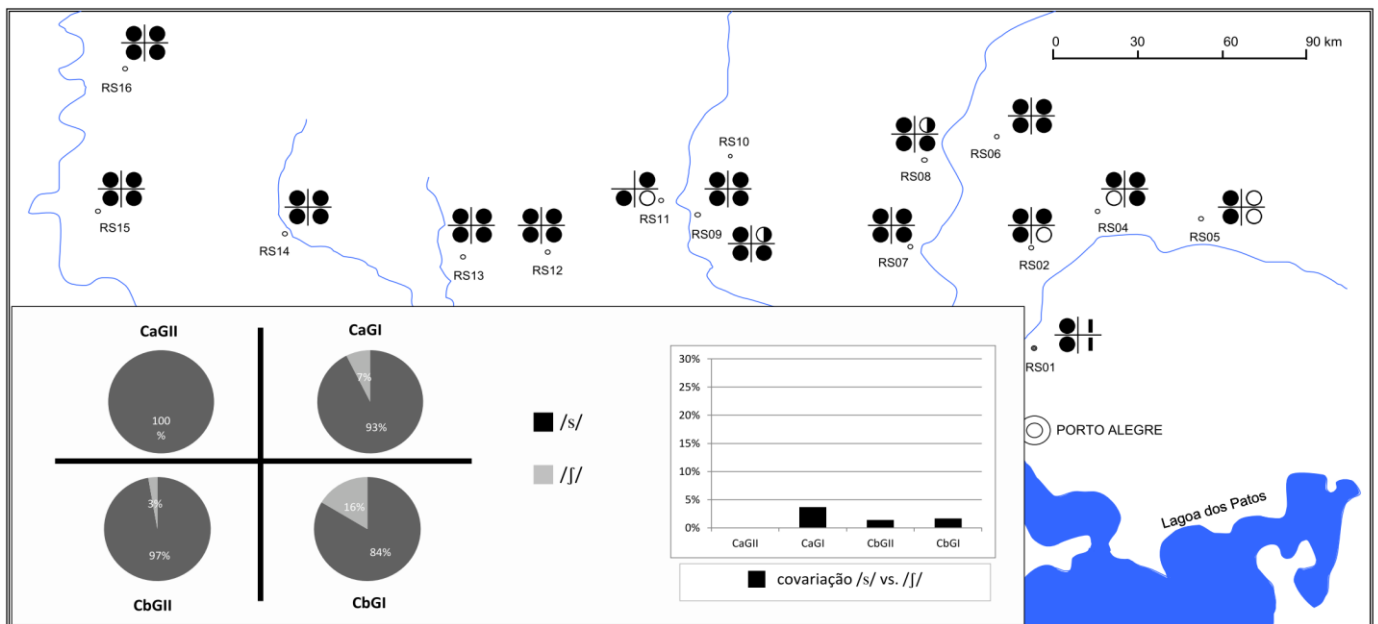


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

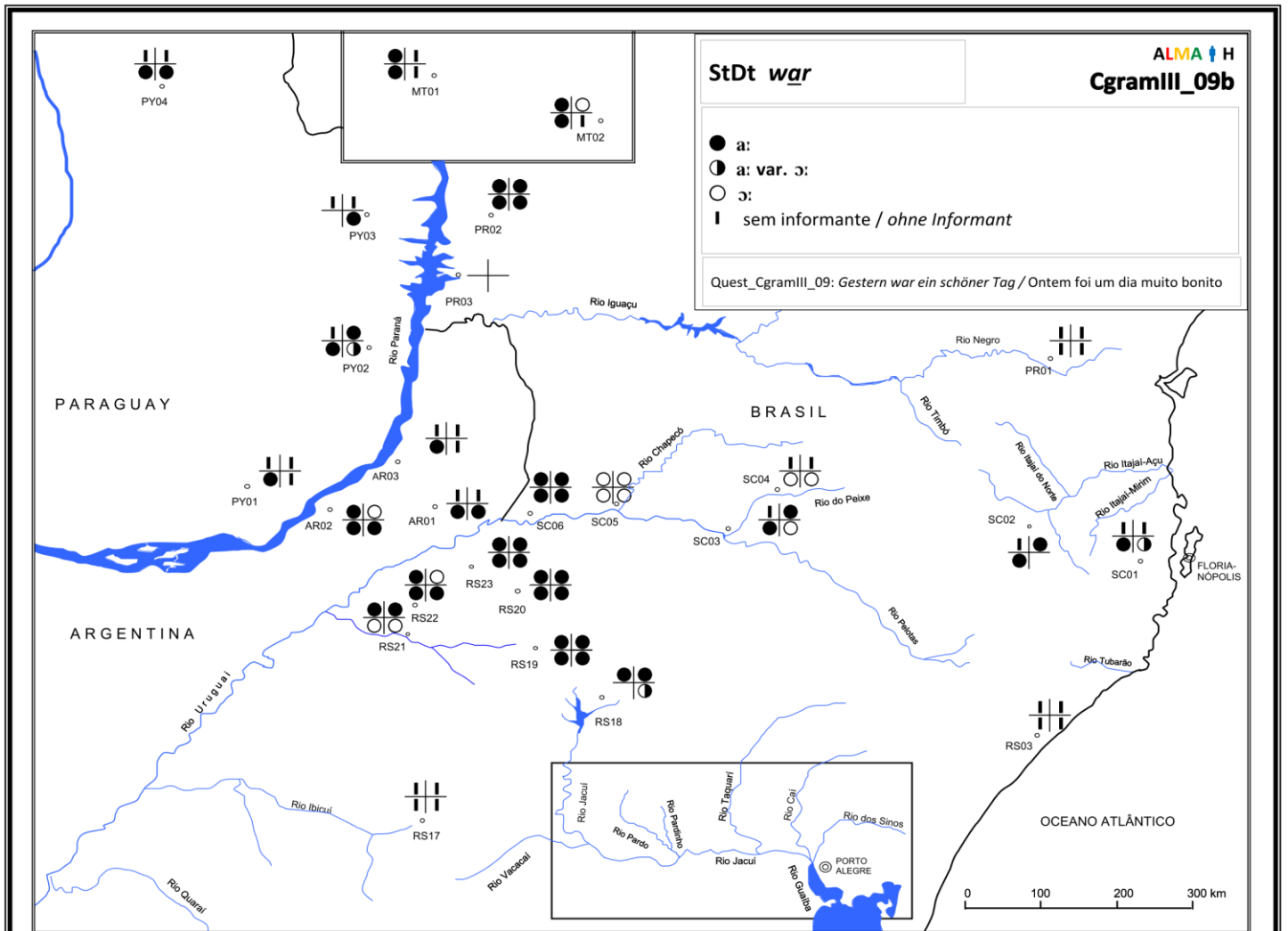


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

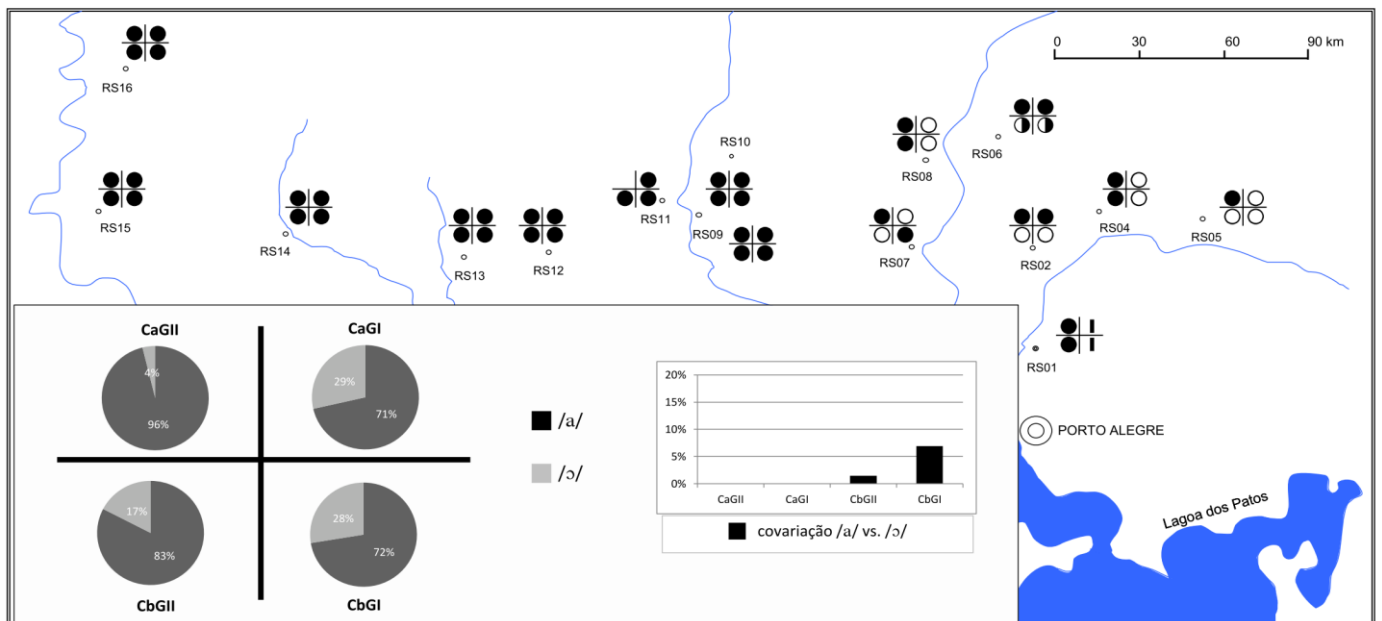


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

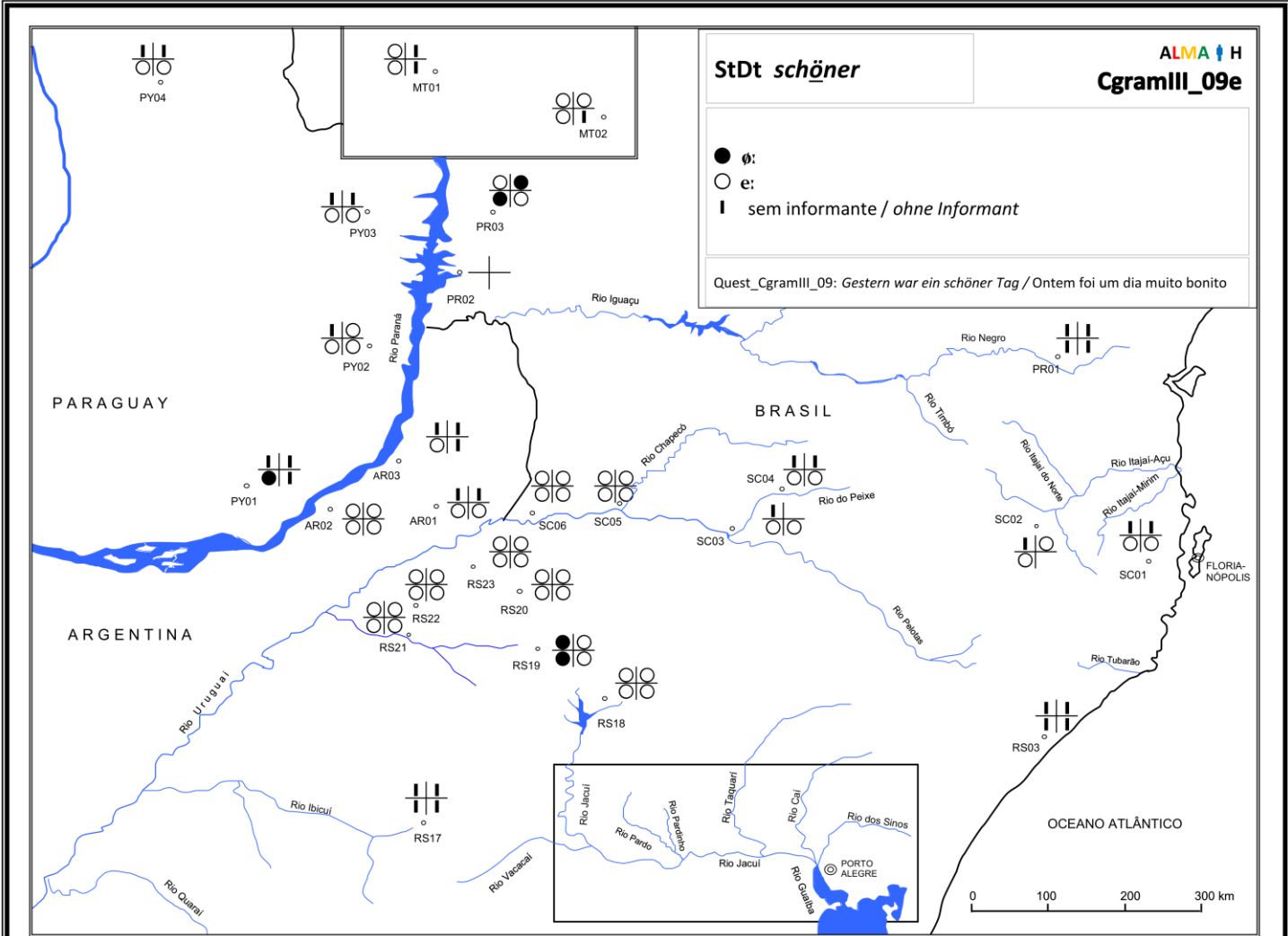


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsriqueano

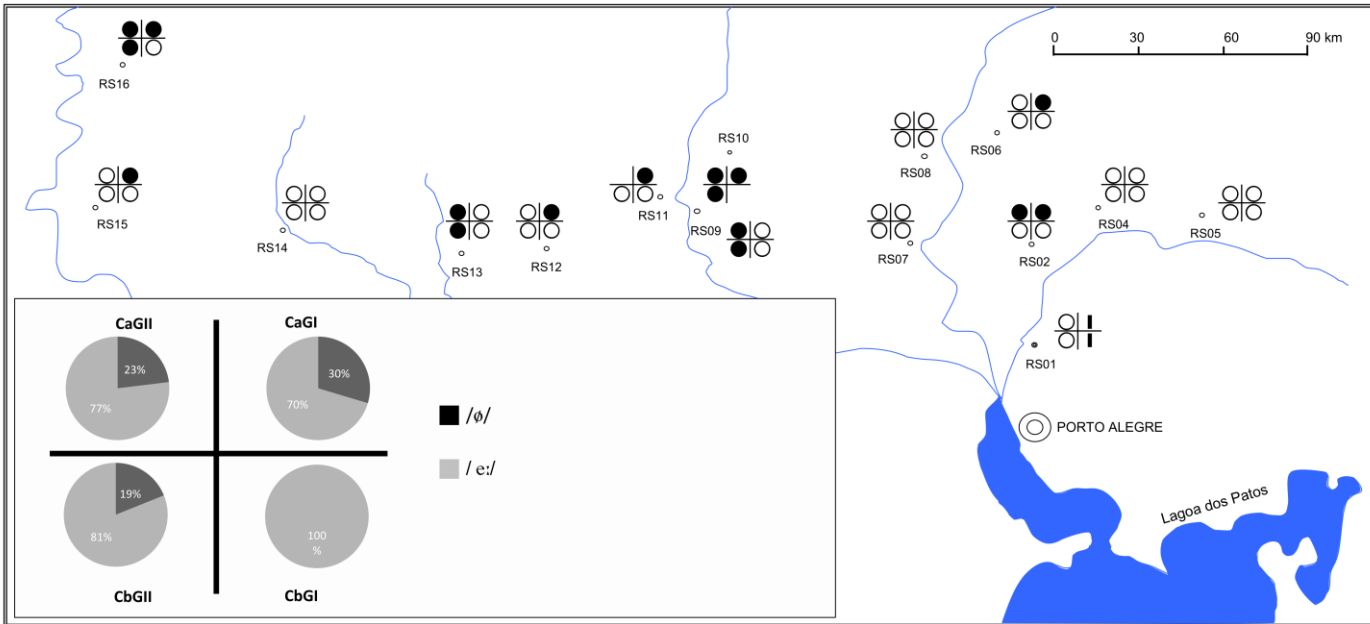


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

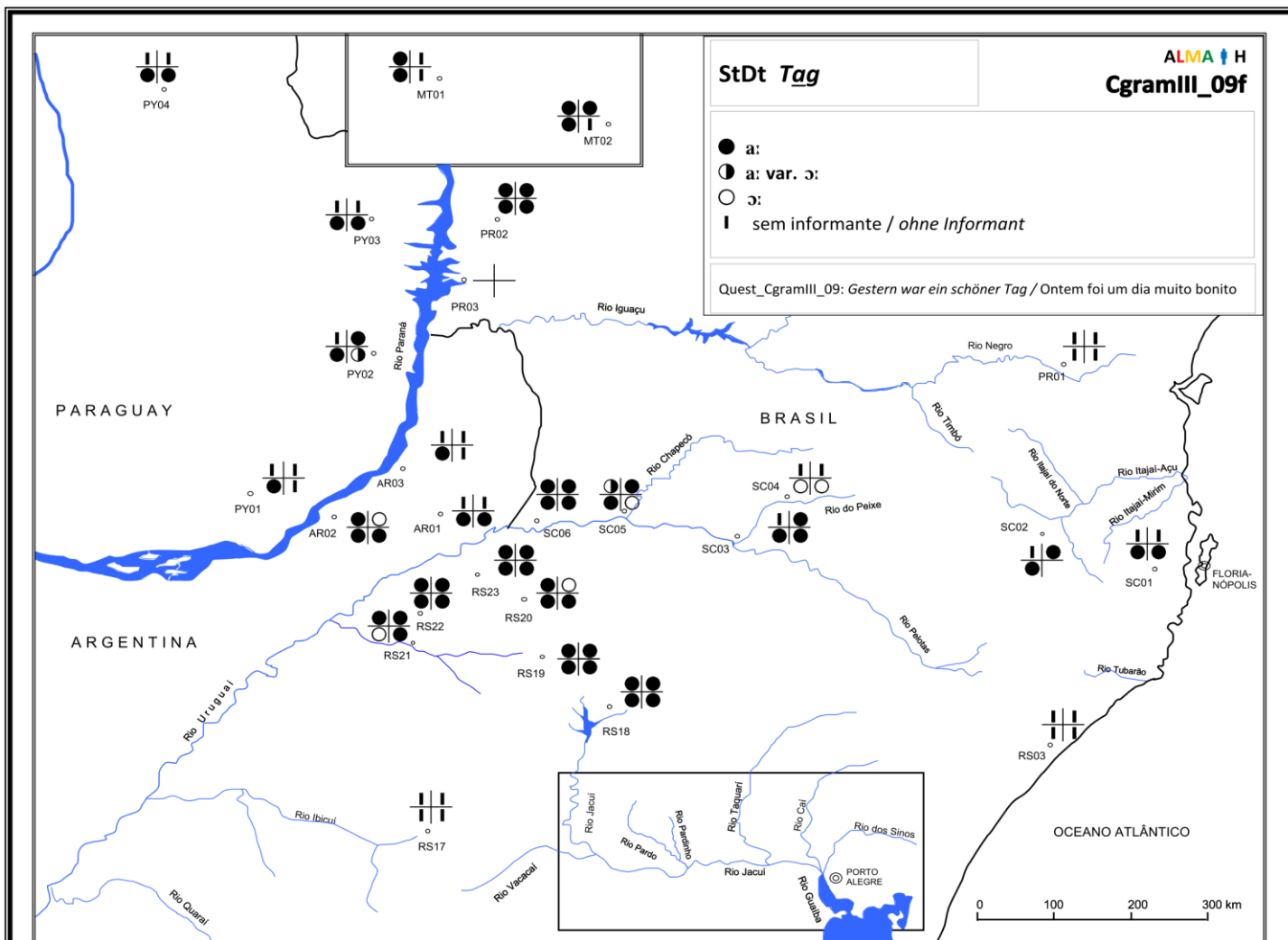


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

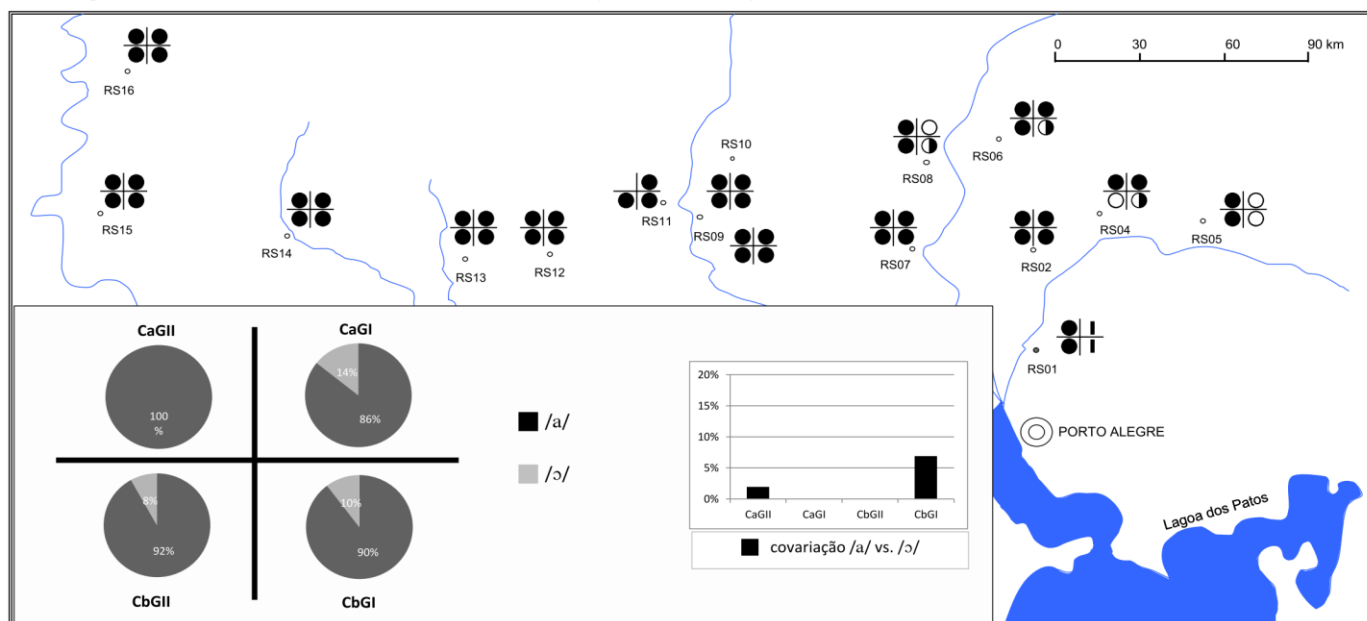


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

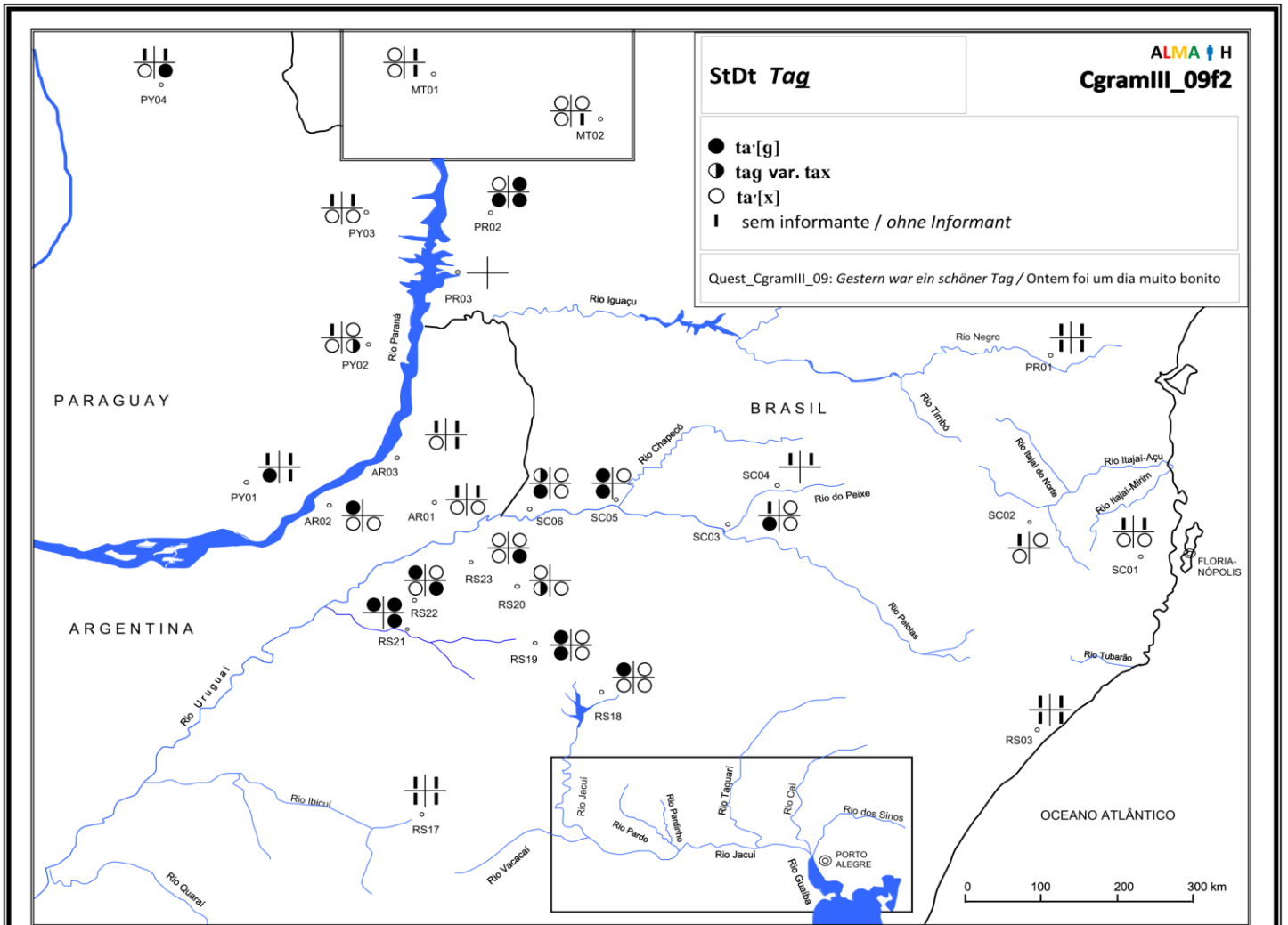


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

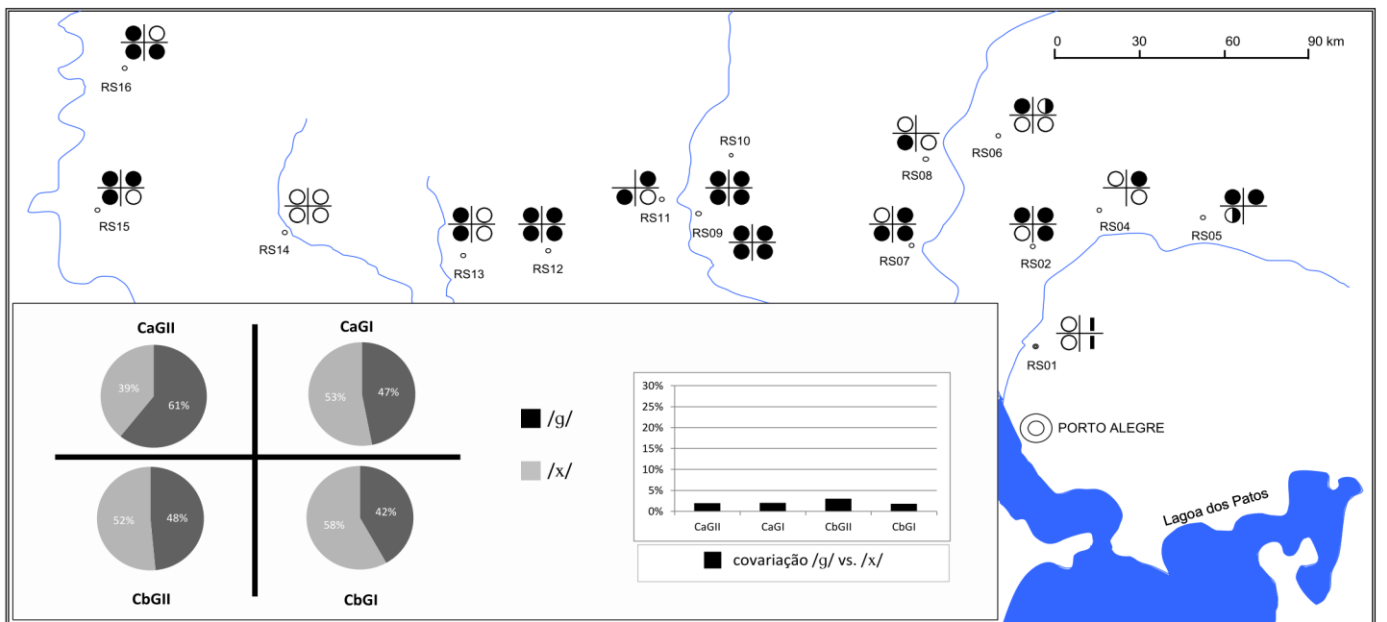


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

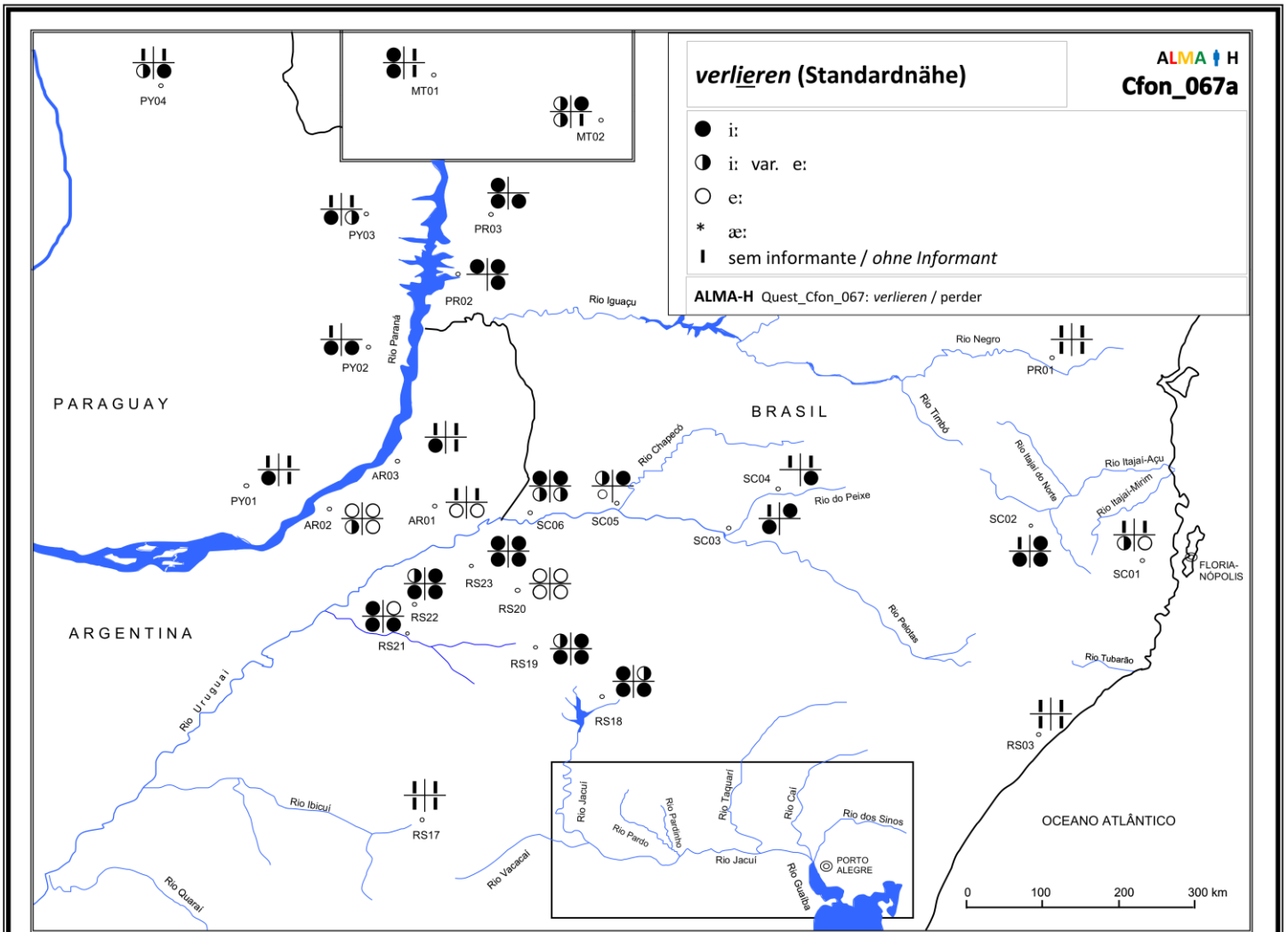


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsriqueano

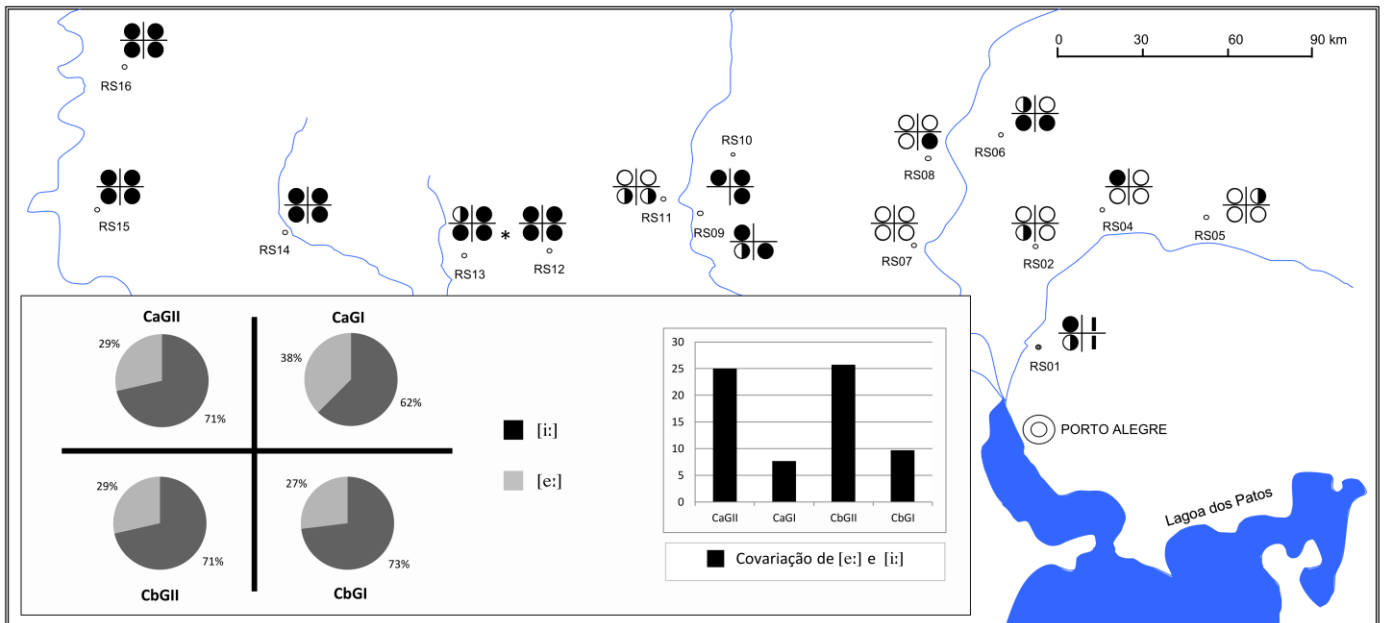


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015

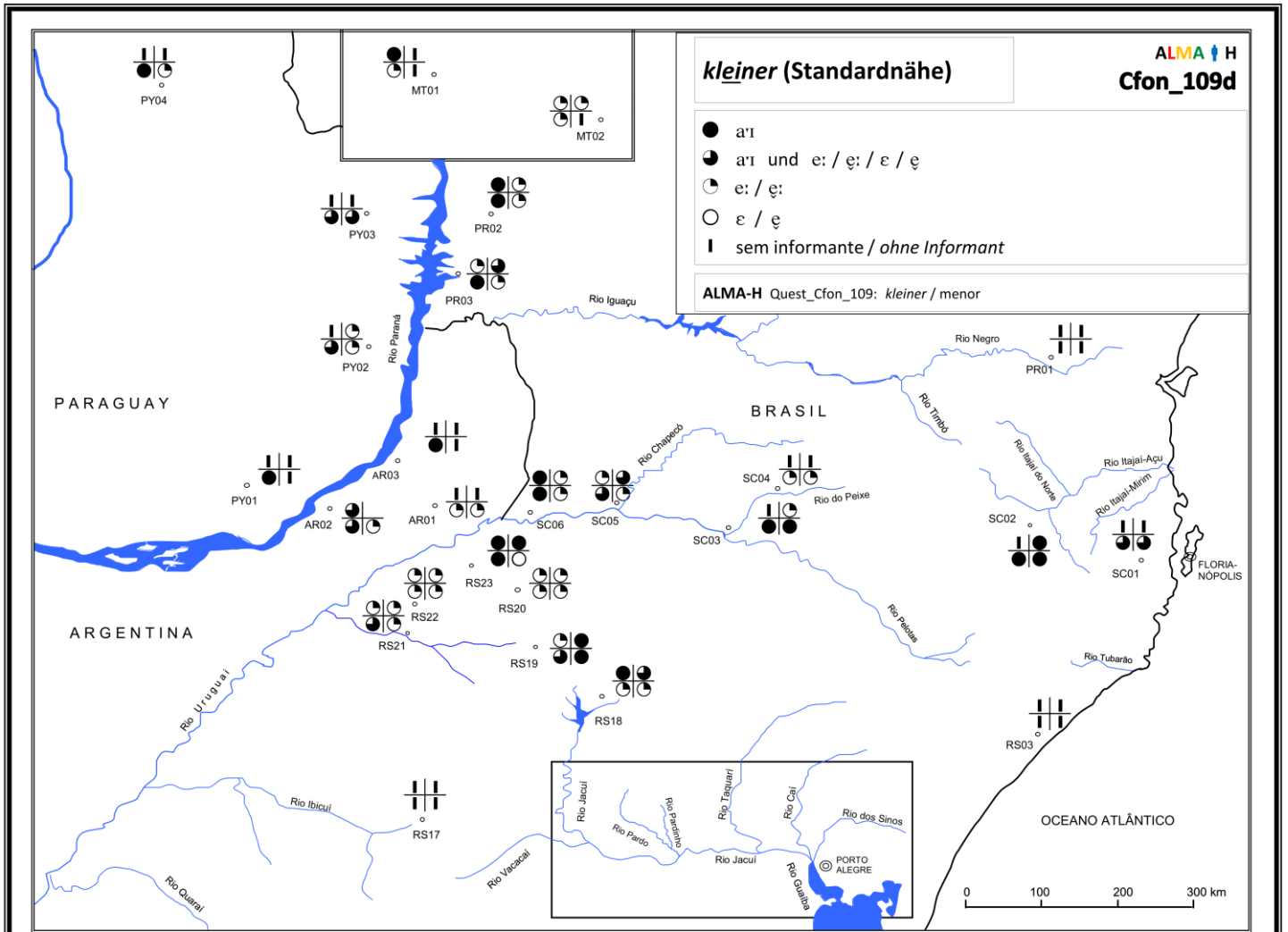


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch

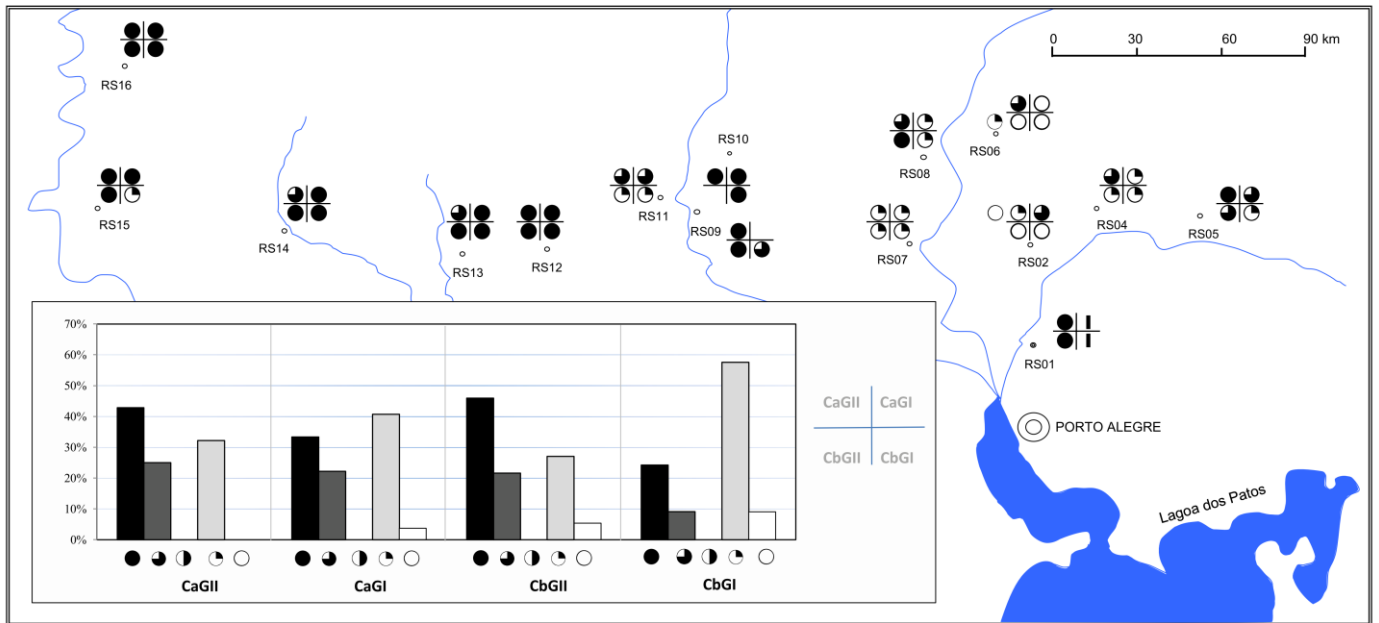


Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: C. V. Altenhofen

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015



Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsriqueano ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch



Base Cartográfica: M. Krug / Cartografia: L. Machado

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2015



Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs da Bacia do Prata: Hunsrückisch
 Sprachkontaktatlas der deutschen Minderheiten im Río de la Platta-Becken: Hunsrückisch

Perguntas do questionário analisadas na presente dissertação de mestrado

CgramIII	<p style="text-align: center;">FRASES COMPLEMENTARES PARA MEDIÇÃO DOS CONHECIMENTOS DE ALEMÃO-PADRÃO</p> <p style="text-align: center;">Método de PERGUNTA: tradução do português para o Alemão-Padrão</p>
01	Pt: <i>Tu também sabe(s) alemão?</i> StDt : Kannst du auch Deutsch?
02	Pt: <i>Antigamente, as pessoas iam mais à igreja.</i> StDt : Früher sind die Leute mehr in die Kirche gegangen.
03	Pt: <i>Como se chama o pai dela.</i> StDt : Wie heißt ihr Vater?
04	Pt: <i>Tu trouxe(ste) o leite e os ovos que te pedi?</i> StDt : Hast du die Milch und die Eier gebracht, die ich dir verlangt habe?
05	Pt: <i>Ele não quer ficar comigo.</i> StDt : Er möchte nicht bei mir bleiben.
06	Pt: <i>Ele me convidou para uma cervejinha.</i> StDt : Er hat mich zu einem Bierchen eingeladen.
07	Pt: <i>As árvores já estão perdendo as folhas.</i> StDt : Die Bäume verlieren schon die Blätter.
08	Pt: <i>Ela disse a ele que não viria mais.</i> StDt : Sie sagte ihm, dass sie nicht mehr kommen würde.
09	Pt: <i>Ontem foi um dia muito bonito.</i> StDt : Gestern war ein sehr schöner Tag.
10	<p>Supondo que João e Maria são vizinhos:</p> <p>Pt: <i>A mãe dela nunca está em casa, e o pai dele também não.</i> StDt: Ihre Mutter ist nie zu Hause, und ihr Vater auch nicht.</p>
11	Pt: <i>Os pais deles trabalham o dia inteiro.</i> StDt : Ihre Eltern arbeiten den ganzen Tag.